



REPÚBLICA
DO EQUADOR

EDIÇÃO ESPECIAL

SAUDAÇÕES DE EFÊMEROS:
Autoridades e descendentes
de heróis

O BICENTENÁRIO:
Planejamento e agenda

GEOPOLÍTICA no
campanha de 1822

PARTE DA GUERRA do
General Sucre

Os AFETOS do Bolívar Libertador
para Sucre

DISCURSOS para a entrega da
terra do vulcão Pichincha

AS FORÇAS
que lutou em Pichincha

UNIFORMES E BIOGRAFIAS DOS
PATRIOTS

HEROÍNAS da liberdade

MARECHAL AYMERICH: O último
presidente da Audiência Real de
Quito

POEMA E CANÇÃO
em homenagem a Sucre

Bicentenário Batalha de Pichincha 1822 - 2022

REVISTA
"INTERAMERICANOS"
ASOCID-EQUADOR

A primeira revista digital de Segurança e Defesa Hemisférica
QUARTA EDIÇÃO ESPECIAL
MAIO DE 2022

Sucre



ASOCID-ECUADOR

“GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE”



ASOCID-ECUADOR

“GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE”



REVISTA “INTERAMERICANOS”

QUARTA EDIÇÃO ESPECIAL

24 de maio de 2022

REVISTA "INTER



ASOCID-E

"GRAD. LEOPOLDO AU

QUARTA EDIC

AMERICANOS”



ECUADOR

“MANTILLA ANTE”

ÇÃO ESPECIAL

NA CIMA DA



BICEN

1822

A LIBERDADE

MAIO 24

BATALHA DE PICHINCHA

TENÁRIO

-2022

CRÉDITOS

REVISTA

"INTERAMERICANOS"

QUARTA EDIÇÃO ESPECIAL
ASOCID-EQUADOR
MAIO - 2022

**PRESIDENTE EXECUTIVO
DA ASOCID-EQUADOR E
DIRETOR DE PROJETOS**

Grab. (S. P.) Miguel Oswaldo Moreno Valverde

COLABORADORES

Grae. (S.P.) Paco Moncayo Gallegos
Crnl. E.M.C. Cristóbal Espinosa Yépez
Tcrn. (S.P.) Edison Macías Núñez
Cpnv. (S.P.) Byron Sanmiguel Marin
Grad. (+) Leopoldo Mantilla Ante
Crnl (S.P.) Ivan Leon Fonseca
Msc. Eduardo Espinosa Mora
Dr. César Augusto Alarcón Costa
Ec. Fabiola Cuvi Ortiz
Sr. Amilcar Tapia Tamayo
Crnl. (S.P.) José Ortiz Cifuentes
Grad. (S.P.) Patricio Lloret Orellana

DISEÑO Y DIFUSIÓN ELECTRÓNICA

Osmov

Translator: DeepL – Translator

www.asocid-ecuador.com.ec

iadc.ecuador@gmail.com

+593 99 866 0726

Quito – ECUADOR



NOTA: O conteúdo dos artigos desta revista da associação de Ex-Conselheiros e graduados do Colégio Interamericano de Defesa, Capítulo-Ecuador, é de inteira responsabilidade de seus autores.

CONTEÚDO

24 DE MAIO A 2022

PARTE UM

Epígrafe.....	11
Saudação.....	13
Editorial.....	27

PARTE DOIS

Comemoração do Bicentenário	28
Geopolítica na Campanha de 1822	28
A parte da guerra da Batalha de Pichincha	42
Afetos de Bolívar por Sucre	45

TERCEIRO

Endereço do Sr. Grad. Leopoldo Mantilla	48
As forças que lutaram em Pichincha	50
Uniformes patrióticos	54
Biografias de patriotas	60
Heroínas da liberdade	70
Marechal Melchior de Aymerich	74
A Batalha de Camino Real	78
A Primeira Batalha de Huachi	78
Batalha de Tapi	79
A Segunda Batalha de Huachi	81
A Batalha de Pichincha	83
Geopolítica na Campanha de 1822 (Cont.)	89
A Batalha de Ibarra	99
Los restos de Sucre	102

QUARTO

Variado	104
Luz verde: É assim que os números vão	105
Poema y Canción a Sucre	106
Conselho Interamericano de Defesa Aniversário Nro. 80	107
Colégio Interamericano de Defesa Aniversário Nro. 60	108

QUINTA PARTE

Reconhecimentos alcançados.....	109
Redes Sociais.....	113



“INTERAMERICANOS” ASOCID - ECUADOR



A REVISTA INFORMATIVA SOBRE SEGURANÇA E DEFESA HEMISFÉRICA



EPÍGRAFE



Miguel Oswaldo Moreno Valverde
Presidente-Fundador Executivo
ASOCID-EQUADOR

BICENTENARIO DE LA BATALLA DEL PICHINCHA, é a referência da Quarta Edição Especial da Revista Interamericanos, como uma homenagem sincera aos 200 anos da independência de Quito. Em geral, esta revista de escopo hemisférico começa com um [vídeo corporativo](#) e é organizada em cinco partes com o seguinte conteúdo:

A parte formal desta edição começa com a [saudação](#) oferecida nesta grande data pelo Sr. Guillermo Lasso Mendoza, presidente da República do Equador e as principais autoridades militares em serviço ativo e passivo, bem como a saudação afetuosa dos descendentes dos heróis, para então abrir o [editorial](#) da revista que reforça as virtudes militares dos patriotas que sob o comando de Sucre subiram com a vitória.

A segunda parte trata [da comemoração do Bicentenário](#) e explica como foi o planejamento e organização da agenda a ser cumprida no ano do Bicentenário; é lembrado [el parte da guerra](#), para finalmente, destacar [os afetos de Bolívar a Sucre](#), onde é demonstrado mais uma vez que, a nobreza e lealdade incondicional do Libertador em relação ao seu melhor General permaneceu intacta, mesmo após a morte de seu fiel amigo.

A terceira parte inclui os [discursos emocionais do nosso empregador, Sr. Grad. Leopoldo Mantilla Ante](#) e o Embaixador da República Argentina, quando uma amostra da terra de Pichincha foi entregue a uma delegação de Grenadiers a cavalo "General San Martín" em sua visita ao nosso país. [As forças que](#)

[lutaram em Pichincha](#) apresentam um resumo orgânico da Ordem da Batalha que a história deixou nos livros para lembrança ao longo do tempo. [Os uniformes patrióticos](#), é um tema de uma pesquisa pura que atualiza as cores brilhantes das roupas dos bravos batalhões sul-americanos que participaram da guerra. Não poderíamos perder [as biografias dos patriotas](#), que em breve resumo nos lembram dos dados mais relevantes de suas personalidades. Na vida política das nações, sempre houve a presença marcante do gênero feminino e, nas [heroínas da liberdade](#), quatro senhoras exemplares da história equatoriana são trazidas à mente: Manuela de Santa Cruz y Espejo, Manuela Cañizares, Manuelita Saénz e Mariana Carcelén Guevara "La Marquesa de Solanda". Em seguida, o marechal espanhol [Melchor de Aymerich](#) é lembrado, [como o último presidente da Audiência Real de Quito](#). Um fato histórico anedótico é o relato das batalhas anteriores às da Pichincha como: [Camino Real, Huachi e Tapi](#), para dar continuidade ao tema central desta edição com a rica pesquisa realizada sobre a [Geopolítica aplicada na Batalha de Pichincha](#). A [Batalha de Ibarra](#) também é lembrada como o selo definitivo do sucesso dos patriotas. Finalmente, em uma breve narração, a odisseia dos [restos mortais de Sucre](#) é recontada.

A quarta parte, em diversos aspectos, atualiza o [escoador epidemiológico](#) e refere-se às estatísticas globais, regionais e locais do efeito que a pandemia coronavírus desencadeou com um número cruel e elevado de vítimas em todo o mundo. Para acessar os dados ao vivo atualizados, os leitores poderão abrir simultaneamente o aplicativo chamado [cvidvisualizer.com](#). Um [poema e canção](#), refere-se ao General Sucre na forma de rima e verso para lembrar os grandes feitos deste cidadão americano imbatível.

Há 80 e 60 anos, a [Junta e o Colégio Interamericano de Defesa](#) foram criados, respectivamente, e as autoridades do ASOCID-Ecuador apresentam a saudação respeitosa a essas duas magníficas instituições que cuidam da segurança e da paz americana.

A quinta e última parte desta extraordinária publicação, apresenta [os reconhecimentos alcançados](#), por nossa associação e [nas redes](#) os links que temos para o fácil acesso de nossos leitores às nossas informações corporativas é lembrado.

Esperamos que você aproveite esta edição especial em homenagem ao Bicentenário da Batalha de Pichincha e aspiramos atender às expectativas de nossos leitores.





SAUDAÇÃO

"Todos nós temos o dever de celebrar o Bicentenário, com isso não só reconhecemos a relevância histórica da Batalha de Pichincha, mas também contribuimos juntos como um país para uma memória que nos enche de orgulho aos equatorianos.

Atualmente, o Equador desfruta de todas as liberdades, em todos os setores e em todos os níveis, por isso devemos celebrar o Bicentenário com plena convicção de que essa Batalha encarnou e fortaleceu o sonho de ter um país livre como gostamos hoje... "



GUILLERMO LASSO MENDOZA
Presidente Constitucional do Equador
Comandante-em-Chefe das
Forças Armadas



Guillermo Lasso Mendoza
PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO EQUADOR

Saúdo calorosamente todos aqueles que compõem a Revista "Interamericanos", para esta edição especial por ocasião do Bicentenário da Batalha de Pichincha, uma celebração que enche todos os equatorianos de orgulho e patriotismo.

Naquele distante 24 de maio de 1822, nossas forças libertárias marcaram a rota do que seria – dois séculos depois – o país que temos hoje.

Esse feito dos heróis de Pichincha, comandado pelo jovem Marechal Antonio José de Sucre, foi o início de um sonho de liberdade, que finalmente se refletiu em todas as liberdades que desfrutamos hoje.

A bravura desses soldados hoje vemos todos os dias diante do povo lutador, determinado a alcançar a prosperidade, o desenvolvimento e o bem-estar que todos nós ansiamos pelo nosso país.

Me enche de satisfação que o Bicentenário da vitória Pichincha seja cumprido, precisamente, quando o Equador é liderado por um governo que valoriza, ama e defende as liberdades em todos os níveis.

Com a mesma coragem e determinação que esses heróis, hoje todos lutamos contra a pobreza, o desemprego, as desigualdades sociais.

E para isso, o Governo da Reunião tem como suas ideias de armas, propostas, planejamento, ética, transparência.

Os heróis de nossos dias são o camponês, o pescador, a mãe, o funcionário do escritório ou o simples empreendedor, que se esforçam incansavelmente para que suas famílias tenham dias melhores.

O exército atual é de quase 18 milhões de compatriotas, que diariamente lutam para reduzir – ou eliminar – as maiores necessidades dos equatorianos.

Meu respeito pela memória daqueles que deram suas vidas pela liberdade, e meu tributo a todas as nossas Forças Armadas, herdeiros da coragem desses patriotas.

No âmbito da celebração bicentenária, vale destacar o trabalho profissional e solidário demonstrado pelas Nossas Forças Armadas nesses dois anos de pandemia. O país nunca esquecerá sua contribuição nesses dias difíceis.

Você estava lá desde o primeiro momento e na linha de frente, assim como fez para apoiar as pessoas afetadas pelo inverno, ou no controle da segurança dos cidadãos. Hoje, nossas Forças Armadas são pilares do desenvolvimento nacional.

Minha profunda admiração e gratidão pelos heróis de Pichincha e por todos os heróis de nossos dias. Embora estejam separados por dois séculos, seu sonho é o mesmo: ter um país livre e próspero para as gerações futuras.

Que Deus abençoe o Equalizador!

Guillermo Lasso M.



MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL



Luis Hernandez Peñaherrera
Brigadeiro-General (S.P.)
MINISTRO DA DEFESA NACIONAL

“Fecha tão significativo para um país como é a celebração de seu Bicentenário de Independência, motivando mais de uma reflexão que permite lembrar seu passado, analisar o presente e sonhar com o futuro.”

São 200 anos em que o Equador decidiu caminhar na história, independente e livre da colonização da Espanha, para conseguir com seus filhos da época e com o derramamento de sua luta sangrenta para finalmente alcançar a vitória da liberdade em Pichincha em 24 de maio de 1822.”

General Luis Hernández P.



Grae. (S.P.) José Gallardo Roman
Ex-Ministro da Defesa Nacional
Membro Honorário ASOCID-EQUADOR

“Para celebrar em 24 de maio o Bicentenário da gloriosa Batalha de Pichincha, um grande evento que selou a Independência da Pátria equatoriana, pode prestar meu fervoroso tributo de admiração e gratidão ao Marechal Antonio José de Sucre e às tropas patrióticas que, com heroísmo inigualáveis, derrotaram o bravo exército monarquista.”

Eu presto uma homenagem especial ao Tenente Abdón Calderón, o Herói Infantil, que, no entanto, recebeu quatro ferimentos que causaram sua morte, recusou-se a se retirar do combate.”

General. José Gallardo R.



O Grae. (S.P.) Paco Moncayo Gallegos
Ex-Chefe do Comando Conjunto das
Forças Armadas.
Membro Honorário ASOCID-EQUADOR

A SOCID-Ecuador, sempre entusiasmado, ativo e comprometido com o cumprimento de seus propósitos e missões, decidiu juntar-se às celebrações do Bicentenário da Batalha de Pichincha contribuindo, desta forma, para fortalecer a memória histórica dos equatorianos e exaltar os valores sublimes da liberdade, soberania e democracia. Congratulamo-nos com esta iniciativa que visa revigorar a identidade e o senso de pertencimento do povo equatoriano.

Existem três categorias existenciais da espécie humana: tempo, espaço e associação. Sua condição atual é resultado de milhares de anos de desenvolvimento genético e cultural, em um processo social de relação dialética com o meio ambiente natural. Várias formas dessa interação explicam sua rica diversidade. A organização social interage com o ambiente natural e gera, dessa forma, as diferentes paisagens geográficas e sociais. Com uma expressão justa, o geógrafo francês, Vidal de la Blanche (1845-1918) assegurou que: *"O território se torna como uma medalha carimbada na qual a efígie de um povo é esculpida"*.

Por essa mesma razão, os povos constituídos como uma nação precisam conhecer seu passado.

O brilhante acadêmico Hernán Rodríguez Castelo disse:

"Uma nação profunda não fica na epiderme. A epiderme dos povos é o presente deles. A profundidade está por baixo... A raiz está dentro da árvore. Não está à vista, e, portanto, para um olhar superficial importa menos. Mas, separe a raiz da árvore e ela, por mais forte e poderosa que possa parecer, morre. No caso de povos e nações, suas raízes estão no passado... A forma como a inteligência de um povo atinge suas raízes e pega a seiva e a circula através de seu organismo é a tarefa histórica."

Para que essa sabedoria circule e fortaleça o corpo social, além da pesquisa – sempre tão importante – e mesmo para que não se torne um esforço estéril, são necessárias ações institucionais que contribuam para a recuperação da memória coletiva, pois sem ela, como acontece com as pessoas, um povo ou uma instituição que não sabe de onde vem, o que ele faz aqui e agora, do que ele pode se orgulhar ou se envergonhar, a quem ele pode reconhecer como próximo e identificar, vagueia na incerteza, recaída do fracasso ao fracasso, sem norte ou esperança. Resultados óbvios para aqueles que pararam de cultivar sua memória ou a negligenciaram.

As celebrações cívicas fortalecem precisamente a memória coletiva, a identidade e o senso de pertencimento de um povo. Por essas razões, todos os povos da América celebraram com grande entusiasmo o Bicentenário de seus respectivos épicos independentes. A essas celebrações é adicionado no Equador o ASOCID com a publicação de seu importante revista "Interamericanos".

General Paco Moncayo G.



Grad. (S.P.) Oswaldo Jarrin Román
EX MINISTRO DE DEFENSA NACIONAL
Socio Honorario ASOCID-ECUADOR

Nas encostas do vulcão Pichincha, a 4.000 metros de altura, com ação bizarra de bravos soldados equatorianos, venezuelanos, colombianos, argentinos, chilenos e peruanos foi travada em 24 de maio de 1822, a Batalha de Pichincha, épica de liberdade que hoje em dia é cumprida com grande dignidade e patriotismo o Bicentenário de uma das páginas mais brilhantes da história militar dos povos americanos.

A primeira batalha de forças combinadas da América, sob a espada do famoso Marechal Sucre, com a qual a independência do Equador foi selada.

Em Quito, como os dois hemisférios terrestres, a visão geopolítica, o pensamento da ideia libertária e a estratégia militar dos dois grandes estadistas e libertadores da América convergiram de forma harmoniosa e síncrona: o venezuelano Simón Bolívar e o argentino José de San Martín.

O Plano Continental elaborado pelo General San Martín concebeu em sua estratégia de linhas externas que as linhas de operações seguem um eixo de mais de 11.000 quilômetros, da bacia da Plata, para atravessar os Andes até Santiago e em coordenação com o General O'Higgins alcançar através da batalha de Maipú a independência do Chile, para o norte nas lutas pela independência dos países sul-americanos.

O eixo da campanha libertadora do norte liderada pelo libertador Simón Bolívar do triunfo de Carabobo e Boyacá em uma clara manobra estratégica estendeu a projeção do poder patriótico para o sul. Assim, o General Mires chega a Guayaquil com 700 homens, junta-se à Divisão protetora de Quito, formada por Luis Urdaneta e León de Febres Cordero, na reunião chamada Fragua de Vulcano.

Depois de penetrar no continente com o ímpeto de vários combates, a vitória é obtida em Camino Real. Os Andes são cruzados e as forças estão integradas com a divisão do General Santa Cruz que chegou do Peru, enviada pelo General San Martín.

As duas divisões sob o comando do ilustre general Sucre avançaram para o norte. As vanguardas patrióticas e monarquistas confrontadas em Riobamba lutam ferozmente e é quando a cavalaria do tenente-coronel Lavalle depois de derrotar os monarquistas, chega a Quito para chegar ao palco Pichincha.

General Sucre com grande domínio e liderança, através de uma infiltração alcança um posicionamento estratégico, cerca e derrota as tropas monarquistas comandadas pelo General Aymerich, alcançando a independência do nosso país.

Junto com a glória de Sucre brilhou por seu heroísmo e bravura os comandantes colombianos Córdova, Mires, Lavalle, Félix de Olazabal, Villa e o tenente equatoriano Abdón Calderón, veterano de cinco lutas pela liberdade, apesar de sua juventude e que o general Sucre disse. *"Gosto particularmente da conduta do Tenente Calderón, que, tendo recebido quatro feridas sucessivamente, não queria se retirar do combate. Ele provavelmente vai morrer, mas o governo da República saberá como recompensar sua família pelos serviços de um oficial heroico."*

Mas a partir da sinergia da campanha convergente do Plano Continental com a independência de Simón Bolívar, além da liberdade da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, consegui a integração para as repúblicas nascentes tendo em mente a paz e a cooperação como o único recurso de desenvolvimento e progresso dos povos.

Esses ideais cristalizaram-se na formação da Confederação dos Andes, o Congresso Anfônico do Panamá de 1826, na criação da União Pan-Americana de 1889, a criação da União Pan-Americana que foi ampliada como sistema regional americano para finalmente concretizar na Conferência de Bogotá de 1948, a Organização dos Estados Americanos -OAS-.

A liberdade e a integração herdadas das campanhas libertárias continuam a ser uma fonte de inspiração permanente para forjar o bem-estar com justiça e equidade social que garantam a estabilidade política dos povos que lutaram por um horizonte do futuro com a identidade nacional.

Eles transmitiram a primeira lição de soberania das novas repúblicas, certificando o exercício de uma autoridade suprema que autentica a integridade territorial das repúblicas nascentes. Garantir ao mesmo tempo a proteção da população e dos recursos, como patrimônio das coletividades nacionais.

A lição da geopolítica regional testemunhada pelas campanhas de libertação não falava de rivalidades bálticas, mas de um planejamento de integração que, para a atual época, é determinado na governança da segurança cooperativa regional; preservar a identidade nacional dos países, a fim de alcançar a prosperidade sólida e estável como a expressão máxima do benefício da democracia e da segurança cooperativa regional.

Este aniversário da independência deve ser celebrado como o Bicentenário da liberdade e da integração regional, um exemplo da dignidade dos povos das Américas.

General Oswaldo Jarrin R.



COLÉGIO INTERAMERICANO DE
DEFESA
FORT LESLEY J. McNAIR
WASHINGTON, DC 20319-5066



MG James E. Taylor
Exército dos EUA., Diretor do Colégio
Interamericano de Defesa
Membro Honorário ASOCID-EQUADOR

A Batalha de Pichincha ocorreu em 24 de maio de 1822 e sob o comando do Marechal Antonio José de Sucre, culminou no esforço de independência da Audiência de Quito, que começou em 1809 e terminou em 1822. Essa batalha, que ocorreu nas encostas do grande vulcão Pichincha, pôs fim à dominação espanhola no atual Equador e abriu o caminho para a vida republicana. A libertação de Quito também abriu as portas para a subsequente independência de outros territórios na América do Sul. Hoje, após 200 anos, em que a liberdade se consolidou nessas

terras, é importante reconhecer a verdadeira dimensão deste feito heroico, que exorta os equatorianos a manterem esse espírito de luta e superação e, acima de tudo, para comprometer seu trabalho diário para a salvaguarda e fortalecimento da democracia e de seu território.

Esta data é de grande importância na história equatoriana, na qual houve uma clara demonstração de habilidade de domínio militar; além disso, com a vitória de Pichincha, foram estabelecidas as bases para que a região andina das Américas caminhasse pelos caminhos da esperança, desenvolvimento e bem-estar de seus povos.

Nesta ocasião, é propício cumprimentar e reconhecer o ASOCID-EQUADOR "GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE", por sua valiosa contribuição para a sociedade equatoriana, cujo objetivo é promover a pesquisa, o ensino e o melhor e maior conhecimento das ciências militares e policiais, enviando informações aos seus concidadãos e opinião documentada e contrastada sobre questões de Segurança e Defesa; Considerando que, devido à sua natureza social, acadêmica e cultural, seu escopo de ação está relacionado a outros países do hemisfério e do mundo, que têm vínculos educacionais com o Colégio Interamericano de Defesa.



COMANDO CONJUNTO DAS FORÇAS ARMADAS



Grad. Fabián Fuel Revelo
Jefe del Comando Conjunto de las FF.AA.

Me complace profundamente presentar un cordial y atento saludo al señor General Oswaldo Moreno, Presidente de la ASOCID-ECUADOR, y por su digno intermedio a los miembros de esta asociación y cuerpo editorial de la Revista "Interamericanos", en su cuarta edición, publicada en conmemoración al Bicentenario de la Batalla del Pichincha.

Em 24 de maio, também no Dia das Forças Armadas do Equador, nosso país comemora com profunda alegria, juntamente com várias nações de solidariedade da irmã América, o dia épico que lhe deu liberdade perpétua e o lugar de honra que ocupa tão digno na sociedade dos povos soberanos.

A independência deste continente, a criação de nossa república e de vários outros estados abertos à expansão de uma nova e livre humanidade, têm sido eventos de influência singular no desenvolvimento dos destinos étnicos, políticos e econômicos do mundo.

É muito honrado que a Revista "Interamericanos" tenha dedicado sua quarta edição para comemorar o 200º aniversário do feito libertário desenvolvido nas encostas do vulcão Pichincha, em 1822. Com seus antecedentes, seus heróis e suas consequências históricas, a Batalha de Pichincha constitui um dos grandes eventos que o Equador se lembra com orgulho particular e devoto, mantendo, em sua honra, a chama perpétua acesa no altar de nossas glórias.

Nesta ocasião memorável, parablenizo uma iniciativa tão significativa do Conselho de Administração da associação que preside e espero que esta organização acadêmica continue a alcançar os objetivos elaborados por seus fundadores, em favor de sua assessoria acadêmica às instituições do Estado e à administração institucional militar, no campo da segurança e da defesa. Prevejo longa vida institucional e sucessos proeminentes nas tarefas promovidas por seu corpo diretivo e equipe de conselheiros e graduados do Colégio Interamericano de Defesa, Capítulo Equador, reiterando meus justos parabéns pelas grandes conquistas alcançadas.



Grab. Luis Burbano Rivera
COMANDANTE GENERAL DO EXÉRCITO

Mesmo quando a memória histórica dos equatorianos mantém presentes os duzentos anos da independência de nossa pátria, é necessário destacar os fatos históricos de um processo de emancipação hispano-americana, que se caracterizou por ser o mais internacional que havia sido conduzido até então.

É precisamente essa natureza coesa que começa com a campanha libertária de 1820, que o Exército equatoriano pretende evocar este ano, comemorando o Bicentenário da Batalha de Pichincha, percorrendo lugares épicos que se tornaram imperecíveis testemunhas da força inabalável de homens e mulheres, que sob a liderança e genialidade de seus estrategistas sabiam como superar as adversidades de um cenário áspero para consolidar o ansiava pela liberdade.

Neste contexto, o Exército equatoriano organizou a "Parada Libertária", um evento destinado a recriar a brilhante concepção estratégica que permitiu liderar uma força multinacional composta por equatorianos, colombianos, peruanos, bolivianos, venezuelanos, argentinos, neogranadinos, ingleses e irlandeses com base nos princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Este grande evento começa no Hemicycle de La Rotonda, na cidade de Guayaquil, um enclave geopolítico que possibilitou a independência de Quito e a subsequente independência do Peru. No local será lembrada a proclamação de 9 de outubro de 1820 e a formação da Divisão protetora de Quito que liderou o

caminho da emancipação.

A rota continua até Yaguachi Viejo e Camino Real nas proximidades de Guaranda, cenários majestosos que permitirão reviver os triunfos militares que consolidaram a independência de Guayaquil que na época acendeu a tocha da rebelião e da esperança em todo o território da Audiencia de Quito. Neste lugar para não destacar a performance heroica da mulher latino-americana, que à sombra de Josefina Barba tornou-se um elemento crucial para alcançar o sucesso no campo de batalha.

Simultaneamente, eventos serão realizados em Cuenca e Cañar para configurar o retiro estratégico que forçou Sucre a mudar a rota de avanço e desembarcar suas tropas em Puerto Bolívar, para marchar de lá para Cuenca; cidade que tinha sido novamente tomada pelos espanhóis.

O itinerário se estende até a cidade de Riobamba para destacar a adesão voluntária das tropas peruana, alta peruana (boliviana) e argentina; evento crucial que contribuiu para a vitória da Batalha de Tapi e, por sua vez, forçou as forças monarquistas a recuar em direção a Quito, para cobrir os pontos críticos de Tiopullo, Jalupana e La Viudita.

Este ato simbólico termina com cavalgadas prolongadas que saem de Riobamba e que depois de passar por Ambato, Salcedo, Latacunga, finalmente pegará a estrada de Limpiopungo para Sangolquí, El Cinto e La Cima de La Libertad, em reconhecimento apenas aos atos heroicos da cavalaria milenar, que evadia as posições realistas conseguiram chegar às encostas do vulcão Pichincha, para obter a vantagem tática decisiva que permitiria a captura da cidade de Quito.

Como o Exército de um povo nascido e fortalecido na diversidade, temos certeza de que a lembrança deste evento histórico constitui uma oportunidade inexorável, não apenas para refletir sobre a genialidade, audácia e coragem de nossos libertadores; mas também, para convocar a unidade de nacionais e estrangeiros, civis e militares, montanhas, costeiras, costeiras, orientais e insulares, brancas, mestiços, afro, indianos e montubio, empresários e trabalhadores, ricos e pobres, todos unidos em um caminho de identidade e integração dos povos latino-americanos.



Calm. Brúmel Vázquez Bermúdez **COMANDANTE GENERAL DA MARINHA**

Os grandes acontecimentos da história das nações são escritos como parte de uma cadeia de eventos relacionados, que contribuíram decisivamente para o fato principal.

Neste contexto, os livros de história descrevem extensivamente detalhes do ato heroico da Batalha de Pichincha, um evento que há 200 anos permitiu a independência de Quito e a subsequente anexação dos territórios que compõem a Audiência Real de Quito à Colômbia, o Grande, do qual, uma vez dissolvida, a República do Equador nasceu em maio de 1830; no entanto, pouco se fala sobre importantes eventos navais que contribuíram para as guerras hispano-americanas de independência.

Um desses eventos ocorreu em outubro de 1820 com a escuna "Alcance", o primeiro navio armado em guerra à nossa independência, quase dois anos antes da Batalha de Pichincha. Nessa data, no Norte, os territórios do Vice-Rei de Nova Granada sob a liderança de Simón Bolívar, haviam alcançado sua independência na Batalha de Boyacá em 7 de agosto de 1819 e no Sul, José de San Martín, com seu exército desembarcado nas costas peruanas desde setembro de 1820, preparava-se para alcançar a independência do Vice-Rei do Peru.

A escuna "Alcance", um navio mercante armado em guerra pelos revolucionários de Guayaquil, poucos dias após o triunfo de 9 de outubro de 1820, foi para o mar por ordem de José Joaquín de Olmedo e sob o comando de José de Villamil. Ele tinha a missão de comunicar a independência

de Guayaquil a San Martín e Cochrane, chefe do esquadrão libertador do Peru, com o objetivo de integrá-los ao movimento libertário; na verdade, parte de sua mensagem dizia *"... este conselho patriótico da cidade, vem para informar V.E. deste glorioso evento, para que possa interessar suas operações militares, e para uma combinação harmoniosa acelerar o destino da América"*. San Martín parabenizou o povo de Guayaquil e embarcou na escuna "Alcance" dois oficiais em seu nome, chegando de volta a Guayaquil em novembro daquele ano.

Este fato, quando estudado isoladamente não seria muito representativo, mas considerando-o como um elo na longa cadeia de eventos que levou à vitória de Pichincha, tem grande importância, pois permitiu consolidar os laços de cooperação entre os líderes da independência da América, permitiu que personagens importantes subordinados a San Martín, como Juan Illingworth, lutassem do mar, comandando a corveta chilena "Rosa de los Andes" com uma campanha bem sucedida na costa do Pacífico colombiano libertando cidades costeiras do domínio monarquista, o que permitiu acelerar o avanço do exército patriota em direção a Quito e de terra, como parte do grande exército colombiano que participa com Sucre nas batalhas que levaram à independência de Quito, em 24 de maio de 1822.

Devido às circunstâncias acima indicadas, considero pessoalmente que a escuna "Alcance", armada em guerra e em cumprimento de sua primeira missão militar naval, após a independência de Guayaquil, está constituída no primórdio e representa o nascimento da atual Marinha do Equador.

Consolidado el triunfo, Guayaquil independiente pasa a incorporarse a Colombia la Grande; Juan Illingworth fue nombrado por el Libertador como Comandante General del IV Departamento Marítimo y se preocupó de organizar todo lo concerniente a la naciente Marina de Guerra, además de tomar empeño en la creación de la primera Escuela Náutica el 9 de octubre de 1822, precursora de nuestra Escuela Superior Naval.

É uma grande satisfação como Comandante General da Armada do Equador, cumprimentar a Associação de Conselheiros e Graduados do Colégio Interamericano de Defesa, Equador Capítulo e parabenizar todos os seus colaboradores pela iniciativa de gerar e disseminar o pensamento militar por meio desta prestigiada publicação, que mostra esta Associação como uma organização sólida que representa altos padrões de valores e vocação acadêmica.



Bgrl. Geovanny Espinel Puga
COMANDANTE GENERAL DA FORÇA AÉREA

Um dos desenvolvimentos mais interessantes e solenes no processo da 1ª humanidade é o advento de um povo à liberdade e à lei.

Assim, há 200 anos, na capital da Audiência Real de Quito, hoje República do Equador, o sol transbordava em seu zênite contemplando a liberdade nascente de um povo guerreiro que, inspirado pela independência e ideologias revolucionárias da época, emancipava-se do jugo espanhol.

Neste pequeno espaço físico do mundo, os líderes libertários imbuíram de um amor gigantesco por seu país, típico daqueles que vestem o uniforme militar, cantaram com seu povo e com emoção efusiva o hino da liberdade.

Os ecos de ontem, encapsulados em uma simples harmonia musical, podem ser ouvidos no presente, atingindo os lugares mais remotos de nossa república soberana. Então, hoje, a cada entonação emitida pela diversidade de vozes provenientes de milhões de almas e pensamentos multiculturais, multiétnicos e multi-religiosos daqueles que compõem nossa pátria, e transcendendo os abismos insuperáveis da morte, eles revivem em sua canção as batidas de Bolívar, Sucre, Calderón, Santa Cruz, Olazábal, Villa e todos aqueles 2900 soldados dos batalhões Paya, Magdalena, Yaguachi, Trujillo e Piura; assim como as corajosas Manuelita Sáez, Nicolasa Jurado, Inés Jiménez e Gertrudis Esparza, que se explodiram naquele feito libertário.

É apenas a profunda alegria, com a qual todos os equatorianos comemoram o dia épico que lhe deu liberdade perpétua e o lugar de honra que nosso país ocupa tão digno na sociedade dos povos soberanos.

E é que a independência deste continente, e a criação desta república, têm sido eventos de influência singular no desenvolvimento dos destinos étnicos, políticos e

econômicos do mundo.

Nada mudou no majestoso cenário oferecido pela natureza, a poucos passos do chão que pisamos, ao desenvolvimento do drama histórico. E é uma questão de profunda e fraternal satisfação considerar que as virtudes antigas também são preservadas ilesas na alma dos homens.

Na cidade de Quito, em 1809, nasceu o brilho emancipatório que, ao amanhecer, foi batizado com o sangue dos mártires de Quito. Isso, como um sussurro irreprímível, espalhou-se por toda a América Latina desconstruindo a coragem e a coragem dos crioulos e rebeldes, alcançando no final a liberdade dos povos.

Portanto, para falar da batalha de Pichincha, é marcar o antes e depois da chamada Audiência Real de Quito do Reino da Espanha, em direção à república equatoriana, onde o exército da Grande Colômbia sob o comando de Sucre e Andrés de Santa Cruz, enfrentou o exército monarquista de Melchor Aymerich.

Hoje, junto com os nomes de Bolívar e San Martín, brilham no céu da história o nome exaltado do vencedor de Pichincha, do Grande Marechal de Ayacucho, de quem o Libertador disse: "Sucre é um cavaleiro em tudo; é o chefe mais bem organizado da Colômbia; é metódico; capaz das mais altas concepções; ele é o melhor general da República e o primeiro estadista"; mas também é necessário lembrar que ele não estava sozinho, sendo capaz de lembrar o Herói Infantil, em cuja tumba Bolívar inscreveu, com sua espada de fogo; "Ele morreu em Pichincha, mas vive em nossos corações."

A grande Batalha de Pichincha não só marca o dia da Independência do Equador, mas também abriu as portas do sonho de Bolívar e seus guerreiros.

Agora, precisamente, depois de dois séculos em que a liberdade foi gritada em nossa pátria, é importante que os cidadãos revalorizem a verdadeira grande dimensão desses atos heroicos.

Da Força Aérea equatoriana, instamos os povos americanos a manter esse espírito de luta e superação, enquanto do nosso lado, nos comprometemos a promover uma defesa regional e cooperativa para combater as ameaças emergentes que assolam nossas sociedades.

A Força Aérea equatoriana junta-se à celebração do bicentenário da Batalha de Pichincha, que foi fundamental para alcançar a independência da atual República do Equador, alcançando sua transição para um Estado livre e soberano.

INICIO

CRÉDITOS:
Msc. EDUARDO ESPINOSA MORA



SRA. VIVIANA FRÍAS



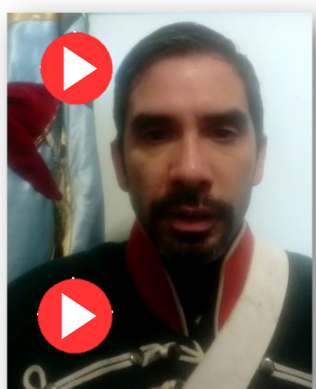
TENIENTE GENERAL EUSTOQUIO FRÍAS



SRA. DOLORES LAVALLE



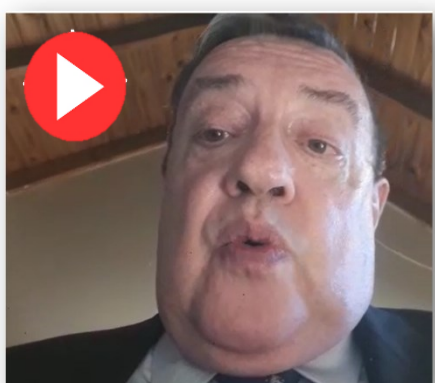
GENERAL JUAN GALO LAVALLE



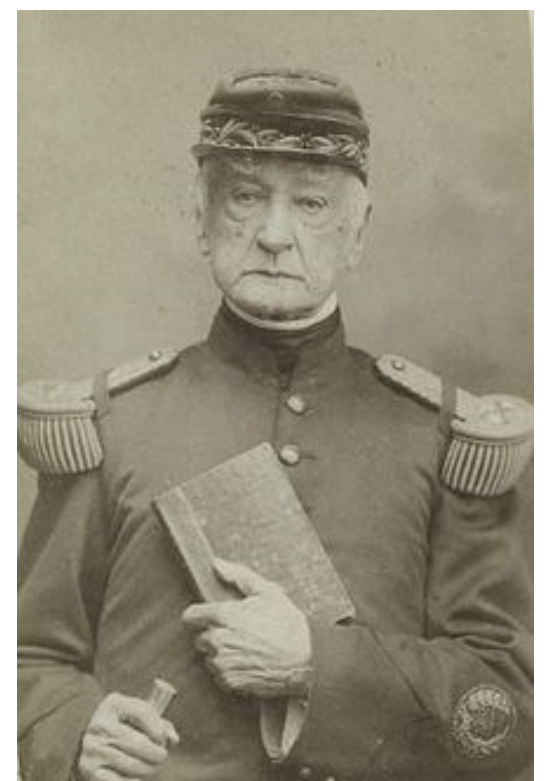
SR. ESTEBAN OCAMPO
EX INTEGRANTE DE LA ESCOLA PRESIDENCIAL
GRANADEROS A CABALLO "SAN MARTÍN"



CRNL. FROILÁN MESÍAS MERINO
PERUVIAN ARMY
DIRECTOR OF THE HISTORY OF PERU
COMMISSION



SR. MARIO PASO
HISTORIADOR



GENERAL MANUEL ANTONIO
LÓPEZ BORRERO
ÚLTIMO PORTA-BANDEIRA DO
BATALHÃO "PAYA"

Saudação dos descendentes e autoridades estrangeiras

INICIO

EDITORIAL



CPNV. (S.P.) Byron Sanmiguel Marin
Vice-Presidente da ASOCID-EQUADOR

Séculos se passaram desde que a Pátria declarou sua independência do reino da Espanha, o heroísmo dos bravos lutadores que caíram lá sob o comando do general Antonio José de Sucre, é glorioso e a glória é imortal.

A associação de Ex-Conselheiros e graduados do Colégio Interamericano de Defesa, Capítulo-Ecuador (ASOCID-EQUADOR), tem que publicar a Revista "Interamericanos" em homenagem ao bicentenário da Batalha de Pichincha, para a qual, nesta quarta edição especial será lançado em uma cerimônia protocolar em 23 de abril de 2022. Seu conteúdo geral abrange temas sobre: estratégia, geopolítica, parte da guerra e semelhança dos protagonistas apenas para mencionar alguns dos que aparecem no índice desta publicação.

Para aqueles que escrevem essas linhas, é um privilégio reiterar àqueles que as lêem o significado da decisão e coragem de um povo que reivindica sua liberdade no campo de batalha.

O BICENTENÁRIO DA BATALHA DE PICHINCHA, UMA EFÊMERA DE NOBRE RECORDAÇÃO

Vitorioso em sua grandeza histórica, Antônio José de Sucre abriu as portas de Quito para o Libertador Simón Bolívar, para chegar da Colômbia e depois lutar em Junín, o que, sem dúvida, permitiu a independência final do reino da Espanha, porque sem Pichincha não haveria Junín e sem Junín não haveria Ayacucho.

Destacamos nesta publicação os batalhões que lutaram nos sopés da Pichincha como: Paya, Magdalena, Yaguachi, entre outros, os mesmos que derrotaram as forças monarquistas comandadas pelo General Melchor de Aymerich., que eram compostos por 2.670 soldados de infantaria, cavalaria e artilharia, todos soldados profissionais e veteranos de guerra.

O caminho da independência foi marcado com o sacrifício e a vontade de muitos heróis desconhecidos a quem o tributo é pago hoje.

O ASOCID-Ecuador cumpre a entrega desta revista a todos os membros dos países da América que nunca renunciaram à sua liberdade soberana. Foi dito que "a paz é o sonho dos sábios e a guerra é a história dos homens" por esta razão, lembrando a Batalha de Pichincha, reitero que sem as Forças Armadas profissionais não poderia garantir nenhum governo, paz e liberdade de seus povos.

Como me lembro deste glorioso ato, o primeiro verso da Canção Nacional vem à mente:

*"As vozes da linhagem já estão ressoando
Vamos cantar para a bela e grande pátria
Arrogante e majestoso como o Ande
Fecunda como a floresta tropical"*

INICIO

O BICENTENÁRIO — BATALHA DE PICHINCHA —



**Crnl. (E.M.C.) CRISTÓBAL ESPINOSA
DIRETOR DE OPERAÇÕES DE
INFORMAÇÃO E OPSIC**

COMEMORAÇÃO DO BICENTENÁRIO DA BATALHA DE PICHINCHA.

QUITO – *Tendo como quadro o número 7 do artigo 3º da Constituição da República que prevê que um dos principais deveres do Estado, é proteger o patrimônio natural e cultural do país, a Comissão Interdisciplinar para a "Comemoração do Bicentenário da Independência" foi formada como um projeto de abrangência nacional, que serão válidos até o final da execução e avaliação das atividades previstas para o mês de maio de 2022.*

[PÁG. 29](#)



* **PACO MONCAYO:** Especialista em assuntos militares.
EX-CHEFE DO COMANDO CONJUNTO DAS FORÇAS ARMADAS.
MEMBRO HONORÁRIO DA ASOCID-EQUADOR

Geopolítica na Campanha de 1822...

* **O GRAE. (S.P.) MEMBRO
HONORÁRIO DO PACO MONCAYO
ASOCID-EQUADOR**

INTRODUÇÃO

"A campanha que encerrou a guerra no sul da Colômbia foi liderada e comandada pessoalmente pelo General Sucre; nela, mostrou seu talento e virtudes militares, superou dificuldades que pareciam invencíveis; a natureza lhe ofereceu obstáculos, privações e duras penalidades. Mais do que qualquer coisa, ele sabia como remediar seu gênio fecundo. A Batalha de Pichincha consoma a obra, sua sagacidade e coragem."

Uma das questões importantes na teoria geopolítica é a do ciclo de vida dos Estados. Seu estudo começou, no século XVIII, com uma abordagem biológica, característica dos primeiros tratados desta matéria, que a compararam com a dos seres vivos. Posteriormente, as análises foram realizadas com uma orientação histórica, política e jurídica. A verdade é que muito do que aconteceu na vida dos Estados está intimamente ligado às condições de sua criação: o território e seus recursos, a posição geográfica, os estados vizinhos, a presença de potências hegemônicas regionais ou globais e tantas outras circunstâncias. Há estudos bem fundamentados sobre as desvantagens de países que nasceram após longos períodos de colonização ou outros decorrentes de derrotas militares, como o caso do Iraque.

[PÁG. 89](#)

NESTA EDIÇÃO:

Simón Bolívar

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Comemoração da Batalha de Pichincha

Continuação...

PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO

Para destacar a importância do Bicentenário da Batalha de Pichincha, o Presidente da República, Guillermo Lasso Mendoza, participou da apresentação da agenda dessas festividades e assinou o Decreto Executivo nº. 380 de 23 de março de 2022, na qual formou a Comissão Interdisciplinar para a "Comemoração do Bicentenário da Independência" cujo objetivo é promover a unidade nacional, o pertencimento, o patriotismo e a coesão da nacionalidade equatoriana.

A Comissão Interdisciplinar é composta por:

1. Ministro da Cultura e Patrimônio, como delegado do Presidente da República, irá presidi-lo;
2. Ministro das Relações Exteriores e Mobilidade Humana ou seu delegado;
3. Ministro de Defesa Nacional ou sua fina;
4. Ministro da Inclusão Econômica e Social ou seu delegado;
5. Ministro da Educação ou seu delegado;
6. Secretário de Direitos Humanos ou seu delegado;
7. Secretário de Educação Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação ou seu delegado;
8. Procurador-Geral do Estado ou seu delegado;
9. Diretor da Academia Nacional de História ou seu delegado; e
10. Os governos autônomos descentralizados e os governos do Regime Especial em causa estarão sujeitos à aprovação da Presidência da Comissão.

O Presidente da Comissão Interdisciplinar nomeará um Secretário-Geral e ficará encarregado das funções atribuídas a ele pela Comissão.

Nesse contexto, esta Comissão planejou a agenda para a comemoração do Bicentenário da Independência do Equador, com o objetivo de promover a unidade nacional, no sentido prático, pois além das atividades militares necessárias, ou das reflexões históricas acadêmicas que o evento levanta, deve contribuir para o fortalecimento da nacionalidade equatoriana e, conseqüentemente, para o refresco do patriotismo, a partir da observação da situação atual, nas diferentes dimensões que a constituem, a fim de projetar para o futuro os sentimentos patrióticos, o senso de unidade, pertencimento e coesão que devem caracterizar a nacionalidade equatoriana.

Com base em seu planejamento, a Comissão Interdisciplinar coordenou com as Forças Armadas o agendamento de atividades para comemorar o Bicentenário da Independência, determinação de responsabilidades e execução. O plano está enquadrado na análise histórica das campanhas de independência militar, tornadas visíveis da seguinte forma: a primeira que ocorre entre 1809 e 1810, chamada de "Revolução de Quito"; mais tarde a segunda Junta entre 1811-1812, quando Quito promove um projeto econômico e político que mais tarde é derrotado, na Batalha do Panecillo; a terceira campanha de reconquista entre 1812-1820; finalmente temos as duas campanhas lideradas pelo general Antonio José de Sucre, entre 1821 e 1822, que termina com o triunfo na Batalha de Pichincha, que também analisa os objetivos estratégicos estabelecidos por Simón Bolívar para consolidar a independência dos territórios das províncias de Guayaquil, Cuenca e Quito e a campanha de Nova Granada, aqueles que foram: primeiro, conquistar o Departamento do Sul para aumentar o pessoal para a campanha e meios logísticos, fechando comunicações realistas com o Peru; segundo, chegar à cidade de São Francisco de Quito destruindo as unidades militares monarquistas e impedindo as

comunicações com Pasto.

O objetivo deste ensaio é mostrar como as Forças Armadas apoiam a Comissão Bicentenária, cumprindo o Objetivo Estratégico de contribuir para as relações cívico-militares, desenvolvendo projetos de pesquisa histórica militar e sua disseminação aos cidadãos, permitindo fortalecer a cidadania, patriotismo, identidade, unidade nacional, patrimônio e memória histórica militar. Tendo especial atenção do Ministério da Defesa e do Comando Conjunto das Forças Armadas que, por meio da Terra, Da Marinha e da Força Aérea, apresentou um programa provisório de atividades que celebram o Aniversário do Bicentenário da Batalha de Pichincha a ser executado em maio de 2022, no qual são descritas as seguintes atividades cívicas, histórico – patriótico que descrevemos abaixo:

Desfile cívico, histórico - patriótico e militar; Cavalgada libertária no estilo das campanhas de 1822; banheiros militares a nível nacional; inauguração da primeira fase do projeto museu das Forças Armadas na cidade de Quito; em coordenação com o Secretário de Cultura do Distrito Metropolitano de Quito, a cerimônia histórica cívico-militar será realizada na Praça da Independência; Fóruns acadêmicos referentes ao Bicentenário da Independência, que tem como objetivo lembrar, do ponto de vista acadêmico militar e cidadão, o bicentenário da Batalha de Pichincha que ocorreu na sexta-feira, 24 de maio de 1822, que permite tornar visíveis os estudos historiográficos apresentados pelos acadêmicos, para compreender os processos políticos, sociais, econômicos e militares do que era a Independência; cerimônia militar no Templo da Pátria da cidade de Quito; apresentação do estudo historiográfico da Academia Nacional de História Militar, que tem o nome do Bicentenário da Independência do Equador; finalmente, vídeos comemorativos serão apresentados para celebrar os 200 anos da Independência.

É importante reconhecer que uma das atividades mais relevantes da Celebração

Bicentenária é o Desfile que recria as campanhas de independência e as unidades que compõem o Exército de Sucre, organizado com a Divisão de Proteção de Quito e a Divisão Auxiliar Peruana-Argentina. A Coluna libertária que partirá de Guayaquil e Cuenca, no dia 5 de maio de 2022 e após cruzar as rotas da independência, poderá chegar na terça-feira, 24 de maio de 2022, ao lado de fora do Templo da Pátria, localizado na cidade de Quito, onde será feita uma homenagem no obelisco, que desde 1920 foi a única referência a indicar o local da batalha. Lugar histórico onde está localizada uma placa onde o povo equatoriano presta homenagem ao heroico soldado espanhol, em reconhecimento ao adversário e sua atitude de fidelidade à sua causa e aos valores que defendeu não importa o quão diferentes e opostos eles possam ser, o que no presente representa um reconhecimento da identidade do que são os novos heróis da Pátria.

O Desfile Bicentenário do Exército Patriótico, tem como antecedente o apoio dos coletivos cidadãos e das academias nacionais de história, que assinaram a Declaração de Chillo Compañía, em 24 de julho de 2021; compromisso que iniciou os esforços para as celebrações do Bicentenário em coordenação com as autoridades civis que, juntamente com as Forças Armadas, formarão unidades de recreação militar e civil emblemáticas do Exército Patriota, com a seguinte estrutura: linha e infantaria leve, acompanhados por tropas de cavalaria, granadeiros a cavalo, artilharia e grupo de músicos; essas unidades históricas serão adornadas com uniformes à forma dos regulamentos militares dos Exércitos da República da Colômbia de 1822 a 1826, assinados por Francisco de Paula Santander vice-presidente da República.¹

UNIFORMES

Como forma de recreação do desfile do ano de 2022, os seguintes uniformes serão utilizados no estilo da época:

General

Uniforme. Jaqueta azul turca, forro encarnado, lapela, pescoço, curvas e calças, com bordados dourados, folhas de louro na borda das saias, bolsas, pescoço, lapela e voltas, botão dourado; bota regular acima de calças, gravata preta, ouro

galoneado chapéu pontiagudo com cockade nacional, e pena branca ou tricolor; faixa encarnada com tassels de ouro, epaulettes de ouro de canelone grosso, com duas estrelas de prata nas lâminas; e espada. O mesmo uniforme e moedas serão usados pelos generais atuais em chefe, com a única diferença de carregar mais uma estrela nas pás das epaulettes.²

Coronel da cavalaria

Jaqueta azul turca com giro encarnado, forro e pescoço, sem retalho, branco vívido, botão prata; calças azuis, bota alta com esporão, chapéu pontiagudo e galoneado prata com a cockade nacional; gravata preta, epaulettes prateadas de canelone grosso, sabre com enfeite do mesmo, e faixa amarela com tassels também feitas de prata.

Soldado da Cavalaria da Linha

Jaqueta azul com gola, voltas, forro e amarelos brilhantes, retalho azul com amarelo brilhante, calças azuis com listras brancas; gravata preta, bota com esporão abaixo da culatra, morrion sole com bochechas e escudo de metal, e nele a inscrição, *República da Colômbia*; pompom ou pena amarela um quarto de alta, cadarços brancos e gualdrapa verde com listras brancas.

Infantaria de Linha

Jaqueta azul turca curta, com curvas, pescoço e forros encarnados, amarelo brilhante, calças azuis com listras encravadas, gravata preta e saque da

mesma cor sob a culatra; morrión de sola dada em preto, com escudo na frente com a inscrição, *República da Colômbia*; cadarços e pompom amarelo.

A banda e a orquestra desta infantaria usarão uma jaqueta azul-céu curta com curvas, pescoço encarnado e forro, amarelos brilhantes, calças azuis com listras encarnadas; dragões, pompom e fitas incorporadas nos braços, cinco tambores, cornetas e grandes músicos, e duas outras classes, na forma explicada para os clarinetes.

Artilharia Leve

Jaqueta azul turca com curvas, pescoço e lapela da mesma cor, forro e encarnado vivo com sete ilhós amarelos na lapela, e granadas amarelas no pescoço; calças azuis turcas, gravata preta, bumbum preto sob a culatra, morrion o mesmo que o da infantaria leve.

EVENTOS

A agenda de comemoração dos 200 anos da **Batalha de Pichincha** conta com 58 eventos que ocorrerão de fevereiro a dezembro de 2022 sobre: evolução histórica; inclusão social e diversidade; ética governamental e pública; igualdade e bem-estar humano; liberdade e cidadania; natureza e patrimônio biofísico; integração internacional; arte e cultura; direitos humanos; e cultos.



Cabalgata Bicentenaria del Ejército Patriota, 2022. Sangolquí 15 de febrero de 2022.

² Francisco de Paula Santander, excelencia el vicepresidente de la República de Colombia. Las fuerzas militares de

Colombia. Reglamento de divisas y uniformes militares del ejército, 1825 (20/06). Palacio del gobierno, en el Rosario de Cúcuta, a 6 de octubre de 1821 110

¹ Luis Cevallos. Academia de Historia Nacional. Actividades relacionadas con las autoridades locales y militares para la

BICENTENÁRIO
BATALHA DE PICHINCHA
1822 2022



COMISSÃO INTERDISCIPLINAR PARA CELEBRAR O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

"O LEGADO DE VALOR DE
NOSSOS HERÓIS PICHINCHA
HOJE SE SENTE EM TODOS OS
CANTOS DO EQUADOR E
BARREIRA DO TEMPO PARA
DIZER A ESSES HERÓIS QUE
ASSUMIMOS A TAREFA MORAL
DE GLORIFICAR SEUS IDEAIS E
SUA LUTA".

Para destacar a importância do Bicentenário da Batalha de Pichincha de 1822 a ser realizada em 24 de maio de 2022, o Presidente da República, Guillermo Lasso, participou da apresentação da agenda das festividades bicentenárias e assinou o Decreto Executivo para a formação da Comissão Interdisciplinar para a Comemoração deste evento histórico. O evento aconteceu no Cima de la Libertad na quarta-feira, 23 de março. A comissão é composta pelos Ministérios da Cultura e do Patrimônio, Relações Exteriores e Mobilidade Humana, Defesa Nacional, Inclusão Econômica e Social e Educação; os Secretários de Direitos Humanos, Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, Procuradoria-Geral da República e Academia Nacional de História.



BATALHÃO LIBERTADOR, 23 DE MARÇO DE 2022



VAMOS CELEBRAR O BICENTENÁRIO EM GRANDE

A LIBERDADE NÃO É NEGOCIADA OU COMPROMETIDA. A LIBERDADE SEMPRE SERÁ A BASE FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DOS POVOS E SUA CONVIVÊNCIA HARMONIOSA NA SOCIEDADE.

II

Que grande honra estar presente no templo da Pátria que simboliza o bem mais precioso do ser humano: a liberdade. No Equador vamos celebrar em grande estilo o bicentenário daquele feito histórico de nossos heróis de Pichincha que nos deram liberdade sob o comando do General Antonio José de Sucre.

Este decreto que assinei hoje confia ao Ministério da Cultura e do Patrimônio a coordenação desta grande celebração nacional na qual participarão diversos ministérios, governos autônomos descentralizados e outras instituições. A comemoração do Bicentenário da Batalha de Pichincha é uma oportunidade para lembrar nossa origem como nação e destacar o papel que todos nós desempenhamos no desenvolvimento do país que estamos construindo há dois séculos.

Esta celebração inclui pelo menos 100 atividades educativas; artísticas, turísticas, eventos culturais, desfiles militares e muitos outros eventos, todos temos o dever de celebrar o Bicentenário com ele, não só reconhecemos a relevância histórica da Batalha

de Pichincha, mas também contribuimos juntos como um país para uma memória que nos enche de orgulho. A liberdade sempre será a base fundamental para o desenvolvimento dos povos e sua convivência harmoniosa na sociedade. É importante que reafirmemos nosso espírito

DECRETO PRESIDENCIAL, em 23 de março, no Cima de la Libertad O presidente Guillermo Lasso mostrou à imprensa o decreto executivo que inicia as festividades para o Bicentenário da Independência.

patriótico retomando a educação cívica fortalecida com valores que nos fazem sentir orgulhosos de quem somos e para onde estamos indo, recuperaremos a memória dos atos históricos de dois séculos atrás, mas também destacaremos os atos heroicos que vemos todos os dias em todos os cantos do Equador, viver com liberdade é viver com dignidade. vamos trabalhar e viver inspirados pelos valores que caracterizaram nossos heróis de Pichincha. Lealdade, coragem, honestidade e luta por um presente digno para todos e também para as gerações futuras. Ministros e autoridades do Estado de nossas funções todos temos o compromisso de promover valores e o legado da ação de dois séculos atrás que nos identifica e nos une como equatorianos. Esse evento histórico nos une porque somos todos frutos da mesma chama libertária que voou com força tão distante 24 de maio de 1822 que pede que nunca será extinto que eles vivam os 200 anos em liberdade que o Equador vive que Deus abençoe nossa pátria".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA acompanhado pelo Ministro da Defesa Grab. (S.P.) Luis Hernández (à esquerda) e a Ministra da Cultura e Patrimônio Maria Elena Machuca, deixaram o Templo da Pátria após assinarem o decreto presidencial.



AUTORIDADES MILITARES. A assinatura do Decreto Presidencial contou com a presença de Geovanny Espinel Puga, comandante da Força Aérea, chefe do Comando Conjunto das Forças Armadas, Major General Fabián Fuel Revelo. Luis Cevallos Mejía, presidente do SEHR e brigadeiro-general Luis Enrique Burbano. Comandante Geral do Exército.

GRAB. (S.P.) LUIS HERNÁNDEZ
MINISTRO DA DEFESA

"O trânsito na história da República do Equador nestes dois séculos não foi livre de vicissitudes; no entanto, a tocha da liberdade continue ativa e com sua luz ilumina o caminho em que as gerações atuais têm que andar ativamente e sempre para tornar o Equador eterno"

Os patriotas que lutaram na Pichincha nos deixaram um legado de dedicação, sacrifício e cumprimento do dever, foi uma geração que fez jus à demanda das circunstâncias e da história, sem dúvida são um exemplo de que a perseverança e está consolidada no coração e na mente daqueles que são seus herdeiros e que carregam após dois séculos o compromisso de lutar para preservar sua liberdade e democracia. Vamos refletir para que no final do dia nos perguntemos o que fiz pelo meu país e o que farei amanhã para que minhas ações permitam que o legado que nos deu liberdade seja fortalecido, seja grande e perdure ao longo do tempo.



MARIA ELENA MACHUCA
MINISTRA DA CULTURA E DO PATRIMÔNIO

"Essa celebração é emoldurada em um sentido de país, uma comemoração que facilita nosso encontro como nação, fortalece nossa identidade e alimenta nosso conhecimento e nossa história."

A agenda incluirá atividades como o desfile cívico militar de Guayaquil a Quito, apresentações itinerantes de música e pintura em três locais emblemáticos da capital, chamada para criar uma obra orquestral 'Composição Bicentenária', repositório de leitura em torno do tema 'Projeto Educacional Yo Leo', produção de um livro chamado Bicentenário, documentário e exposição gráfica 'Os dias da Pátria', Congresso Internacional da Liberdade, feira de serviços e empresas.

BICENTENÁRIO
DA BATALHA DE
PICHINCHA
1822-2022



1822

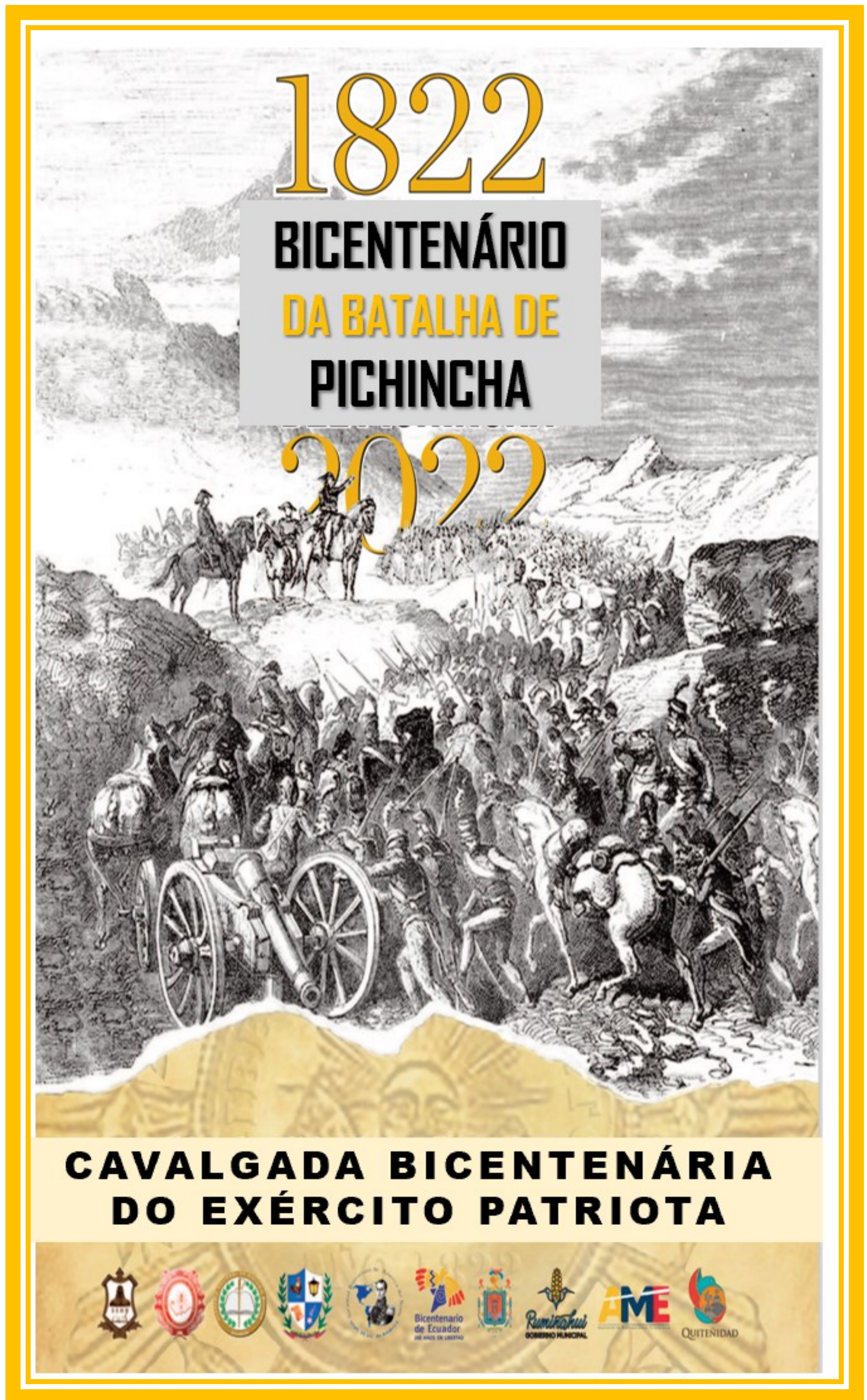
CAMPANHAS LIBERTÁRIAS

"Quiteños! O Deus dos destinos e da justiça, indignados em seus altares, em seus ministros e seus institutos mais sagrados, nos envia para vingar a religião ofendida. A profanação do santuário e a desolação daquele belo país irritaram o Céu, que identifica sua causa com a causa da liberdade, envia em defesa de seus direitos a espada de Bolívar e os bravos de Carabobo.

Quiteños! Não é apenas a independência de sua pátria que é objeto do Exército Libertador; já é a preservação de suas propriedades, de suas vidas; a de nossos pais, a honra da nação, que o levam à vitória. Sacrilégios e tiranos espiarão seus crimes, e a fumaça do nosso sangue será o sacrifício que apresentamos a vocês por sua felicidade."



ANTONIO JOSÉ DE SUCRE, PROCLAMAÇÃO DE QUITO, GUAYAQUIL 20 DE MARÇO DE 1822



1822

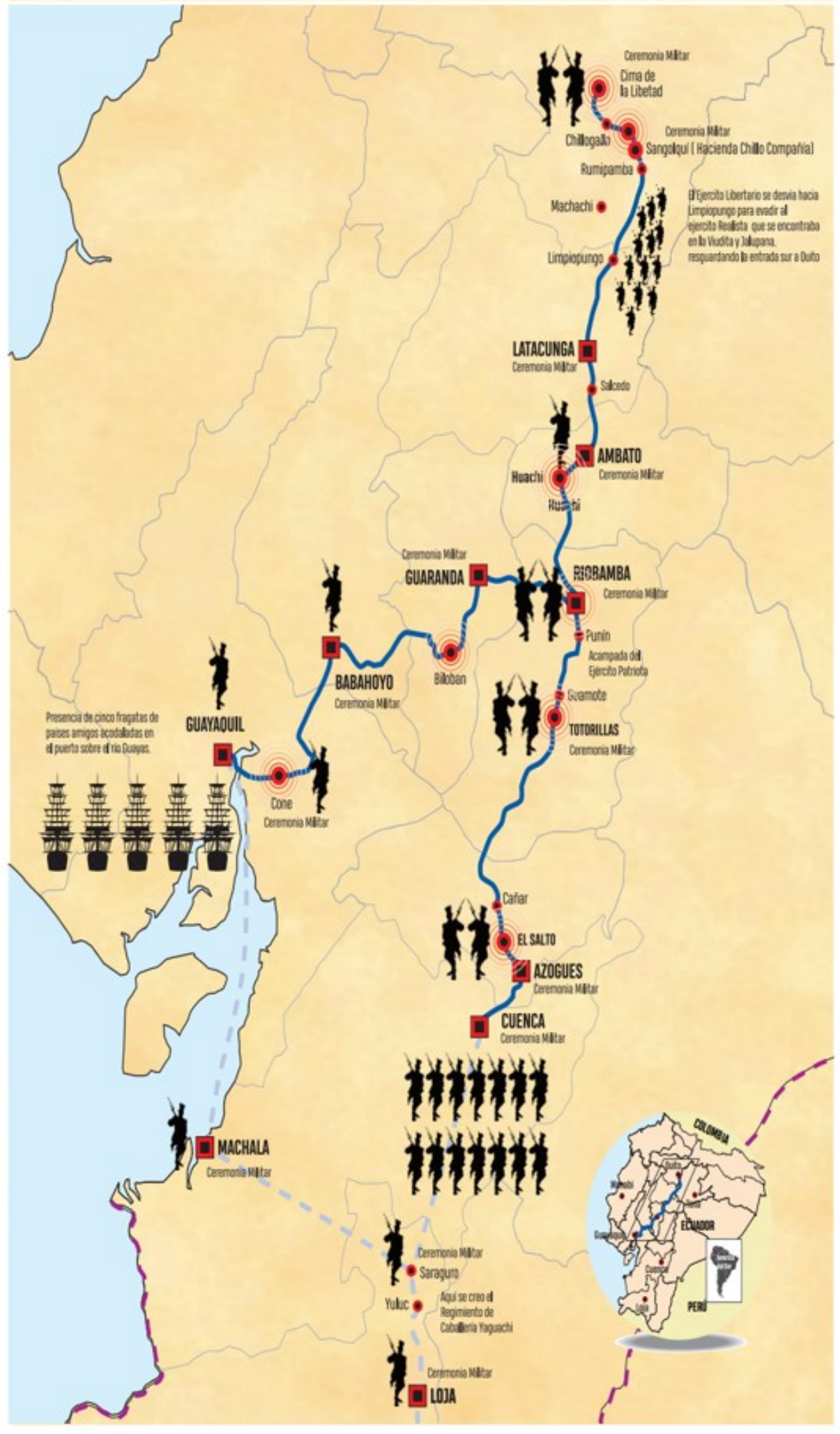
BICENTENÁRIO DA BATALHA DE PICHINCHA

2022

CAVALGADA BICENTENÁRIA DO EXÉRCITO PATRIOTA



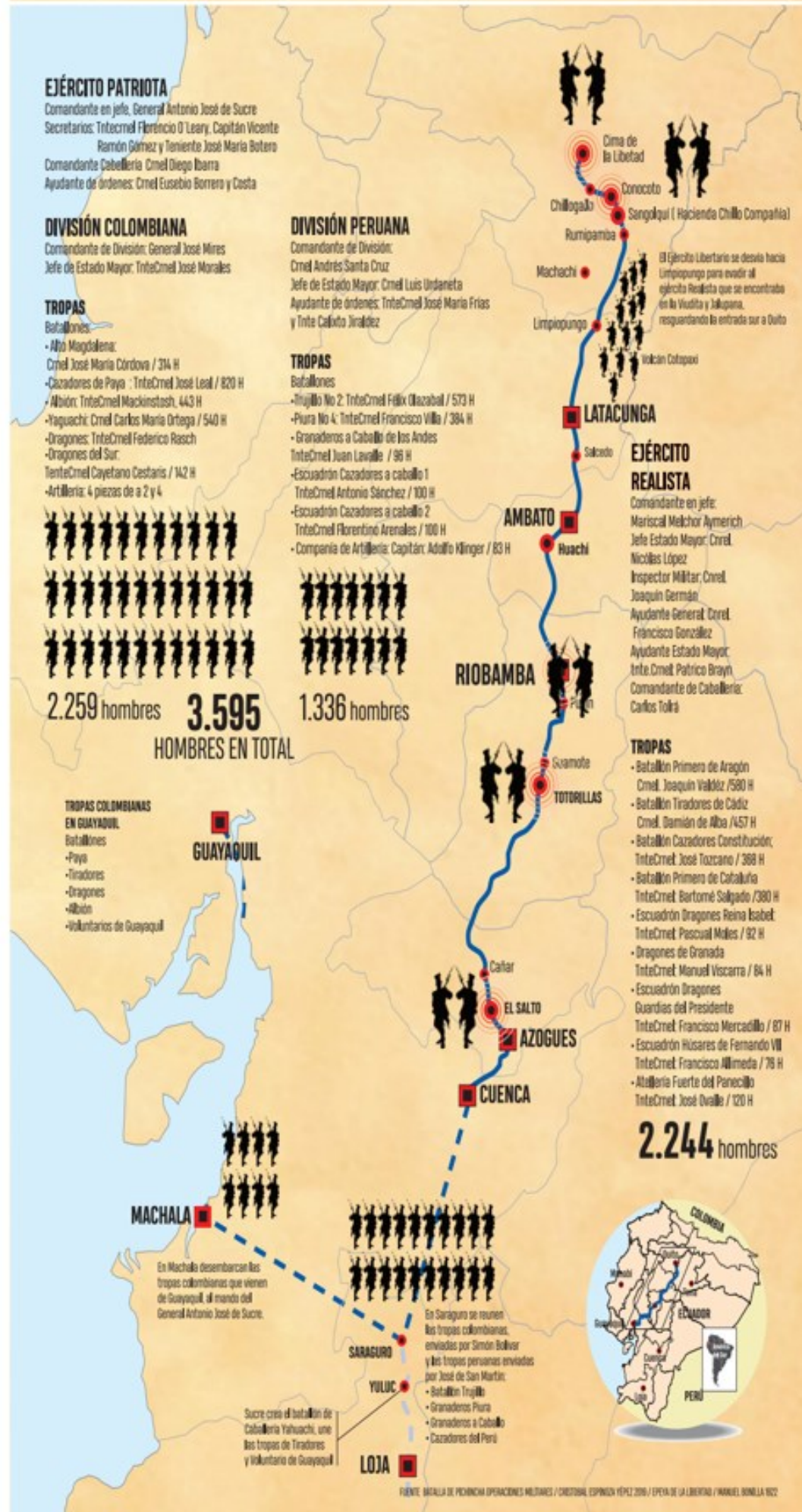
ROTA DA CAVALGADA DO EXÉRCITO PATRIOTA 5 A 24 DE MAIO DE 2022



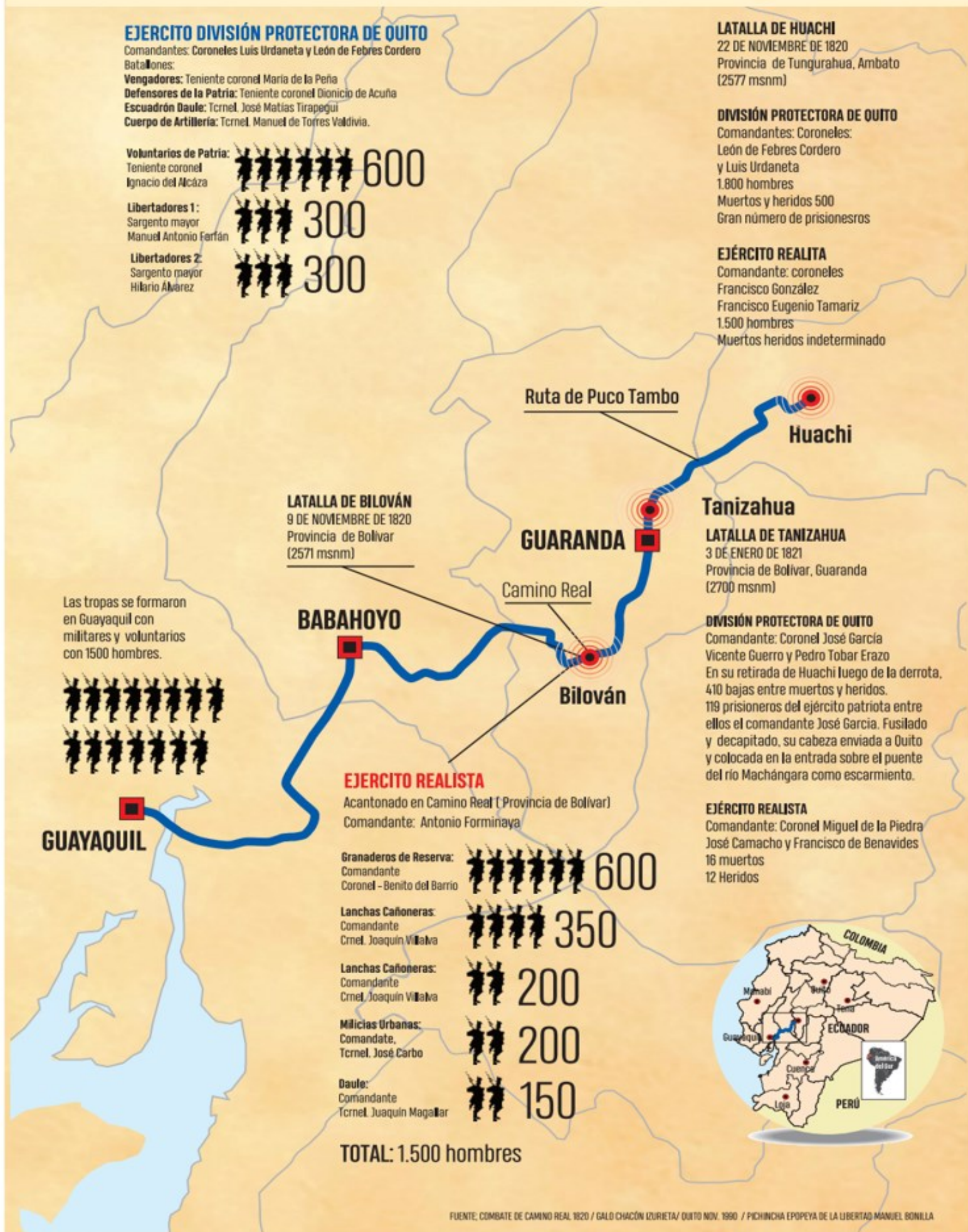
ROTA DA PRIMEIRA CAMPANHA DE ANTONIO JOSÉ DE SUCRE 9 DE OUTUBRO DE 1821



ROTA DA SEGUNDA CAMPANHA DE ANTONIO JOSÉ DE SUCRE PARTE DO GENERAL SUCRE GUERRA DE 25 DE MAIO DE 1822



CAMPANHA MILITAR DO DIVISÃO DE PROTEÇÃO DE QUITO 9 DE OUTUBRO DE 1820



BICENTENARY
 BATTLE OF PICHINCHA
 1822 2022



Recreação do do Exército

Metros sobre nivel de mar

4 msnm

15 msnm

8 msnm

2571 msnm

2571 msnm

2560 msnm

2518msnm

Programação do Desfile de 5 a 24 de maio de 2022

Local	Programação
JUEVES 5	Ceremonia cívico militar en Hemiciclo Bolívar y San Martín. SALIDA Cabalgata hacia Parque Centenario, Puente Unidad Nacional y estación del tren Durán.
VIERNES 6	Cabalgata a obelisco Cone. Ceremonia cívico militar, en honor a la batalla de Cone
SÁBADO 7	Cabalgata hacia el parque 24 de Mayo Ceremonia cívico militar, salida por malecón 9 de Octubre.
DOMINGO 8	Noche cultural, acampada del Ejército Patriota.
LUNES 9	Cabalgata al monumento de Camino Real Ceremonia cívico militar.
MARTES 10	Cabalgata al Parque Simón Bolívar Ceremonia cívico militar por batalla de Tanizahua.
MARTES 7	Cabalgata al Parque Abdón Calderón Ceremonia cívica militar.





Granadero del Ejército Patriota 1822



Oficial del Batallón Alto Magdalena 1822



Gran Gala Fernando VII 1822



Uniforme del Cuartel Aragón 1822

Membros do De

delegados militares de país
 de cavalaria, associações
 militar e prefeitos locais.



CRÉDITOS

Coordinadores:

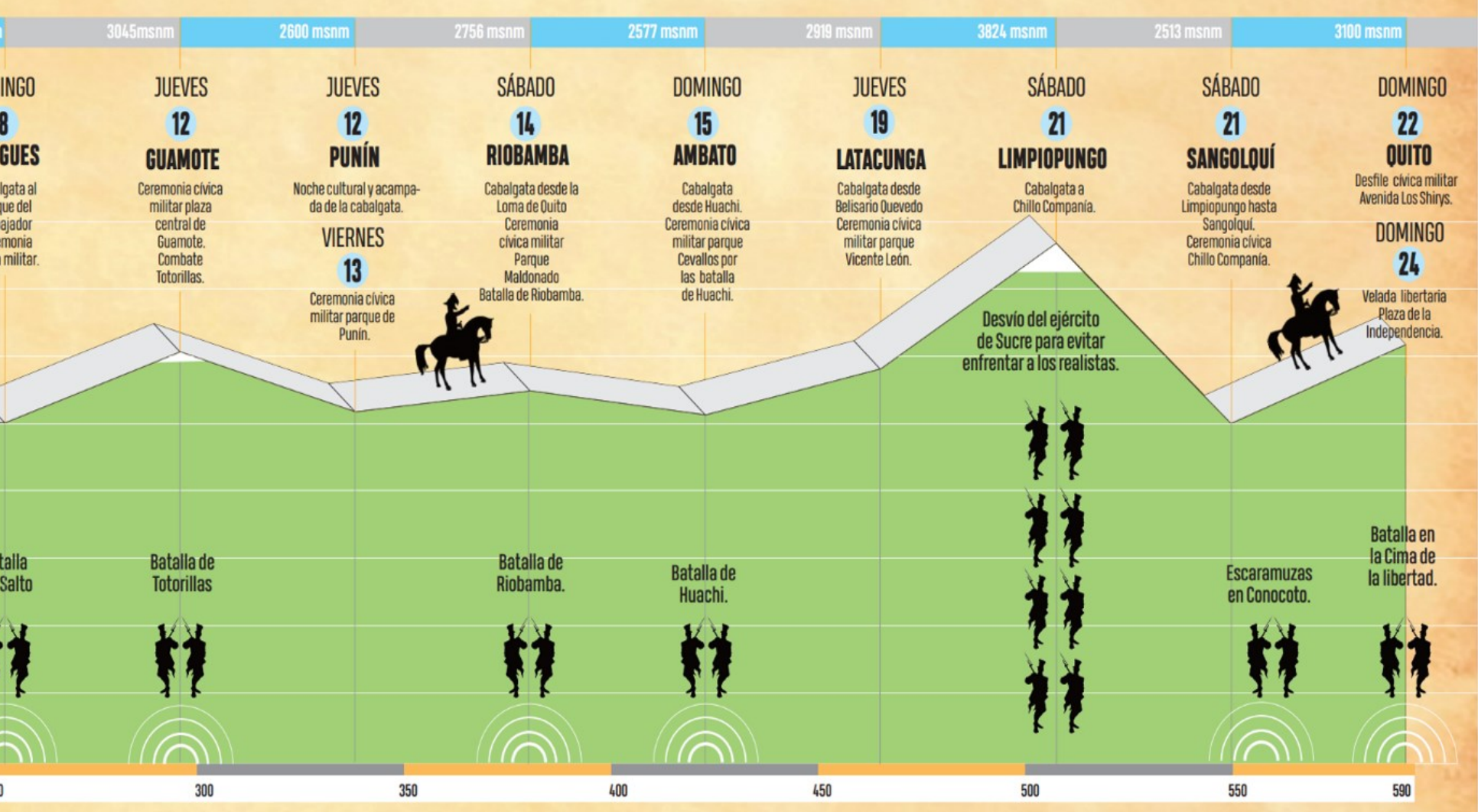
Coordinador General de las academias de historia:
 Doctor Luis Cevallos Mejía

Ejército Nacional: General Danilo Gachet Páez
 Ministerio de Defensa: General (sp) Gustavo Cabrera
 Comando Conjunto de las Fuerzas Armadas:
 Coronel Cristóbal Espinoza
 EMP Turismo de Guayaquil: Gloria Gallardo Zavala
 Academia Nacional de Historia: Doctor Franklin Barriga
 Alcalde de Rumiñahui: Wilfrido Carrera Díaz

Colaboradores:

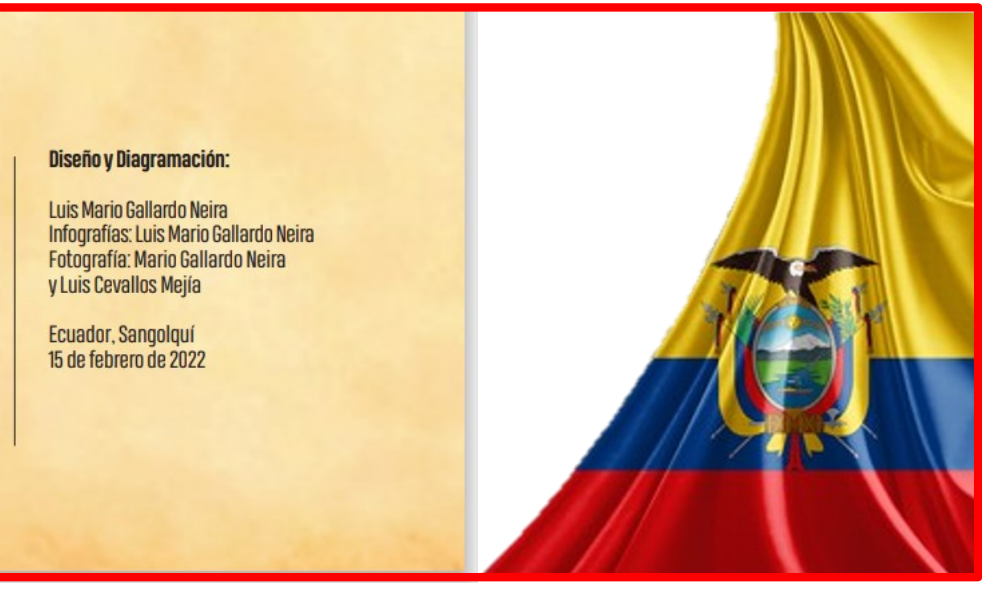
Teniente Coronel Rodrigo Andrade
 Mayor Javier Novoa
 Doctor Javier Gomezjurado Zevallos
 Cnel. (sp) Luis Venegas de la Torre
 Doctor Eduardo Espinosa Mora
 Doctor Ramiro Ávila Pérez
 Oswaldo Calderón Andrade
 Saúl Vinuesa Pérez
 EPAR: Santiago Marcillo Gómez
 Sociedad de Estudios Históricos de Rumiñahui

Desfile Bicentenário Patriota, maio de 2022



Desfile de 2022: Coluna da cavalaria militar, bandas amigáveis, tropas militares de infantaria, delegados de cavalaria de montuvios, chazos, chagras, logística


Diseño y Diagramación:
 Doctor Luis Cevallos Mejía
 Coronel Cristóbal Espinoza Yépez
 Luis Mario Gallardo Neira
 Infografías: Luis Mario Gallardo Neira
 Ecuador, Sangolquí 14 de febrero de 2022



Diseño y Diagramación:
 Luis Mario Gallardo Neira
 Infografías: Luis Mario Gallardo Neira
 Fotografía: Mario Gallardo Neira y Luis Cevallos Mejía
 Ecuador, Sangolquí
 15 de febrero de 2022



Grad. (S.P.) Patricio Lloret Orellana
Academia Nacional de História
Militar do Equador

O Relatório de Guerra do Batalha de Pichincha

*"Sucre era um
trabalhador incansável,
ele passava as noites
escrevendo
incansavelmente, ele
mesmo, de seu próprio
punho, para as
autoridades locais,
padres, etc., e sua
atividade e trabalho nos
admirava."*

Francisco Burdet O'Connor.³

INTRODUÇÃO

José Luis Bastardo, historiador e diplomata venezuelano, preside a elaboração de um livro sobre o General

Sucre, cujo título "Antonio José de Sucre: De mi Propia Mano" foi publicado pela Fundação Biblioteca Ayacucho em 1981. Seu conteúdo é baseado na seleção de 225 textos, feitos entre cerca de sete mil peças escritas por Antonio José de Sucre, entre eles, a Parte de Guerra da Batalha de Pichincha. Sendo este documento, breve em seu conteúdo, por razões óbvias, gerado pelo condutor da guerra, considero pertinente analisar, resumidamente, os cenários e atores que possibilitou a vitória de "Pichincha", sem esquecer que em sua participação há tropas de diferentes latitudes, que requerem uma tenacidade soberba para que nada seja deixado ao acaso e possa ser alcançado, como de fato foi alcançado, a criação da Gran Colômbia.

A ESTRADA PARA PICHINCHA

Em 12 de setembro de 1821, Huachi foi adverso a Sucre e teve que retornar a Guayaquil deixando 800 mortos de seu exército no campo de batalha, assediado pela esplêndida cavalaria de Aymerich. Apesar da derrota, ele foi bem recebido na cidade. Em 24 de novembro obteve do chefe espanhol Tolrá um armistício por 90 dias; que foi fundamental no planejamento da segunda campanha contra Quito.

Ele deixou Guayaquil em 22 de janeiro de 1822; mas em vez de ir para o norte, suas tropas embarcaram e navegaram para o sul, em direção a Machala, com destino a Loja, a fim de encontrar as forças que o General San Martín enviou de Lima. Saraguro foi o ponto de encontro dos colombianos que mal ultrapassaram mil, com novecentos soldados comandados pelo Coronel Santa Cruz.

Em 20 de fevereiro, ele está nos portões de Cuenca, cidade em que o coronel Carlos Tolrá, um dos oficiais mais opressivos sobre os territórios coloniais, é o Chefe de Operações Espanholas do Sul. Sua estadia em Cuenca é conhecida como o "Ano Terrível". Incapaz de enfrentar o exército unido e mostrando sinais de

pânico, o Coronel Tolrá e seu exército monarquista decidiram deixar Cuenca, rumo ao norte.

Em 21 de fevereiro, o General Sucre chega a Cuenca; é um dia de glória no Calendário Histórico cuencano. A partir daquele dia Cuenca estava livre do jugo colonial; e pela mesma razão, o alvoroço foi imenso; o toque de sinos eos ao vivo trovejou a cidade. O General Tomás de Heres, que veio como parte das forças do sul, é nomeado pelo General Sucre, como o primeiro governador de Cuenca. Na lista de unidades que chegam com Sucre estão o batalhão Paya e o Yaguachi.

Em 11 de abril, momentos antes de sua partida para Quito, o General Sucre convocou um plebiscito para Cuenca decidir de uma vez por todas se ele deveria jurar na Independência ou esperar pelo fim da campanha que a garantiria. Decidido pelo primeiro, este plebiscito está registrado no Ato Solene do Cabildo. Momentos depois, ele escreve seu "Adeus a Cuenca", agradecendo ao povo de Cuenca por tanta aprovação e patriotismo.

No dia 23 deste mês, Sucre está em Riobamba, sua estadia durou até 2 de maio, período em que ele aproveitou para instruir os recém-chegados, equipar o pessoal e aproximar os oficiais de suas tropas. León de Febres Cordero foi nomeado governador. Grandes desvios custaram a Sucre a aproximação a Quito, a fim de evitar um encontro com os monarquistas, conseguindo chegar a Chillogallo, onde passou alguns dias inativo. O objetivo de Sucre era forçar uma batalha sob condições favoráveis a ele. Ele manobrava inteligentemente sempre tentando cortar as comunicações para os realistas. Em 17 de maio, ele emite a seguinte proclamação:

*"Compatriota amado e
Meu amigo:
(...) se eu pudesse salvar esta batalha em
que 800 ou mil americanos morrerão de
ambos os lados, eu o faria com mais prazer
do que dar outro louro à República. Você e
todos os nossos amigos podem fazer este
serviço para a humanidade, e para a
Colômbia."*

³ Francis Burdett O'Connor Bowen, fue un militar anglo-irlandés de destacada participación en las Guerras de

Independencia Suramericanas.

AS UNIDADES PARTICIPANTES EM PICHINCHA

Divisão Colombiana:
Antonio José de Sucre

Batalhão Alto Magdalena

Ele é reorganizado por Sucre quando chega a Latacunga. Ele muda duas empresas para Guaranda para subjugar os rebeldes do corregimento monarquista Víctor Félix de San Miguel. Eles se juntam ao comando de Crnl. José Maria Córdova com um efetivo de 200 homens.

Batalhão Albion

Em 2 de abril de 1821, por ordem de Sucre, ele embarcou em Buenaventura com destino a Guayaquil. Ele estava presente na Batalha de Huachi ocupando a ala esquerda do dispositivo. Em Pichincha ele estava no comando do Tcrn. John Macintosh com um efetivo de 200 homens.

Batalhão de Caçadores de Paya

Ele veio de operar sob as ordens do general Pedro León de Torres, na disputada região de Pasto e Popayán. Ele participa da batalha de Huachi, comandada pelo Tcrn. José Leal.

Batalhão Yaguachi

Antes da partida de Sucre para Cuenca, a união do batalhão de voluntários com 160 homens e a Coluna dos Atiradores com 150 está organizada. Para exaltar essa união, decidiu batizar a unidade com o nome de Yaguachi, em memória da vitoriosa batalha que ocorreu naquela jurisdição. Em 6 de fevereiro, na cidade de Yúlug, o Tcrn. Carlos M. Ortega, de origem venezuelana e monarquista do batalhão Numancia, assumiu o comando da unidade, da qual se separou e pediu para ser aceito nas fileiras da independência. Abdón Calderón fazia parte desta unidade. No comando estava Crnl. Morales.

Esquadrão dragão

A unidade é comandada pelo Tcrn. Gaetano Cestari, com efetivo de 90 homens.

Batalhão Lanceros

Seu dinheiro era de 100 homens e ele estava no comando da Tcrn. Friedrich.

Divisão Auxiliar do Sul
Andrés de Santa Cruz

Batalhão Trujillo

Composto por 125 homens sob o comando do Comandante Félix Olezabal.

Batalhão Piura

Unidade composta quase inteiramente de recrutas. Ele participou com 454 soldados sob o comando de Crnl. Antonio Sánchez.

Grenadiers em Horseback Battalion

Era composto por indígenas de Cuzco que mal falavam e entendiam espanhol. Ele participou com 124 combatentes.

Esquadrão De Caçadores do Peru

Com 125 soldados.

Exército Realista
Marechal Aymerich

Batalhão Aragon

Unidade mista de peninsulares e americanos antes de deixar Santa Fé para Quito. Ele vinha defendendo a região de Boyacá, após sua participação na batalha de mesmo nome. Ele também lutou em Bomboná. Ele estava sob o comando de Crnl. Joaquín Valdez, com 580 combatentes. Sabendo do pronunciamento de Guayaquil, Aymerich organiza seu avanço para Quito.

Batalhão de Caçadores da Constituição

Era composto por 368 combatentes naturais da região, sob o comando do Crnl. José Toscano. Ele participou em Yaguachi, teve muitas baixas, e foi reorganizado para lutar em Pichincha.

Batalhão de Atiradores de Cádiz

Quase todos os seus membros eram europeus. Ele foi guarnecido no Panamá com o batalhão da Catalunha quando recebeu a ordem de se mudar para Quito sob o comando de Crnl. Damián Alba com 487 combatentes. O historiador Albi de la Cuesta, em seu livro Bandeiras Esquecidas, afirma que a Catalunha foi listada como uma unidade de reserva em Pichincha. É considerado pelo autor como aquele com melhor participação na batalha.

Dragões da Rainha Elizabeth

Com 92 lutadores

Esquadrão Husares de
Fernando VII

Durante todo o período, a Espanha enviou apenas dois regimentos

completos; um deles, este regimento. Em Pichincha ele estava com 76 tropas.

Dragões de Granada

Com 84 tropas

Artilharia da Montanha

Sob o comando de Crnl. José Ovalle com 120 soldados. Não foi usado em batalha.

DURANTE A BATALHA

Alguns avançam, outros recuam; o batalhão peruano de Piura, liderado pelo coronel argentino Villa, é derrotado; o batalhão peruano Trujillo, não sendo ajudado pelos Piura, também é dissolvido. Mas o corpo colombiano Paya, com o Yaguachi, baioneta, restaura a primazia republicana. Lavallo, um dos bravos atacantes na batalha de Riobamba, havia recuado com os Caçadores e Granadeiros; retirada que nunca poderia ser justificada antes da história. Entre os mais corajosos da luta, o portador padrão dos Yaguachi, o jovem Abdón Calderón que, apesar de seus ferimentos, se recusa a deixar o campo de batalha.

PARTE DA GUERRA DA BATALHA DE PICHINCHA EMITIDA PELO GENERAL SUCRE

"Ao Ministro da Guerra: Após a pequena vitória de nossos Grenadiers e Dragões sobre toda a cavalaria inimiga em Riobamba, nada em particular tinha acontecido. O corpo de divisão se moveu no dia 28, e chegou em Tacunga no dia 2. Os espanhóis estavam localizados na vila de Machachi, e cobriam as passagens inacessíveis de Jalupana e La Viudita. Era necessário desculpá-los marchando em seu flanco esquerdo, e movendo-se no dia 13, chegamos no dia 17 ao "Valle de los Chillos" (quatro léguas da capital), tendo dormido e passado o sorvete de Cotopaxi. O inimigo foi capaz de penetrar em nossa operação, e ocupou Quito no mesmo dia 16 à noite. A colina de Puengasi que divide ao "Valle de los Chillos" desta cidade é de difícil acesso: mas fomos capazes de contornar os postes do inimigo e passá-lo no dia 20. No dia 21 descemos à planície de Turubamba (que é o Ejido da capital), e

apresentamos uma batalha que acreditamos que os espanhóis aceitariam para a vantagem do terreno a seu favor; mas ocuparam posições impenetráveis, e depois de algumas manobras foi necessário colocar a divisão na cidade de Chillogallo, uma milha distante do inimigo. Nos dias 22 e 23 nós os provocamos de volta ao combate, e desesperados para alcançá-lo, decidimos marchar à noite para nos colocarmos no Ejido do Norte da cidade, que é um terreno melhor, e isso nos colocou entre Quito e Pasto, ultrapassando, para esse fim, o Sr. Coronel Córdova com duas companhias do batalhão **Magdalena**. Uma estrada áspera nos atrasou muito; mas às oito horas da manhã do dia 24 chegamos às alturas da Pichincha, que dominam Quito, deixando muito para trás nosso parque, coberto com o **batalhão Albion**. Enquanto as tropas descansavam, a companhia de Cazadores de **Paya** foi designada para reconhecer as avenidas: seguida pelo batalhão **Trujillo** (do Peru) liderado pelo Coronel Santa Cruz, Comandante Geral da divisão peruana.

Às nove e meia, ele deu a empresa de Cazadores com toda a divisão espanhola que marchou em nosso direito à posição que tínhamos; e quebrou o fogo foi sustentado, preservando munição; mas, em algumas ocasiões, o batalhão **Trujillo** chegou e se envolveu em combate: imediatamente as duas companhias de **Yaguachi** reforçaram este batalhão liderado pelo Sr. Coronel Morales pessoalmente. O resto de nossa infantaria, sob as ordens do Sr. General Mires, seguiu o movimento, exceto pelas duas companhias da **Magdalena**, com as quais o Sr. Coronel Córdova marchou para ficar nas costas do inimigo; mas encontrando obstáculos invencíveis, ele teve que se virar. O batalhão pode ter sido formado, mas uma vez que os cartuchos desses dois corpos foram consumidos, seu comportamento brilhante teve que ser retirado.

O inimigo, portanto, foi um pouco mais longe; e como o terreno mal permitia que mais de um batalhão entrasse no combate, **Paya** foi ordenado a marchar pela baioneta e executou-o com uma verve que fez o inimigo perder, no local, a vantagem que ele havia obtido;

e cometeu novamente o fogo, as capins do terreno permitiram que os espanhóis ainda se sustentassem. O inimigo destacou três empresas de **Aragão**, para nos vacilar à esquerda; e a favor da espessura da floresta ele conseguiu já estar no topo, quando as empresas de **Albion** chegaram, que haviam ficado para trás com o parque e entrando com o bizarro que sempre distinguiu este corpo, ele colocou em plena derrota as de **Aragão**. Enquanto isso, o Coronel Córdova foi condenado a dispensar **Paya** com as duas empresas de **Magdalena**; e este chefe, cujo destemor é bem conhecido, acusado de admirável ousadia; e desordenando o inimigo e derrotando-o, a vitória coroou, às doze horas, os soldados da liberdade. Reforçou este chefe com os Caçadores de **Paya**, com uma companhia de **Yaguachi** e com os três de **Albion**, ele perseguiu os espanhóis, entrando na capital, e forçando seus restos mortais a serem trancados no forte do Panecillo.

Aproveitando-me deste momento, pensei em salvar o sangue que nos custaria a apreensão do forte e a defesa que a cidade ainda permitia, e eu verbalmente intimei o General Aymerich através do Edecán O'Leary, para se render; e enquanto eu parti com os corpos e me coloquei nos subúrbios, atribuindo antes ao Sr. Coronel Ibarra (que tinha acompanhado a infantaria em combate) para ir com nossa cavalaria para perseguir a do inimigo que observou estava indo para Pasto. O General Aymerich ofereceu-se para se render para uma capitulação, que foi acordada e ratificada no dia seguinte, nos termos que você verá V.S. na cópia que eu tenho a honra de submeter à aprovação do H.E.

Os resultados do dia de Pichincha foram a ocupação desta cidade e seus fortes no dia 25 da tarde, a posição e tranquilidade de todo o Departamento, e a tomada de 1.100 prisioneiros de tropas, 160 oficiais, 14 peças de artilharia, 1.700 rifles, aparadores de rifles, cornetas, bandeiras, caixas de guerra e quantos elementos de guerra o exército espanhol possuía.

400 cadáveres inimigos e 200 nossos regaram o campo de batalha com seu sangue, além disso temos 190 feridos

dos espanhóis e 140 nossos. Entre os primeiros, contamos o Tenente Molina e o Segundo Tenente Mendoza; e entre os segundos para os capitães Cabal, Castro e Alzura; e os tenentes Calderón e Ramírez, e os segundo-tenentes Borrero e Arango.

Todos os corpos cumpriram seu dever: chefes, oficiais e tropas disputaram a glória do triunfo. O Boletim a ser dado pelo Estado-Maior recomendará aos chefes e subordinados que se distinguem; e cumprirei o dever de trazê-los para a consideração do Governo; enquanto faço uma memória particular da conduta do Tenente Calderón, que, tendo recebido quatro feridas sucessivamente, não queria se retirar do combate. Ele provavelmente vai morrer; mas o Governo da República saberá como compensar a família pelos serviços deste heroico Oficial.

A cavalaria espanhola é dispersa e perseguida pelo corpo do Comandante Cestaris, que anteriormente havia interposto entre Quito e Pasto. No dia 26, os comissários de ambos os governos partiram para intimar a rendição a Pasto, que acredito que será realizada pela Libertadora: outros oficiais marcham por Esmeraldas e Barbacoas: para que, em breve, descanse e a paz sejam os primeiros bens que esses países desfrutarão, depois que a República lhes der Independência e Liberdade.

A Divisão Sul dedicou seus troféus e louros ao Libertador da Colômbia.

Bibliografia:

- Antonio José de Sucre. De mi propia mano. Fundación Biblioteca Ayacucho, 1981. Colección Clásica No 90.
- Alfonso Rumazo. Antonio José de Sucre. Gran Mariscal de Ayacucho
- César Alarcón Costa. Combates y Protagonistas.
- Albi de la Cuesta. Banderas Olvidadas
- Galo Chacón: Campaña libertadora 1822.
- I Toro Ruiz: Batallones ecuatorianos en la Independencia

INICIO

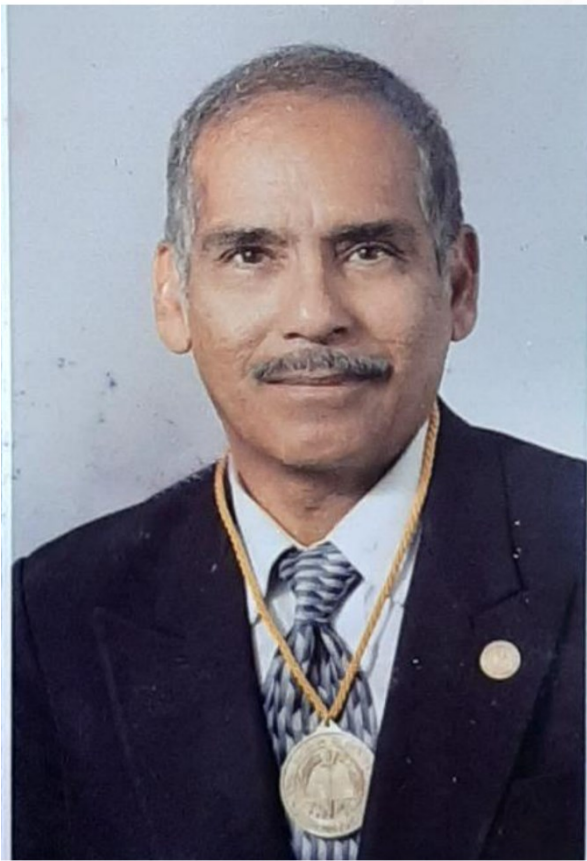


"Os dois gênios da nossa Independência sabiam como se entender e amar um ao outro. Sucre reverenciou Bolívar e o obedeceu como pai. Por outro lado, Bolívar com louvor que aplaudiu toda essa geração, não se cansou de exaltar seu filho, para a melhor cabeça organizada da Colômbia, o melhor general da República e o primeiro estadista, corajoso entre os corajosos, leais entre os leais, amigos das leis, apoiadores da ordem, cavaleiro em tudo..."

Le Gohuir

OS AFETOS DO LIBERTADOR SIMÓN BOLÍVAR PARA SUCRE

**OS AFETOS DO LIBERTADOR
SIMÓN BOLÍVAR AO SEU
MELHOR SOLDADO, GENERAL
ANTONIO JOSÉ DE SUCRE**



**Tern. (S.P.) Edison Macías Núñez
ACADEMIA NACIONAL DE HISTÓRIA
MILITAR DO EQUADOR**

O Libertador Simón Bolívar, durante sua longa e gloriosa estadia nas lutas pela independência, teria conhecido e tratado inúmeros chefes e oficiais de diferentes níveis profissionais e condições humanas. Esse conhecimento pessoal dos militares que ele tratou pode ter lhe dado satisfação, mas também frustrações inesperadas.

Um dos jovens oficiais a quem mais conhecia, dedicou sua simpatia e até admirava foi o General Antonio José de Sucre, pois suas variadas qualidades como homem e soldado mereciam ter esse privilégio. Mas não só um militar inteligente e sério como Bolívar tinha um conceito edificante do jovem general Cuman, assim como um intelectual excepcional como Juan Montalvo que escreveu: **"O mais corajoso, mais hábil, mais generoso, mais humano general; o governante mais solícito na promoção do bem de seus governados, o cidadão mais submisso às leis..."** ¹

Mas Bolívar não só demonstrou um afeto paterno ao General Sucre, mas também depositou toda a sua confiança em confiar-lhe as missões mais delicadas e difíceis de cumprir.

A este respeito, Le Gohuir escreve: **"Os dois gênios da nossa Independência sabiam como se entender e amar um ao outro. Sucre reverenciou Bolívar e o obedeceu como pai. Por outro lado, Bolívar com louvor que aplaudiu toda essa geração, não se cansou de exaltar seu filho, para o chefe**

mais bem organizado da Colômbia, o melhor general da República e o primeiro estadista, corajoso entre os corajosos, leais entre os leais, amigos das leis, apoiadores da ordem, cavaleiro em tudo."

Bolívar já tinha certeza de simpatizar e conhecer o General Sucre profundamente e até mesmo para prever seu futuro, quando em uma ocasião, seu assessor Florencio O'Leary, ao ver Sucre pela primeira vez, pergunta-lhe quem é aquele cavaleiro ruim que está se aproximando:

"Ele é", responde o Libertador, "um dos melhores oficiais do exército. Curiosamente, ele não é conhecido ou suas habilidades são suspeitas. Estou determinado a trazê-lo à luz, convencido de que um dia ele vai rivalizar comigo." ^{algarismo}

Precisamente, por sua afeição, confiança e por manter a palavra, o Libertador confiou a Sucre a primeira missão difícil que envolveu a solução de um grave problema de natureza diplomática e militar, certamente desta forma ele encorajará seu jovem general a "sacar à luz, convencido de que um dia ele irá rivalizar com ele".

De fato, assim que Guayaquil alcançou sua independência, a visão integracionista de Bolívar o fez conceber a ideia de anexá-la à Colômbia, mas primeiro oferecendo-lhe o apoio militar para garantir sua emancipação. Para isso, segundo o coronel Alfonso Littuma, ele enviou o General Mires "para ganhar tempo no campo diplomático, enquanto o movimento marítimo e terrestre das tropas comandadas pelo General Sucre foi realizado".

O próprio Coronel Littuma considera que para cumprir a missão militar o Libertador poderia ter nomeado o General Mires por causa da amizade existente, "porque ele era um soldado inteligente e corajoso a serviço da causa da independência a que tinha aderido apesar de ser espanhol, mas o General Sucre foi nomeado, assim que soube que a Junta do Governo de Guayaquil havia aceitado a ajuda militar da Colômbia, deixando Mires subordinado a Sucre". ³

Depois de organizar o batalhão Santander na cidade de Cali, preparando e equipando pessoal e logística com recursos escassos, ele deixou Buenaventura para Guayaquil. Depois de uma viagem dolorosa, afetada por doenças, falta de água e alimentos, ele chegou ao seu destino.

Em Guayaquil, soube que os esforços diplomáticos do General Mires não tinham sido satisfatórios, embora em 12 de abril de 1821 tenha conseguido assinar com a Junta governamental de Guayaquil um acordo de cooperação e ajuda recíproca; Em seguida, o General Sucre decidiu concluir este documento e o obteve com a assinatura, em 15 de maio, de outro Acordo, mas embora não

especifique a anexação de Guayaquil à Colômbia, declara "a província sob os auspícios e a proteção da República da Colômbia; em conformidade com a concessão de toda a sua competência à H.E. a Libertadora para prover sua defesa e apoio à sua independência..."

Endossado neste documento, o General Sucre colocou-se à frente do exército patriota que tinha a missão de libertar Quito, e que, depois de longos, dolorosos e trabalhosos, alcançou seu propósito em 24 de maio de 1822, após a batalha de Pichincha.

Esta ação vitoriosa de armas permitiu retribuir a confiança e o afeto ao seu amigo e protetor, o Libertador Bolívar, pois com o triunfo de Pichincha os simpatizantes do rei Fernando VII da Espanha que viviam em Pasto e suas populações vizinhas foram declarados derrotados, e que se abrigaram em posições defensivas nas íngremes margens do rio Juanambú, eles impediram a passagem para o sul das tropas patriotas.

Com o triunfo de Pichincha, Bolívar vai a Quito, entra na cidade em 15 de junho de 1822, lá recebe as honras e gratidão do povo de Quito e conhece uma linda mulher, Manuela Sáenz, que seria sua companheira sentimental durante diferentes episódios de sua vida.

De Quito ele foi para Guayaquil, para garantir sua anexação à Colômbia, considerando que o General San Martín também chegaria à Pérola do Pacífico com intenções que não coincidiram ou aceitaram.

Uma nova insurreição dos Pashtuns comandada pelo coronel Agustín Agualongo fez Bolívar pessoalmente, partindo de Guayaquil, comandar pessoalmente a campanha que culminou vitoriosa com a Batalha de Ibarra ou Tahuando, em 17 de julho de 1823.

Mais tarde, uma nova campanha estava chegando, e novamente os dois amigos gerais e companheiros de luta, voltaram a fazer protagonistas de novas vitórias nos campos de batalha. Na verdade, Bolívar teve que iniciar a campanha para libertar o Peru, mas para isso teve que ter a autorização do Congresso da Colômbia, mas como a autorização levou tempo para recebê-lo, ele escolheu Sucre – quando não – para ir em frente; nomeou-o, para este fim, "extraordinário embaixador do Governo de Lima e confiou-lhe o comando das tropas colombianas estacionadas em solo peruano; partiu de Guayaquil em 15 de abril de 1823." ⁴

Apenas "em agosto o Congresso de Bogotá autorizou Bolívar a assumir o comando em Lima, então no dia 6 do mesmo mês ele foi para o mar para o seu destino". ⁵

Mas primeiro, o Libertador Bolívar escreveu a Sucre: **"Peço-lhe, meu caro general, que me ajude com todo o seu poder para realizar**

este plano. Se isso não acontecer, eu não vou ter ninguém que possa me ajudar espiritualmente.⁶

Em 2 de agosto, Bolívar, antes da Batalha de Junín, revisou suas tropas, dirigindo-se a eles um discurso vibrante que terminou nestes termos: "Soldados, Peru e América todos esperam paz de vocês, paz, filha da vitória ... para a liberdade do Novo Mundo é a esperança do universo."

Em 6 de agosto, ocorreu o confronto final das tropas de Bolívar com as tropas espanholas comandadas pelo General Canterac. Foi um violento confronto de cavalaria, pode-se lembrar da batalha de Tapi ou Riobamba em 21 de abril de 1822, onde sabres e lanças eram os únicos instrumentos de combate. "Nenhum tiro foi disparado", admitiu Bolívar mais tarde.

Mas a campanha libertadora teve que continuar, no entanto, a Libertadores, por questões urgentes que teve que resolver em Lima, teve que deixar a campanha inacabada, confiando a difícil missão ao seu general favorito. Com uma comunicação por escrito, ele lhe deu todas as prerrogativas para concluir as operações já iniciadas: **"Caro General, você está autorizado a fazer o que quiser; e essa autorização não recebe nem modificação nem restrição."**⁷

9 de dezembro de 1824 foi a data histórica da libertação do Peru, após o fim da Batalha de Ayacucho. Quando Bolívar ouviu a feliz notícia, ele explodiu de alegria, elogiou seu pupilo, amigo e companheiro de tantos dias de armas e o chamou de Marechal de Ayacucho; da mesma forma, o Congresso peruano confirmou um título tão privilegiado.

Pouco tempo depois, o novo Marechal se aventurou na vida política, ele foi presidente da Bolívia, como seu chefe e protetor que teve que se dedicar a resolver problemas de ingovernabilidade e tentativas de insubordinação.

Sucre queria dar à sua vida uma sensação de privacidade caseira, então dois dias depois de sofrer um atentado contra sua vida em Chuquisaca, ele se casou por procuração com Mariana de Solanda y Carcelén, em 20 de abril de 1828, então ele escreveu: "Você quase se casa com um homem morto".

Quando Sucre participou desse casamento com seu chefe e amigo, ele se emocionou e parabenizou escrevendo entre outras coisas: **"Que o céu seja feliz nos braços de sua nova Penélope"**; ele se referia a Mariana, sua esposa.

A tranquilidade da vida doméstica não durou muito tempo; como havia ameaças de guerra do sul. Em 1º de junho de 1828, o general

Arturo Sandes disse ao general Flores, comandante do exército do chamado Departamento do Sul da Colômbia (atual Equador), "parece que os peruanos querem atacar a integridade da Colômbia".

O General Flores também previu essa possibilidade, por isso dedicou-se à organização, treinamento e equipamento das tropas que tinha sob seu comando, pois tinha certeza de que as comandaria se futuras operações contra as forças peruanas do presidente José Domingo La Mar fossem iniciadas. Mas não. Em 28 de outubro de 1828, o Libertador culpou a campanha por seu general favorito: "Eu me divirto com u. (Sucre) um extraordinário que é o Dr. Merino, a fim de levar essas folhas para a ONU. eles contêm a nomeação de Chefe absoluto do Sul. Todos os meus bons e maus poderes eu delego à U., faço guerra, faço a paz com os EUA; salvar ou perder o Sul, U. é o árbitro de seu destino, na U. Eu confiei todas as minhas esperanças."⁸

A confiança que Bolívar tinha em Sucre foi totalmente merecida: o general Cuman era um militar experiente e um grande estrategista. Sobre a campanha que lideraria no sul, ele foi muito claro sobre sua concepção estratégica, e deixou claro para o General Flores: "Acho que os EUA devem concentrar suas forças em Cuenca deixando Guayaquil ... A perda de Guayaquil, se uma forte divisão peruana aterrissa lá, parecer insignificante para mim em troca de destruir os 4.000 peruanos que se apresentaram em Loja."⁹

Em 27 de fevereiro de 1829, o exército colombiano, comandado pelo General Sucre e pelo exército peruano do presidente La Mar, entrou em confronto no Portete de Tarqui, com a vitória de Mariscal de Ayacucho.

Quando o general vitorioso estava novamente em Quito, ele dedicou-se aos cuidados de sua esposa que estava prestes a ter seu primeiro filho.

Na véspera de dar à luz a nova mãe, Bolívar deu o nome de homem ao primogênito de seu amado general. **"Mas ele falhou em suas previsões: o neto era uma neta e outro era o compadre dos mais fiéis de seus companheiros de armas."**¹⁰

Quando Bolívar apresentou a "reclamação carinhosa" sobre o compadrazgo fracassado, Sucre respondeu: "No dia do Tarqui eu disse a Flores que eu não tinha uma roupa da melhor amizade e afeto para lhe dar, para torná-lo um compadre e para a verdade de que acredito que era o melhor" Ele então confirma seu profundo afeto: **"Acredito que minha carreira e minha vida são marcadas pelos testemunhos do afeto mais sincero por U. e duvido muito se amei meu próprio pai mais do que U."**

Em 28 de junho de 1829, Bolívar respondeu: **"Agradeço a U. por suas desculpas vitoriosas à minha queixa de compadrazgo,**

e, acima de tudo, por seus conselhos e reflexões preciosas que são infinitamente apreciáveis para mim."

Para o mês de janeiro de 1830, foi planejada a instalação de um Congresso Constituinte em Bogotá; havia sido convocado pela Libertadores para analisar um projeto de Constituição. O General Sucre foi nomeado representante do Congresso pela província de Cumaná, seu local de nascimento. Nestas condições, juntou-se ao chamado Congresso Admirável, foi eleito presidente e foi empossado por Bolívar.

Infelizmente, os congressistas souberam da decisão da capitania da Venezuela de se tornar uma nação independente. Sucre presidiu uma comissão para tentar fazer com que o General Páez se desistisse de tal propósito desintegracionista, mas nenhum acordo favorável foi alcançado.

Com a autorização do Congresso, o General Sucre retornou a Quito via Popayán - Pasto. Durante a viagem, no setor de Berruecos, ele foi emboscado e morto, em 4 de junho de 1830.

Ao saber deste trágico evento, Bolívar estava cheio de imensa tristeza e dedicou os melhores comentários e memórias ao seu amado general e disse:

"Como soldado, você foi a vitória; como magistrado, a justiça; como cidadão, patriotismo; como vitorioso, clemência; como amigo, lealdade. Pela glória você já tem tudo: o que lhe falta, só cabe a Deus dar."

REFERÊNCIAS:

- 1 Le Gohuir, José María: Historia de la República del Ecuador, Colección Grupo Aymes, Impresión Multimedia, Quito, Ecuador.
- 2 O' Leary, Daniel Florencio: Memorias, Vol., II, Caracas 1952.
- 3 Littuma Arizaga, Alfonso: Presencia del general Antonio José de Sucre gran mariscal de Ayacucho en los territorios de la Real Audiencia de Quito, Quito, Ecuador, 1981.
- 4 Masur, Gerhard; Simón Bolívar, Biografías Ganesa, México, D.F., 1992
- 5 O' Leary, Daniel Florencio, obra citada.
- 6 Masur, Gerhard, obra citada.
- 7 Rumazo González, Alfonso: Sucre, Gran Mariscal de Ayacucho, Graficart Cía. Ltda. Quito, Ecuador.
- 8 Chiriboga, Ángel Isaac: Tarqui documentado, Guerra de 1828, 1829, Biblioteca militar ecuatoriana, Vol. 23, Quito, Ecuador, 1960.
- 9 Macías Núñez, Edison: Historia General del Ejército, tomo 2, El Ejército en las guerras de la Independencia, Producción Gráfica, Quito, Ecuador, 2007.
- 10 Grisanti, Ángel: El Gran Mariscal de Ayacucho y su esposa la marquesa de Solanda, Imprenta Nacional, Caracas, 1955.

DISCURSO DO GENERAL DE DIVISÃO, LEOPOLDO A. MANTILLA A., POR OCASIÃO DA ENTREGA DOS BAÚS CONTENDO TERRA DE PICHINCHA E TAPI, AO REGIMENTO DE GRANADEIROS A CAVALO "GENERAL SAN MARTIN".



Grad. (+) Leopoldo Mantilla Ante Patrono da ASOCID-Ecuador

Quando a chama da luta libertária hispano-americana já tinha se coberto de norte a sul e de leste a oeste o território da América do Sul, quando todos os povos foram inflamados pelo espírito de guerra e não pouparam sacrifícios para quebrar as correntes que ainda os subseciam ao jugo da servidão, quando os dois grandes Libertadores tinham conseguido quase destruir as forças monarquistas que heroicamente e teimosamente procuravam manter as colônias sob o domínio de sua Coroa; -ocorre precisamente nas terras do Equador, um dos eventos mais significativos da nossa história libertária.

As duas Grandes Colunas. Testamentos dos dois Grandes Gênios, as tropas dos dois Libertadores, fazem contato pela primeira vez em Saraguro (atual província de Loja), em 9 de fevereiro de 1.822, de lá para não separar seus esforços até que o glorioso ato culmine e entregar a todos os povos hispânicos americanos, seus territórios livres e independentes, para que possam começar sua vida soberana como nações dignas de participar como iguais, na comunidade internacional e, para seguir os caminhos da democracia anseio.

San Martín e Bolívar, as figuras exaltadas do grande épico, concordam com a conjugação de seus esforços para alcançar o que, separadamente, estava se tornando mais difícil a cada dia devido à resistência obstinada das forças hispânicas, que verão os últimos redutos do poder real escapar de suas mãos e executados com coragem imensurável o último e desesperado esforço para manter sua supremacia.

É assim que as legiões do sul chegam às atuais terras equatorianas, com galantes soldados chilenos, paraguaios, peruanos e da terra gaúcha, que, além de trazer seus corpos militares mais brilhantes, os "Granadiers dos Andes", foram enviados por San Martín para instruir os batalhões que estavam organizados no Peru, com bisões patrióticos matriculados nas fileiras libertárias.

Após a reunião de Saraguro, todo o exército sob o comando do General Sucre, emulo da Libertadores e então Grão-Marechal de Ayacucho, marcha para o norte para reduzir na Capital da Audiência Real de Quito, a um dos bastiões mais poderosos da resistência espanhola. Durante seu movimento, em inúmeras ocasiões, as forças libertárias devem enfrentar a retirada das tropas espanholas em busca da união de suas colunas e

apoio mútuo para dar um golpe decisivo; no entanto, cada encontro e cada escaramuça foi mais um triunfo para os patriotas. Perto de Riobamba, em 8 de março de 1.822 um combate de alguma magnitude ocorre e nele se vê como, os Granadeiros dos Andes, juntamente com os Dragões da Colômbia, bateram em Totorillas o melhor esquadrão dos Dragões de Granada, nesta ação são mencionadas as performances marcantes do Coronel Ibarra, Comandantes Rasch, Jiménez e Pontón e, do Tenente Latus.

Um pouco mais tarde, em 21 de abril, nas planícies arenosas de Tapi, ao lado da Sultana de los Andes, a cidade de Riobamba, uma das batalhas mais significativas e gloriosas da campanha conjunta que vinha desenvolvendo as forças heroicas separadas dos exércitos dos dois Grandes Capitães Americanos; a Batalha de Tapi ou Riobamba, uma bela luta de cavalaria, na qual os bravos Grenadiers se cobrem com glória mais uma vez e, apoiados pelos Dragões da Colômbia, destroem a Cavalaria Espanhola. É melhor deixar que aqueles que testemunharam esse feito inesquecível falem.

O coronel Antonio Morales, chefe do Estado-Maior, em parte oficial sobre a batalha diz entre outras coisas: "Este corpo bizarro (Os Granadeiros dos Andes) reuniu-se para o partido que ele mesmo trabalhou na cidade, acusou toda a Cavalaria inimiga com tanta audácia, com tanta ordem e com tanta ousadia, que quase não há nenhum exemplo, o bravo Comandante Lavalle tem sido neste dia o modelo de coragem e impaciência; nunca um chefe mais sereno e um soldado mais corajoso foi visto. Majors Bruix e Sowersby se comportaram heroicamente..."

Por sua vez, o General Sucre, ao relatar esta batalha ao Comandante Geral da Praça de Guayaquil disse: "A uma curta distância da população, o bravo esquadrão de Granadeiros, que havia avançado, encontrou-se sozinho, improvisadamente à frente de toda a Cavalaria Espanhola, e teve a elegante audácia de acusá-los com uma intrepidez da qual haverá raros exemplos..."

O próprio Comandante Lavalle, ao narrar o episódio, falando da segunda acusação, disse: "A retirada foi feita ao pé do cavalo, quando o General Tolrá, colocado à frente de seus três esquadrões, os colocou na carga sobre o meu. A coragem nos semblantes dos bravos Grenadiers, e era necessário ser insensível à glória, para não ter dado uma segunda carga..." Esta ação da Cavalaria nas palavras do General Angel I. Chiriboga, na qual o patriota faz um fabuloso desperdício de habilidade e coragem, é testemunhada pelos dois exércitos. A Cavalaria Espanhola desiste do campo e é a vitória dos patriotas.

O triunfo da Riobamba terá, então, um significado muito grande nas ações subsequentes, uma vez que, as forças monarquistas não voltaram para novos combates, mas buscaram o mais rápido possível, o refúgio na antiga capital da Presidência, esperar por reforços de Pasto e resistir sob a proteção de suas defesas. É por isso que foi dito que Tapi em relação a Pichincha, era o mesmo que Junin em relação a Ayacucho, a última vitória que definitivamente rompeu os laços de colonização para a América do Sul. Em Junín também, a cavalaria patriota, três vezes inferior ao monarquista, esmagou-a, semeando a desmoralização nas forças espanholas.

Depois veio Pichincha, em 24 de maio, a grande batalha foi travada, que seria a última em terras equatorianas. Com ela, a Independência da Velha Presidência e a Audiência Real de Quito foram seladas. Todos nós sabemos como foi o seu desenvolvimento e sabemos que nele, também, os membros da Divisão Republicana enviados do sul por San Martín, tiveram um desempenho muito honroso, destacando-se, como vinha fazendo desde sempre, a Cavalheirismo e o valor dos Granadeiros argentinos e os oficiais e classes que, em número de duzentos, vieram para o Peru, para treinar, instruir e comandar os batalhões Piura e Trujillo, que participaram dos esforços de toda a campanha.

Quando as armas libertadoras já estavam triunfando em Pichincha, foi mais uma vez necessário agir aos famosos Grenadiers que, juntamente com a Cavalaria Colombiana sob o comando do Coronel Ibarra, cumpriram a última etapa da batalha em uma perseguição fechada e violenta da Cavalaria Espanhola que, ciente da derrota, tentou recuar precipitadamente para o norte.

Hoje fazemos uma revisão fugaz desses atos heroicos, e, temos a honra de entregar nas mãos dos Granadeiros de San Martín, a terra seca e arenosa de Tapi e, aquela outra, argila e molhado de Pichincha, terras que foram generosamente irrigadas há quase um século e meio, com o sangue de seus compatriotas e membros de seu mesmo corpo heroico, que só difere daqueles tempos, em que hoje tem mais glória porque leva o nome do Grande Capitão, nos curvamos mais uma vez reverente diante da memória daqueles gênios que arrastaram todos os perigos de todos os sofrimentos, todas as dores, com o único desejo de pisar as Lintéis da glória, seguindo os caminhos da fama para nos legar com a Coroação de

seu valor, Pátrias livres e soberanas.

Sr. Embaixador, minhas primeiras expressões deveriam ter sido parabenizar Sua Excelência por ter promovido este exemplo de nossa melhor história, com a qual todos nós trazemos neste momento de expectativa para a América e o Mundo, esperanças e desejos renovados. Esta nomeação é para fortalecer e ratificar o que nos une e retornar pelo exemplo corajoso e ousado daqueles que lutaram nas lutas pela Independência, que preferiram - honra à tranquilidade, morte à mediocridade.

Pegue o Sr. Comandante, oficiais e soldados do regimento Granadeiros em Horseback "General San Martín" nosso aperto de mão e quando você colocar esta expressão física da terra heroica de Tapi e Pichincha em seu museu, informe os Grenadiers de San Martín, que aqui, no Equador, sua memória é lembrada com misticismo venerável.

DISCURSO DO EMBAIXADOR DA REPÚBLICA ARGENTINA

Através de você, Sr. Chefe de Estado-Maior das Forças Armadas, recebo com emoção exequível do Exército equatoriano, estes baús que cercam a terra dos campos verdes de Riobamba e Pichincha, que se tornaram férteis com o sangue que, em abundância, os filhos deste povo e de venezuelanos, chilenos, colombianos derramaram. Uruguaios, peruanos, bolivianos, paraguaios e argentinos. Todos eles, juntos, só buscavam garantir a liberdade do continente. Vamos voltar com o olhar da memória para aqueles dias. Vamos tentar reconstruir os campos áspers; vamos nos esforçar para imaginar aqueles dias épicos de meses e meses, em planícies sem fundo, entre pântanos traiçoeiros, em ravinas rient ou penhascos profundos; em picos eternos e sempre superando imensas distâncias. Só então podemos entender a magnitude do feito portentoso, a grandeza do impulso que o animou, a profunda convicção que o encorajou e, acima de tudo, o desprendimento quixotesco e sonhador daqueles cavaleiros ambulantes. É que eles eram herdeiros diretos dessa linhagem nobre da Espanha antiga; aquele que os ensinou a amar seu povo na generosidade de sua legislação avançada para os índios; em um claro e exato sentido cristão de vida que não admite diferenças raciais e que, por essa mesma razão, fez da miscigenação o exemplo ainda incomparável de um colonialismo sem discordâncias. Assim nasceram e, assim, embalaram aqueles bravos crioulos que tinham sido educados sob a proteção das lições de Francisco de Vitória ou Bartolomeu de las Casas, sábios sacerdotes, que os ensinaram nos amplos claustros conventuais e, onde igualmente, alternavam o espiritualismo místico de Cristo, com a paixão que dá vida à França, ou com as ideias que já estavam avançando e dominando o novo mundo.

Não deve faltar aos crioulos, filhos de espanhóis, à nostalgia natural das salas de aula Salamanca ou ao batismo sangrento da guerra contra o invasor napoleônico, ou o desejo de tanta memória ouvida na rodada familiar. No entanto, sentiram que o nascimento dos novos povos que se ouvia, quase no ouvido, na pousada fechada ou na reunião clandestina, onde se elaboravam planos de ação, formas de concepções governamentais e políticas que saltavam corajosamente, nos moldes tradicionais, eram quase imperceptíveis. Havia acumulado, com o fermento de ideais, um mestre americano de seu próprio destino. Mas nascer não foi fácil e as lágrimas trouxeram dor. A luta pela vida incipiente estava repleta de dificuldades e a revolução reivindicava a eterna dívida de sangue e ódio.

Quito foi a primeira a dar o grito e carregar a luz. O eco daquele foi ouvido nas montanhas, o vento o carregou, o mar o carregou, correu em encostas claras ou por torrentes turvas, os jovens receberam-no com emoção e ele armou seus braços quase infantis.

Desigual foi o calor do combate. Parecia às vezes, que o alimento ideal, sucumbiria derrotado pela força dos exércitos monarquistas; mas ele já tinha se tornado carne na alma americana e, novamente, ele se levantou teimosamente, aproximadamente, tenazmente, com raiva.

De um lado do continente para o outro, exércitos improvisados apressados vieram; eles vieram para evitar a derrota iminente ou para compartilhar no desastre. No entanto, em todos os lugares, eles eram como os arautos anunciando a vitória. Eles se misturaram na luta, compartilharam os bivouacs, mudaram opiniões ou fizeram referências às suas terras distantes, e lá, na luta áspera, na luta que nunca terminou, aprenderam a ser definitivamente entrelaçados. Parecia que, naqueles

dias, os Andes se levantavam mais intransitáveis do que nunca, que as distâncias se alongavam infinitamente, que os caminhos dos incas eram apagados, cortados ou perdidos. Apenas o olho avistado ou a orelha destro do baqueano indiano poderia contornar o talo espanhol. Assim, esses soldados bisões, mas com um quadro de gigantes, na latitude do continente, teceram a história com os fios sutis da mesma fé no destino americano, de um único empurrão para forja-lo e com a concepção unitária que os ligava, apesar de tanta diversidade geográfica.

Do Rio da Prata, ainda e marrom, "cor de leão", de acordo com a expressão lugoniana, um punhado de granadeiros chegaram a essas terras que permaneceram cegos e sem medo, àquele predestinado pela glória, ao chefe por excelência, àquele líder de boas maneiras e boas maneiras, ao coração de tigre e a essa vontade sem desmaiar que era D. Juan Galo de Lavalle. Aqui alguns caíram; eles partiram, como uma promessa de amor para vocês, equatorianos, suas vidas, seu sangue e seus ossos. Outros voltaram à distante pátria para contar, na rodada dos fogões guerreiros ou nos encontros da velhice tranquila, todo o esforço e dor sofridos naquela peregrinação sem pausa, daquela multidão das memórias daquele Quito - que carregavam para sempre em suas retinas: suas longas ruas que sobem sinuosamente pelas saias acariciadoras da Pichincha, ou aquilo, eles se escondem recatadamente, entre paredes branqueadas com memórias andaluz, entre casas de varandas sopradas, e barras azuis.

Desde os dias muito distantes do épico, da dor e do amor, o tempo passou impassível, indiferente e inexoravelmente. As distâncias foram apagadas com as técnicas mais ousadas e as invenções mais incríveis. Hoje, em um único dia, viajamos sem nos preocuparmos com todo o continente. Não podemos calcular todo o esforço, todo esse drama vivido para nos legar essa liberdade que desfrutamos hoje. Dessa união fraternal sagrada em que os homens se agarravam, soluçando, para contemplar o sangrento nascimento dos povos, nenhuma memória permaneceu. O homem esqueceu a dor do parto, a angústia de quem virá, e negligenciou o irmão fraco. A luta das baionetas levantadas foi transformada na das hegemonias, em - a do egoísmo e na das barreiras. As fronteiras estão fechadas, os interesses sufocam e cada povo, com sua bagagem, toma o curso de suas próprias conveniências sozinho e nem sequer - retorna com carinho seu olhar para o vizinho.

Depois de uma letargia de indiferença suicida, os governos começam a acordar e agora buscam ansiosamente o caminho que os levará à contemplação econômica, cultural e espiritual. Infelizmente, ainda não se observa que esse despertar toma conta da consciência coletiva da mídia, dos centros de expansão econômica, do próprio povo e que estão convencidos de que é uma necessidade vital e urgente de se unir, com o mesmo ideal e com a mesma vontade do grande épico, de modo que o aforismo que tem dito que este é "o continente da esperança" é uma verdade inquestionável.

Granadiers de San Martín: você bem sabe que seu famoso regimento voltou para Buenos Aires carregando sua antiga bandeira como uma bandeira de dever cumprido. Hoje vocês voltarão como os guardiões desses baús que são um símbolo de amor fraterno e que, como a velha bandeira que você venera, também servirá para temperar sua vontade de servir a causa americana.

As antigas paredes de agosto do seu museu, silenciosas irão recebê-lo e trarão reminiscências do épico maravilhoso e você tem que dizer, não duvido, que os sonhos que San Martín e Bolívar apreciou, não foram apenas quimeras incríveis, mas grandes visões do futuro. A partir de agora, vocês são guardiões ciumentos desses baús. Ao entregá-los ao seu chefe e aos seus camaradas, diga-lhes como esta Quito das tradições hispânicas, do passado esplêndido e do grito da Luz do Continente tem-lhe recebido. Diga-lhes também que seu Embaixador temperou seu espírito americano porque não há fronteiras aqui para o povo do continente, e finalmente ser portadores desta mensagem, que é de amor e que é de esperança.



ORDEM DE BATALHA

AS FORÇAS QUE LUTARAM EM PICHINCHA



Crnl. (S.P.) Iván León Fonseca
Sócio Fundador ASOCID-EQUADOR

ORGANIZAÇÃO DE UNIDADES MILITARES NA BATALHA DE PICHINCHA

As guerras de independência na América tinham um conceito geral para a organização de suas tropas, os exércitos e principalmente os monarquistas, durante as campanhas militares foram organizadas com diferentes regimentos. Cada regimento de infantaria consistia de vários batalhões, divididos em várias companhias. Regimentos de cavalaria consistiam de vários esquadrões subdivididos em empresas. Seu conceito de manobra era como um todo, no entanto, na Batalha de Pichincha, podemos apreciar uma descentralização das tropas do exército libertador e que, em suma, foi um fator preponderante no resultado final.

PERSONAGENS DA BATALHA DE PICHINCHA

1. **Simón Bolívar:** Presidente da Gran Colômbia, planejador e estrategista de campanhas libertárias.
2. **Francisco de Paula Santander, 78.** Vice-Presidente da Gran Colômbia
3. **Antonio José de Sucre:** Comandante do Exército na libertação da Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia.
4. **Abdón Calderón:** Excelente herói de Cuenca que, apesar de ter recebido 4 ferimentos de bala, preferiu permanecer imóvel na linha de fogo.
Andrés de Santa Cruz: Comandante da divisão peruana do exército libertador.
5. **Daniel Florêncio O'Leary:** Tenente-Coronel do Exército de Libertação.
6. **John MacKintosh:** Tenente-Coronel membro do Exército Britânico a serviço do Exército da Venezuela e colômbia na Guerra da Independência.
7. **Cayetano Cestari Barbieri:** Comandante do Esquadrão de Dragões do Sul (exército fantasma)
8. **Félix Olazábal, Francisco Villa:** oficiais argentinos que lutaram pela libertação de Quito.
Excelente militar colombiano: José Maria Córdova, Hermógenes Maza.
9. **Melchor Aymerich:** Comandante e Principal Personagem Tropas Monarquistas da Espanha.

OBJETIVO E ESTRUTURAÇÃO DE FORÇAS

Simón Bolívar tinha um objetivo político a alcançar; era para incorporar no que seria a Gran Colômbia, as províncias da Audiencia Real, incluindo Guayaquil.

Para isso, a organização das tropas foi progressiva, a partir de janeiro de 1822, onde Sucre já havia organizado a nova campanha. Seu exército era composto por cerca de 1700 homens de diferentes origens, alguns já eram veteranos de outras campanhas, outros, homens recém-recrutados das terras planas de Guayaquil, bem como voluntários das montanhas.

Havia também novos soldados de Granada e venezuelanos enviados por Bolívar, alguns oficiais e soldados espanhóis que haviam mudado de lado, um batalhão inteiro de voluntários britânicos e até alguns irlandeses e franceses.

Em 9 de fevereiro, de Machala, ele entrou em Saraguro, juntando-se à Divisão Peruana enviada por San Martín, principalmente peruanos, mas também havia bolivianos (alto Peru), chilenos e argentinos.

Em sua marcha para Quito, em 2 de maio de 1822, depois de ter passado por Cuenca, Alausí e Riobamba, ele chegou à cidade de Latacunga, onde reorganizou suas tropas, adicionando voluntários de cidades próximas e continuou esperando por novos reforços, especialmente o batalhão de Alto Magdalena da Colômbia, e depois continuou para Quito.

No início da manhã de 23 de maio, o exército patriota consistia definitivamente de 2971 homens que enfrentariam a batalha decisiva, deve-se notar que o Esquadrão dragão estava ao norte de Quito, ou seja, na retaguarda do inimigo.

Por outro lado, as tropas monarquistas chegaram a Quito para impedir a missão do exército patriota, inicialmente entrincheiradas no "Panecillo" e esperavam reforços do norte, especialmente do batalhão da Catalunha que veio de Ibarra, que finalmente não chegou.

Às nove e meia da manhã de 24 de maio de 1822, os primeiros tiros começaram. "Desde o início do combate, os Yaguachi e seu comandante Coronel Antonio Morales, em luta feroz, esgotaram os cartuchos e os substituíram pela baioneta. Tremolava o azul e branco da bandeira liderada pelo jovem tenente Abdón Calderón. Essas unidades mantiveram a parte mais difícil da luta até a chegada de Mires com o resto da infantaria."



ORDEM DE BATALHA DO EXÉRCITO PATRIOTA

Comandante-em-Chefe
Dom Antonio José de Sucre

Divisão Colômbia



Comandante: General José Mires

Grande Pessoal

Chefe de Gabinete, Coronel Don Antonio Morales

Assistentes de campo:

Tenente-coronel Dom Daniel Florencio O'Leary

Capitão Dom Vicente Ramon Gómez

Capitão Don Eusebio Borrero y Costa

Tenente Dom José Maria Botero Cirurgiões:

Cirurgiões:

Frei Francisco de la Natividad

Lorenzo Rodríguez

Físico: Miguel Custódio Veintimilla

Infantaria

☒ Cazadores de Paya **Batalhão** 820 infantarias; sob o comando do tenente-coronel José Leal.

☒ Batalhão Alto Magdalena 314 infantaria; sob o comando do Coronel José María Córdova.

☒ Batalhão Yaguachi 260 infantarias; sob o comando do Coronel Carlos María Ortega.

☒ Infantaria Albion Battalion 433; comandada pelo tenente-coronel John MacKinstosch.

Cavalaria, comandada pelo Coronel Diego Ibarra.

1. 🐎 Esquadrão Dragones e **Lanceiros** da Colômbia, sob o comando do Tenente-Coronel Friederich Rach.
2. 🐎 Esquadrão Dragão do Sul 142 cavalaria; sob o comando do tenente-coronel Gaetano Cestari

Divisão do Peru



Comandante: Andrés de Santa Cruz,

Grande Pessoal

Chefe de Gabinete: Coronel Don Luis Urdaneta

Assistentes de campo:

Tenente Don Calixto Jiraldez.

Tenente Dom José María Frías

Unidades e Comandantes

Infantaria

☒ Batalhão nº 2 de Trujillo: 573 infantaria; sob o comando do Coronel Félix Olazábal

☒ Batalhão nº 4 de Piura: 454 infantaria; sob o comando do Coronel

Francisco Villa

Artilharia

☒ Bateria de artilharia: 83 artilheiros; sob o comando do capitão Adolfo Kinger

Cavalaria

🐎 Trujillo Hunters em Esquadrão A Cavalos, 100 cavalaria; sob o comando do coronel Antonio Sánchez

🐎 Esquadrão Cazadores a Cavalos de Paita 100 cavalaria; também sob o comando do coronel Antonio Sánchez

🐎 Esquadrão do Regimento **Granadeiro** a cavalo dos Andes de 96 cavaleiros, sob o comando do Coronel Juan Lavalle.

ORDEM DE BATALHA DO EXÉRCITO REALISTA

Comandante-em-Chefe
Marechal de Campo Melchor de Aymerich e Villajuana
Exército Espanhol

División Colombia



Comandante-em-Chefe:

1. Marechal de Campo Melchor Aymerich y Villajuana, Exército Espanhol

Estado-Maior:

2. Chefe de Gabinete: Coronel Dom Nicolás López
3. Inspetor Militar do Reino: Coronel Don Joaquín Germán
4. Assistente Geral: Dom Francisco González
5. Assistente: Coronel Don Patricio Brayn
6. Cirurgião: Don Noaquón Morro
7. Físico: Don Antonio Munhoz

Unidades e Comandantes

☒ 1º Batalhão de Aragão (espanhol): Coronel Valdez 580 infantaria



☒ Batalhão de Atiradores de Cádiz: Coronel de Albal, 487 infantarias

☒ Caçadores de Constituição Leve: Coronel Toscano, 368 infantarias

☒ Primeiro Batalhão Leve da Catalunha : Dom Bartolomeu Salgado, 380 infantaria, (estava em Ibarra bloqueada pelo Cetari)

Cavalaria, sob o comando do Coronel Dom Carlos Tolrá

1. 🐎 Dragões de Sua Majestade Rainha Elizabeth, 1º Esquadrão: Coronel Sáenz, 92 cavalarias
2. 🐎 Dragões de Granada, 1º Esquadrão: Coronel Vizcarra, 84ª Cavalaria
3. 🐎 Dragões da Guarda Presidencial, 1º Esquadrão: Tenente-Coronel **Mercadillo, 87ª Cavalaria**

4.  **Hussardos do Rei Fernando VII, 1º Esquadrão: Coronel Allimeda, 76ª Cavalaria**
5. **Artilharia**
6.  **Bateria de artilharia: Coronel Ovalle, 120 artilheiros**

EL FALSO EJÉRCITO QUE AYUDÓ A GANAR A BATALHA DE PICHINCHA

As grandes batalhas têm ações e personagens, algumas são reconhecidas e outras podem ser relegadas, mas cuja participação em muitos casos é decisiva.

Destaca-se, por exemplo, um jovem tenente de 18 anos que Antonio José de Sucre em sua breve parte da Batalha de Pichincha, datada de 28 de maio daquele ano, diz: "[...] Faço uma memória particular da conduta do Tenente Calderón, que recebeu quatro ferimentos sucessivamente, não queria se retirar do combate. Ele provavelmente vai morrer, mas o Governo da República saberá como compensar a família pelos serviços deste heroico oficial."

Quando Simón Bolívar chegou à cidade de Quito e soube desses fatos, ele postumamente promoveu Calderón ao posto de capitão e decretou que seu salário fosse dado à sua mãe. A companhia do Batalhão Yaguachi, ao qual Calderón pertencia, não teria um capitão e nas revistas, quando seu nome foi mencionado, a tropa teria que responder: "Ele morreu gloriosamente em Pichincha, mas ele vive em nossos corações." A tradição é mantida até hoje no Exército equatoriano, porque quando os batalhões de cavalaria são listados, Calderón é nomeado como Bolívar arranjado.

No outro ápice está o episódio, quase desconhecido, do engano militar que foi de grande impacto para a vitória da Pichincha. Este é o italiano Cayetano Cestari Barbieri, autor do ardil que enganou os espanhóis antes da Batalha de Pichincha, foi promovido a coronel por Bolívar em junho de 1822.

O POUCO MISTÉRIO DO BATALHÃO DA CATALUNHA

Horas antes da Batalha de Pichincha, os espanhóis esperavam um reforço de 400 bravos monarquistas pertencentes ao batalhão da Catalunha, que marchavam de Pasto (ao norte), em direção a Quito. Sua chegada desequilibraria as forças de combate em favor do lado espanhol, de modo que a história de 24 de maio poderia ter sido escrita de uma maneira diferente.

Esse batalhão de reforço nunca apareceu e a batalha seguinte selou a derrota do exército espanhol em Quito. A verdade é que o batalhão da Catalunha chegou muito perto da capital poucos dias antes da batalha, embora surpreendentemente tenha impedido seu avanço.

Esse foi um pequeno mistério que foi deixado de lado pelos historiadores da independência por um século.

Foi o que aconteceu até 1922, quando o pesquisador equatoriano Carlos Vivanco Félix publicou um documento curioso que encontrou nos Arquivos Nacionais de Quito, que revelou uma história surpreendente que poderia esclarecer a razão pela qual o batalhão da Catalunha não veio ajudar os monarquistas de Quito, facilitando a vitória de Antonio José de Sucre em 24 de maio de 1822.

O EXÉRCITO FANTASMA

Esse documento havia sido escrito pelo comandante do Esquadrão de Cavalaria Dragoons do Sul, que estava desde 20 de maio de 1822 atrás das linhas inimigas, nas províncias ao norte de Quito, com a missão de interceptar os 380 reforços do batalhão espanhol da Catalunha.

Cestari, com pouco mais de cem soldados sob seu comando, desenvolveu um plano para impedir a chegada da Catalunha à batalha final na capital. No documento descoberto por Vivanco, Cestari descreveu sua estratégia: ele exagerou em suas próprias forças, aumentando-as para 800 soldados, adicionando 200 montarias de cavalaria. Com essa força importante, mas imaginária, ele conseguiu enganar o inimigo.

Cestari narra que para tornar o engano mais crível ele se passou por um chefe republicano especialmente temido pelos espanhóis, e até forjou sua assinatura em documentos nos quais ele pediu aos povos da região para alimentar seu numeroso, mas imaginário exército.

De acordo com o historiador Roberto Leví Castillo, o comandante Bartolomeu Salgado, do Batalhão da Catalunha, diminuiu seu avanço quando soube daquele inesperado exército inimigo que estava no caminho de Quito, convencido de sua real existência.

Os reforços da Catalunha permaneceram imóveis 80 quilômetros ao norte de Quito por vários dias, até 23 ou 24 de maio. Quando eles finalmente retomaram sua mobilização, já era tarde demais: eles chegaram à capital em 25 de maio, descobrindo que a maior parte de seu exército havia sido completamente derrotado por Sucre no dia anterior.

O Comandante da Catalunha não podia fazer nada além de se render com seu batalhão.

Historiadores como Julio H. Munhoz ou Jorge Núñez Sánchez dão crédito a Cayetano Cestari por impedir a incorporação do batalhão da Catalunha às forças espanholas que lutaram em Pichincha. Outros pesquisadores como Necker Franco Maldonado ou Jorge Salvador Lara até acreditam que o triunfo de Sucre em 24 de maio deve muito ao audacioso truque de Cestari.

MESTRE DA DECEPÇÃO

O plano de engano bem sucedido de Cestari não era o produto da improvisação: este oficial era um especialista em desinformação ou operações de decepção militar, cujo objetivo era gerar informações falsas que levassem à análise errada por parte dos líderes inimigos e esconder as verdadeiras intenções de suas próprias operações militares.

Cestari era italiano e maçom, e treinou militarmente na Europa. Juntou-se ao sexto regimento de infantaria do exército napoleônico que invadiu a Espanha em 1808, onde aprendeu táticas de guerrilha.

Durante essa invasão brutal, Cestari foi elogiado por seu cavalheirismo em relação ao inimigo.

Em 1817 mudou-se para a América, juntando-se aos exércitos de Bolívar. Em 1821 ele chegou ao Equador com Sucre, comandando o primeiro esquadrão de dragões da cavalaria do Sul.

Como Chefe de Estado-Maior de Sucre, ele formou um grande grupo de espões, que da Serra monitoravam os movimentos do exército inimigo.

Cestari era um defensor da decepção militar; Sobre isso, o italiano escreveu: "A decepção, na arte da guerra, é a virtude, e todos os estrategistas aprovam isso"

Apesar de não ter participado diretamente do combate nas encostas do vulcão Pichincha, Cestari no voo das tropas reais fez a exploração do sucesso fazendo a perseguição da cavalaria monarquista que já estava dispersa. Essas razões permitiram que, juntamente com o falecido Abdón Calderón, ele faz parte do grupo exclusivo de cinco soldados que foram promovidos após a batalha.

Cayetano Cestari se aposentou do exército libertador em 1823, com o posto de coronel.

O protagonista de um dos mais surpreendentes (e desconhecidos) episódios militares por trás da Batalha de Pichincha viveu o resto de sua vida no Equador. Morreu em 1834, na cidade de Machala.

Batalhão nº 2 de Trujillo: 573 infantaria; sob o comando do Coronel Félix Olazábal.

Referências:

- Batalla de Pichincha, operaciones militares. Centro de Estudios Históricos del Ejército Cristóbal Espinoza Yépez Quito, 2019.
- Semprún, José, y Alfonso Bullón de Mendoza. El ejército realista en la Independencia americana. Madrid: MAPFRE, 1992.
- www.educacionecuadorministerio.blogspot.com/2017/05/resumen-batalla-de-pichincha-24-de-mayo-de-1822.html
- *Dr. M. A. Peña Astudillo.- 200 Años y una Vida, p. 220*
- Historia Militar del Ejército de los Ecuatorianos, páginas 24 a 29, Quito Ecuador septiembre 2015.
- El Universo, Gabriel Fandiño, 25 de mayo 2019.

UNIFORMES PATRIOTAS



OS UNIFORMES DA CAMPANHA PICHINCHA DE FEVEREIRO A MAIO DE 1822



Msc. EDUARDO ESPINOSA MORA
Historiador.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o termo militar tornou-se relevante em vários países, pois permitiu o desenvolvimento da coleção de antiguidades militares, modelagem, bem como recreação histórica, criação de regimentos emblemáticos e o desenvolvimento de uma série de cinema e televisão incipiente. Ao lidar com fantasias, armas, lexicologia, botonística entre outros tópicos encontramos grandes erros e horrores. Em nosso país, o estudo da uniformologia tem sido isolado e são contabilizados pesquisadores sérios, destacando o pouco interesse por parte das instituições que devem garantir a memória no país e na região.

As celebrações do Bicentenário da Batalha de Tapi ou Riobamba e da Pichincha permitem lembrar os trajes usados nesses atos. É por isso que é importante e como ponto de partida lembrar que as tropas combatentes são das regiões mais dispersas das Américas, tinham seus próprios costumes locais e tradições bourbon e que sofrerão influência das modas europeias quando alguns utensílios chegarem das vinícolas existentes das guerras peninsular e



SOLDADO DE INFANTARIA COLOMBIANO DE UNIFORME
ENTREGUE NA CIDADE DE CUENCA-EQUADOR

napoleônica, a isso devemos acrescentar que os produtos locais foram os famosos tecidos de Brin, estrela e o pano azul de Quito que atingiu as regiões mais distantes por sua qualidade e duração. Além disso, devemos entender que o grande feito permitiu a participação de centenas de alfaiates e costureiras às quais as mulheres dos soldados e das freiras foram adicionadas independentemente das moedas para vestir ou os combatentes e, em muitos casos, os saques ou os prêmios, já que, após um combate, vestiram e melhoraram em algo a apresentação do soldado.

É preciso lembrar que as Divisões Peruana e Colombiana estão em Saraguro em 9 de fevereiro de 1822, ocupando a cidade de Cuenca no dia 21 do mesmo mês, em 27 de março foi completada com o segundo esquadrão de caçadores e a companhia de Maynas.

A Divisão do Norte do Peru foi constituída com o Batalhão de Infantaria de Trujillo em dezembro de 1821 em Cajamarca a partir do corpo cívico de Lambayeque, Piura, Chota e Cajamarca. Foi formado no estilo da época por seis companhias (1 caçadores, 1 grana e 4 atiradores) cada batalhão era forte de 600 a 700 lugares.

O Batalhão de Infantaria de Piura nasceu na cidade que lhe deu seu nome, recebeu a denominação de N.º. 4 a eles são adicionados o primeiro esquadrão de Caçadores do Peru ou Paita baseado nos restos de caçadores a cavalo dos Andes comandados pela Tcrn. Antonio Sánchez (Montevideu) e o esquadrão dos Grenadiers dos Andes sob o comando da Tcrn. Juan Galo de Lavalle.

As tropas sob o comando de Sucre são os batalhões Paya, Alto Magdalena, Albión, os esquadrões de lanceiros, dragões e os Yaguachi são as relíquias da Divisão protetora de Quito e as tropas auxiliares enviadas pela libertadora para a Campanha Sul que em muitos casos foram extintas (Gameza e Santander que foram reformulados ou incorporadas a pinturas completas) estão seminuas ao chegar em Cuenca, por isso é essencial unificar e se vestir. à tropa para a qual Sucre afirma que: "Todas as **tropas da Colômbia** têm uma jaqueta azul com uma volta encarnada e colarinho; calças azuis com listra amarela. Do Peru **Trujillo**: jaqueta azul virada e gola verde. **Piura**: jaqueta azul com curva e pescoço aurora 1º. **de Caçadores**: jaqueta azul com curva verde e pescoço aurora. 2º. de Caçadores: jaqueta azul com aurora turn e gola verde. **Artilharia**: jaqueta azul com aurora e colarinho verde. Todos os corpos, calças azuis



SOLDADO DO GRUPO "YAGUACHI" CAMPANHA DE PASTO

com listras brancas. Granadeiros a cavalo só usavam calças. (Sucre Rubrica) (Bonilla, 1922). E os reforços de Maynas chegaram vestidos com uniformes de tocuyo e estarão vestidos com o que existe nos armazéns. Graças à pesquisa feita com os descendentes dos Grenadiers dos Andes das Províncias Unidas do Rio de la Plata vemos o uso de bandeiras de lã encarnada e verde para as lanças argentinas, o uso de sapatos "a la rusa" em vez de botas altas ou fortes e ponchos crus que receberam em Alausí. Uma marca registrada dos granadeiros era o uso de um anel em sua orelha esquerda como símbolo de pertencimento e quem tinha um buraco no lóbulo e não usava um anel, era um desertor. Ellos usan la cucarda celeste y blanco de las Provincias Unidas. Las acuarelas del maestro Pancho Fierro nos permiten entender su vestuario en 1820 y no caer en el error de vestir a nuestros soldados con el uniforme de 1903 y con la modificación del morrión de 1973 en los tradicionales festejos de Tapi y desfiles. Al tratar de la recepción de pantalones por parte de los granaderos añadimos este texto inédito que será objeto de un estudio a ser publicado por una prestigiosa universidad y publicado en el libro del Bicentenario de nuestro ejército al referirse a la entrega de uniformes en Cuenca:

"Onde o exército terminou de ser arranjado por uma perturbação entre o comandante e o general, ele pediu uma escolta do esquadrão, comandante Lavalle, respondeu , que se ele quisesse escolta ele lhe enviou roupas e uma boa provisão para o rancho, o assistente retornou, dizendo em nome do general, para ir à delegacia para receber roupas, ao que o comandante respondeu, que embora os granadeiros não usassem pano fino, nem de pelourinho, que era o que estava nos comissariados, esta resposta enviou-o para chamar, e eles tiveram uma forte discussão, do que resultou na incorporação do Esquadrão à Divisão Colombiana a pedido do Comandante Lavalle, na tarde em que marchamos para a vanguarda para aliviar o Esquadrão de Guias da Colômbia, que estava em um lugar chamado Totorillas. "

Documento importante que demonstra a genialidade de Sucre incorporando as tropas argentinas e o bravo de Lavalle sob seu comando direto.

Não podemos esquecer que em Yuluc, em 6 de fevereiro, Sucre organizou um novo corpo colombiano com o de Atiradores e Voluntários, ambos de Guayaquil, e deu-lhe o nome de



SOLDADO DE INFANTARIA N4 EM UNIFORME ENTREGUE
NA CIDADE DE CUENCA-EQUADOR

YAGUACHI (tropas de infantaria que por engano são confundidas com o liberal Yaguachi da Cavalaria e que se extinguiu após a Campanha do Panamá em 1832 ao lado da Pichincha sob a bandeira colombiana e que Juan José Flores os reivindicou como tropas do Equador).

O Yaguachi estava sob a bandeira e cucarda da Colômbia amarelo, azul claro e vermelho. As tropas peruanas e colombianas receberam espadrilles em Guano, o que permitiu algum conforto e duração.

A batalha de Pichincha, conhecida na história da Colômbia com o nome de Carabobo del sur, também chamada Chaquimallana, também não terminou a luta nas terras de Quito, pelo contrário, iniciou um longo processo que terminaria após mais de doze ações de guerra em Pasto com sua última ação em Sucumbíos em 12 de junho de 1825 e para o Sul a campanha do Peru iniciada em 1823 e que durou após o triunfo de Ayacucho e a campanha do alto começou em 6 de fevereiro, quando Sucre à frente do Exército Libertador cruzou o rio Desaguadero para ocupar La Paz. 29 de janeiro de 1825. Este dia terminou com a capitulação em 23 de janeiro de 1826 com a rendição da Fortaleza de Felipe Real pelo Brigadeiro Dom José Ramon Rodil.

Bibliografía

- Bonilla, M. C. (1922). *Epopeya de la libertad, PICHINCHA, 1820-1824.*
- Frias, E. (2022). *Memorias.*
- López, M. A. (1889). *Recuerdos históricos de la guerra de la independencia.*
- Mitre, M. (1910). *DOCUMENTOS DEL ARCHIVO DE SAN MARTIN, TOMO VII.*
- Restrepo, J. M. (1827). *Historia de la Revolución de la República de Colombia.*
- Diseño de los dibujos: Msc. Eduardo Espinosa.



GRENADIER DO "RIO DE LA PLATA" COM UNIFORME RECEBIDO NA CIDADE DE CUENCA-EQUADOR EM 1822.

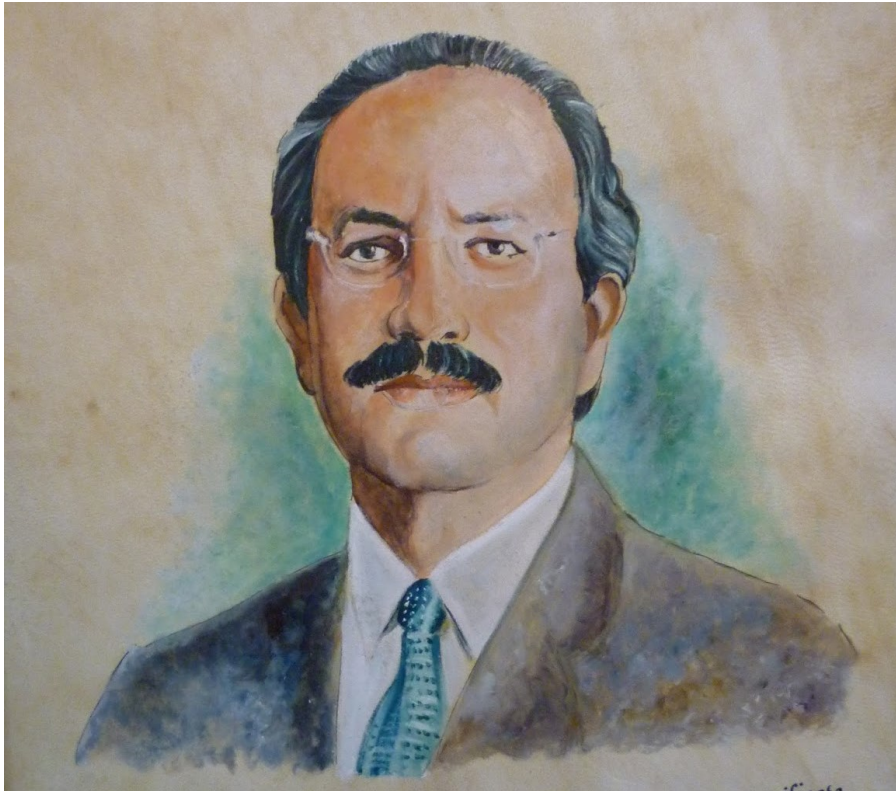


EUSTOQUIO FRÍAS

1801 –1891

Último herói granadeiro de Totorillas e Tapi

BIOGRAFIAS DOS PATRIOTAS



César Augusto Alarcón Costa
VICE-DIRETOR DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR DO EQUADOR

MARECHAL ANTONIO JOSÉ DE SUCRE 1795 -1830



Nascido em Cumaná (Venezuela), em 3 de fevereiro de 1795, foi assassinado na selva de Berruecos (Colômbia) em 4 de junho de 1830. Filho de Crnl. Vicente de Sucre Urbaneja e Maria Manuela de Alcalá y Sánchez. Aos sete anos, ficou órfão da mãe.

Estudou na Escola de Engenheiros de Caracas, fundada por José Mires, que também era seu professor. Nesta escola estudou matemática, geometria, álgebra, levantamento, disciplinas que lhe deram luzes para desenvolver sua visão tática e estratégica.

Em 1809 ele se juntou à companhia do nobre Hussardos de Fernando VII. Após a proclamação da Independência da Venezuela em 19 de abril de 1810, com o posto de segundo tenente, ele fez parte de milícias regulamentadas da Suprema Junta de Caracas. Em 1811 participou da Batalha de Valência sob o comando de Francisco Miranda. Em 1813 conheceu o Libertador Bolívar. Participou ativamente da Guerra pela Independência da Venezuela. Durante a campanha militar, ele foi notado por sua genialidade estratégica, força de vontade vigorosa e coragem, bem como sua nobreza e generosidade. Em 1819 foi nomeado Brigadeiro-General, posto que foi confirmado por Bolívar em 1820.⁴

Em 26 de novembro de 1820, Bolívar assinou com o General Pablo Morillo, chefe do exército monarquista espanhol, o Tratado de Armistício e Regularização da Guerra, que superou o palco da Guerra à Morte que se viveu desde 1813. O Gen. Sucre teve uma participação direta na formulação deste Tratado, então Bolívar escreveu mais tarde. "Este tratado... ele é digno da alma do General Sucre; bondade, clemência, o gênio da beneficência ditou isso; ele será eterno como o monumento mais bonito da piedade aplicada à guerra."⁵

Após a Independência de Guayaquil, em 9 de outubro de 1820, o Libertador Bolívar enviou armas de apoio com o Crnl. José Mires e encomendou Sucre para liderar a campanha pela libertação de nossa Pátria. Em 30 de abril de 1821 desembarcou em Santa Elena, de onde foi para Guayaquil, uma cidade onde chegou na noite de 6 de maio e imediatamente assumiu a liderança do exército libertador.

Diante do avanço das forças monarquistas lideradas por Melchor Aymerich, que de Riobamba desceu à costa para conhecer as tropas monarquistas comandadas por Crnl. Francisco González de Cuenca e que planejavam se juntar a Babahoyo em 20 de agosto, Sucre levou suas tropas a Yaguachi para enfrentar as tropas monarquistas lideradas por González, a quem derrotou em Cone em 19 de agosto.

Diante da retirada das forças monarquistas, ele decidiu liderar seu exército em direção a Quito e tomou a estrada para Guaranda, depois de passar pelas saias de Chimborazo quando se aproximou de Ambato em 12 de setembro em Huachi um novo combate ocorreu no qual os monarquistas venceram. Sucre recuou para a costa, reestruturou o exército patriota, solicitou reforços da Colômbia e do General José de San Martín que estava no Peru. Ele reconsiderou sua estratégia e de Guayaquil dirigiu suas tropas para Machala para empreender sua ascensão à Serra. Em 9 de fevereiro, em Saraguro, as forças enviadas por San Martín foram incorporadas e chegaram sob o comando de Crnl. Andrés de Santa Cruz.

Em 21 de fevereiro, o exército libertador entrou em Cuenca, que havia sido deixado pelo exército monarquista para levar a Quito. Em 21 de abril, a Batalha de Tapi ocorreu em Riobamba, na qual a cavalaria monarquista foi derrotada. Sucre com o exército libertador continuou sua marcha até triunfar na Batalha de Pichincha em 24 de maio de 1822. Nas primeiras horas da tarde do dia seguinte, Sucre e seu exército libertador fizeram sua entrada triunfal na cidade de Quito e assumiram a liderança da cidade. Dias depois, em 16 de junho, recebeu o Libertador Bolívar em Quito.

Em 31 de março de 1823 Sucre mudou-se de Quito para Guayaquil, para receber as disposições do Bolívar Libertador em relação à campanha militar no Peru. Em 15 de abril ele partiu para o Peru, que naquela época ainda era as tropas monarquistas e havia uma atmosfera de perplexidade e confronto entre os grupos que disputavam o poder.

Sucre no Peru agiu com grande estadista e preparou o clima para a chegada de Bolívar. Juntos, eles lideraram o exército patriota que derrotou o exército monarquista na Batalha de Junín em 6 de agosto de 1824. Quatro meses depois, na batalha de Ayacucho, em 9 de dezembro, Sucre no comando do exército libertador derrotou os monarquistas,

⁴ ANDRADE REIMERS, Luis, *Sucre en el Ecuador*, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1982, p. 11.

⁵BOLÍVAR, Simón, Texto reproduzido por: BARRERA, Isaac J., *Próceres de la Patria. Lecturas biográficas*, Ed. Ecuatoriana, Quito, 1939, p. 23.

assim, em reconhecimento de sua genialidade militar e foi promovido ao posto de Marechal de Ayacucho. Com esta vitória militar terminou a presença da coroa espanhola na América do Sul.

Em 6 de agosto de 1825, a Assembleia do até então chamado Alto Peru, em Chuquisaca, declarou a vontade de seu povo de constituir um Estado independente. Cinco dias depois, em 11 de agosto, ele tomou a decisão de adotar o sobrenome do Libertador "Bolívar" como nome para a nova república, logo após terem feito uma pequena modificação e mudado-o definitivamente para "Bolívia". Em 18 de agosto, Bolívar e Sucre fizeram sua entrada triunfal na cidade de La Paz.⁶

Em 6 de outubro de 1825, o Marechal Antonio José de Sucre foi eleito o primeiro presidente da Bolívia. Durante sua gestão, a Constituição Bolivariana foi aprovada e tomou medidas importantes para estruturar a administração pública, as finanças e, principalmente, a educação.

Em 25 de janeiro de 1828, em um cartório na cidade de La Paz, Sucre por escritura pública concedida e legalizada o poder para que, em seu nome e representação, Crnl. Vicente Aguirre, realize em Quito a cerimônia de casamento com Mariana Carcelén, Marquesa de Solanda. A cerimônia ocorreu na capital equatoriana em 20 de abril de 1828.⁷

Em 18 de abril de 1828, o Marechal Sucre foi vítima de um ataque criminoso em Chuquisaca, Bolívia, como resultado do ataque que foi ferido no braço, por isso preferiu renunciar à Presidência e deixar o país para retornar ao Equador. Em 2 de agosto, ele começou sua viagem à cidade de Quito, para a qual chegou em 30 de setembro de 1828 e começou sua vida familiar com sua esposa Mariana Carcelén.

Diante da invasão do exército peruano liderado pelo Marechal José de Lamar com o objetivo de anexar Guayaquil e sul do Equador ao Peru, encomendado por Bolívar, o Marechal Sucre assumiu a direção do exército da Gran Colombiana e viajou para Cuenca para enfrentar os invasores. Em 27 de fevereiro de 1829, na Batalha de Tarquí, Azuay, o exército peruano foi derrotado. Nos dias seguintes, foi assinado o Tratado de Girón sob o qual os invasores se retirariam, no entanto, eles resistiram a desocupar Guayaquil. Era necessário que o Libertador Bolívar retornasse ao Equador e liderasse a chamada Campanha Buijo, assim, com sua presença, os invasores desocuparam Guayaquil.

A pedido de Bolívar, em 12 de novembro de 1829, Sucre deixou Quito e foi para a Colômbia como deputado do Admirável Congresso. Em janeiro de 1830, foi instalado o Congresso que elegeu Sucre como seu presidente. Durante o exercício desta função, ele empreendeu uma viagem à Venezuela com o objetivo de abrir um clima de diálogo com o general José Antonio Páez, que separou a Venezuela da Gran Colômbia e assumiu a Presidência, no entanto, Sucre não alcançou seu objetivo porque foi proibido de entrar na Venezuela.⁸

Em sua viagem de volta a Quito, em 4 de junho de 1830, ele foi morto na selva de Berruecos, perto de Pasto. Por decisão de sua esposa, seus restos mortais foram levados silenciosamente para Quito; inicialmente eles descansaram na fazenda El Deán, e então, em segredo, foram enterrados na igreja de Carmen Bajo em Quito. Em 1900 eles foram encontrados e solenemente transferidos para a Catedral da mesma cidade.

CAPITÃO ABDÓN CALDERÓN 1804 - 1822

Nasceu em Cuenca e foi batizado em 31 de julho de 1804; ele morreu em Quito em 7 de junho de 1822, como resultado dos ferimentos recebidos na Batalha de Pichincha. Filho do herói da Independência, Francisco García Calderón (cubano) e Manuela Garaycoa y Llaguno.

Em dezembro de 1812 seu pai, que era um dos comandantes do exército libertador, como resultado da derrota dos patriotas em Ibarra, foi capturado e baleado naquela mesma cidade pelo exército monarquista. Diante dessa dolorosa perda, Dona Manuela Garaycoa, que ainda residia em Cuenca, deixou a cidade e voltou para Guayaquil para se reunir com



sua família. Abdón Calderón ficou órfão pelo pai aos oito anos e meio.

Durante sua adolescência Calderón cresceu em um ambiente familiar muito identificado com os altos ideais patrióticos. Entre seus professores e guias estavam seu tio, o pároco de Yaguachi Francisco Javier Garaycoa, também recebeu orientação de Vicente Rocafuerte e José Joaquín Olmedo.⁹

Imediatamente após a proclamação da Independência de Guayaquil, em 9 de outubro de 1820, Abdón Calderón, aos dezesseis anos de idade, inscreveu-se nas forças patrióticas com o posto de segundo tenente. Em 9 de novembro, sob encomenda de 1820 a Crnl. Luis Urdaneta, comandante do Batalhão Voluntário da Pátria, participou da Batalha de Camino Real, Bilován, Bolívar, que foi o primeiro triunfo das armas libertadoras sobre o exército monarquista. Então, em 22 de novembro, ele participou da Batalha de Huachi, onde foram impostas armas monarquistas. Pouco depois, em 3 de janeiro, sob as ordens do 1821, argentino José García, como tenente do Batalhão da Libertadores, participou da Batalha de Tanizahua, Bolívar, onde pela segunda vez os monarquistas triunfaram.

Após a chegada do General José Antonio de Sucre manteve-se firme nas fileiras do exército patriota e em 19 de agosto sob as ordens do sargento Major Félix Soler, ele lutou como tenente do mesmo Batalhão da Libertadores, na Batalha do Cone, Yaguachi, Guayas. Em 12 de setembro, por ordem do General Antonio José de Sucre, ele participou da Batalha de Huachi, Ambato, na qual os monarquistas triunfaram. 1821 a 1821, a

Após estas ações guerreiras, as tropas patriotas, por ordem do General Sucre, de Guayaquil foram para Machala, de onde avançaram em direção às montanhas. Depois de passar por Pasaje eles chegaram a Yulug, onde em 5 de fevereiro de 1822 Sucre ordenou que os batalhões Tiradores e Voluntários de la Pátria, se fundissem para integrar o batalhão Yaguachi

⁶ CALERO MERCADO, Carlos, Cátedra bolivariana, Conocemos a Bolívar, Editorial Norma, Colômbia, 1982, p. 176

⁷ RUMAZO GONZÁLEZ, Alfonso, *Sucre Gran Mariscal de Ayacucho*, Ed. Mediterráneo, quinta edição, Madrid, 1976, p. 182-183.

⁸ Andrade Reimers, Luis, *Sucre en el Ecuador*, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1982, p. 339.

⁹ ALEMÁN, Hugo, *Sucre Parabola Ecuatorial*, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1970, p. 136.

composto por três companhias. ¹⁰O então tenente Abdón Calderón que até Yulug pertencia ao batalhão "Voluntários de la Pátria" foi designado para a terceira companhia do batalhão nascente." De acordo com a tradição histórica, Abdón Calderón era o portador padrão do batalhão Yaguachi.¹¹

Em 21 de fevereiro de 1822, o exército libertador entrou na cidade de Cuenca, e com ela, Abdón Calderón retornou à sua cidade natal. Dois meses depois, em 21 de abril de 1822, Calderón se destacou na Batalha de Tapi (Riobamba), onde a cavalaria patriota liderada por Crnl. Juan Lavalle derrotou a cavalaria espanhola.

Na Batalha de Pichincha, em 24 de maio de 1822, ele se destacou como o portador padrão da terceira companhia do "Yaguachi" e lutou com extraordinária coragem e coragem singular. Apesar dos graves ferimentos que recebeu, ele se recusou a deixar o campo de batalha. De seu heroísmo, o General Antonio José de Sucre, em sua parte da guerra assinada em 28 de maio e dirigida ao Libertador Simón Bolívar diz: "... embora eu goste particularmente da conduta do Tenente Abdón Calderón, que recebeu quatro feridas consecutivas, nunca quis se retirar do combate. Ele provavelmente vai morrer, mas o Governo da República saberá como recompensar sua família pelos serviços deste Oficial Heroico ¹²."

O Libertador Simón Bolívar em reconhecimento à sua extraordinária coragem ordenou que no futuro a posição de Capitão da Companhia Yaguachi não fosse preenchida, grau ao qual foi promovido *post mortem*, e que, ao passar a lista, seu nome é sempre mencionado e seus membros respondem em coro: "Ele morreu gloriosamente em Pichincha, mas ele vive em nossos corações". O "Herói Infantil" Abdón Calderón, de acordo com as investigações realizadas pelo capitão da fragata Mariano Sánchez Bravo, morreu em Quito na casa do patriota Dr. José Félix Valdivieso y Valdivieso em 7 de junho de 1822, no dia seguinte seu corpo foi levado para o Convento de La Merced, onde a respectiva missa foi celebrada e ele foi enterrado.

MARECHAL SIMON ANDREW DE SANTA CRUZ 1792 - 1865

Nasceu em Huarina, La Paz, Bolívia, em 5 de dezembro de 1792; Morreu em Beauvoir sur Mer, Vendée, França, em 25 de setembro de 1865. Era filho de José de Santa Cruz e Villavicencio (espanhol), e Juana Basília Calahumana. Estudou na escola De Francisco de la Paz e na Universidade de San Antonio Abad, em Cusco. Em 1829 casou-se com Francisca Cernadas.¹³

Em 1809, quando o exército espanhol se mobilizou da Argentina contra as forças patrióticas bolivianas, Andrés de Santacruz alistou-se no regimento monarquista Dragões de Apolobamba com o posto de alferes. Participou das batalhas de Guaqui (1811); Vilcapugio e Ayohuma (1813), bem como em outras batalhas. Em 15 de abril de 1817, na batalha da Tablada de Tolomosa, ele foi feito prisioneiro pelas forças da independência e permaneceu preso em Tucumán e depois transferido para Buenos Aires, de onde poderia escapar em um navio inglês para o Rio de Janeiro e depois ir para o Peru, um país no qual ele se reintegrou às forças espanholas.

Em 6 de dezembro de 1820, como resultado da batalha de Cerro de Pasco, ele foi preso e levado para o quartel-general patriota em Huaura, onde em janeiro de 1821 ele tomou a decisão de se juntar ao exército patriota no qual, com o posto de coronel, assumiu o governo de Piura, em cujo exercício recebeu a comissão do General José de San Martín para organizar uma Divisão para se juntar ao exército libertador



comandado pelo General. Antonio José de Sucre,¹⁴

A divisão comandada pelo Crnl. Andrés de Santa Cruz, segundo o que foi dito pelo General Sucre, era composta pelo "Batalhão Trujillo com 600 homens, dos quais 125 veteranos. Batalhão Piura com 300 homens, dos quais 50 veteranos. Esquadrão de Caçadores com 200 cavaleiros, todos recrutas. Esquadrão Granadeiro com 200 homens excelentes tropas argentinas e chilenas, veteranos endurecidos".¹⁵

Em relação à composição da Divisão liderada por Santa Cruz, Alejandro Luna Tobar afirma que: "inicialmente foi constituída, portanto, por elementos de três nacionalidades: peruanos em sua maioria, argentinos e chilenos; no entanto, cinco oficiais Gran-colombianos de Numancia e pelo menos outros dois oficiais equatorianos também se juntaram ao batalhão Trujillo... E dizemos "pelo menos", porque só sabemos os nomes dos oficiais cuencanos, graças à minuciosidade de Dom Alfonso María Borrero... Os dois azuayos eram o Capitão dos Grenadiers Zeno de San Martín... e o Segundo Tenente José Moscoso, que tinha sido adicionado ao batalhão Piura... Em sua marcha até a fronteira do Equador e especialmente quando cruzam a linha de Macará, as tropas de Santa Cruz foram reduzidas por forte deserção, por isso seu chefe ordena ¹⁶"aumentar o máximo possível" com numerosos jovens da

¹⁰ DONOSO, Juan, *La Guerra de la Independencia Ecuatoriana*, pub. in: Academia Nacional de Historia Militar, *Historia Militar del Ecuador*, Imprenfepp, reimpresión, Quito, 2012, p. 201.

¹¹ MACÍAS NÚÑEZ, Tcrn. (S.P.) Édison, *El Capitán Abdón Calderón Garaycoa, soldado, héroe y mártir*, Colección Biblioteca del Ejército ecuatoriano, Ed. Centro de Estudios Históricos del Ejército, Quito, 1997, p. 145.

¹² SUCRE, José Antonio, Parte de Guerra al Libertador Bolívar, citado em: ACADEMIA NACIONAL DE HISTORIA, Boletín N. 119, p. 75.

¹³ MESA, José de; GISBERT, Teresa; MESA GISBERT, Carlos D., *Historia de Bolívia*, Ed. Gisbert, La Paz, 1997, p. 343.

¹⁴ FINOT, Enrique, *Nueva historia de Bolívia*, Ed. Juventud, La Paz, 1987, p. 164.

¹⁵ SUCRE, José Antonio de, Carta a Santander de 30 de enero de 1823, Archivo Santander, Tomo IX, pp 225-233, citado por LUNA TOBAR, Alfredo, *El Ecuador en la Independencia del Perú*, Ed. Banco Central del Ecuador, tomo VI, Quito, 1968, p. 210.

¹⁶ BORRERO, Alfonso María, *Cuenca en Pichincha*, 2 tomos, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Cuenca, 1972.

provincia de Loja"¹⁷

Do norte do Peru eles começaram sua marcha e chegaram a Saraguro, na província de Loja, onde se juntaram ao exército patriota em 9 de fevereiro de 1822, cinco dias depois, em 14 de fevereiro Santacruz chegou com o resto das tropas para Saraguro e se juntou ao exército libertador.¹⁸¹⁹

As forças avançaram para o norte e em 21 de fevereiro entraram em Cuenca. Em 21 de abril, em Riobamba, foi destacada a Batalha de Tapi, na qual foi destacada a coragem e liderança de Crnl. Juan Lavalle, comandante dos Granadeiros a cavalo.²⁰

Em 24 de maio de 1822 participou da Batalha de Pichincha. Em reconhecimento ao seu desempenho, por ordem do Libertador Simón Bolívar foi promovido ao posto de General. Em 22 de outubro de 1822, o Congresso peruano lhe deu a medalha de mérito.²¹

Em 1823, no Peru, participou das batalhas zepita, Sicasica e Ayo. Pouco depois, Simón Bolívar nomeou-o Chefe de Gabinete da Divisão Peruana, função na qual em 6 de agosto de 1824 participou da Batalha de Junín. Assumiu então o cargo de prefeito de Huamanga.

Em 1825 foi nomeado Chefe de Estado-Maior do Exército Libertador na campanha do Alto Peru liderada pelo Marechal Antonio José de Sucre. Em abril, ele foi elevado ao posto de Grande Marechal e nomeado prefeito de Chuquisaca. No mesmo ano, a República Bolívar foi estabelecida e o Marechal Sucre foi nomeado o primeiro presidente.

Em 1826, durante o governo de Simón Bolívar no Peru, o Marechal Santa Cruz foi nomeado presidente do Conselho de Governo, então ele viajou para Lima e assumiu o cargo em 29 de junho de 1826. Quando Bolívar deixou o Peru, em 3 de setembro, assumiu o cargo de presidente interino.

Devido aos confrontos políticos registrados no Peru nos primeiros meses de 1827, uma Junta governamental foi estruturada presidida pelo Marechal Andrés de Santa Cruz e também integrada por Manuel Lorenzo Vidaurre, José de Morales y Ugalde, José María Galdeano e gen. Juan Salazar. Imediatamente esta Junta convocou um Congresso Constituinte que foi instalado em 4 de junho de 1828 e cinco dias depois elegeram o Marechal José de La Mar como presidente do Peru. Em 1828 Andrés de Santa Cruz serviu como Ministro Plenipotente do Peru no Chile. No mesmo ano, após incidentes desastrosos na Bolívia, o Marechal Sucre renunciou à Presidência daquele país. Em 31 de janeiro de 1829, o Congresso boliviano elegeram o Marechal Andrés de Santa Cruz como Presidente da República, então ele começou seu retorno do Chile e assumiu a primeira magistratura em 24 de maio de 1829. Durante seus primeiros anos de governo, implantou um importante trabalho jurídico, organizacional e econômico para estruturar o Estado, por isso, na história boliviana, reconhece-se que "*o presidente Santa Cruz brilhou por sua diligência na administração do país*".²²

A partir de 1835, o Peru viveu uma profunda crise nacional em meio à perplexidade e confrontos dos grupos que disputavam o poder político. Em meados daquele ano, Andrés de Santa Cruz, que havia assumido compromissos com alguns líderes peruanos, comandando um exército de 5.000 soldados, entrou em território peruano para apoiar a tendência representada pela estruturação de um Estado unificado entre o Peru e a Bolívia. Após a Batalha de Socabaya, em 7 de fevereiro de 1836, na qual o Marechal Andrés de Santa Cruz triunfou, a Assembleia dos departamentos: Cusco, Arequipa, Ayacucho e Puno se reuniram e criaram o Estado do Sul peruano ao nomear Andrés de Santa Cruz como seu Principal Protetor Supremo.

Alguns meses depois, em agosto de 1836, os representantes dos departamentos: Amazonas, Lima, La Libertad e Junín se reuniram em

Huaura, e formaram o Estado Nor Peruano, que também entregou o poder político ao Marechal Santa Cruz como Conselheiro Supremo.

Na Bolívia, em junho de 1836, o Congresso Extraordinário, conhecido como Congresso do Tapacarí, reuniu-se, que autorizou o presidente Andrés de Santa Cruz a realizar o projeto da Confederação com o Peru. Em 16 de agosto de 1836, Santa Cruz tomou posse do Comando Supremo em Lima. Naquela época, ele era simultaneamente Chefe Supremo do Norte do Peru, Sul do Peru e Presidente da Bolívia. Em 28 de outubro de 1836, estabeleceu a Confederação Peru-Bolívia.

En mayo de 1837 se reunió el llamado Congreso de Tacna, integrado por representantes de los tres Estados que mediante una Constitución estableció la Confederación Perú-Boliviana, según su texto cada Estado debía tener su propio gobierno, pero juntos poseían un poder ejecutivo central llamado Protectorado, para cuyo desempeño fue elegido el mariscal Andrés de Santa Cruz, que "*estaba investido de amplísimos poderes y hasta podía renovar su período de gobierno de diez años*"²³. Esta configuración estatal nuevamente desató confrontaciones internas que cuestionaron la legitimidad del Congreso y dieron origen a violentos enfrentamientos que se vieron agravados con la decisión de Chile de enviar fuerzas militares contra el Perú.

Em 20 de janeiro de 1839, ocorreu a Batalha de Yungay, na qual Santa Cruz foi definitivamente derrotada. Devido à difícil situação política, um mês depois, em 20 de fevereiro de 1839, renunciou à Presidência da Bolívia e a bordo da fragata inglesa Sammarang foi ao Equador para se estabelecer primeiro em Guayaquil e depois em Quito, onde publicou muitos documentos e entre eles o intitulado "*Manifiesto de Quito*" que o enviou ao seu país. Em 1843, ele empreendeu uma viagem de volta à Bolívia, mas não alcançou seu objetivo porque estava preso na estrada e confinado em Chillán. Isso levou a protestos dos governos do Equador, França e Inglaterra, circunstância que levou a um acordo entre Peru, Bolívia e Chile para facilitar a viagem do Marechal Santa Cruz à França, onde ele serviu como plenipotente da Bolívia.²⁴

Em 1855 tentou retornar à Bolívia, mas devido a confrontos políticos ele só chegou à Argentina, onde se estabeleceu temporariamente até retornar definitivamente à França, onde sua família estava sediada. Em 25 de setembro de 1865, o Marechal Andrew de St. Cruz morreu em Beauvoir-sur-Mer, perto de Nantes, França. Para comemorar o primeiro centenário de sua morte em 1965, seus restos mortais foram transferidos da França para a Bolívia e descansaram na Catedral da cidade de La Paz.

GENERAL JOSÉ MIREZ 1785 - 1829

Nascido em 1785, morreu em Samborondón, Guayas, em 1829. Desde seus primeiros estudos, ele se destacou por sua inteligência matemática. Em uma idade muito jovem, ele se juntou ao exército monarquista espanhol.

Ele chegou a Caracas com o posto de capitão do Regimento da Rainha. Em 1808, com o posto de coronel de engenheiros, estabeleceu em Caracas a Miliar Escola de Engenharia, que incluiu a Academia de Matemática. Nesta instituição ele ministrou aulas e entre seus alunos estava Antonio José de Sucre, futuro Marechal de Ayacucho.²⁵

Ele sempre se identificou com os princípios de liberdade e independência dos povos americanos, então de sua cadeira ele compartilhou com seus alunos as ideias progressistas da necessidade de unir e promover a causa da Independência e participou de reuniões

¹⁷ LUNA TOBAR, Alfredo, *El Ecuador en la Independencia del Perú*, Ed. Banco Central del Ecuador, tomo VI, Quito, 1968, p. 210-211.

¹⁸ MACÍAS NÚÑEZ, Tcrn. (S.P.) Édison, *El Ejército en las Guerras de la Independencia*, tomo 2, Ed. Centro de Estudios Históricos del Ejército, Quito, 2007, p. 56.

¹⁸¹⁹ GERMAN, Hugo, *Sucre Ecuatorial Parable*. Ed. Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1970, p. 147.

²⁰ DONOSO GAME, Juan Francisco, *La Guerra de la Independencia Ecuatoriana*, pub. in: Academia Nacional de Historia Militar, *Historia Militar del Ecuador*, Imprenfepp, reimpressão, Quito, 2012, p. 203.

²¹ MOSCOSO PEÑAHERRERA, Diego, *Don Simón y su gente*, Artes Gráficas Silva, Quito, 2012, p. 494.

²² MESA, José de; GISBERT, Teresa; MESA GISBERT, Carlos D., *Historia de Bolívia*, Ed. Gisbert, La Paz, 1997, p. 345.

²³ LEXUS, *Historia del Perú*, Lexus Editores, España, 2000, p. 777.

²⁴ COSTA DE LA TORRE, Arturo, *Hombres célebres de Bolívia, Apuntes históricos sobre el litoral boliviano en el Pacífico*, Imprenta y Librería Renovación, La Paz, 1971, p. 251.

²⁵ VANNINI DE GERULEWICZ, Marisa, *José Mires, professor patriota espanhol do Marechal Sucre: as ciências matemáticas a serviço da independência americana*, [https:// halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00104193](https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00104193).

secretas realizadas pelos patriotas. Após o pronunciamento de Caracas para sua Independência feita em 19 de abril de 1810, ele se juntou às fileiras patrióticas.



Em 29 de setembro de 1810 foi nomeado capitão do 7º. Regimento do Batalhão de Veteranos do Exército Patriota. Em 1811 ele liderou o batalhão de milícia disciplinado. Em 1812 foi promovido ao posto de tenente-coronel. Como resultado da queda da primeira República da Venezuela, em 30 de julho ele foi capturado pelas forças monarquistas em La Guaira e pouco depois junto com outros patriotas que Diego Monteverde chamou de "os oito monstros" foram enviados para a Espanha e depois para Ceuta. A mando do príncipe britânico, vários patriotas foram perdoados em 10 de setembro de 1815. Assim que recuperou sua liberdade, retornou ao Novo Continente e, no final daquele mesmo ano de 1815, participou da defesa de Cartagena de Indias que foram sitiadas.

Em 16 de janeiro de 1821, por ordem do Libertador Bolívar, ele foi da Colômbia para Guayaquil para apoiar a Junta governamental organizada como resultado de 9 de outubro de 1820, na qual proclamou sua Independência. Ele chegou a Guayaquil em meados de fevereiro de 1821 e colocou sob as ordens das forças patriotas 1.000 rifles, 50.000 cartuchos, 8.000 pedras de fúria, 500 sabres e 1.000 pares de pistolas.²⁶

General Antonio José de Sucre chegou à península de Santa Elena

em 30 de abril e imediatamente foi para Guayaquil, chegou no dia 6 à noite e assumiu o comando das tropas patriotas. Diante do avanço do exército monarquista liderado por Melchor Aymerich do Riobamba e por Francisco González de Cuenca com o plano de se encontrar em Babahoyo em 20 de agosto e continuar em direção a Guayaquil. Sucre ordenou que o exército patriota avançasse em direção a Yaguachi para enfrentar separadamente os de Cuenca. Em 19 de agosto de 1821, José Mires no comando de operações na frente de batalha em Cone, Yaguachi, Guayas, derrotou as tropas monarquistas de Cuenca.²⁷

Como resultado da vitória em Cone, o General Sucre ordenou o avanço das tropas em direção a Quito pela estrada para Guaranda.

Aproximando-se de Ambato, em Huachi, em 22 de setembro de 1821, ocorreu o confronto com as forças monarquistas lideradas por Aymerich. Devido ao seu entusiasmo, Crnl. Mires apressou-se a disparar contra o exército espanhol, que devido à sua melhor posição e estrutura derrotou os patriotas, com um resultado adverso de 800 baixas e 50 prisioneiros entre os quais estava Mires que foi "levado para as masmorras da capital", da qual ele conseguiu sair com a ajuda de Lucas Tipán e Rosa Montúfar, esposa de ²⁸Crnl. Vicente Aguirre, como aponta Jorge Salvador Lara: "*Os patriotas de Quito ajudam Mires a escapar na tarde de 18 de maio e escondê-lo até a noite, e Tipán o conduz, através de chaquiñanes pouco conhecidos, da capital para Chillo-Compañía ... chega no dia 19 da manhã. Sucre recebe.*" Em 24 de maio de 1822, durante a ²⁹Batalha de Pichincha, com o posto de General de Brigada, ele comandou a divisão colombiana que derrotou o exército espanhol comandado por Aymerich.³⁰

Mais tarde ele se estabeleceu em Guayaquil. Em 1829, quando o Peru invadiu o território sul da Gran Colômbia e ocupou Guayaquil, o General Mires foi nomeado comandante de Samborondón. Uma coluna peruana liderada por José Bustamante das forças peruanas invasoras, que apesar de terem sido derrotadas em Tarqui se recusou a deixar Guayaquil, ocupou Samborondón e na foz do rio Yaguachi começou a atirar no General José Mires.³¹

GENERAL DANIEL FLORENCIO O'LEARY 1800 - 1854



Ele nasceu em Cork, Irlanda, em 14 de outubro de 1800; morreu em Bogotá em 24 de fevereiro de 1854. Ele era filho de Jeremiah O'Leary e Carolina Burke. Em 1818 chegou a Angostura, Venezuela, fazendo

²⁶ SALVADOR LARA, Jorge, *História contemporânea do Equador*, Ed. Fondo de la Cultura Económica, México, 2005, p. 318.

²⁷ MACÍAS NÚÑEZ, Tcrn. (S.P.) Édison, *El Ejército en las Guerras de la Independencia*, tomo 2, Ed. Centro de Estudios Históricos del Ejército, Quito, 2007, p. 36.

²⁸ ALEMÁN, Hugo, *Sucre Parábola Ecuatorial*, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1970, p. 146.

²⁹ SALVADOR LARA, Jorge, *História contemporânea del Equador*, Ed. Fondo de la Cultura Económica, México, 2005, p. 334.

³⁰ MACÍAS NÚÑEZ, Tcrn. (sp) Édison, *El Capitán Abdón Calderón Garaycoa, soldado, héroe y mártir*, Colección Biblioteca del Ejército ecuatoriano, Ed. Centro de Estudios Históricos del Ejército, Quito, 1997, p. 166.

³¹ AVILÉS PINO, Efrén, *Diccionario del Ecuador, Histórico, geográfico, biográfico*, Vol. E-M, Imp. Cromos, Guayaquil, p. 531

³²parte da Legião Britânica que se juntou às forças patriotas.

Participou de inúmeras lutas pela independência da Venezuela, Colômbia e Equador. Em 25 de julho de 1819, ele lutou na Batalha do Pântano Vargas, na Colômbia. Em 1820, o Libertador Bolívar nomeou-o como seu ajudante de campo. Sempre foi muito metucioso na coleta de dados e detalhes da vida do Libertador, além de importantes documentos históricos. Falava inglês, francês, latim e espanhol. Em 24 de junho de 1821 participou da Batalha de Carabobo e cinco dias depois o Libertador entrou em Caracas triunfantemente.

Encomendado por Bolívar no início de 1822, viajou para o Panamá, onde recebeu a condecoração cruz de Boyacá e pouco depois mudou-se para Guayaquil para se juntar ao exército patriota comandado pelo General Sucre. Juntou-se às tropas em Latacunga. Em 24 de maio de 1822 participou da Batalha de³³ Pichincha como assessor-de-campo para o chefe de gabinete Crnl. Antonio Morales.³⁴

Em 16 de junho de 1822, Bolívar chegou a Quito e encontrou O'Leary novamente. Em 17 de julho de 1823 O'Leary participou com Simón Bolívar na batalha de Ibarra contra as tropas monarquistas lideradas por Crnl. Agustín Agualongo que foram derrotados. "*As partes conhecidas ou crônicas da batalha fazem menção especial à coragem exibida pelos generais Salom e Barreto, pelos coronéis Maza e Chiriboga, os edecanos da Libertadora, O'Leary e Ibarra.*"³⁵

Em 1825 esteve com Bolívar em Lima e pouco depois o acompanhou em sua viagem para Potosí, na Bolívia. Naqueles dias ele conheceu Simón Rodríguez, o professor da Libertadora. Em junho de 1826, a delegação de Bolívar viajou para Bogotá, para tentar defender a integridade da Gran Colombia que estava ameaçada pelas disputas e confrontos entre o General José Antonio Páez e o General Francisco de Paula Santander. O envolvimento de O'Leary inicialmente gerou mal-entendidos que logo foram superados.

Em 19 de fevereiro de 1828, em Bogotá, casou-se com Soledad Soublette e eles eram pais de nove filhos. Por causa de sua admiração por Bolívar "*seu primeiro filho foi batizado como Simón Bolívar ... ele batizou sua segunda filha da Bolívia.*"³⁶

Em 1828 participou da Convenção de Ocaña, instalada em 9 de abril. No meio dos debates, ele entrou em conflito com os deputados que apoiam o Santander. Devido ao fracasso da Convenção, o libertador Bolívar assumiu a Liderança Suprema da Colômbia. No mesmo ano, devido ao aumento das tensões com o Peru, Bolívar enviou O'Leary como seu delegado para buscar possibilidades de acordos. O'Leary chegou a Guayaquil e em janeiro de 1829, antes do avanço das forças peruanas, ele foi para Cuenca.

Em 27 de fevereiro de 1829 ele se destacou por sua corajosa e decisiva participação na Batalha de Tarqui, na qual os invasores peruanos foram derrotados. ³⁷O Marechal Sucre em sua *parte da Batalha* assinada em 2 de março de 1829 escreveu: "*Os coronéis Cordero, O'Leary, Braun, León e Guerra se destacaram ... por um valor eminente*", ³⁸além disso, o Marechal especifica que no dia seguinte, 28 de fevereiro, os representantes dos exércitos "*Às dez horas da manhã se reuniram em uma casa intermediária dos dois campos a SS. General Flores e coronel O'Leary com amplos poderes de nossa parte; e generais Gamarra e Obregoso para o Peru.*"³⁹

Retornou a Bogotá e, em 16 de setembro de 1829, o Conselho Deliberativo da Colômbia encomendou gen. Daniel O'Leary assumiu a liderança das forças militares para combater a revolução liderada pelo General José María Córdova. A batalha ocorreu a 40 KM de Medellín, em El Santuario, em 17 de outubro de 1829. O derrotado Córdova perdeu a vida nas mãos de Ruperto Hand. ⁴⁰

Em 15 de janeiro de 1830, Gen. O'Leary recebeu em Santa Fé de Bogotá

o Libertador Bolívar que estava voltando do Equador depois que as tropas invasoras do Peru desocuparam Guayaquil. Cinco dias depois, Bolívar instalou o Admirável Congresso. O'Leary foi nomeado ministro plenipotente para os Estados Unidos, mas esta posição não foi formalizada.

Diante da grave deterioração da saúde de Bolívar, O'Leary viajou para Santa Marta, mas infelizmente chegou um dia após a morte da Libertadora.

Em 1831, O'Leary foi expulso da Colômbia por Gral. José Ignacio Luque, então ele foi para a Jamaica onde começou a organizar os documentos que havia coletado ao longo de sua dura e corajosa carreira militar. Em meados de 1833 ele voltou do exílio e se estabeleceu em Caracas.

Entre 1834 e 1840 ele ocupou funções diplomáticas perante os governos da Inglaterra, França e Espanha, bem como antes da Santa Sé e se reuniu com o Papa Gregório XVI. Depois de seis anos, ele voltou da Europa para Caracas. Nos anos seguintes, foi cônsul da Inglaterra em Caracas e Chargé d'Affaires da Grã-Bretanha em Bogotá. Durante esse tempo, ele continuou com grande esforço a organização dos documentos resgatados durante sua intensa atividade patriótica.

Sua saúde se deteriorou e em 24 de fevereiro de 1854 ele morreu em Bogotá. Em 1881, o presidente da Venezuela Gral. Antonio Guzmán Blanco ordenou a transferência de seus restos mortais para o Panteão Nacional de Caracas e depositou-os com os do Libertador Simón Bolívar.

Entre 1879 e 1888, durante o governo de Gen. Antonio Guzmán Blanco, com o título de "*Memorias del General O'Leary*" suas obras foram publicadas em Caracas em 32 volumes. Os textos foram preparados por seu filho Simón Bolívar O'Leary. As obras de O'Leary são volumes 27, 28 e 32, as outras 29 são documentos e correspondência dos personagens da época; os volumes 29, 30 e 31 contêm as letras do Libertador.⁴¹

César Augusto Alarcón Costta
VICE-DIRETOR DA ACADEMIA
NACIONAL DE HISTÓRIA MILITAR DO EQUADOR

Biografia dos Patriotas

³² GÓMEZ ARISTIZÁBAL, Horacio, *Diccionario de la historia de Colombia*, Ed. Plaza & Janes, 2ª edição, Bogotá, 1985, p. 77.

³³ PÉREZ PIMENTEL, Rodolfo, *Diccionario Biográfico Ecuatoriano*, t. 12, Editorial Universidad de Guayaquil, 1996, p. 278.

³⁴ BORREO, Alfonso María, *Cuenca en Pichincha*, t. 2, Casa de la Cultura Ecuatoriana, Núcleo del Azuay, Cuenca, 1972, p. 491.

³⁵ MORALES ALMEIDA, Roberto, *Bolívar, Agualongo y la Batalla de Ibarra*, publicado em Monografia de Ibarra, vol. IV, Sociedad Cultural "Amigos de Ibarra", p. 267.

³⁶ MOSCOSO PEÑAHERRERA, Diego, *Don Simón y su gente*, Artes Gráficas Silva, Quito, 2012, p. 389.

³⁷ CALERO MERCADO, Carlos, *Cátedra Bolivariana, Conocemos a Bolívar*, Editorial Norma, Bogotá, 1982, p. 137.

³⁸ SUCRE, José Antonio, *Parte de la Batalla de Tarqui*, publicado por: MACÍAS NÚÑEZ, Tern. (sp) Dr. Édison, *Historia general del Ejército Ecuatoriano. El Ejército en las Guerras de la Independencia*, t. 2, Centro de Estudios históricos del Ejército, Quito, 2007, p. 227.

³⁹ Ibid, p. 228.

⁴⁰ CALERO MERCADO, Carlos, *Cátedra Bolivariana, Conocemos a Bolívar*, Editorial Norma, Bogotá, 1982, p. 138, 181.

⁴¹ www.memoriasdeoleary.com

GENERAL JUAN GALO LAVALLE
1797 - 1841



Juan nasceu em 17 de outubro de 1797 em Buenos Aires. Ele era o quinto filho de Manuel José de La Valle y Cortés e María Mercedes González Bordallo. Seu pai, descendente direto do conquistador do México, era contador-geral do Rentas y el Tabaco del Virreinato del Río de la Plata. Herói nas campanhas de San Martín e Bolívar, ele respondeu à ideologia unitária, que defendeu cegamente até o fim de seus dias. A execução de Manuel Dorrego, ordenado por ele, contribuiu para a elevação de Juan Manuel de Rosas como governador da província de Buenos Aires, contra quem ele se levantará sem sucesso repetidamente, sempre em defesa da causa unitária.

Responsável pelo Regimento de Granadeiros a Cavalos, San Martín decidiu direcionar a formação de um grupo de jovens voluntários que seriam incorporados como cadetes, pertencentes em muitos casos às famílias mais ilustres da cidade. Juan Galo de Lavalle (que na época suprimiu o "de" de seu sobrenome e o apocopizou, possivelmente para evitar a ligação com sobrenomes espanhóis) pediu sua dispensa como cadete e foi aceito em agosto de 1812.

Quando San Martín assumiu o Exército dos Andes, Lavalle foi ordenado a se mudar para Cuyo para se juntar a ele. Lá, em um dos convites organizados por Remedios de Escalada de San Martín, a jovem esposa do Libertador, Lavalle conheceu sua futura esposa, María de los Dolores Correas.

Durante a travessia dos Andes, Juan Lavalle marchou para a vanguarda, sob as ordens do Brigadeiro Miguel Estanislao Soler. Ele se destacou no triunfo de Chacabuco, em fevereiro de 1817, e já ocupa o posto de general em chefe, quando o exército patriota foi derrotado em Cancha Rayada. Após a vitória de Maipú, Lavalle acompanhou San Martín no avanço

sobre o Peru, no qual ele também brilhou por suas habilidades militares.

Lavalle fez parte do exército que San Martín enviou a Simón Bolívar para continuar com a independência americana e participou da campanha ao Equador. **Ele teve uma performance excepcional nas batalhas de Rio Bamba e Pichincha.**

Juan Lavalle manteve sua promessa e retornou a Mendoza, onde se casou com María de los Dolores em abril de 1824. Retornou a Buenos Aires junto com sua esposa e foi nomeado chefe do Quarto Regimento de Infantaria, cujo objetivo era cobrir a fronteira sul do rio Salado, a fim de avançar sobre o território dominado pelos índios, um problema que começou a perturbar fortemente o governo. A intenção era demarcar uma nova linha de fronteira que deveria ser entre as costas do mar e as margens do rio Las Flores, passaria por Balcarce e Tandil e avançaria para oeste, em direção à fronteira com Santa Fé.

Juan Lavalle foi enviado para se alistar no exército na guerra com o Brasil, onde novamente se destacou por suas habilidades militares.

Enquanto isso, em Buenos Aires, em 1826, os esforços diplomáticos para concluir a guerra com o Brasil, não favoráveis às Províncias Unidas, e a sanção de uma Constituição unitária e centralista, colocaram em xeque o governo de Rivadavia, que teve que renunciar.

A falha unitária facilitou a chegada ao governo de Buenos Aires do federal Manuel Dorrego, o que gerou uma forte preocupação no círculo oligárquico da cidade, que apoiou o sistema unitário.

A derrota diplomática da guerra com o Brasil e o descontentamento das tropas desmoralizadas que retornavam foram usados como desculpa pelos unitários para conspirar contra o governador Dorrego.

Lavalle atirou em Dorrego e assim anunciou em um Bando: **"Eu participo do Governo Delegado que o Coronel Dorrego acaba de ser baleado pela minha ordem, à frente dos regimentos que compõem essa divisão. A história julgará com imparcialidade se o Coronel Dorrego deveria ter morrido ou não, e se sacrificando-o para a tranquilidade de um povo lamentado por ele eu poderia ter sido possuído de qualquer sentimento que não o do bem público."**

Em Buenos Aires, as repercussões da morte de Dorrego não demoraram muito, e o grupo que havia criado o golpe de Estado se afastou estrategicamente de Lavalle, que havia sido nomeado governador provisório, mas ainda não havia retornado à capital. Nas províncias do interior a situação não era muito diferente.

Finalmente, diante da iminência de uma guerra civil, Lavalle concordou em se encontrar com Juan Manuel de Rosas, cuja influência era cada vez mais importante nos círculos federais que continuamente sitiavam as forças de Lavalle. O encontro ocorreu em Cañuelas, em junho de 1829; lá Lavalle e Rosas assinaram um pacto pelo qual foi decidido a cessação das hostilidades, a eleição de autoridades para a reinstalação do Legislativo, que nomearia um governador a quem ambos se submeteriam junto com suas forças. Enquanto isso acontecia, Lavalle serviria como governadora provisória e Rosas como comandante geral da campanha. O pacto tinha uma cláusula secreta, na qual Rosas e Lavalle prometiam ganhar uma lista de candidatos a deputados que haviam sido concebidos por Rosas.

Mas os unitários de Buenos Aires se recusaram a assinar essa lista. A cidade foi novamente envolvida em um conflito

armado entre federais e unitários, e Lavalle, sem capacidade de responder, anulou as eleições e assinou um novo pacto com Rosas, pelo qual Juan José Viamonte foi nomeado governador provisório.

A partir daí, a situação de Lavalle em Buenos Aires tornou-se insustentável e ele teve que se exilar na Banda Oriental. Lá ele encontrou a notícia da ascensão de Rosas ao governo, como resultado de uma forte campanha de imprensa na qual Don Juan Manuel falou de Manuel Dorrego como um mártir da pátria e de Lavalle como um assassino selvagem.

Enquanto isso, o general José María Paz, que liderava a oposição unitária do interior, consolidou-se na província de Córdoba, de onde lançou a chamada "Liga do Interior", que buscava acabar com os senhores da guerra federal das diferentes províncias, aliados de Rosas. Instigado por Salvador María del Carril, Lavalle então empreendeu uma invasão de Entre Ríos da Banda Oriental. O objetivo era avançar na costa para encontrar Paz, mas ele foi derrotado duas vezes.

Em 1839, com o apoio dos exilados do regime rosista, ele foi para Entre Ríos e começou a avançar com o objetivo final de derrubar Rosas. Mas em setembro de 1840, Rosas conseguiu reunir 17.000 homens para enfrentá-lo, então Lavalle, no comando de apenas 1.100, se retirou para Santa Fé.

A tropa de Lavalle era constantemente perseguida e seu líder falhou em todas as tentativas de reorganizar seu exército agredido.

Ele chegou a Tucumán em 1841, de onde tentou mais uma vez avançar sobre a capital, mas foi derrotado em Famaillá pelas forças de Oribe, o caudillo uruguaio apoiado por Juan Manuel de Rosas. A derrota marcou o fim da chamada "coalizão do norte".

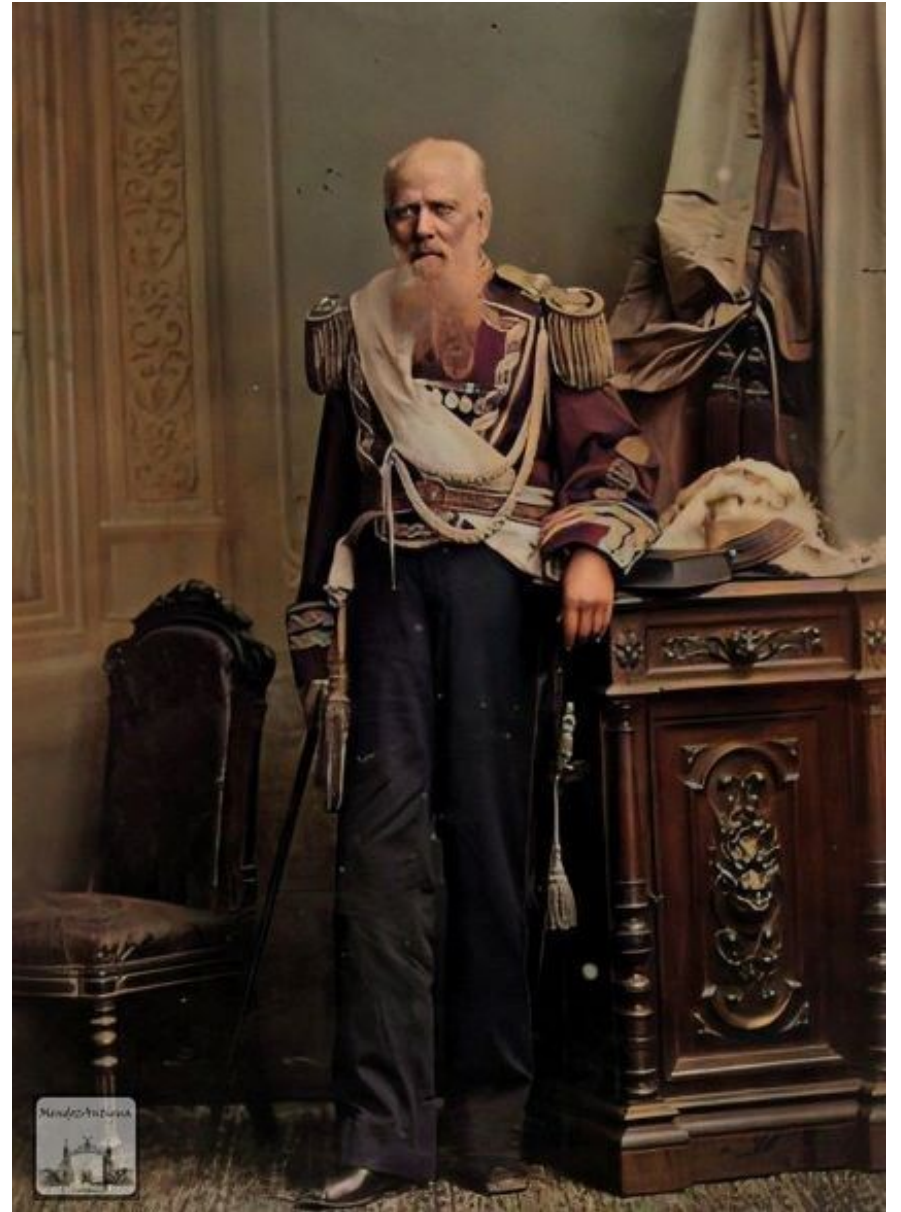
Quando o contingente chegou a Jujuy na noite de 7 de outubro, eles descobriram que as autoridades haviam fugido para a ravina humahuaca, deixando o governo afalta.

Em 9 de outubro de 1841, uma festa federal encontrou a casa onde Lavalle estava e atirou na porta. Uma das balas perfurou a fechadura e feriu mortalmente Lavalle. Seu corpo foi levado para a catedral de Potosí, onde seus restos mortais foram depositados.

Em 1858, os restos mortais do General Lavalle foram transferidos para o cemitério recoleta em Buenos Aires, onde atualmente descansam, a metros do túmulo de Dorrego. O general não pôde cumprir seu juramento: **"Se um dia voltarmos a Buenos Aires, juro pela minha espada, pela minha honra como soldado, que farei um ato de profunda expiação: cercarei a viúva e os órfãos do coronel Dorrego com respeito e consideração."**

Fonte: www.elhistoriador.com.ar
Autor: Felipe Pigna

TENIENTE GENERAL EUSTOQUIO FRÍAS 1801 - 1891



Seus pais, Pedro José Frias Vélez de Alcocer e Dona Loreto Sánchez Peón, deram à luz seu primeiro filho: Eustoquio, em 20 de setembro de 1801, em Cachi, Salta. Ambos eram patriotas excelentes. Seu pai perdeu uma perna na batalha de Tucumán e sua mãe pertencia a uma corajosa rede de mulheres que espionaram as atividades dos monarquistas e informaram os patriotas, ajudados por seus filhos pequenos, entre os quais seria Eustoquio, certamente.

Para agradar a mãe para separá-lo do contato com os militares porque em Salta havia corpos remanescentes de Linha, seu pai decidiu mandá-lo para San Juan para viver com um tio. Infelizmente para os pais, o estranhamento foi de pouca utilidade. Lá ele ouviu que em Mendoza o Exército dos Andes estava sendo organizado sob as ordens do General Don. José de San Martín, 79.

Isso aconteceu em 9 de março de 1816. No dia seguinte eles chegaram em Mendoza e no dia 11 ele apareceu no quartel que estava no lugar de El Plumerillo. Ele escolheu esse corpo porque conhecia vários oficiais que visitaram seus pais heroicos em Tucumán, mas ele não os encontrou. Por outro lado, nenhum dos comandantes da companhia queria incorporá-lo porque, embora ele fosse alto, ele era muito magro. Por sorte, o Capitão com o posto de Major D. Mariano Necochea que o conhecia de Tucumán e era amigo de seu pai apareceu. Quem o viu ficou surpreso e perguntou o que ele estava fazendo no quartel

Após a vitória de Maipú, em abril de 1818, a liberdade do Chile foi assegurada. Foi então necessário enfrentar a próxima etapa do plano de libertação continental de San Martín, que consistia em atacar o Peru, o centro do poder colonialista espanhol na América do Sul.

A pressão do Diretório para que San Martín voltasse com o Exército dos Andes para conter as revoltas contra o governo de Buenos Aires estava aumentando. San Martín assume a decisão histórica de desobedecer às ordens do centralismo de Buenos Aires.

Com o posto de Cabo, participou da captura da cidade de Lima e fez a campanha do Peru sob as ordens do General San Martín, pelo qual recebeu uma medalha de prata. Sob as ordens de Arenales, participou das duas campanhas da Serra, distinguindo-se nas batalhas de Nazca e Pasco. No cerco da fortaleza de Callao e, em seguida, em seu ataque, em 14 de agosto de 1821, Eustoquio Frias estava presente. Local que culminou com a capitulação do Marechal José de la Mar.

O General Santa Cruz, no início da campanha para o Equador, nomeou Frias para o posto de Sargento. O General Sucre pede a Juan Lavalle, então capitão do posto de sargento-mor, que um sargento cumpra uma missão extremamente importante. O Sargento Frias foi o indicado. Ele teve que entregar um escritório ao General espanhol, e teve que observar no campo inimigo o máximo possível.

De volta ao acampamento, ele faz um relato detalhado do que viu, que ele notou pouca vigilância e que parecia fácil para ele entrar onde ele tinha feito isso. Três dias depois, o exército patriota ocupa Cuenca. Dois dias depois, a batalha de Rio Bamba ocorreu, conhecida como o mais brilhante combate de cavalaria na Guerra da Independência Hispano-Americana, destacando a primeira carga de um esquadrão do Regimento Granadeiro a Cavalos de 96 homens, que atacou 400 cavaleiros da cavalaria monarquista, dando a vitória aos patriotas. Frias era um daqueles bravos granadeiros e foi ferido por uma lança na mão direita.

Sob as ordens do Marechal Antonio José de Sucre, ele derrotou as forças espanholas na Batalla del Pichincha, levando à libertação de Quito. Participe da Campanha dos Portos Intermediários. Na ação de Chunghanga ele foi baleado e ferido. Quando Lavalle se separou do Exército Bolívar, propôs ao Sargento Frias para ser um oficial. Depois de quatro dias, ele recebeu o despacho do Portador Padrão do primeiro esquadrão -posto militar antes do de Alferes da Companhia - de acordo com a hierarquia daqueles anos.

"Peruanos! A campanha que deve completar a liberdade começou sob os auspícios mais favoráveis. O exército do General Canterac recebeu um golpe mortal em Junín, tendo perdido, como resultado deste evento, um terço de suas forças e toda a sua moral."

Simón Bolívar proclama após o triunfo nas alturas geladas de Junín a 4000 metros acima do nível do mar. O frio era tão intenso que durante a noite quase todos os feridos de ambos os lados morreram. Na Batalha de Junín, um esquadrão de Granadeiros a Cavalos dos Andes, juntamente com Grenadiers da Colômbia, Hussardos da Colômbia e Hussardos do Peru, fez com que os espanhóis fugissem aterrorizados. Cavalaria sob o comando de Mariano Necochea, aquele que tinha trazido Eustoquio para o Regimento Granadeiro a Cavalos quando ele era quase uma criança. Junín abriu caminho para Antonio José de Sucre derrotar definitivamente o exército espanhol em Ayacucho, consolidando a independência da América do Sul. O policial Frias foi ferido por baioneta.

Após o feito emancipatório, o regimento foi para Arequipa, de lá para Iquique, onde embarcaram para Valparaíso para ir para Buenos Aires, mas devem ficar cinco meses em Santiago porque a cadeia de montanhas está fechada. Todo esse tempo eles tiveram que subsistirem em 6 pesos por mês. Eles chegaram a Buenos Aires em fevereiro de 1826. O Corpo foi dissolvido e distribuído entre os Regimentos de Cavalaria que

estavam sendo formados. A guerra havia sido declarada no Brasil, da qual participa. Os coronéis Magan, Olavarría, Villalta e Brandzen exigem Frias para seus regimentos. O Mtro. of War, Gral. Alvear apareceu no quartel para encontrar o oficial solicitado por quatro coronéis e para um fundo tão honroso o promoveu a Tenente. Olavarría o promoveria ao 1º Tenente. Mais tarde foi promovido a Capitão com o posto de Sargento-Mor.

Sob as ordens do General D. Lucio Mansilla ele esteve na batalha de Ombú (15.2.1827) e em Ituzaingó (20.2.1827) liderado pelo General Alvear. Ambas as lutas vitoriosas.

No ano 30 ele pede sua separação do serviço. Um ato do Congresso do ano 26 estabeleceu que ele deveria desfrutar do salário integral de sua classe, um pedido que foi negado.

Uma vez que a guerra contra o Brasil acabou, ele participou das lutas civis que acompanhavam o General Lavalle em 1839 ele foi para o Estado Oriental e depois para Entre Ríos, onde se juntou ao exército do General Lavalle, fazendo as campanhas daquela província, Buenos Aires e Santa Fé. Ele participou da defesa no cerco de Montevideu até 1847. Sob as ordens do General Emilio Mitre ele fez a expedição ao deserto.

A serviço de Urquiza participou da Batalha de Caseros, em 3 de fevereiro de 1852. Lá ele foi promovido a coronel da cavalaria. Ele também lutou em Pavón, em 17 de setembro de 1861. In 1866 com o posto de coronel major ele se juntou à lista dos Guerreiros da Independência. Em 1879 foi promovido a general de brigada e em 1882 alcançou o posto de tenente-general.

Morreu em 16 de março de 1891. Quando foi demitido, Carlos Pellegrini, então presidente da Nação, disse sobre ele:

"Um soldado daquele glorioso regimento cuja fama durará enquanto nossa história durar, ele passou por uma por uma todas as notas da hierarquia militar em 75 anos de serviço - o mais longo registrado nos anais do nosso exército - durante o qual ele lutou por tudo o que é mais nobre e maior, pela independência, pela liberdade, pela integridade e pela honra da pátria."

Carlos Pellegrini

Sua vida, cheia de sacrifícios como de glória, cobriu quase todo o século XIX e sua morte marcou o fim do famoso ciclo da geração que fundou a independência da República e da grande Pátria. Os restos mortais do ancestral do Dr. Jorge Félix Frias, descansam desde 1963, no Panteão das Glórias do Norte, Salta.

Fonte: www.rionegro.com.ar
Autor: Enrique Minetti

Manuel Antonio López Borrero 1803-1891



Manuel Antonio López Borrero (Popayán, vice-reizacio de Nova Granada, 2 de julho de 1803 - Bogotá, 11 de agosto de 1891) foi um militar e historiador colombiano, herói da independência que participou das campanhas de independência da Colômbia, Equador e Peru. Após a guerra contra a Espanha, atuou como funcionário público e jornalista, destacando-se também como escritor cujas obras incluem Memórias Históricas do Coronel Manuel Antonio López: assistente do Estado-Maior Geral da Liberação. Colômbia e Peru, 1819-1826.

Nasceu em Popayán em 2 de julho de 1803. Aos 15 anos, Manuel Antonio López armou guerrilheiros, dois anos depois ingressou no Exército Libertador da Colômbia (1819) e aos 18 anos foi preso. Ele testemunhou a decapitação de 50 patriotas. Devido à sua juventude, sua sentença de morte foi comutada por ter sido colocada nas primeiras fileiras do Exército Monarquista. Em Pitayó ele escapa, volta ao Exército Republicano, e é nomeado assistente do Estado-Maior do Exército da Independência Americana. Na Batalha de Pichincha ele foi o portador padrão e aos 22 anos lutou com o posto de capitão na Batalha de Ayacucho. Este soldado e assistente dos generais Juan Manuel Valdez, Antonio José de Sucre e Simón Bolívar foi testemunha, escriba e documentara dos eventos políticos militares que compõem a história militar da Gran Colombia.

APÓS A INDEPENDÊNCIA

Ele viveu na Venezuela, onde ocupou cargos públicos - entre outros Juízes da Paz - e foi correspondente do El Venezolano depois de ser confinado pelo general Rafael Urdaneta por suposta cumplicidade com os Septembristas - o que foi negado -.

Em 1859 foi chefe de gabinete das forças do General Joaquín París. Serviu sob o comando do General Tomás Cipriano Mosquera. Ele colaborou com Antonio Leocadio Guzmán no semanário El Colombiano em 1863. Cônsul em Ciudad Bolívar (1866), em março de 1869, o Congresso da República da Colômbia o promoveu a general de brigada e um ano depois para general major.

SERVIÇOS MILITARES

Lutou em Pitayó, Las Piedras, Timbío, Las Yeguas, El Tablón de Gómez, Riobamba, Pichincha e Jenoy.

Em 1824 juntou-se a Simón Bolívar e Antonio José de Sucre para fazer as campanhas do Alto Peru e do Baixo Peru; e, em 1879, ele foi um dos poucos que ainda podiam mostrar em seu peito, as medalhas que lembravam os fatos relacionados às batalhas de Junin, Corpahuaico e Ayacucho.

Importante para seus serviços foi a honrosa comissão que lhe foi dada em Arequipa em 16 de junho de 1825, para receber a declaração do Sr. Francisco de los Heros, sobre a comissão que, como secretário do Coronel Remigio Silva, tirou de José de la Riva Agüero, perto dos chefes do exército espanhol, Cucalón e Loriga, sobre os planos sindicais contra a Colômbia e o Peru.

O Coronel López terminou seus serviços à emancipação em 1825, enquanto o governo espanhol reconheceu a independência absoluta da Colômbia (2 de janeiro).

Foi companheiro dos generais Obando e Franco na campanha pasto em 1851, e encontrou-se nos tiroteios do Ejido deste nome e nos de Santo Andrés, Tablazo, Jenoy, Chaguaramba, etc. Lutou contra a ditadura do general José María Melo em 17 de abril de 1854 e lutou em Bosa, Las Cruces, Bogotá e Tiquiza. Ele eventualmente participou da campanha de 1860 a 1862 lutando em Campo Amalia, Subachoque, Usaquén e San Diego.

MORTE

Sua morte ocorreu em 11 de agosto de 1891 tendo obtido as fileiras de brigadeiro-general e major-general.

Fuente:

https://es.wikipedia.org/wiki/Manuel_Antonio_L%C3%B3pez_Borrero
Fotografia patrimonial: Instituto Nacional de Patrimonio Cultural. Quito-Ecuador

INICIO



Ec. Fabiola Cuvi Ortiz
Diretora Administrativo ASOCID-EQUADOR

HEROÍNAS DA LIBERDADE

Em homenagem ao Bicentenário da Independência da República do Equador e à criação da primeira Junta Suprema de Governo Autônomo que ocorreu em Quito, capital da Audiência Real de Quito, hoje capital da República do Equador, quero me referir à participação ativa de muitas mulheres equatorianas que colaboraram neste evento pioneiro histórico do processo de independência que se formou em toda a América.

Este notável fato histórico e o sacrifício de nossos heróis de 2 de agosto de 1810, decidiram que o honorável Congresso Nacional do Chile em 1812 proclamava Quito "LUZ DA AMÉRICA".

Neste feito libertário, como dissemos, teve uma participação decisiva muitas mulheres de Quito entre elas, vou me referir a 3 mulheres de destaque:

MANUELA DE SANTA CRUZ Y ESPEJO 1753 – 1829



Antes de Manuela Cañizares temos outra mulher idealista e patriótica, **Manuela de Santa Cruz e Espejo** cujo coração viveu atormentado pela opressão em que equatorianos e nossos irmãos na América Latina foram submetidos. A paixão por sua pátria e liberdade não tinha limites. Manuela quiteña irmã do precursor Eugenio de Santa Cruz y Espejo e esposa do ilustre José María Lequerica que desde muito jovem vinha apoiando a causa libertária, condenou os maus tratos e a angústia em seu cotidiano de seus compatriotas. Ele convidou os homens pioneiros a trabalhar duro para sair do jugo espanhol que os tinha sobrecarregado com os crimes que eles cometeram e regulamentos severos. Assim, ele não esvaziou um momento, na hora certa, para dar-lhes suas joias e com eles seu esforço, coragem e bravura em apoio financeiro da causa.

MANUELA CAÑIZAREZ ÁLVAREZ SÁENZ 1769 - 1814



Quien recebeu em sua casa da casa paroquial de El Sagrario de Quito os patriotas que se reuniram com ela para forjar a liberdade, clamando com nobre integridade pelo povo de Quito que fez sua voz ser ouvida para reivindicar seus direitos e seu pensamento de liberdade. Manuela Cañizares na noite da apreensão do Palácio da Audiência e do poder, em 9 de agosto de 1809, não permitiu que os patriotas fossem intimidados e vendo que tentaram dissolver sua unidade, ela com admirável e firme espírito patriótico, levantou a voz e lhes disse: covardes! "Homens de pouca taxa, nascidos para servidão, do que você tem medo?" Não há tempo a perder!", mantendo o ânimo de todos.

Chaveiro na mão fecha o portão e diz bravamente: "daqui ninguém sai a não ser diretamente para o palácio do Conde Ruiz de Castela para a tomada do poder", assim foi, com a palavra ardente, Manuela Cañizares, a MULHER FORTE!,

como ela foi descrita por sua unidade e serenidade de espírito, tempera a coragem dos patriotas a quem, ao impulso de sua inspiração, ela restaura sua fé; Deixar aquela casa histórica da então e atual Igreja do Tabernáculo em Quito, ir diretamente ao Palácio da Audiência Real e conseguir fazê-lo assinar a Abdicação do poder a Ruiz de Castilla, iniciando assim, o Grande grito de liberdade na madrugada de 1809, "Dia da Liberdade", os sinos das igrejas da cidade franciscana de Quito soam a emoção e os gritos de liberdade das pessoas que se recuperam seus direitos soberanos e é libertado do jugo espanhol.

O brilhante harangue de Manuela Cañizares foi gravado nas páginas de nossa história e deve ser gravado para sempre, mais do que no mármore no coração e na alma dos equatorianos que continuam a sonhar com a unidade e a grandeza da Pátria.

MANUELA SÁENZ 1797 - 1856



Quiteña, patriota da liberdade, o "Libertador da Libertadora", em homenagem a Bolívar, por ter salvo sua vida em setembro de 1828.

Desde muito jovem, Manuelita, sendo mimada e desfrutando de todo o conforto, não estava feliz porque em seu coração carregava o tormento de abuso, crueldade e injustiça. Vendo de sua varanda como o povo equatoriano era tratado, dizia-se: "um dia a liberdade virá para este país vexame do meu país", ele sonhou em quebrar as correntes do jugo espanhol.

Seus desejos foram cumpridos quando ele conheceu Simón Bolívar, que entrou em Quito triunfante com Antonio José de Sucre e seu batalhão, depois de triunfar na Batalha de Pichincha, dando liberdade ao Equador.

Desde muito jovem, Manuelita, sendo mimada e desfrutando de todo o conforto, não estava feliz porque em seu coração carregava o tormento de abuso, crueldade e injustiça. Vendo

de sua varanda como o povo equatoriano era tratado, dizia-se: "um dia a liberdade virá para este país vexame do meu país", ele sonhou em quebrar as correntes do jugo espanhol.

Seus desejos foram cumpridos quando ele conheceu Simón Bolívar, que entrou em Quito triunfante com Antonio José de Sucre e seu batalhão, depois de triunfar na Batalha de Pichincha, dando liberdade ao Equador.

Ela amava Simon Bolivar mais do que homem aos seus sentimentos, traduzidos em amor à liberdade.

Manuela Sáenz se envolveu plenamente nos ideais de Simón Bolívar, ela foi fiel à causa: duas vezes ela o libertou da morte nas mãos de seus inimigos, seu colóquio amoroso terminou em patriotismo, ele era o guia no campo de batalha, ele não se importava com sua vida ou o que eles diriam, ele estava indo para a frente, seu objetivo era alcançar a liberdade, com sua amada, dando-lhe seu amor, força e coragem. Ela foi nomeada Coronel do Exército, hoje nomeada General da República do Equador por Decreto Presencial de 24 de maio de 2007. Ela liderou os batalhões ordenados pelo Marechal Antonio José de Sucre.

Além das três Manuelas, existem outras mulheres patrióticas e precursoras da independência que não foram mencionadas pela nossa história e que merecem ser conhecidas e premiadas pelos equatorianos, tais como: Rosita Campusano, Antonia León, "La Bandola", Baltazar Terán, Ana de Peralta, Rosa Montúfar, Nicolasa Jurado, Baltazara e Manuela Chaviza, indígenas; María Duchasela, e os fiéis Jonathas, Natán e Rosalba; mulheres negras que estavam nas batalhas com Manuelita e a Libertadora.

As mulheres estão convencidas de que se os equatorianos se unem e alcançam uma concertação adequada, valorizando nossas identidades, respeitando as diferenças, respeitando nossa história e nossos símbolos, deixando de lado bandeiras políticas, interesses pessoais, trabalhando juntos em direção a um objetivo comum de longo prazo, rumo a um novo desenvolvimento, pensando em um país produtivo com restauração de valores éticos, Podemos celebrar nossa nova independência e liberdade, o que significa que o Equador estará livre da pobreza, fome, desnutrição, livre de corrupção, livre de vício em drogas, livre de injustiças, com valores humanos no topo e cobriu pelo menos suas necessidades básicas: ar limpo, água limpa, comida, moradia, roupas, saúde, educação, trabalho e emprego, recreação, espaço mínimo e descanso, para viver em paz, porque devemos entender que a paz não é apenas a ausência de guerra, mas é a ausência de violência estrutural.

Vamos celebrar o Bicentenário com patriotismo!

Eco. Fabiola Cuvi Ortiz

MARIANA CARCELÉN DE GUEVARA
MARQUESA DE SOLANDA
1805 – 1861*



María Ana Carcelén de Guevara y Larrea-Zurbano, comumente chamada *de Mariana*, nasceu em Quito em 27 de julho de 1805. Ela era uma notável senhora Quito, um membro de uma família aristocrática da capital da então Audiência de Quito pertencente ao Império Espanhol. Ele tinha alguns títulos nobres importantes, incluindo os marquês de Solanda e Villarrocha. Ela também foi esposa do herói da independência venezuelana Antonio José de Sucre, Grão-Marechal de Ayacucho, por isso também é considerada a primeira-dama da Bolívia.

Ela nasceu na Fazenda Solanda, nos arredores da cidade de Quito, como a filha mais velha de Felipe Carcelén y Sánchez de Orellana, sexta Marquês de Solanda e quinto Marquês de Villarrocha, que foi capitão geral de São Francisco Borja (atual Peru) e primeiro prefeito ordinário da cidade de Quito; e Teresa de Larrea y Jijón.¹ Seu pai também participou da Revolução de Quito em 10 de agosto de 1809, em cujo Conselho De Governo ele era um representante e membro da Catedral ou bairro Central,² tudo isso quando Mariana tinha apenas quatro anos de idade.

A menina recebeu seus nomes em homenagem à sua tia-avó, Mariana Sánchez de Orellana y Rada, V Marquesa de Solanda e que, quando morreu sem emissão em 1803, testemunhou o título e o prefeitoazgo em favor de seu sobrinho Felipe.

Mariana foi a segunda de sete irmãos: Mercedes (morreu logo após o nascimento), Josefá, Vicente José (morreu um ano após o nascimento), Maria Rosa, Maria Manuela e Felipe. Sua irmã María Manuela casou-se com seu parente Modesto Larrea y Carrión, Marquês de San José, mas a ligação foi mais tarde dissolvida pela autoridade eclesiástica.

Presume-se que ela foi educada em um convento de Quito em artesanato, embora ela nunca tenha se destacado em ciência ou artes, como era comum nas mulheres naquele período histórico.

Após a morte de seu pai, em 8 de agosto de 1823, Mariana herdou seus nobres títulos, que serviram de armas para influenciar o pensamento político e cultural da época.

Entre os bens herdados pela Marquesa estavam a Mansão Carcelén, no centro da cidade de Quito, na qual viveu toda a sua vida, mesmo depois

de se casar com o Grande Marechal do Ayacucho; a Fazenda La Delicia nas proximidades da cidade de Cotacollao, a fazenda e depois o Palácio El Dean. a leste da cidade, centenas de gado, dezenas de escravos, uma obraje indígena na Fazenda Solanda e uma conta bancária na Europa.

CASAMENTO COM ANTONIO
JOSÉ DE SUCRE

Em 24 de maio de 1822, Mariana Carcelén refugiou-se com sua mãe e irmãs no convento de Santo Domingo, para evitar qualquer desman das forças de combate na batalha de Pichincha. Após a batalha, ouvindo o barulho das tropas de Sucre se alinhando em frente ao convento, a jovem Mariana pegou emprestado um capuz e, movido pela curiosidade, olhou para vê-lo. Sucre, quando perguntado por quem ele parecia ser um frade, um religioso esclareceu que foi a Marquesa de Solanda que havia se refugiado lá.

Em seguida, o Marechal entrou no convento para conversar com Mariana e seus parentes oferecendo-lhes todo tipo de garantias para que pudessem voltar para casa com calma. Em 1826, o grande marechal queria saber a opinião de Bolívar sobre este namoro, recorrendo a ele não como chefe, mas como pai e amigo; com essa consulta, ele queria ter certeza de que não afetava os planos políticos da Libertadora, que no final se tornou solidária, embora se arrependesse de ter perdido o apoio constante de seu aluno.



Enquanto cumpria seus deveres presidenciais na Bolívia, Sucre manteve seu caso amoroso à distância, renovado através de uma intensa troca epistolar. No entanto, simultaneamente, estabeleceu três relações amorosas em Guayaquil, La Paz e Chuquisaca; nesta última população, ele fortaleceu os laços sentimentais com Dona María Manuela Rojas, um romance que trouxe aos Cumanés sérias complicações porque esta mulher estava noiva de Casimiro Olañeta. O enganado, que tinha sido conselheiro de Sucre, nunca o perdoou por essa traição e que o levou a planejar um ataque que se materializou em 18 de abril de 1828, um evento do qual sua vítima foi gravemente ferida. Apesar dessas aventuras, no fundo, Mariana ainda era a mulher de seus afetos. Em meio a um ambiente político cheio de rivalidades, a firme intenção de Sucre era se retirar da atividade pública e se reunir com sua amada Mariana.

É assim que José Antonio pede a mão de Mariana em casamento, em parte apaixonado, parcialmente pressionado pela família Carcelén. Como o Marechal Sucre não pôde negligenciar sua posição como presidente da Bolívia, ele deu uma procuração ao general Vicente Aguirre para representá-lo na cerimônia de casamento realizada em 20 de abril de 1828 na cidade de Quito. Anteriormente, Sucre encomendou ao General Aguirre a aquisição da parte nordeste da imensa Mansão Prisional para usar como residência do casamento. Então, e por correspondência, ele revisou para Sucre a estrutura do edifício, e ele, graças aos seus estudos colegiados de engenharia, enviou alguns planos para sua reabilitação e decoração.

Em seguida, o Marechal Sucre iria para Quito, onde chegaria em 30 de setembro daquele ano para fazer a vida familiar com sua esposa,

recebendo uma carta de Simón Bolívar desejando-lhe o melhor de sua nova vida e que ele veria seus sonhos pessoais cristalizados: *"Espero que você seja mais feliz do que os heróis da Grécia quando eles voltaram de Tróia. Que o céu você seja feliz nos braços de sua nova Penélope.*"³ A partir desta união, dez meses depois, sua filha María Teresa de Sucre y Carcelén de Guevara nasceu, embora no início o pai não gostasse muito que ela tivesse sido uma menina, e ele tornou-o conhecido repetidamente, porque ele confessou que "sem dúvida ele teria preferido um soldado para a Pátria".⁶ Bolívar ficou muito decepcionado por não ter sido o escolhido como padrinho do batismo, ao qual Sucre se esforçou para se desculpar, oferecendo-lhe em nome de si mesmo e Mariana as expressões de gratidão por tantos sinais de afeto.

Em sua qualidade de esposa do Marechal Sucre, Mariana tornou-se a primeira-dama da Bolívia durante os oito dias seguintes ao seu casamento por procuração, entre 20 e 28 de abril de 1828, após o qual seu marido renunciaria à presidência daquele país. O Marquês e o Marechal investiram muito tempo e dinheiro na expansão da antiga casa de fazenda da família Carcelén, na zona leste da cidade, até se tornar um prédio conhecido como Palácio de El Deán, e no qual o casal passou muito tempo apesar do fato de que sua residência oficial era a Mansão Carcelén, no centro de Quito. Mariana aproveitou esse momento para se aproximar da família do marido, especialmente seu cunhado Jerónimo.

Mas, aparentemente, nem tudo foi dito para o casal, porque a Marquesa não tinha sido muito hábil em gerenciar os fluxos herdados de sua família rica. Sabe-se, inclusive, que ele se recusou a pagar uma contribuição forçada ao Governo, uma contribuição que Sucre finalmente teve que fazer com seu próprio pecúlio. Em vários momentos, ele se sentiu desesperado diante dos tropeços que havia experimentado em sua tentativa de garantir uma base econômica sólida que garantiria um futuro melhor para seu primogênito.

Em novembro de 1829, o Marechal Sucre foi ordenado a retornar a Bogotá para presidir um Congresso através do qual ele queria evitar a dissolução da Gran Colombia. Pouco antes de deixar Quito, ele assinou seu testamento declarando sua filha Teresa como herdeira universal. Ainda hoje o dilema de por que ele excluiu sua esposa persiste, embora autores como Rumazo afirmam que ele fez isso na prevenção de ela ser viúva e se casar novamente, com a qual a menina estaria indefesa.

Durante a viagem para a capital da Gran Colombia, Mariana permaneceu muito presente na mente de Sucre, e ele a avisou: *"Eu escrevo para você (...) para dizer-lhe que eu penso em você mais e mais ternamente, para ter certeza de que eu me desesperar para ir com você; para lhe perguntar que para a recompensa de minhas ilusões, da minha adoração por você, você me ama muito você me acha muito (...) Tudo, tudo, tudo que eu vou adiar para dois objetos: primeiro para agradá-lo, e segundo, à minha repulsa pela carreira pública. Eu só quero viver com você em retiro e com tranquilidade. Eu me alegro se puder com isso dar-lhe provas incontestáveis de que meu coração está inteiramente consagrado a você, e que eu sou digno para que você busque os meios de me agradar e retribuir."* Em uma carta posterior, ele confessou estar cada vez mais apaixonado por sua esposa e para agradá-la à distância, ele havia recomendado ao seu ajudante-de-campo para que ele conseguisse algumas brilhantes e ao seu irmão Jerónimo para lhe comprar algumas pérolas, mas este último presente chegou tarde ao seu destinatário.

ASSASSINATO DE SUCRE

Depois que o extraordinário Congresso terminou, Sucre tentou voltar a Quito antes de seu aniversário para celebrá-lo com sua filha e esposa. Além disso, ele foi assassinado em 4 de junho de 1830 nas montanhas de Berruecos, ao norte do então Distrito Sul, já estando perto da cidade de Pasto (*atual Colômbia*). A Marquesa soube do fato algumas semanas depois, devido às dificuldades de comunicação da época; Magoada e indignada, ela então escreveu uma carta forte ao general José María Obando, acusando-o de ter tramado o assassinato de seu marido.

SEGUNDO CASAMENTO

Em 16 de julho de 1831, casou-se novamente, após treze meses e doze dias de viuvez, com o general colombiano Isidoro Barriga y López de Castro, que havia sido subordinado de Sucre durante a campanha peruana. Sem dúvida, esta foi a mais controversa de suas decisões. De acordo com o historiador Grisanti, ela havia incorrido em um *"adultério moral"* porque o costume da época era dedicar-se à castidade em relação à memória do ente querido ou deixar pelo menos cinco anos passar antes de se casar novamente.⁸ Para outros, como Rumazo, Mariana ainda era jovem e sua vida não podia ser interrompida. Deve-se lembrar que o General Obando já havia acusado Barriga do assassinato do Marechal, pois ele estava interessado na rica Marquesa, e a cuja acusação ele respondeu a carta que ela havia lhe enviado enfurecido há um ano, já que o General Barriga era um amigo próximo da família Carcelén, e durante os dias após o assassinato ele apareceu na casa da viúva para direcionar o resgate dos restos mortais de Sucre.

O segundo casamento foi contratado com a aprovação de toda a família. Barriga foi a visita mais consistente de Mariana nos últimos meses, tendo mantido a conduta adequada. Após o casamento, o General começou a levar uma vida dissipada.

Em 21 de junho de 1832, nasceu seu segundo filho, chamado Manuel Felipe Barriga y Carcelén de Guevara, embora mais tarde ele se apresentou como Luis Felipe. No ano seguinte, o negócio da Marquesa registrou um claro revés. A fazenda de La Huaca e seus outros ativos estavam envolvidos em dívidas e litígios. Barriga não tinha provado ser um bom administrador e até sugeriu que sua esposa pedisse ajuda financeira ao governo boliviano. Finalmente, em 29 de maio de 1850, o General Barriga morreu em Quito e foi enterrado na igreja de La Merced.

TERCEIRO CASAMENTO

Mariana casou-se com o advogado José Baltazar Carrión Torres, um homem de nove anos e natural de Loja. O casamento, celebrado por volta do mês de maio de 1851, ocorreu devido à gravidez de dois meses da Marquesa. No final do ano nasceria o fruto desse novo elo, a pequena Mercedes Soledad Carrión y Carcelén de Guevara, que infelizmente não chegaria à idade adulta, provavelmente devido a problemas relacionados à idade avançada em que a tinha.

VIDA E MORTE POSTERIORES

Durante os últimos anos de vida da Marquesa, o comportamento irregular então realizado por seu filho Felipe, o único sobrevivente de sua prole, deve tê-la incomodado. Ele também desaprovou seu casamento com Josefina Flores Jijón, filha do general Juan José Flores, a quem Mariana odiava por acreditar que estava relacionada à morte de seu primeiro marido, o marechal Sucre.

Em 15 de dezembro de 1861, aos 56 anos, a marquesa morreu como resultado de uma infecção generalizada, enquanto ela estava na Quinta La Delicia em Cotacollao.¹³ Ela foi enterrada na igreja de El Tejar. Nos últimos tempos, Mariana Carcelén realizou obras de caridade, que fizeram com que sua morte se sentisse e chorasse quase em toda a cidade de Quito.

* FONTE

https://es.wikipedia.org/wiki/Mariana_Carcel%C3%A9n

INICIO



Amílcar Tapia Tamayo
Chanceler da Academia Bolivariana da América
Academia Nacional de História Militar

**MARECHAL MELCHOR DE
AYMERICH VILLAJUANA, ÚLTIMO
PRESIDENTE DA AUDIÊNCIA REAL
DE QUITO**

Muito tem sido escrito sobre o período da independência americana; no entanto, as revisões de soldados espanhóis de alto escalão que participaram desses concursos são muito limitadas, razão pela qual completar o panorama sobre os atores das lutas emancipatórias é necessária para entender melhor o que aconteceu em Pichincha em 1822, permitindo-nos ter uma ideia sobre as estratégias, sucessos e fracassos das tropas espanholas nas guerras libertárias.

Entre os oficiais monarquista mais destacados que exerceram o poder militar e político, destaca-se Melchor de Aymerich Villajuana, que foi presidente da Audiência Real de Quito entre 1819 e 1821.

Ele nasceu em Ceuta, norte da África, em 5 de janeiro de 1754. Seus pais eram o coronel Vicente Aymerich, comandante do exército monarquista neste enclave africano e Josefa Villajuana, pertencente a nobres famílias espanholas.

Em 1762, aos 8 anos, ingressou como cadete no regimento de infantaria de Sevilha, destacando-se desde a idade terna como um estudante "excepcional e animado" (Verguer 1835: 73) Em 1774 ele subiu ao posto de tenente com apenas 12 anos. Aos 15 anos, alistou-se como voluntário na expedição espanhola para recuperar a colônia de Sacramento, na faixa oriental do rio La Plata, do português (Biografias, Museu Mena Caamaño-Quito).

Em 1793 ele esteve na invasão da Sardenha durante a guerra contra a Convenção da França. Sete anos depois, foi nomeado Comandante do Corpo de Artilharia de Sevilha. Em 1802 casou-se com Josefa Espinosa de los Monteros y Avilés.

No final de 1802 ele veio pela primeira vez às terras da Audiência Real de Quito como Comandante Civil e Militar de Cuenca, causando uma grande impressão entre os habitantes desta cidade por seus esforços para melhorar as condições de saúde dos Cuencanos "razão pela qual ele era altamente estimado" (Cordero 1970: 145)

Após 10 de agosto de 1809 houve a revolta libertária de um grupo de crioulos que formaram a Junta Soberana de Quito, prisionando o presidente da Audiência, Ruiz de Castilla, e instalando um governo provisório. Uma das primeiras ações da Junta foi convidar outros povos a se juntarem à causa revolucionária; no entanto, quando a insurreição se tornou conhecida em Cuenca, as autoridades reagiram imediatamente, de modo que tanto o governador Melchor de Aymerich, quanto o bispo Quintián Ponte, adotaram medidas drásticas de repressão, impondo medidas de terror e assédio para tudo o que significava conexão com o povo de Quito.

Em 20 de outubro de 1809, Aymerich deixou Cuenca no comando de uma força de 1800 homens, reunindo-se em Ambato com as tropas enviadas pelo vice-rei do Peru José Fernando Abascal e comandada por Manuel Arredondo. Uma vez que Quito foi pacificado, Aymerich retornou a Cuenca, com a certeza de que a tentativa subversiva havia terminado; no entanto, em 2 de agosto de 1810 houve o massacre dos heróis, após o qual Carlos Montúfar, como Pacificador, proclamou o Estado de Quito, forçando a mudança do governo espanhol para Cuenca, sendo nomeado Joaquín Molina y Zuleta como presidente da Audiência de Quito por ordem do vice-rei do Peru, que imediatamente ordenou atacar as forças de Montúfar. Enquanto Aymerich foi promovido ao posto de Brigadeiro dos Exércitos Reais.

Em 1812, no sítio Paredones, um destacamento de Quito sob o comando de Montúfar composto por 500 homens, atacou o primeiro avanço monarquista formado por 180 soldados, que foram reforçados por mais 200 enviados por Aymerich sendo superados pelos patriotas e forçando os monarquistas a recuar para Cañar e Caspicorral; (Macias 2009:170); no entanto, Montúfar não pôde tomar Cuenca devido a problemas internos com os próprios revolucionários Dias depois, Aymerich foi capaz de recuperar sua força em Azogues; enquanto o presidente Molina foi substituído por Toribio Montes, argumentando que ele deveria exercer sua função em Quito e não fora dela.

Em 24 de junho de 1812, a batalha chamada de Verdeloma-Biblián ocorreu (o próximo combate ocorreu em 20 de dezembro de 1820) onde Aymerich derrotou o coronel patriota Francisco García Calderón, a quem perseguiu para Quito, alcançando a pacificação da região em 8 de novembro do mesmo ano.

Em 20 de junho de 1813, Aymerich foi promovido ao posto de Marechal de Campo e imediatamente assumiu a liderança nas tropas leais de Pasto lutando contra Antonio Nariño, a quem derrotou em 1814 após lutas duras.

Mais tarde foi chamado para ocupar a Presidência de Quito entre 1816 e 1817 devido à ausência de Toribio Montes. Ele foi substituído por Juan Ramírez de Orozco, que governou até 1819. Ele foi substituído por Juan de la Cruz Mourgeón y Achet, que atuaria como capitão-geral de Quito e vice-rei de Nova Granada; no entanto, de la Cruz morreu de repente, então ele foi nomeado novamente para executar a tarefa de presidente da audiência.

Quando o Libertador Simón Bolívar soube da escritura de independência de Guayaquil, ocorrida em 9 de outubro de 1820, ele imediatamente ordenou que o General Antonio José de Sucre se mudasse para aquela cidade do porto de Buenaventura com tropas dos batalhões Cauca e Paya, constituídos em uma única força, com o desejo de apoiar seu feito patriótico, com a circunstância de que seus habitantes foram divididos em três campos: alguns queriam que Guayaquil fosse uma nação independente; outros que é anexado a Lima onde vários comerciantes tinham seus centros comerciais; e, em terceiro lugar, eles queriam fazer parte da Colômbia. Essa divergência colocou o movimento libertário em risco.

Em maio de 1821 Sucre chegou a Guayaquil com cartas ao governo de Guayaquil, trazendo disposições expressas de Bolívar para alcançar um acordo no sentido de que a Colômbia oferecia proteção militar em troca de sua ligação com a Gran Colombia, uma questão não tão fácil de alcançar, no entanto, depois de muitos esforços, ele poderia, após longas conversações, assinar um acordo no qual a Colômbia disponibilizaria à Junta 800 homens e o compromisso do Libertador Simón Bolívar para garantir a independência de Guayaquil.

Uma vez que este compromisso foi alcançado, Sucre escreveu ao General Aymerich, presidente da Audiencia de Quito, através do qual ele o avisou que o armistício assinado entre a Colômbia e as forças monarquistas estava prestes a acabar, de modo que as hostilidades contra as forças monárquicas estavam prestes a começar. Este ponto também ficou conhecido pelo Conselho de Administração, por isso, em 15 de maio, respondeu a Sucre destacando quatro aspectos-chave. Em primeiro lugar, foi declarado que a Junta não tinha autoridade para autorizar a anexação de Guayaquil à Colômbia, mas que se propôs a convocar eleições o mais rápido possível. Segundo mencionou que a "cidade estava sob os auspícios e proteção da Colômbia", conferindo à Libertadora todos os poderes para fornecer a defesa e apoio à sua independência. O terceiro ponto tinha a ver com o compromisso da Junta na independência de Quito e o quarto concedeu à Libertadora as instalações necessárias para implementar os acordos anteriores. (Zambrano 1982:52)

Esta notícia foi relatada a Aymerich, que respondeu indiferentemente, porque ele considerou o fato de que Sucre estava longe da Colômbia e, portanto, não tinha apoio oportuno de Bogotá. Nesta virtude, o Presidente da Audiencia não estava disposto a permitir que a independência de Guayaquil fosse consolidada, por isso logo após o inverno nos meses de julho ele ordenou que as operações começassem a atacar o porto. Uma de suas ações estratégicas era colocar traidores no exército patriota, como aconteceu.

Nesta virtude, Aymerich ordenou planejar o ataque, uma atividade que foi confiada ao comandante Ramón Ollages, que ordenou atacar Guayaquil em 16 de julho de 1821. Imediatamente as tropas colombianas sob o comando do Coronel Morales iniciaram um contra-ataque com um batalhão de 400 homens, conseguindo repelir os monarquistas que, surpresos com a reação, fugiram em direção à escuna que imediatamente partiu para o Panamá. (Vasquez 1976: 67)

Este erro dos monarquistas forçou Aymerich a tomar medidas para atacar Guayaquil, para a qual em maio de 1821, usando uma grande força militar composta por duas mil infantarias e 800 cavalos, ele tomou a estrada de Babahoyo, a fim de se juntar às tropas de infantaria comandadas pelo coronel Francisco González que vieram de Cuenca na estrada para Yaguachi. As duas forças atacaram o porto. Por sua vez, as tropas de Sucre não excederam mil homens e alguns soldados da cavalaria. (Villamil 1863: 35)

Estrategicamente, Sucre procurou defender Guayaquil, já que, se Aymerich conseguisse tomar a cidade, o movimento de 9 de outubro teria falhado irremediavelmente. As forças monarquistas de González penetraram pela área de Cone, perto de Yaguachi, em 2 de agosto de 1821. Eles chegaram dissipados e confiantes. Sucre ordenou ao General Mires à frente de duzentos soldados e cinquenta cavalarias para observar seu movimento; no entanto, os corajosos Mires decidiram atacá-los. Em duas horas, os soldados patriotas derrotaram os monarquistas perdendo apenas 20 homens e alguns feridos; enquanto os espanhóis tinham 400 mortos e 500 prisioneiros. González mal conseguiu escapar para Cuenca com 50 homens. (Ibid. Villamil: 40)

Quando Aymerich soube da derrota, ele imediatamente decidiu voltar à Serra para fortificar Quito; enquanto Sucre, confiante em seu sucesso, decidiu avançar para a região inter-andina para atacar o presidente monarquista e libertar a capital da Audiencia. O chefe espanhol, ferido, mas não derrotado, ordenou o ataque a Sucre em Huachi em 12 de setembro de 1821, onde por um erro do General Mires, ex-herói de Yaguachi, as tropas republicanas foram dizimadas, de modo que sucre mal podia escapar vivo.

Na expectativa de novas surpresas por parte dos patriotas, Aymerich decidiu voltar imediatamente para as montanhas porque temia, como de fato aconteceu, que Sucre pretendia chegar a Quito.

De fato, Sucre decidiu avançar com suas tropas para atacar o presidente Aymerich e libertar Quito, para o qual ele começou sua mobilização no final de agosto de 1821, com a intenção de entrar em Quito entre outubro e novembro do mesmo ano. Em setembro, ele partiu para a região inter andina. Ele deu instruções precisas ao General Mires sobre como deve ser seu futuro desempenho à frente do batalhão Santander. O caminho escolhido para chegar às montanhas foi guaranda na bacia do rio Chimbo.

Por sua vez, Aymerich, havia tomado a rota que avançava mais para leste a fim de penetrar a planície de Riobamba através do Páramo de Tiocajas, de tal forma que os dois exércitos estavam a cerca de 70 quilômetros um do outro.

Ciente de que o comandante Illingwort estava esperando por ele em Ambato, ele tomou esse caminho com confiança, assumindo que sua chegada nesta cidade seria bem sucedida, uma vez que ele considerou que os patriotas Ambateño apoiariam sua ação para derrotar facilmente as tropas de Aymerich. Nesta circunstância, ele acampou em 11 de setembro nas proximidades de Pilahuín.

Naquela noite, ele foi informado de que as tropas de Aymerich haviam avançado na direção de Ambato, então no dia seguinte Sucre considerou apropriado interceptá-lo seguindo a mesma estratégia adotada em Yaguachi. Passou de Pilahuín para o sítio de Santa Rosa e depois para a planície de Huachi. Aqui ele ordenou seus batalhões: ala direita, o novo batalhão "Guayaquil"; o "Santander" o centro e à esquerda o "Albion". Pequenos destacamentos de cavalaria ocuparam as extremidades ao norte e sul, para entrar em ação separadamente sob o comando do Comandante Cestaris.

Já em batalha, o General Mires desobedeceu às ordens de Sucre e se jogou de forma desordenada em combate, de modo que a cavalaria republicana foi logo superada pelo monarquista, que rapidamente atacou a infantaria destruindo as defesas dos batalhões de Guayaquil, Santander e Albion, este último sob as ordens de Mires.

A batalha começou por volta das três horas da tarde e mal durou uma hora e meia, depois que os espanhóis infligiram uma derrota cruel aos republicanos, onde o próprio Sucre mal podia escapar com 100 dos soldados dos mil que o acompanhavam.

O combate não só afetou os patriotas, mas também os espanhóis, que ainda não se recuperaram da derrota de Yaguachi, perdendo seus melhores homens, razão pela qual pediram um cessar-fogo de 90 dias, que foram bem utilizados por Sucre para repor suas tropas.

Sucre teve que entrar em Latacunga em 2 de maio. Enquanto isso, os espanhóis estavam localizados na vila de Machachi, e cobriam as passagens inacessíveis de Jalupana e La Viudita. Era necessário perdô-los marchando em seu flanco esquerdo, e movendo-se prudentemente no dia 13, para o qual Sucre ordenou que as tropas passassem pelo nó de Tiopullo que margeia o Sincholagua até chegarem ao 17º ao vale das quatro léguas da capital, tendo dormido e passado o sorvete de Cotopaxi. Quando os monarquistas perceberam a manobra, decidiram imediatamente recuar para Quito. O inimigo foi capaz de penetrar em nossa operação, e ocupou Quito no mesmo dia 16 à noite.

Os espanhóis evitaram o combate apesar das vantagens de sua posição, e os patriotas estavam em Chillogallo. Nos dias 22 e 23, as forças pró-independência provocaram o combate, mas quando não tiveram sucesso, decidiram avançar em direção ao norte da cidade com a intenção de se localizarem no local conhecido como El Ejido, que era um terreno melhor e estava localizado entre Quito e Pasto.

Em 24 de maio de 1822 Sucre derrotou o General Aymerich nos sopés de Pichincha, que selou a independência da Audiência Real de Quito, para a qual o chefe espanhol assinou as capitulações correspondentes que encerravam as hostilidades na região. Nele lhe foi concedida garantias completas para deixar o Território de Gran Colombiano, destacando o fato de que ele poderia manter sua espada e receber as honras que sua patente merecia, uma vez que ele não era considerado um prisioneiro de guerra.

Em 22 de setembro do mesmo ano de 1822 graças a um passaporte especial concedido por Sucre, Aymerich partiu com sua família para o Panamá e Havana, onde ele poderia se beneficiar de uma pensão por serviços prestados.

Em 1833 ele pediu a promoção ao Tenente-General e rainha Maria Cristina, viúva de Fernando VII concedeu-lhe essa honra no ano seguinte com um salário anual de 750 escudos. (Museu Ibid. Alberto Mena Caamaño)

Morreu em Havana-Cuba em 11 de outubro de 1836, aos 82 anos.



*"Vossa Excelência.
Para os partidos que em cópia
acompanham Vossa Excelência
será imposta sua superioridade da
ocupação da capital do novo Reino
de Granada, Santafé, pelas tropas
inimigas insurgentes comandadas
pelo infame caudillo Simón
Bolívar, consequentes às ações
militares que foram sustentadas. E
embora no primeiro, a vitória
estivesse do nosso lado, veio no
final para decidir contra ela por
causa da inferioridade das forças,
não tendo sido possível resistir aos
superiores com os quais o inimigo
atacou..."*

(Assinatura) Melchior Aymerich

Fuente: El pueblo de Ceuta



INICIO

BATALHA DE CAMINO REAL

BATALHAS DE HUACHI

BATALHA DE TAPI

BATALHA DE PICHINCHA

BATALHA DE CAMINO REAL

9 DE NOVIEMBRE DE 1820

A Divisão de Proteção de Quito ordena ao Coronel Luis Urdaneta que assume o comando das forças de Guayaquil e direcione seu avanço para a cidade de Babahoyo, chegando em 7 de novembro de 1.820.

Nesta data, eles são informados de que as tropas do comandante monarquista Antonio Forminaya estão estacionadas nas alturas do 'Caminho Real' com a intenção de derrotar e dissolver os patriotas, recuperando Guayaquil e, desta forma, cortando as ligações entre a cidade e as forças libertadoras do General Simón Bolívar.

Naquele momento, a cidade de Guaranda ainda estava em mãos espanholas, nesta circunstância o Corregidor de Chimbo, Dr. Víctor Félix de San Miguel, relata sobre o movimento das tropas libertadoras para o Comandante General Damián Alba.

Isso, convoca um conselho aberto onde o padre Francisco Benavides é delegado para levar uma mensagem dirigida à Junta do Governo de Guayaquil na qual foi sugerido acabar com toda a ação de guerra de forma pacífica.

A mensagem é interceptada por Crnl. Urdaneta, que dá a ordem para continuar com o movimento das tropas.

Por sua vez, o Cmte. Forminaya, ignorando o pedido do Dr. San Miguel para não marchar, envia seus soldados para as alturas de Camino Real, apostando definitivamente em 7 de novembro de 1.820 em Bilován e organizando a defesa do desfiladeiro, enquanto ele e seu Estado-Maior ocupam a casa de fazenda do Sr. Ángel Barba.

Enquanto isso acontece, no dia seguinte, em 8 de novembro, os patriotas recebem informações precisas das tropas monarquistas, suas posições e movimentos.

Essa informação é compartilhada pela ilustre patriota guarandense, Josefina Barba, filha do xerife, que assim prosseguiu inspirada no patriotismo e no amor que tinha por Pedro Tobar, um proprietário patriótico e soldado ativo neste dia.

Em 9 de novembro de 1.820, o Segundo Comandante Libertador, coronel León de Febres Cordero, divide as tropas em três colunas e ataca as posições monarquistas, após um breve combate os monarquistas são atacados pela frente, pelos flancos e pela retaguarda significando sua derrota.

Desta forma, as forças de Guayaquil entram triunfantemente em 10 de novembro de 10, 1.820 para Guaranda, fugindo para a cidade de Latacunga, o Corregidor San Miguel.

Este combate, de acordo com vários especialistas, foi vencido pelas forças de Guayaquil, devido a uma pressa na tomada de decisão pelo Comandante Forminaya, porque ele teria

encontrado uma melhor posição defensiva na cidade de Balzapamba por causa de sua localização geográfica no final dos sopés da cordilheira ocidental.

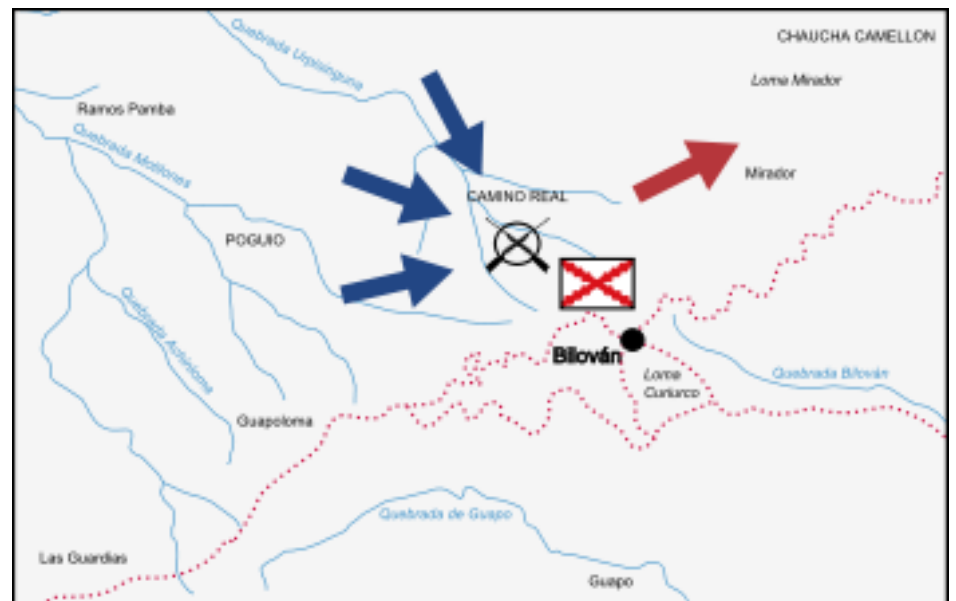
Segundo o Governo de Guaranda, durante a luta pela Independência, a rota inter-regional era um objetivo militar altamente cobiçado.

A Batalha do Caminho Real que ocorreu em 9 de novembro de 1820, onde as tropas da Coroa foram derrotadas.

Este foi um passo fundamental no processo de libertação do que hoje é o Equador; Um dia depois, ou seja, em 10 de novembro de 1820, Guaranda proclamou sua independência do domínio espanhol.

De acordo com a Lei de Divisão Territorial da Colômbia, emitida em 25 de junho de 1824, Guaranda tornou-se parte da Província de Pichincha.

Em 1830, após a separação da Gran Colombia, Guaranda tornou-se parte da província de Chimborazo.



Fuente: Gobierno de Guaranda

<https://hazteverecuador.com/la-batalla-de-camino-real-9-de-noviembre-1820/>

PRIMEIRA BATALHA DE HUACHI

22 DE NOVIEMBRE DE 1820

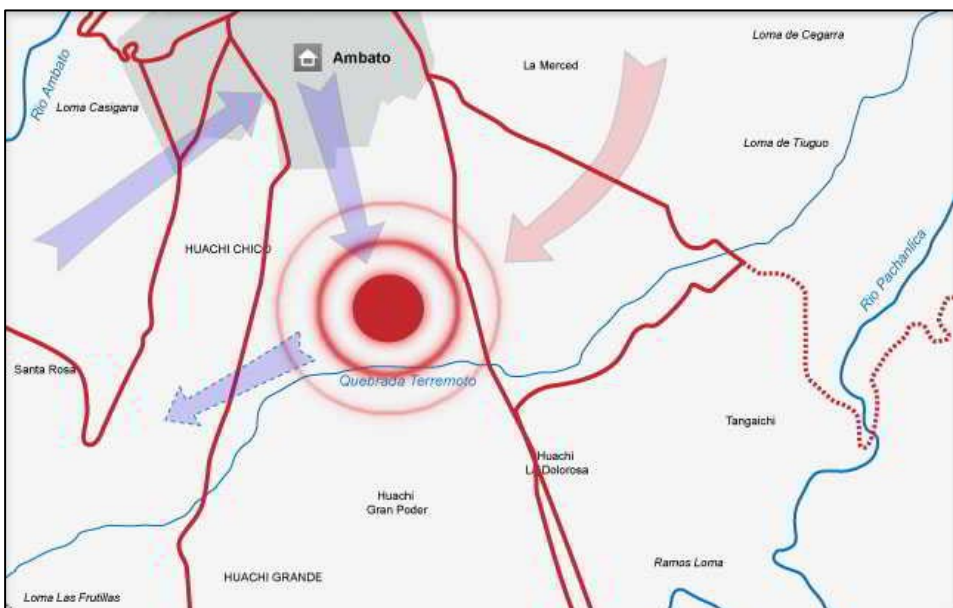
A Primeira Batalha de Huachi, também conhecida como a Primeira Huachi ou Batalha de Huachi Grande, foi uma guerra que ocorreu em 22 de novembro de 1820 e faz parte das batalhas travadas desde a independência de Guayaquil na época das Guerras hispan-americanas da independência.

Os combates ocorreram no setor Huachi Grande, perto da cidade de Ambato, na atual província de Tungurahua. Os beligerantes da batalha foram os soldados monarquistas em apoio ao Império Espanhol e as forças de independência da Província Livre de Guayaquil. Esta é a segunda das cinco batalhas travadas pelos exércitos emancipatórios de Guayaquil sem a intervenção de outros exércitos estrangeiros.

As tropas de Guayaquil avançaram da costa, entrando no beco inter andino rumo ao norte, na tentativa de avançar para Quito, no entanto, os monarquistas que haviam recuado pela derrota de Camino Real enfrentaram os independentistas nas terras altas do Equador central. Os coronéis León de Febres Cordero e Luis Urdaneta apresentaram-se novamente ao comando da Divisão protetora de Quito, enquanto os monarquistas eram comandados pelo coronel Francisco González e pelo tenente-coronel Francisco Eugenio Tamariz, ambos oficiais do regimento de Aragão haviam chegado com Morillo em 1814. Os monarquistas eram inferiores em número, mas tinham uma cavalaria com mais experiência, acrescentando que esta é a irregularidade do terreno de Huachi Grande, que é constituído em certos fatores que lhes deram vantagens. Já em batalha, as más decisões dos patriotas na implantação com ordens confusas e as retiradas de vários elementos sob o comando do Major Hilario Álvarez, produziram a quebra das fileiras que levou a uma das piores derrotas para os guayaquileños, causando baixa significativa e a perda de vários suprimentos de guerra. No julgamento após a batalha, feita aos oficiais, o Major Álvarez foi absolvido da responsabilidade, que caiu sob o mau comando dos coronéis León Febres Cordero e Luis Urdaneta.

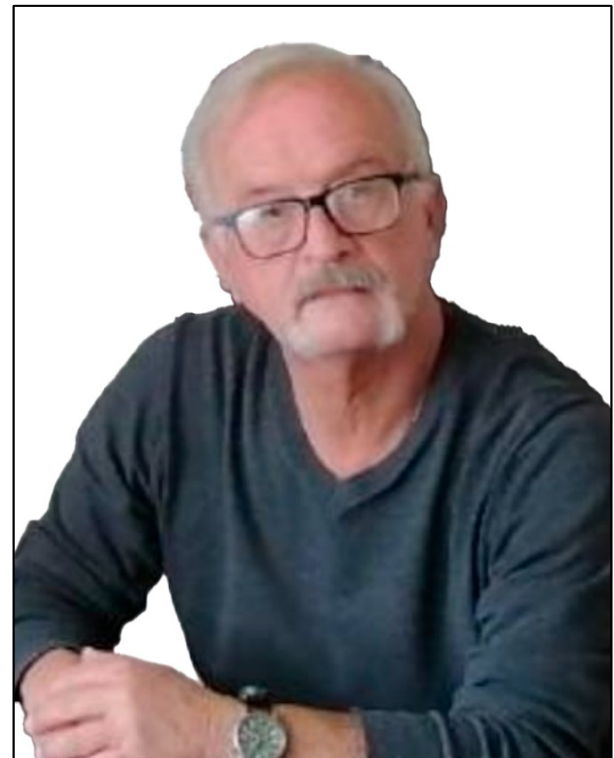


A derrota em Huachi Grande, destinada aos guayaquileños, a retirada para o sul, dando origem ao avanço monarquista em direção a Cuenca, que havia proclamado sua independência em 3 de novembro, com o objetivo de desestabilizar os independentistas e fazê-los recuar para a costa.



BATALHA DE TAPI

21 DE ABRIL DE 1822



Crnl. (S.P) Jaime Anda Sevilla
Academia Nacional de História Militar

Em 21 de abril de 1822, foi travada a batalha pela independência do Riobamba, que também é conhecida como a Batalha de Tapi, que significou a independência definitiva da cidade.

Como pano de fundo, temos que, após a derrota do segundo Huachi, general Sucre, juntamente com seus oficiais os comandantes Federico Rash e Cayetano Castari, além da capital Jordan nativa do Chile e uma centena de suas tropas, evadiram de forma surpreendente a perseguição ao inimigo, no entanto, assim que Sucre chega em Guaranda, ele informa o Coronel Illingworth, sobre o fracasso obtido e ordena-lhe abandonar suas posições devido à proximidade do inimigo e mover-se com suas forças via Babahoyo até chegar a Guayaquil.

Nesta cidade Sucre, ele reorganizou suas forças com as quais se retirou de Huachi, além das do Coronel Illingworth e criou os Batalhões de Infantaria "Guayas" e os "Yaguachi", bem como os Esquadrões de Cavalaria um dos "dragões" e outro de "Lanceiros" e reorganizou o Batalhão "Albión". Solicito também que seja designado o Batalhão Colombiano "Numancia", que não pode ser incorporado porque está envolvido em combate sob o comando do General Arenales, mas o General San Martín, ofereceu-lhe a Divisão que ele estava formando em Piura, sob o comando do coronel Andrés de Santa Cruz, substituindo o Batalhão Colombiano.

O governo da Colômbia, ignorando na época o fracasso de Sucre em Huachi, já havia dado a ordem de que o Batalhão "Payas" com 600 soldados sob o comando do tenente-coronel José Leal que guarnecia Popayán, fosse ao Departamento do Sul em apoio ao General Sucre e fosse adicionado à sua Divisão, esta unidade foi incorporada em outubro, depois de ter perdido quase 200 soldados em Cali para a febre amarela.

Durante sua estadia na cidade de Guayaquil, o General Sucre, descobre que o monarquista Aymerich com sua Divisão e confiante de sua superioridade tenta chegar a essa cidade portuária com a intenção de invadi-la. Esta unidade estava sob o comando do coronel Carlos Toldrá e partiu de Riobamba. Com essa informação, o General Sucre reorganiza suas defesas, priorizando-as em Babahoyo.

Durante sua marcha para a costa, o comandante monarquista recebe informações de que ele não estava em total superioridade das forças comandadas por Sucre, o que o faz duvidar de seu ataque e que o leva a fazer contato com as forças republicanas concordando em 20 de novembro uma entrevista, onde eles concordam em um armistício por 90 dias, que favoreceu muito as forças que defenderam Guayaquil, que estavam em plena reorganização.

A Coroa Espanhola havia nomeado um novo vice-rei para Santa Fé e que também era o Presidente e Capitão Geral da Audiência Real de Quito, coronel Juan de la Cruz Mougeon. Este personagem havia chegado ao Panamá no final de agosto com o Batalhão "Tiradores de Cádiz", uma unidade incompleta em suas tropas, mas com um corpo reconhecido de oficiais comandantes, no entanto, sabendo que Nova Granada havia sido libertada e Guayaquil havia proclamado sua independência, ele não tinha outro recurso a não ser seguir Quito, deixando o Coronel Fabrega no comando no Panamá. Ele partiu daquele porto com a pequena força que trouxe e o Batalhão da Catalunha, que estava no Darien, desembarcando nas margens do Atacames e depois marchando para Quito.

O Coronel Tomas Heres, foi contratado pelo General Sucre para se mudar para Piura e em coordenação com o Coronel Santa Cruz, iniciar uma marcha com a Divisão Peruana para Cuenca para iniciar as operações. Da mesma forma, o General Sucre embarcou com seus soldados em 23 de janeiro em direção a Machala e, em seguida, fez contato com Santa Cruz em Saraguro.

As tropas monarquistas que ocuparam Cuenca comandadas pelo Coronel Tolra, sabendo que o exército de Sucre estava indo nessa direção e sabendo de sua superioridade, decidiram deixar a cidade, que seria ocupada pelas forças patriotas em 21 de fevereiro e onde cerca de 500 homens adicionais foram recrutados para fortalecer o exército libertador.

O plano do General Sucre, seria: iniciar operações ofensivas, na direção geral, Cuenca-Cañar-Riobamba, a fim de destruir as defesas inimigas, que operavam em todo o beco inter-andino e restaurar as linhas de comunicação com a costa, a partir de 28 de maio de 1822, empregando o coronel Diego Ibarra na vanguarda.

Esta vanguarda sob o comando de Ibarra, chegou a Guamote e em contato com as forças inimigas os forçou a recuar em direção a Alausí e Tixán, onde organizaram uma defesa fraca e, posteriormente, sua retirada para a cidade de Riobamba. Em 19 de abril, o exército libertador ocupou as proximidades de Riobamba. As forças monarquistas sofreram a mudança de seu comandante do Coronel Tolra, para o Coronel López. Este último organiza sua defesa no canhão inter andino, a fim de retardar ou parar o avanço do inimigo e esperando ser reforçado e reabastecido. Posicionou-se ocupando as elevações e impedindo a passagem pelo barranco de San Luis, designando dois esquadrões de cavalaria em Guslán.

Diante disso, o Esquadrão "Dragões" foi ordenado a atacar a cavalaria monarquista sem alcançar o sucesso desejado, além disso, a artilharia foi adiada no momento do ataque, o que seria uma grande desvantagem, portanto, todo o exército não conseguiu atravessar o barranco, que forçou a acampar em Punín.

As tropas monarquistas em 21 de abril ocupam as encostas do morro de Santa Cruz, negligenciando o único passo oferecido pelo barranco, descuido, que foi aproveitado pelo General Sucre, para estabelecer uma ponte e, assim, atravessar o obstáculo com todo o seu exército e atual batalha, o mesmo que não foi aceito pelos monarquistas que se retiraram para Riobamba.

Após a retirada do barranco de San Luis, Sucre organiza uma perseguição ao inimigo com a cavalaria, no entanto, com uma manobra tática hábil, a cavalaria monarquista se desprende do contato, indo para as elevações em um galope estendido e localizado nas encostas das encostas e atrás do exército libertador.

Determinado pelo General Sucre, a não perder o contato e forçar o inimigo a se engajar na luta, ordena ao Coronel Juan Lavalle, comandante do Esquadrão "Granadeiros dos Andes", que cruze a cidade para o outro lado seguido pela infantaria e pelo coronel Diego Ibarra, com o resto da cavalaria, para fazer um movimento no flanco direito à vista do inimigo na direção do mesmo setor, tentando uma ação tática de distração.

Coronel Lavalle, cumprindo a ordem, começa sua ascensão às elevações, onde ele surpreendentemente encontra a cavalaria inimiga e não hesita em lançar uma carga sobre ela, enquanto isso estava acontecendo, coronel Ibarra com o resto da cavalaria, lança uma segunda carga quebrando a frente das posições defensivas do inimigo e derrotando-o completamente. A cavalaria monarquista que se vê em tal desvantagem executa um recuo apressado e desordenado. Esta ação da cavalaria patriota. É testemunhada das elevações circundantes pelos dois exércitos opostos e aumenta a bravura, audácia e habilidade da cavalaria libertária neste combate que leva à vitória e fundamental para futuras operações de independência, porque eles alcançam efeito psicológico na moral do inimigo.

Esse combate da cavalaria em Riobamba, tem um grande valor estratégico para o resto das operações, que como já notamos a moral das forças monarquistas seria tão afetada que não só se retiraram do cenário de combate, mas deixaram em terror em direção à capital da Presidência de Quito. O exército de Sucre Acampamento permaneceu nas proximidades de Riobamba, cidade para a qual entrou no dia seguinte, em 22 de abril, permanecendo lá até o dia 28.

A primeira acusação de destaque dos patriotas, contra a cavalaria monarquista de 400 cavaleiros, foi a do comandante Juan Lavalle, de nacionalidade argentina, no comando do Esquadrão "Granadeiros" a cavalo. Quando os monarquistas conseguiram entrar na cidade, eles já foram derrotados e partiram para Quito, onde a Batalha de Pichincha logo seria desencadeada em 24 de maio de 1822.

Coronel (S.P.) Jaime Anda Sevilla

SEGUNDA BATALHA DE HUACHI

12 DE SETEMBRO DE 1821

A Segunda Batalha de Huachi foi um confronto ocorrido em 12 de setembro de 1821 entre tropas pró-independência lideradas por Antonio José de Sucre e tropas monarquistas lideradas por Melchor Aymerich. Sucre depois de ter vencido em Yaguachi estava avançando em direção a Quito, os espanhóis que os seguiram de perto, posicionaram-se em um terreno chamado Huachi, onde já haviam derrotado as forças de Guayaquil há um ano.

Após um breve contato entre as duas forças, os espanhóis tentaram fugir. O General José Mires permitiu que os batalhões *de Albion* e *Guayaquil* perseguissem os monarquistas, mas estes foram atacados pela cavalaria e infantaria monarquistas que viraram e fecharam os batalhões patriotas. Com o exército patriota em desordem e Sucre feridos, os patriotas voltaram para Guayaquil com poucos homens e deixando muitos homens e suprimentos no campo de batalha.

Deve-se notar que nesta batalha estava Agustín Agualongo futuro líder das revoluções em Pasto, que lutaria na sangrenta Batalha de Ibarra (1823), onde seria morto.

Os monarquistas conseguiram manter Quito sob o domínio espanhol por mais um tempo. O General Mires e o Sargento-Mor Antonio Martínez de Pallares foram capturados.

Sucre, que foi ferido e desmontado, estava prestes a cair prisioneiro na dissolução, mas foi salvo oportunamente pelo oficial chileno Manuel Jordán Valdivieso, seu assessor, que o escalou até as pernas de seu cavalo e cruzou as linhas inimigas.

REFERÊNCIAS:

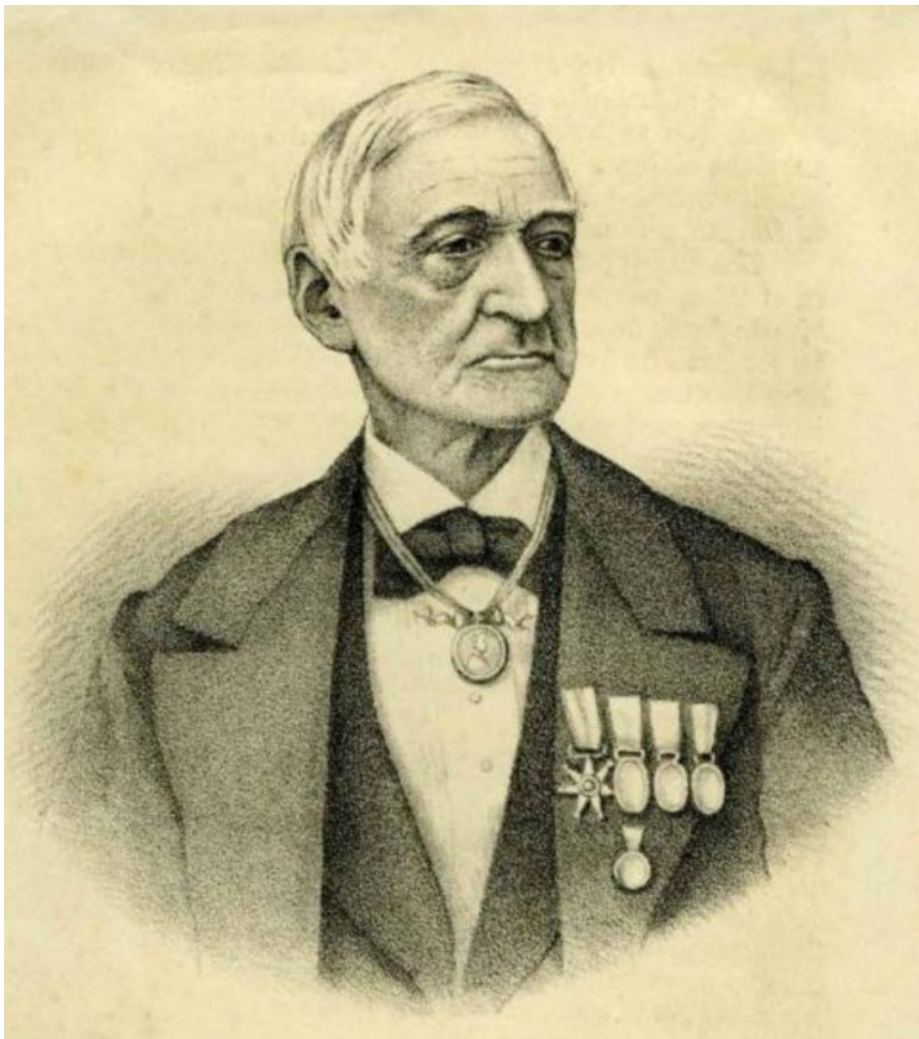
- Marley, David F. (1998). Wars of the Americas: a chronology of armed conflict in the New World. 1492 to the Present. Santa Bárbara: ABC-CLIO, pp. 430. ISBN 978-0-87436-837-6.
- ↑ Encina, 1954: 38. Por su importancia estratégica, Abascal ordenó que 1.250 soldados guarnecieran Guayaquil con 250 marineros que operaban 7 lanchas cañoneras. El puerto era el principal arsenal y astillero en el Pacífico español. En 1820 habían pasado a 3.500 dirigidos por Aymerich.
- Encina, 1954: 41. Más de 1.500 soldados participaron en la revolución de Guayaquil de 1820.
- Saltar a:^a ^b Marley pág. 430
- Encina, Francisco Antonio (1954). Bolívar y la independencia de la América Española. Emancipación de Quito y Alto y Bajo Perú. Tomo V. Santiago: Nacimiento, pp. 56.
- Encina, 1954: 57
- Moncayo, Pedro (1885). Ecuador de 1825 a 1875: sus hombres, sus instituciones y sus leyes. Santiago: Rafael Jover editor, pp. 125.
- Serrano Wilson, Emilia (1888). Americanos célebres: glorias del Nuevo mundo. Volumen I. Tip. de los Suc. de N. Ramírez y c.a. p. 182.
- Figuroa, Pedro Pablo (1906). Álbum Militar de Chile 1810-1879. Tomo IV. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona. p. 244.





BATALHA DE PICHINCHA

BATALHA DE PICHINCHA



Por Manuel Antonio López Borrero
Major General

1803- 1891

HERÓI DA INDEPENDÊNCIA
(PORTA-BANDEIRA DO BATALHÃO "PAYA" EM
PICHINCHA)

Em 21 de maio de 1822, às onze horas da manhã, o Exército Libertador, sob o comando do general Antonio José de Sucre, chegou ao ejido de Turubamba, localizado ao sul da cidade de Quito. Consistia de duas Divisões: uma, dos auxiliares do Peru, sob as ordens do Coronel Dom Andrés de Santacruz [mais tarde Grão-Marechal do Peru], composta pelos batalhões número 49 de Piura, número 89 de Trujillo, e um esquadrão de Grenadiers montados de Buenos Aires, armados com sabres, granadas de mão e as bolas que os gaúchos usam em seus pampas e que sabem como lidar com a maior habilidade. e o outro dos colombianos, sob o comando do General José Mires, espanhol, composto pelos batalhões Paya, Yaguachi, Alto Magdalena e Albión, e os esquadrões Dragoons e Lancers, armados com lança e carabina.

Os inimigos foram localizados e parapetados com sua artilharia atrás das paredes que serviram de cerca para os quartos que, do ejido à cidade, em uma viagem de mais de oito quarteirões, estavam em ambos os lados da camellón da estrada principal que vem do sul. Quando o Exército Libertador chegou ao ejido, desfilou à esquerda à vista do inimigo, a uma distância de sete quarteirões, em direção à cidade de Chillogallo, localizada do outro lado do ejido; e em sua entrada foi formado por colunas em massa. Então permaneceu até quatro horas da tarde; e vendo o general em chefe que eles não se moveram, ele provocou-os para um combate. Ele avançou o exército na mesma formação para disparar de fuzil a partir de sua primeira posição e ordenou que a companhia de Cazadores de Paya avançasse, que foi implantada em guerrilheiros a duas quadras de seus parapeitos. O general José María Córdova [então coronel] picou seu cavalo, foi em frente, ficou à frente da empresa, e com seus olhos começou a observar o campo dos inimigos, que fizeram o ejido deixar uma companhia de atiradores, que foi implantada em guerrilheiros no flanco direito de Paya, a uma distância de quatro quarteirões.

Eles também tiraram de seus parapeitos uma bateria de cinco canhões de quatro, colocou-o perto das paredes de sua direita, e um artilheiro que certamente chamou a atenção para a presença do Coronel Córdova, começou a apontar para ele; O assistente Botero, que observou isso, avisou-o com estas palavras: "Coronel, olha eles estão apontando um canhão para você"; "Deixe-os que você joga fora"; Coronel Cordova respondeu impacientemente, e continuou a observar calmamente o inimigo sem mover seu cavalo. O artilheiro disparou seu canhão, e a bala que ele dirigiu atravessou o anel direito para o capitão de Cazadores Felipe Pérez, que foi esfolado na cabeça de sua empresa, jogando-o como quatro varas para trás; ele caiu prostrado no chão nas pernas do cavalo do coronel, e morreu naquela noite às nove na vila de Chillogallo. A bateria continuou a disparar; mas não nos causou nenhum outro dano.

Às seis horas da tarde, o Exército de Libertação recuou e acampou no mesmo ejido, lá passou a noite, e no dia seguinte, pela manhã, ocupou a cidade, onde razão e bivouac silenciosamente sem que o inimigo fizesse qualquer movimento. Na tarde daquele mesmo dia eles informaram o general em chefe que a aparente tranquilidade do inimigo era porque ele tentou nos surpreender naquela noite enviando uma Divisão ao pé da colina, que nos flanqueou à esquerda, e que saindo em um ponto à frente da cidade, ele nos cortou do retiro, enquanto o resto de suas tropas, saindo de suas posições, eles nos atacaram pela frente. Às oito horas da noite, empreendemos um falso retiro ao longo de uma estrada transversal que leva a algumas fazendas, a fim de nos colocarmos em frente ao ponto, onde a Divisão que se dizia ser encarregada de nos cortar deveria sair; às doze horas parou depois de ter andado mais de uma liga, e ocupamos um campo de trigo à direita; toda a infantaria estava ao longo de uma vala que fechou o campo de trigo, deitou-se para dormir, e a cavalaria foi coberta pela avenida da estrada. Os comandantes Lavayén, Rasch e Cestaris, que o comandaram, ordenaram que as tropas desmontassem, retirassem os freios dos cavalos sem desacorrer, colocá-los para pastar e deitar-se, deixando um jogo voador de observação. Às duas horas da manhã, eu não sei por que razão, um cavalo estava assustado e colocou em movimento todo o cavalo, que escapou pelo campo de trigo na infantaria que estava dormindo.

Acreditava-se no início que o inimigo estava nos atacando, e ainda pela surpresa e confusão do momento, todos os corpos foram prontamente formados e prontos para o combate; então a razão para o alarme era conhecido, e passamos o resto da noite em silêncio.

Na manhã do dia 23, reocupamos a aldeia e encontramos o inimigo na mesma posição, onde não foi fácil vencê-lo. Do ejido até a cidade você só podia entrar por duas estradas, porque todo o terreno estava cercado com paredes dos quartos; a camellón principal foi bem defendida com seus parapeitos, e a outra à esquerda pelo Panecillo, que é uma pequena colina onde há uma fortificação que com suas baterias domina toda a entrada antes de chegar às ruas, e estava bem equipada. O general em operações variadas, propôs passar com o exército para o ejido de Añaquito, ao norte da cidade, e atacar daquele lado, que apresentava menos inconvenientes; mas para isso, outros obstáculos tinham que ser superados. No nosso flanco direito era necessário quebrar muitas paredes dos quartos e passar por dois rios de águas suficientes que não tinham uma ponte, uma operação que não poderíamos realizar para a do inimigo, nem nos separar mais de duas léguas procurando uma passagem entre as fazendas, fazendo um desvio de mais de um dia de tropas. Do lado esquerdo tínhamos a colina alta de Pichincha, na qual havia apenas, não uma estrada, mas um caminho ruim a pé onde nenhuma besta passava até então. No entanto, o general-em-chefe decidiu marchar com o exército ao longo desta estrada, e no mesmo dia ele enviou um grande grupo de índios com ferramentas para abrir o caminho e abri-lo para que a cavalaria e o parque pudessem passar. Às nove horas da noite, o exército empreendeu a altura, onde parou para reunir o exército marchando ao longo dessa rota mal transitável, caminhou sem descanso, e quando o dia passou não tínhamos chegado ao cume de Pichincha, em cujas encostas a cidade de Quito está localizada, a mesma que Bogotá para as de Guadalupe. Por volta das oito e meia da manhã do dia 24, nossa vanguarda corou a que estava espalhada, e esperou pelo parque, que havia sido adiado, sob a custódia do batalhão Albion. Como tínhamos feito a marcha atrás das colinas baixas da Pichincha para esconder o movimento, ficamos na descida do morro para não sermos vistos da cidade. O inimigo, que quando esclareceu o dia viu que nosso exército não estava mais na cidade, nem sabia que caminho tinha tomado, começou a se informar enviando espiões para todos os lugares, até que ele sabia em um ponto fixo a

direção que estávamos tomando, e sem perder tempo ele marchou para a cidade, onde os coronéis Dom Carlos Tolrá e Dom Nicolás López julgaram nossa marcha por essa rota imprudente, e eles partiram para escalar a Pichincha, ocupar esse cume e tomar uma posição para impedir a passagem e nos bater em detalhes. Mas esta operação estava atrasada: nosso exército estava reunido, menos o batalhão Albion e o parque; ele tinha descansado da dolorosa marcha da noite e estava apenas almoçando, quando às dez horas da manhã nossos espiões anunciaram ao general em chefe através de três canais diferentes que o inimigo estava se aproximando escalando a Pichincha. O coronel Antonio Morales [mais tarde general, chefe do Estado-Maior do Exército, nos deu o alarme e ordenou que partissem na companhia de Cazadores de Paya, apoiado por outro da Divisão do Peru; estes ocuparam o cume da colina, quando viram a cidade deram um grito de alegria aplaudindo a pátria, e o resto do exército continuou seu movimento, os inimigos quase coroaram a altura entre a vegetação rasteira do terreno coberto com matagal e extremamente. Quebrados, quando nossos atiradores desceram cerca de meio quarteirão, eles os encontraram sob a mira de uma arma e quebraram o fogo, engajando-se na briga entre aqueles descobertos em um pé firme. Nos primeiros tiros, os batalhões 4 e 8 do Peru ocuparam a ala direita, encontrando dois batalhões que subiram pela floresta para tomar uma pequena altura acima do topo, e cometeram a batalha; era necessário reforçar os atiradores no centro, e o batalhão Yaguachi imediatamente ocupou a linha; O coronel Córdova com o batalhão de Alto Magdalena ocupou a ala esquerda, sem entrar em combate naquele momento, pois a tropa inimiga destinada a atacar daquele lado havia dilatado para escalar, devido ao terreno acidentado; o batalhão Paya foi deixado na reserva, eo Albion com o parque não tinha chegado.

O general-em-chefe comandou às pressas o Comandante Daniel F. O'Leary (mais tarde general) para obtê-lo o mais rápido possível, mesmo que estivesse pelas costas dos índios. Os batalhões do Peru, quando encontraram o inimigo, o dominaram por mais de um quarteirão até onde ele encontrou uma posição vantajosa e parou para lutar com o pé firme: nossos atiradores e o batalhão Yaguachi o fizeram descer no centro da linha, para onde ele encontrou metade de um batalhão de Aragão que o reforçou e também permaneceu firme. A outra metade do batalhão de Aragão subiu nossa asa esquerda, e teve que flanquear e uma pequena ondulação da colina para chegar onde o Coronel Córdova estava com o batalhão alto Magdalena que, descansando sobre as armas, estava preparado para recebê-los. O fogo foi alimentado por ambos os lados, sem qualquer interrupção, e às vezes o ardor do combate apareceu. O general-em-chefe foi para um lado e o outro procurando um ponto de onde ele pudesse ver as tropas lutando: mas foi em vão, o terreno não permitiu isso. Eram onze horas e o parque não chegou: uma assistente foi a todas as fugas encarregadas de fazê-la levar a cada transe, porque a tropa que estava combatendo tinha quase esgotado a munição, e ainda assim o fogo foi mantido firmemente. Era cerca de doze horas quando os corpos do Peru, sem munição, começaram a disparar em retirada; o inimigo, aproveitando essa vantagem, recuperou a posição que havia perdido e avançou muito perto do cume. Naquela época, o parque chegou e o batalhão Albion foi designado para proteger o flanco direito do Alto Magdalena, a quem o meio batalhão de Aragão já havia atacado. Uma vez que os batalhões peruanos foram retirados, foi necessário substituí-los e reforçar os Yaguachi que haviam esgotado a munição, de modo que o fogo na linha quase foi extinto. Sem desperdiçar um momento, algumas gavetas foram enviadas para ele, o combate foi revivido, e o General Mires, desmontando de seu cavalo, sacou sua espada e colocou Paya na cabeça e carregou o inimigo com ele pela nossa ala direita que, com a retirada dos peruanos, tinha sido descoberto. A acusação foi tão impetuosa que o expulsou da posição vencida. Rejeitado, ele tomou um mais vantajoso, e depois de alguns minutos ele também foi despejado dele, e assim ele ainda foi forçado a ceder o campo de trocho para esticar todos os corpos carregados com resolução ao mesmo tempo e sobrecarregou o inimigo em todas as direções. Sua reserva tentou restabelecer o combate ao pé da colina; mas ele mal podia se sustentar por um curto período de tempo, porque ele foi cobrado em todos os lugares e declarou-se em derrota deixando em nossa posse muitos prisioneiros e entrando nas ruas da cidade para ir para se refugiar no Panecillo, o último bastião que eles tinham deixado. Vários oficiais e tropas do batalhão Paya, e eu, portador padrão do corpo, chegamos à Recoleta de la Merced, em cuja torre os quiteños viram, pela primeira vez, acenar triunfantemente o pavilhão da Colômbia", coronel Dom Carlos Tolrá, que com a cavalaria formada no

ejido de Añaquito vinha observando o combate, depois que ele viu sua decisão, e que foi acompanhado pelo batalhão Tiradores de Cádiz e parte do da Catalunha, retirou-se para Pasto a fim de atender a Divisão que ele comandava, Dom Basílio García. O general-em-chefe baixou a cavalaria em perseguição, e enviou o Comandante O'Leary para a cidade para incentivá-los a se renderem. A cavalaria saiu instantaneamente para baixo da colina no menor tempo que permitiu o mau da estrada; mas quando ele chegou ao ejido, eles tinham mais do que uma liga de vantagem e não era possível alcançá-los. De Guayabamba voltou carregando a notícia de que eles estavam se dispersando na fuga. Don Melchor Aymerich respondeu à intimação, que seria entregue por uma capitulação. Às cinco horas da tarde, o exército desceu da Pichincha trazendo todos os feridos, e estava localizado em La Chilena, que é uma colina baixa com algumas casas na entrada da cidade a partir da parte norte, onde passou a noite do dia seguinte os comissários, os coronéis Dom Francisco González e Manuel Martínez de Aparicio, apareceu, para celebrar a capitulação, que foi ajustada, concedendo-lhes muitas garantias; assinado e ratificado, ocupamos a cidade após o meio-dia. O Comandante Mackintosh com o batalhão Albion foi designado para ocupar o Panecillo e receber os armamentos, parque e outros elementos de guerra: e como este corpo não tinha bandeira para voar na fortaleza, o general-chefe ordenou que eu fosse com ele. Depois que chegamos ao Panecillo, os oficiais e a tropa de nascimento espanhola que havia capitulado apareceram, eles se formaram na praça da fortaleza, fizeram uma saudação à sua bandeira, baixaram-na, mantiveram-na em uma caixa para levá-la à Espanha, entregaram as armas, e eu escolhi a da Colômbia, que desde então começou a voar na capital de Atahualpa.

A perda dos espanhóis neste dia consistia em dois oficiais e 400 soldados mortos, 193 feridos, 160 oficiais e 1100 soldados prisioneiros e capitulados, 14 canhões, 2700 rifles e fornitures, bandeiras, cornetas, caixas de guerra, munição e todos os elementos que tinham em sua posse. De nossa parte, tivemos que lamentar a morte do Tenente Molina, do Segundo Tenente Mendoza e de 200 bravos soldados, incluindo alguns dos prisioneiros de Yaguachi. Os capitães Cabal, Castro e Alzuru, os tenentes Calderón e Ramírez, e os segundos tenentes Arango e Domingo Borrero e 140 soldados ficaram feridos.

Destes oficiais morreram na mesma noite do dia da batalha, o Tenente Abdón Calderón, cuja conduta foi tal que ele merece que dediquemos um artigo especial para homenageá-lo; e cinco dias depois, o Segundo Tenente Borrero, primo de primeiro grau do autor dessas memórias, morreu.

As memórias da juventude passam a formar uma espécie de segunda vida para aqueles que já estão se aproximando do seu fim. É por isso que ao evocar essas sombras dos gloriosos tempos da Pátria, sinto novamente em meu coração o fogo que os anos não conseguiram extinguir, e sinto com a verve necessária para alarmar em nome dos meus antigos camaradas de armas para saudar o sol que iluminou as glórias que alcançamos em Pichincha.

ABDON CALDERON O HERÓI DE PICHINCHA

Na manhã de 24 de maio de 1822 anunciou um daqueles dias plácidos e serenos que, não sendo comuns sob o equador, são ou parecem ser mais radiante e bonitas com o fogo da animação que toda a natureza recebe no seio fértil da área tórrida.

Levante o sol sobre o leste iluminando as encostas da Pichincha e dilatando seus raios no cume achatado do pequeno monte de Panecillo, quando o exército monarquista marchou leve e silenciosamente, escalando a saia daquele alto antemural de Quito que sobe a oeste da cidade, e de cuja cratera vulcânica sobe uma densa coluna de fumaça, que lutou pelo vento, imita a plumagem colorida que vibra no topo de um guerreiro gigante. O exército republicano comandado pelo General Sucre descansou na descida da colina, enquanto nossos batedores anunciaram a aproximação das tropas espanholas.

Seriam dez horas da manhã quando aquele que mais tarde teve que carregar o título de grande marechal de Ayacucho, deu suas ordens para mobilizar o exército e sair para encontrar o inimigo. A bizarra Divisão do Peru, comandada pelo Coronel Andrés de Santacruz [mais tarde

Grande Marechal do Peru], ocupou o direito da nossa linha de batalha. No centro, entre outras forças, estava o batalhão Yaguachi, apoiado por Paya; e à esquerda, a coluna comandada pelo intrépido Coronel José M. Córdova [mais tarde general], mais tarde protegida pelo batalhão Albión, o último corpo que chegou ao campo de batalha, cujas forças estavam sob as ordens imediatas do bravo General José Mires.

No início da batalha pelo centro, o tenente Abdón Calderón, que comandava a 3ª companhia de Yaguachi, recebeu uma bala no braço direito; ele o desqualificou de pegar a espada com essa mão e a levou com a esquerda e continuou a lutar com serenidade imperturbável, quando alguns momentos depois ele recebeu outra bala naquele braço, afetando um tendão e fraturando o osso de seu antebraço, o que o forçou a soltar a espada. Um sargento a pegou no chão, colocou-a na bainha na cintura, e amarrou seu braço com um lenço pendurado no pescoço. O jovem guerreiro, com a coragem estoica de um espartano, seguiu à frente de sua companhia, e intensificando o combate pela resistência indomável dos espanhóis, forçando sua última posição na encosta da colina, recebeu outra bala na coxa esquerda um pouco acima do joelho, que quebrou seu osso. Imediatamente os inimigos penhoraram sua reserva, e com isso veio o momento supremo e decisivo da batalha. Calderón carregava sua empresa fazendo um esforço maior do que seu estado de desmaio, e quando ele alcançou a vitória ele recebeu outra bala na coxa da perna direita que quebrou completamente seu osso, e o fez cair no chão prostrado, sangrando e sem movimento. Seus soldados o levaram ao acampamento em uma ruana, o colocaram em cobertores no chão da sala de estar de uma pequena casa, porque nenhuma cama foi encontrada para deitar sobre ele. Seu estado de prostração exigia ajuda efetiva, para pelo menos saciar sua sede devoradora e dar-lhe alguma comida; um amigo estava encarregado de fornecer-lhe esses serviços, porque o jovem infeliz não podia fazer uso de seus braços, nem mover as pernas. Como o último ferimento recebido foi fatal e não se prestava à amputação, ele morreu na madrugada do dia seguinte. O General Sucre promoveu-o, já morto, ao capitão, para lhe pagar as honras do funeral. O Libertador, que chegou a Quito em 16 de junho, informou sobre o comportamento bizarro daquele bravo oficial, emitiu um decreto de honra à sua memória, pelo qual ele organizou:

1º Que a 3ª companhia dos Yaguachi não recebeu outro capitão.

2º Que ele sempre o reviu como vivo, Capitão Calderón, e que nas revistas do comissário, quando ele era chamado pelo nome, toda a empresa responderia: "Ele morreu gloriosamente em Pichincha; mas ele vive em nossos corações.

3º Que sua mãe, a Sra. N. Garaicoa, de Guayaquil, uma parteira respeitável e muito republicana, receba mensalmente o salário que seu filho teria gostado.

Foi um espetáculo tão comovente quanto solene ver os soldados daquela companhia nos dias da revista do comissário, quando o nome do Capitão Calderón foi pronunciado, carregar o rifle em seu ombro com um gesto de orgulho marcial e responder com uma espécie de respeito religioso: "Ele morreu gloriosamente em Pichincha, mas ele vive em nossos corações. Essa ovação, verdadeira apoteose do jovem herói, foi cumprida no Equador até o ano de 1829; Não sei se terá continuado depois.

Este episódio revela mais um recurso da genialidade de Bolívar: como ele sabia como tirar proveito das circunstâncias oportunas para mover as nobres fontes do coração de seus guerreiros, entusiasmo emocionante e patriotismo com recompensas gloriosas que inspiraram o desprezo das fadigas, fome, riscos e até mesmo da própria vida, pelo desejo de alcançar a fama prez e póstuma. Foi assim que milhares de heróis apareceram ao seu redor, que hoje devem ser lembrados com orgulho porque enobrecem as páginas da história de nossa independência.

CAPITULAÇÃO DE QUITO

Na cidade de Quito, em 25 de maio de 1822, convencido de que as circunstâncias da força de guerra para tomar um meio de conciliação que salva os interesses do exército espanhol com a ocupação desta cidade e província pelas Divisões do Peru e colômbia sob as ordens do General Sucre, após a vitória alcançada por ele nas alturas de Pichincha, em que os dois exércitos lutaram com o ardor que é característico deles; tendo em vista que a falta de comunicação com a península, a opinião geral do país e os poucos recursos impossibilitam a continuidade da luta,

e estando de acordo com as instruções da Corte, dadas à Sua Excelência General Mourgeon pelo Ministério da Guerra em 3 de abril de 1823, os líderes dos dois exércitos determinados a comprometer as divergências, nomeando para este efeito o Sr. General Sucre os coronéis Don Andrés de Santacruz, chefe das tropas do Peru, e Antonio Morales, chefe de gabinete dos da Colômbia; e Seu Excelência General Melchor Aymerich aos coronéis Francisco González e Manuel María Martínez de Aparicio, Sub-General e Chefe de Estado-Maior da Divisão Espanhola, que, após reconhecer seus poderes, estipulavam os seguintes artigos:

Artigo 1º. Será entregue aos comissários do Sr. General Sucre a fortaleza de Panecillo, a cidade de Quito e o que está sob domínio espanhol ao norte e ao sul daquela cidade, com todos os suprimentos de boca e guerra e armazéns existentes.

Artigo 2º. As tropas espanholas deixarão esta fortaleza com as honras da guerra, e no local e horário determinados pelo Sr. General Sucre, entregarão suas armas, bandeiras e munições; e tendo em vista a conduta bizarra que você observou ontem, e de compromissos particulares que podem existir, todos os cavalheiros oficiais, bem como europeus e americanos, estão autorizados a passar para a Europa ou outros pontos, bem como as tropas, no conceito de que todos os oficiais que querem ficar, serão admitidos ou nas fileiras de cidadãos privados.

Artigo 3º. Os senhores oficiais devem manter suas armas, bagagem e cavalos.

Artigo 4º. Aqueles que quiserem passar para a Europa, serão levados em nome do Governo da Colômbia para Havana pela direção de Guayaquil e Panamá, escoltados por uma partida para embarque, e no primeiro porto espanhol onde eles chegam, as despesas que eles causam serão pagas ao comissário que os conduz.

Artigo 5º. O General Aymerich está livre para marchar quando e onde quiser, com sua família, para a qual será tratado com todas as considerações devido à sua classe, representação e comportamento.

Artigo 6º. Uma anistia geral em matéria de opinião é concedida a todos os funcionários públicos, eclesiásticos e indivíduos. Aqueles que quiserem se mudar para a Europa receberão seu passaporte; mas a viagem que eles vão fazer por conta própria.

Artigo 7º. Como o artigo 1º das tropas que estão em Pasto e sua liderança estão incluídos nesta capitulação, dois oficiais de cada exército serão nomeados, que o conduzirão, e se renderão a tantos prisioneiros, equipamentos e outros que existem lá; mas, tendo em vista as circunstâncias daquele país, o Governo espanhol não pode ser um garantidor do cumprimento dele, nesse caso o Governo da Colômbia agirá de acordo com a sua prudência e julgamento.

Artigo 8º. Após a ratificação por ambas as partes deste tratado, o Sr. General Sucre pode ocupar a cidade e a fortaleza a qualquer hora e dia que quiser; cujos artigos, para a ratificação das partes contratantes, serão assinados por referidos comissários no Palácio do Governo de Quito naquele dia, mês e ano.

ANDRÉS DE SANTACRUZ
ANTONIO MORALES
CORONEL FRANCISCO GONZÁLEZ
MANUEL MARÍA MARTÍNEZ DE APARICIO
PATRICIO BRAYN, SECRETARIO

Os oficiais e tropas presos primeiro farão um juramento de não pegar em armas contra os Estados independentes do Peru e da Colômbia.

SANTACRUZ
MORALES
CORONEL GONZÁLEZ
APARICIO
BRAYN

Sede em Quito em 25 de maio de 1822, 12. Aprovado e ratificado.

ANTONIO JOSÉ DE SUCRE
MELCHOR AYMERICH

Sede em Quito em 26 de maio de 1822, 120.

É uma cópia: Aymerich-Sucre.

Como se pode ver, essa capitulação incluiu as forças comandadas em Pasto por Dom Basílio García, que foi imediatamente informado de que

seria cumprido na parte que correspondia a ele; mas Dom Basílio, que fez sua carreira como soldado, compensou sua falta de luzes com toda a malícia e perspicácia que é adquirida com experiência no exército; ele estava vivo, astuto e velho veterano, acostumado, portanto, aos reveses sofridos na guerra, e calculou que não tendo conhecimento do triunfo de Pichincha e da ocupação de Quito pelo General Sucre, ele poderia fazer tratados mais vantajosos com ele, propondo-os como um ato espontâneo.

O Libertador, que já tinha um exército capaz de ocupar Pasto, mudou-se do Trapiche no início de junho, e no dia 6, quando chegou a Berruecos, foi presenteado com os tenentes-coronéis Don Pantaleón del Fierro e Dom Miguel Retamal, comissionados por Dom Basílio García para propor a capitulação, trazendo ao mesmo tempo poderes suficientes para celebrá-lo.

O Libertador acreditava que Dom Basílio estava dando este passo porque tinha sido convencido de que não podia resistir ao exército que trabalhava nele; ignorante dos triunfos do General Sucre, que foram cuidadosamente escondidos dele, ele recebeu com alegria os comissários exclamando: "Isso vale mais para mim, e é mais glorioso, do que uma batalha vencida", uma frase que honra seu coração. No ato, decidiu ouvir as propostas que fizeram, e nomeou o coronel José Gabriel Pérez e o tenente-coronel Vicente González para celebrar o acordo proposto, que foi ajustado e assinado às seis da tarde, e foi imediatamente publicado no exército. Ele também emitiu uma proclamação às tropas do exército espanhol e dos Pashtuns, anunciando o feliz fim da guerra. No dia seguinte, o exército iniciou a marcha, o Libertador seguiu em frente com a vanguarda, e no dia 8 chegou com ela a Pasto; as tropas monarquistas o receberam formando uma rua a partir da primeira da cidade, e fazendo-lhe as honras devido ao seu posto; Dom Basílio García esperou por ele ao pé de sua bandeira, e quando o Libertador se aproximou dele, Dom Basílio saiu para encontrá-lo, parou o cavalo pelas rédeas, cumprimentou-o com respeito e entregou sua espada. O Libertador, transbordando de alegria, desmontado, segurou-o em seus braços, elogiou seu comportamento nobre, e cravou sua espada na cintura. De lá, continuaram juntos até a sala que haviam preparado para a Libertadora, onde ratificaram e assinaram os tratados. Após este ato, o Libertador soube, pelo próprio Dom Basílio, que o General Sucre havia decidido a disputa no Equador vencendo uma batalha em Pichincha, e que ele estava naquela época em Quito. Esta notícia o trouxe com alegria, e ele não sabia como acariciar os espanhóis daquela Divisão, distinguindo Don Basílio em particular.

A generosidade do caráter do Libertador brilhou mais brilhante em seus triunfos: não só ele não ficou mortificado pelo estratagem de Dom Basílio, como aplaudiu cordialmente, e tomou especial cuidado para cumprir a capitulação de Berruecos. Lá ele emitiu uma proclamação geral aos colombianos, participando no fim da guerra.

Naquela tarde, o resto do exército chegou, e no dia seguinte Dom Basílio começou a entregar armas, munições, tropas e todos os elementos de guerra na praça. Os Pashtuns, monarquistas mais teimosos do que os próprios espanhóis, vendo esta operação praticada acreditavam que Dom Basílio os havia traído, e tentaram assassiná-lo, a ponto de ser necessário protegê-lo colocando em sua casa uma guarda das tropas colombianas.

CAPITULAÇÃO DE PASTO

Os tenentes-coronel Don Pantaleón del Fierro e Dom Miguel Retamal, comissionados pelo Comandante Geral da Segunda Divisão Espanhola do Sul, coronel Dom Basílio García, apresentaram os seguintes artigos de capitulação ao Presidente Libertador da Colômbia, que nomeou o coronel José Gabriel Pérez e o tenente-coronel Vicente González para concluir este acordo.

PROPOSTAS

Artigo 1º. Nenhum indivíduo do comando do comandante geral da 2ª Divisão Sul Espanhola será perseguido; nem o passado do Exército colombiano, incluindo as tropas e vizinhos das províncias do comando do referido comandante geral, cujo território inclui de Tulcán a Popayán e costa de Barbacoas. Os indivíduos do clero secular e regular também

estarão isentos de todos os cargos e responsabilidades. Responder. Com designado sem qualquer restrição.

Artigo 2º. Oficiais e soldados espanhóis e serão forçados a tomar partido na Colômbia contra sua vontade, não sendo os primeiros convidados ou advertidos. Responder. É certo que este artigo só diz respeito aos soldados espanhóis e pashtuns.

Artigo 3º. Os oficiais e tropas que querem ser transportados para o primeiro porto da Espanha, estarão fornecendo navios, pagando os custos ou como há mais lugar. Responder. Concedido.

Se os oficiais e tropas espanhóis forem levados diretamente para a Espanha, o governo espanhol pagará os custos; mas se forem levados para os portos espanhóis da América ou para portos neutros da América, a República da Colômbia pagará os custos.

Artigo 4º. Oficiais e soldados espanhóis não serão insultados por nenhuma pessoa da República da Colômbia, antes que sejam respeitados e favorecidos por lei. Chefes e oficiais poderão usar suas espadas, bagagem e propriedade, incluindo émigrés. Que se cometerem crimes, são favorecidos pela lei da Colômbia e seu território, observando o Tratado de Trujillo. Responder. Concedido.

Artigo 5º. Espanhóis militares ou civis que desejam jurar fidelidade ao Governo da República da Colômbia, manterão seus empregos e propriedades; e, no entanto, do que está previsto no artigo 1º, e no resto, os indivíduos das guerrilhas de Patía, e aqueles que estão dentro da linha do exército da República da Colômbia dependente do comandante geral da 2ª Divisão Espanhola do Exército do Sul, que não pode ser acusado das falhas que cometeram, mesmo que eles sejam da maior responsabilidade. Finalmente, Sua Excelência, o Presidente, como um vencedor dotado de uma grande alma, usarão para os prisioneiros de guerra e para os vizinhos da cidade de Pasto e sua jurisdição, a caridade da qual ele é capaz. Responder. Concedido.

Artigo 6º. Que assim como as pessoas e bens da tropa veterana e vizinhos de Pasto estão garantidos, estes e todos aqueles que existem nela, mesmo que não sejam nativos de lá, podem não estar destinados a nenhum momento para corpos vivos, mas permanecerão como até aqui, em classe urbana, sem nunca poder deixar seu território; que os emigrantes recebam seu passaporte para se aposentar em suas famílias, e que, tendo em vista a pobreza de Pasto e os grandes gastos que sofreu durante a guerra, ele seja isento de toda a pensão. Responder. Os residentes de Pasto, sejam nativos ou transeuntes, serão tratados como os colombianos da República, e, ao mesmo tempo, carregarão os fardos do Estado como os outros cidadãos. Sua Excelência, o Libertador, oferece-se para se tornar protetor de todos os vizinhos do território capitulado. Sua Excelência divulgará suas intenções benéficas em relação aos Pashtuns por uma proclamação particular, que será tão firme e válida quanto a mais sagrada. Os emigrantes obterão seus passaportes para serem devolvidos às suas famílias.

Artigo 7º. Que não há a menor alteração em termos da religião católica sagrada, apostólica, romana, e a inveterada idade de seus costumes. Responder. Concedido. Uma vez que a República da Colômbia está sob os auspícios da religião sagrada de Jesus, ela nunca cometerá o absurdo ímpino de alterá-la.

Artigo 8º. Sujeito à República da Colômbia o território do comando do comandante geral da 2ª Divisão Espanhola do Sul, expresso no artigo 19, as propriedades dos vizinhos de Pasto e de todo o território serão garantidas, e em nenhum momento serão tomadas, mas serão mantidas ílasas. Responder. Concedido.

Artigo 9º. Que no caso de sua excelência Sr. Liberator tem que ir para Pasto, ele espera que ele o trate com essa consideração adequada ao seu caráter humano, levando em conta a miséria em que ele se encontra. Responder. Concedido. Vossa Excelência, o Libertador se oferece para tratar a cidade de Pasto com a maior bondade, e não exigirá o menor sacrifício pelo serviço do Exército de Libertação. O General Commissary pagará pelo seu valor justo tanto quanto precisar para continuar a marcha pelo território de Pasto.

Artigo 10. Que com relação ao fato de que sua excelência o Libertador serviu para prometer a Pasto que ele gozará das mesmas prerrogativas que a capital da República, o estabelecimento da Casa da Moeda será concedido com a forma que está atualmente. Responder. Vossa

Excelência, a Libertadora não tem o poder de decidir sobre a criação da Casa da Moeda e da Cunhagem, essas atribuições correspondentes ao Congresso Geral, às quais os habitantes de Pasto podem solicitar essa graça diretamente ou através de um deputado ao Congresso.

Artigo 11. Que a pessoa do bispo mais ilustre de Popayán, e os dos outros eclesiásticos, sejam tratados com as mesmas prerrogativas que são oferecidas a todos os moradores de Pasto, respeitando suas altas dignidades. Responder. Concedido. O Governo e o povo da Colômbia sempre respeitaram com a mais profunda reverência o bispo mais ilustre de Popayán e todo o clero da nação, sendo os ministros do Mais Alto e os legisladores da moralidade. Em cujos artigos nós, comissários, concordamos em nome de nossos respectivos chefes. Este tratado deve ser ratificado no prazo de quarenta e oito horas por sua excelência, o Libertador Residente da Colômbia, e pelo Comandante-Geral da 2ª Divisão Espanhola do Sul, assinando dois de um tenor na sede Libertador de Berruecos, em 6 de junho de 1822, 129, às seis da tarde.

PANTALEÓN
MIGUEL RETAMAL
JOSÉ GABRIEL PÉREZ
VICENTE GONZÁLEZ

Sede da Libertadora em Pasto, 8 de junho de 1822, 12 de junho de 122. Eu aprovo e ratifico este tratado.

Para Sua Excelência, o Libertador,
BOLÍVAR

Jose Gabriel Perez. Divisional Headquarters of Pasto, June 8, 1822.

I ratify and agree to these treaties.
BASILIO GARCÍA

No dia 10 da tarde, o Libertador deixou Pasto para Quito com seu Estado-Maior e um piquete de cavalaria, levando Dom Basílio García, que temia os Pashtuns não queria ficar entre eles. O General Sucre tinha avançado para Otavalo o batalhão Paya, com o glorioso nome de Pichincha, para limpar o caminho e escoltá-lo, se necessário.

No dia 16, o Libertador chegou a Quito; o exército saiu para recebê-lo no ejido de Añaquito, e formado em batalha na ordem de parada fez dele as honras correspondentes ao seu posto. O General Sucre ordenou que ele dobrasse em massa, e colocando o Libertador na frente dele, o atormentou com essa eloquência e laconismo que eram tão naturais para ele. Ele começou cumprimentando os vencedores em Pichincha, e depois de elogiar seu comportamento bizarro, ele concluiu com estas palavras:

"Os Quiteños nunca serão capazes de esquecer que naquele cume [apontando o dedo para a colina de Pichincha que estava claro], em testemunho mortal de sua coragem, três mil bravos homens do Peru e da Colômbia destruíram para sempre as correntes que os oprimiram, reconquistando sua pátria e restaurando a eles o gozo de sua liberdade perdida há três séculos. Viva a Colômbia!, Viva a liberdade!"

Depois que o Libertador soube do que o General Sucre tinha feito, ele fixou sua primeira atenção ao ordenar o ajuste e pagamento da Divisão do Peru, e uma vez satisfeito com seus bens, e tendo promovido seus generais de brigada ao Coronel Santacruz, ele devolveu suas tropas ao Governo peruano, fazendo-os retornar por terra como tinham vindo. Ele

agradeceu por sua cooperação na campanha, cujo fim foi a liberdade do Equador, e também lhe ofereceu reciprocidade, uma oferta que ele logo cumpriu. Anos atrás, o General Bolívar sentiu seu destino como libertador do Peru, e aludiu a ele como uma coisa fixa e inevitável.

Os equatorianos, que na Colômbia foram os primeiros a se pronunciarem pela Independência, e que apesar de seus esforços não conseguiram alcançá-la por conta própria, cheios de entusiasmo e reconhecimento de seus Libertadores, saudaram sem hesitação o pacto de união que lhes foi oferecido, jurou a Constituição da Colômbia formando parte integrante da República, e tiveram como primeiro Intendente do Departamento de Quito o General Antonio José de Sucre, não menos hábil e altruísta administrador do que o chefe militar.

O exército que permaneceu em Pasto imediatamente seguiu para Quito. Depois que o primeiro corpo chegou, juntando-se a eles para a vitoriosa Divisão em Pichincha, e dando o nome de Grenadiers ao esquadrão Lancers, o Libertador marchou com essas tropas para Guayaquil, ordenando que o resto do exército que passou de Pasto permanecesse na capital do Equador até nova ordem. Como a pequena soberania de Guayaquil não podia permanecer independente, ela precisava pertencer a uma das duas repúblicas fronteiriças, e por essa razão duas partes estavam agitadas na cidade, uma de anexacionistas ao Peru, e outras à Colômbia. Com a aproximação de nossas tropas, os partidários da anexação ao Peru ficaram assustados, a Junta do Governo foi dissolvida, e a mais influente emigrou para Lima. Nossas tropas entraram em Guayaquil em 11 de julho; no dia 13, o Libertador consultou para uma proclamação a livre opinião do povo, para sua anexação à Colômbia ou peru, e em 30 de julho, sem qualquer violência, que o território independente foi constituído em um departamento da República da Colômbia, governado por um intendente, que era o General Bartolomé Salom. Cinco dias antes, no dia 26 daquele mês, o general Antonio José de San Martín, protetor do Peru, chegou a Guayaquil em um navio de guerra. Ele passou três dias em conferências privadas com o Libertador, e ninguém, nem mesmo o próprio General Sucre, sabia quais eram os problemas e termos em que estavam ocupados. Embora muitas pessoas tenham fingido saber do que estavam falando naquela entrevista, a única coisa que poderia ser revelada foi que o General San Martín indicou ao Libertador que, em seu conceito, o Peru não queria ser governado por um Governo republicano democrático, mas por um conservador constitucional, que estava em contradição com os princípios e visões do Libertador; mas é verdade que o General San Martín ficou revoltado porque a Junta do Governo que ele deixou estabelecida em Lima e o povo mais influente do Peru, não estavam felizes com seu governo protetor, e fizeram guerra contra ele, tanto que durante sua viagem a Guayaquil eles depuseram, prenderam e deportaram para o Panamá o ministro da guerra e da marinha que ele deixou lá, que era Dom Bernardo Monteagudo. O General Don Domingo Tristán tinha acabado de perder em Ica uma divisão lúcida de 3000 homens, e os espanhóis estavam com um exército superior em número ao dos republicanos, então San Martín acreditava que não era possível para ele concluir a liberdade do Peru, e instou o Libertador a ir com o exército da Colômbia para completar o trabalho que ele havia começado. O General San Martín retornou a Lima, estava no comando supremo, e sem expressar ressentimento convocou um Congresso antes do qual ele renunciou sua autoridade de forma irrevogável: ele admitiu sua renúncia, nomeando-o generalíssimo de todas as tropas da República, e embora ele aceitou esta nomeação, ele não assumiu o comando do exército. Deixando os peruanos dedicados a si mesmos e em uma posição difícil e até comprometida, ele se despediu deles por uma proclamação, embarcou para o Chile, de lá foi para Buenos Aires, sua terra natal, e de Buenos Aires para a Europa, sem participar novamente na luta pela independência americana. Esta conduta do General San Martín tem sido muito aplaudida; Ele veio para preencher a estima e apreciação de seus concidadãos, que não viam nada além de grandeza de alma no ato de se desvincular do poder supremo e se aposentar para a vida privada, como fez até sua morte, que ocorreu em Paris, em meio a relações afetuosas, e satisfeito por ter servido sua pátria com auto-negação e patriotismo. Outros julgarão até que ponto sua triste experiência no Peru e a visão do irresistível e autoconsciente homem influenciou esse ato, que teve que dominar com uma mão anarquia e confusão, e com a outra mortalmente ferir os penínsulas e seus aliados. A partir daí, o Libertador não lidou com nada além da liberdade do Peru, e começou a ditar todas as disposições necessárias para preparar as tropas que marchavam para aquela República para a gloriosa campanha que me lembrarei meticulosamente..

INICIO



Geopolítica na campanha de 1822

Continuação...

* GRAE. (S.P.) PACO MONCAYO G.
MEMBRO HONORÁRIO ASOCID-EQUADOR

INTRODUÇÃO

... antes do extinto Império Otomano e do povo curdo divididos entre cinco estados devido à ignorância ou negligência dos especialistas ingleses e franceses em questões fronteiriças.

O presente trabalho enfoque, pelas razões citadas, em um período temporário crucial para o nascimento dos Estados que fizeram parte dos vice-campeonatos do Peru e de Santa Fé de Bogotá, que corresponde às negociações e acordos frágeis alcançados entre os líderes patrióticos para unir seus esforços contra as tropas da Metrópole, ao mesmo tempo elucidando suas discordâncias sobre o futuro desses povos, uma vez que sua independência foi alcançada; momentos em que os conflitos territoriais que começariam no momento de transformar os limites coloniais em fronteiras entre os novos Estados já estavam se formando..

O tema central desta pesquisa se concentra nas contradições agudas e conflitos entre Colômbia e Peru na questão de Guayaquil que, como se pode ver na história, estavam prestes a arruinar a Campanha Libertadora organizada para tornar Quito, capital da Audiência Real, independente. Começa com uma breve visão histórica do direito colonial sobre esses territórios, depois lida com os insistentes esforços do Vice-Rei peruano para assumir o controle deles; continua com a disputa aberta entre Bolívar e San Martín por exercer sua autoridade sobre eles e finalmente se concentra nos efeitos da disputa na campanha comandada por Sucre que culmina com a esplêndida vitória nas encostas do vulcão Pichincha. O tema da guerra serve, então, apenas como pano de fundo.

A pesquisa tem sido nutrida, particularmente na rica correspondência entre os líderes de ambos os lados do conflito, seus relatórios e outros documentos, bem como na opinião de historiadores proeminentes.

Paco Moncayo: "O tema central desta pesquisa se concentra nas contradições agudas e conflitos entre Colômbia e Peru sobre a questão de Guayaquil que, como pode ser visto na história, estavam prestes a arruinar a Campanha Libertadora organizada para tornar Quito, capital da Audiência Real, independente. "

Foto: Diário El Comercio.

CONTEXTO HISTÓRICO

A Metrópole organizou o território, para sua melhor administração civil em: Vice-copas, Presidências, Governadores e Capitania Geral. As Audiencias tinham limites definidos e autonomia administrativa e poderiam ser viceregais, praetorial ou subordinadas; suas funções eram judiciais e governamentais. Eles eram geralmente feitos de províncias.

Em 4 de maio de 1493, o Papa Alexandre emitiu um touro para distribuir áreas de influência entre os monarcas católicos do layout de um meridiano. A Espanha foi responsável pela parte ocidental, "...perpetuamente, para a voz e para os reis de Castela e Leão, seus herdeiros e sucessores (Trabuco Tratados de Límites Equador, 1970, Bula Papal 1493).

Inicialmente, todos os territórios do continente americano, conquistados pelos espanhóis, foram divididos entre apenas dois vice-campeonatos: o do México e o do Peru: o Público Real de Quito, criado em 29 de agosto de 1563, foi mais um entre os do Vice-Rei. Assim, dois séculos se passaram, mas a importância da relação colonial mudou-se do Pacífico para o Atlântico e o Caribe, provocando mudanças na organização política. Em 27 de maio de 1717, a Audiência Real de Quito foi extinta, que se tornou parte do novo vice-rei de Santa Fé como província. As autoridades vice-regionais do Peru reivindicaram e, em 18 de fevereiro de 1720, esta Audiência foi restabelecida, subordinada ao Vice-Rei do Peru. Finalmente, em 1739, Quito e Panamá tornaram-se parte do vice-rei de Nova Granada novamente.

O tempo passou e o declínio da Espanha ia de mal a pior. A poderosa Inglaterra iniciou uma política agressiva destinada especialmente a quebrar o monopólio do comércio que mantinha com as colônias americanas, atacando diretamente ou através de Corsários seus portos e linhas de comunicação. Nestas circunstâncias, a Junta de Fortificações de América al Rey de España, em defesa das Colônias da América obteve uma ordem real datada de 7 de julho de 1803 para colocar o Governo Militar de Guayaquil sob o Vice-Rei de Lima, para melhor defesa. Imediatamente, o vice-rei do Peru, Marques de Avilés, tentou revogar o comando total, provocando a reivindicação do Barão de Carondelet, Presidente da Audiência Real de Quito ao Rei da Espanha. O Conselho das Índias provou que ele estava certo em 1807.

Por ocasião da revolução de Quito, em 1810, o Vice-Rei de Lima Marques de la Concórdia assumiu toda a jurisdição militar, civil, erroussão e judicial. Novas reivindicações, o Conselho das Índias solicita relatórios de Francisco de Requena, que assegura que a Província de Guayaquil, em assuntos civis, militares, erários e judiciais sempre esteve sujeita à Audiência de Quito. Com esse pano de fundo, o Rei deixou claro em 1819 que o controle de Lima era apenas em questões de defesa (Trabuco, Ordem Real, 1819).

Até então, a guerra da independência tinha se tornado generalizada. Em 1817, a vitória de José Antonio Páez sobre Morillo, em Las Queseras del Medio, abriu as portas para Bolívar, que havia sido nomeado presidente da Venezuela pelo Congresso de Angostura, inaugurado em 15 de fevereiro de 1819, para poder, após sua épica travessia dos Andes, ocupar Tunja e derrotar as forças monarquistas nas batalhas do Pântano Vargas e Boyacá, em 25 de julho e 7 de agosto, respectivamente, para sair vitorioso para Santafé de Bogotá, em 10 de agosto de 1819. Posteriormente, o Congresso de Cúcuta, reunido entre 30 de agosto e 3 de outubro de 1821, criou a Gran Colombia, unificando o Vice-Rei de Santa Fé com a Capitania Geral da Venezuela, em um único Estado.

No sul, o General San Martín criou um exército em Mendoza, cruzou os Andes em direção ao Chile e conquistou a vitória de Chacabuco, em 12 de fevereiro de 1817, com a ajuda de Bernardo O'Higgins. Em vez disso, os monarquistas alcançaram as vitórias de Talcahuano, em outubro do mesmo ano, e Cancha Rayada, em março de 1818. Quando tentaram capturar Santiago, foram derrotados na batalha de Maipú, em 5 de abril de 1818, e a independência daquele país foi alcançada.

Em setembro de 1820, San Martín, com tropas da Argentina e do Chile, chegou a Pisco, de onde enviou delegados para a Conferência de Miraflores, pedindo ao vice-rei Joaquín de Pezuela para evitar mais derramamento de sangue e aceitar a Independência do Peru. A resposta

foi obviamente negativa. Enquanto San Martín se aproximava de suas tropas para Lima, o general Álvarez de Arenales derrotou os monarquistas na batalha de Cerro de Pasco e o chefe do esquadrão chileno, Tomás Cochrane, capturou no porto de Callao o navio "Esmeralda". San Martín ocupou Lima em 9 de julho de 1821 e proclamou a independência do país em 28 de julho.

GUAYAQUIL INDEPENDENTE

A independência de Guayaquil teve consequências muito positivas para a independência dos países do Pacífico Sul. O General Jerónimo Valdez reconheceu o grande revés que a perda deste porto estratégico significou para a causa espanhola:

"Sem a insurreição de Guayaquil, o resto de Quito não teria sido perdido, assim como as fragatas Prueba y Venganza e a expedição de San Martín não teriam sido perdidas, se forçadas a se barrar, logo depois que pousou. No entanto, dos erros daquele que comandou os espanhóis, que sem a perda de Guayaquil eles não teriam sido tantos ou tão grosseiros, porque sua tolice e confusão não teria sido tão grande e, portanto, tão geral a desconfiança daqueles que obedeciam. Os esforços que tinham que ser feitos nos anos 21, 22, 23, 24 foram tão extraordinários quanto necessários para paralisar as consequências da perda de Guayaquil..."

(Munhoz E, 2010, p.29-30)

Consta no Ato de Independência de Guayaquil que: "... que tendo declarado independência pelo voto geral do povo, ao qual todas as tropas esquadreadas estavam unidas, e todas as medidas relativas à ordem pública devem ser tomadas em conformidade em circunstâncias que precisa da ajuda dos principais vizinhos ... Também foi acordado que dois expressos seriam emitidos aos municípios de Quito e Cuenca, colocando em suas notícias a nova forma de governo e operações, levando à independência geral da América, e que esta providência fosse estendida a todos os povos desta jurisdição pelo Chefe Político (Museu Municipal de Guayaquil).

No dia 8 de novembro, o Colégio Eleitoral se reuniu na Câmara Municipal, na qual 58 deputados participaram, 16 para a cidade de Guayaquil e os demais para as populações da Província, incluindo Babahoyo, Machala, Santa Elena, Montecristi, Jipijapa, Chone e Puná. Neste conclave foi proclamado o nascimento do novo Estado conhecido como "Província Livre de Guayaquil" e nomearam uma Junta de Governo composta por José Joaquín de Olmedo como presidente, Rafael Jimena no comando dos assuntos militares, Francisco María Roca dos assuntos político-civis e Francisco de Marcos y Crespo, da Secretaria.

No dia 11, foi aprovado o Regulamento da Província Livre de Guayaquil, que, no artigo 1º, declara: "A Província de Guayaquil é livre e independente; sua religião é católica; seu governo é eletivo; e suas leis, as mesmas que governaram ultimamente, desde que não se oponham à nova forma de governo estabelecida. O artigo 2º estabelece que: "A Província de Guayaquil declara-se em total liberdade para se juntar à grande associação que lhe convém a ser formada na América do Sul", enquanto o artigo 8º prevê: "Em qualquer perigo da Pátria, o Governo, em conclamada com o Chefe Militar, consultará a segurança pública, e o artigo 9º: "A partir dos dezesseis anos ninguém estará livre do serviço militar, quando a segurança e a defesa do país assim solicitar."



Província Libre de Guayaquil
1820-1822

SUCRE EM GUAYAQUIL

Bolívar, preocupado em garantir a Colômbia, o porto estratégico de Guayaquil e sua região, parte do Vice-Rei de Santa Fé, mas cobiçado pelo Peru, enviou ao general Antonio Morales para garantir a incorporação do novo governo à Colômbia. Ele chegou com 1000 rifles, 50.000 cartuchos, 8.000 pedras de fâsca, 500 sabres e 200 pistolas, para armar os patriotas de Guayaquil. Em 12 de fevereiro de 1821, os militares colombianos conseguiram assinar um acordo de cooperação e ajuda recíproca com a Junta Geral do Governo.

A situação política era delicada e incerta, o General Mires, em carta ao Santander, descreve-a da seguinte forma:

"... Vim para o belo porto de Guayaquil, onde encontrei um partido para o Rei, outro pela independência absoluta daquela província, outro por sua agregação ao General San Martín, e outro pela dependência da Colômbia. Tive muita sorte e não omiti nenhum meio de aumentar o último formado pelos verdadeiros patriotas, os homens mais sensatos e a parte mais séria do povo."

(Muñoz J, p.40)

No início de maio de 1821, Sucre chegou a Guayaquil, comandando um importante contingente colombiano. Ele era um jovem oficial de 26 anos servindo sua primeira comissão como Comandante Sênior de uma força. Ele sabia disso e era previsão e cauteloso. Ele desembarcou seus

700 soldados dos Batalhões Albion, Santander e do Esquadrão Guia, em Santa Elena. Ele organizou sua sede em El Morro e foi se apresentar às autoridades de Guayaquil. Ciente da situação, Sucre soube mostrar seu tato característico e bondade, em benefício da causa da Colômbia.

Vários historiadores sugerem que Sucre foi um avanço para garantir que esta província seja parte da Colômbia e que, mais tarde, ele chegaria por mar, a fim de comandar a campanha para libertar Quito do jugo espanhol. Deve ter sido assim porque, como relata Rumazo González, o vice-presidente Santander havia recomendado a ele:

"Você deve levar em consideração as ideias de Sucre e abandonar o projeto de liderar qualquer exército através de Pasto, porque ele sempre será destruído pelos povos teimosos, não pequenos corajosos e sempre, sempre vitoriosos"

(Rumazo A., p. 735).



Retrato de Crnl. Jacinto de Bejarano y Lavayen, precursor da independência da Província Livre de Guayaquil (que atualmente é parte integrante do território da República do Equador).

Fonte: Wikipédia

As instruções de Bolívar para Sucre foram precisas. Ele viajaria para Guayaquil comandando uma expedição de 1000 homens do exército de Cauca e "todas as armas e munições que ele calcula necessárias para armar novos corpos nas províncias para onde ele está indo". O general Mires, que havia sido o primeiro delegado, deveria se subordinar a Sucre: "O General de Brigada José Mires é nomeado segundo chefe do General Sucre na expedição de Guayaquil e todas as precauções e instruções desta data serão entendidas com ele caso aconteça com ele" (Epistolario de Sucre. Volume I, p. 563).

En cuanto a las relaciones con las autoridades guayaquileñas, las instrucciones eran claras:

"Depois de parabenizar os governos, conforme previsto no artigo 1º, o General Sucre tentará incorporar essas províncias à República da Colômbia de acordo com sua Lei Básica..." Ele deve, em conferências privadas, convencer as autoridades das "vantagens particulares que lhe resultam de pertencer a uma grande república que assegura, protege e defende sua existência sem ofender seus direitos e representação política..." (Castellanos R., 1998, p.107).

Uma vez desembarcado, Sucre preferiu organizar sua força na Península de Santa Elena e em El Morro. Distribuiu suas unidades, os batalhões de Infantaria Santander e Albion e o esquadrão de Guias, de forma prudente, em vários locais da área, a fim de recuperar a saúde afetada pela viagem e continuar com o treinamento. Então ele foi se apresentar às autoridades de Guayaquil..



Batalha de Camino Real

Após sua independência, o governo da província de Guayaquil formou um exército de 1.500 homens para libertar o resto da Audiencia Real, que foi chamada de Divisão protetora de Quito.

Fonte: Wikipendia



Simón Bolívar e José de San Martín na reunião mais tarde chamada "Entrevista de Guayaquil".

Fonte: Wikipendia

Em 10 de maio de 1821, ele escreveu ao General San Martín, nos seguintes termos:

"Devo aproveitar esta oportunidade para anunciar a vocês a minha vinda a esta praça em um transporte com trezentos soldados, de mil e quinhentos que o governo da república envia ao sul da Colômbia para abrir para esta parte a campanha de Quito, em conjunto com a divisão do Sul de Cundinamarca. 800 homens desta província serão incorporados a mim e após o armistício começarei as operações" (Salcedo-Bastardo J., Ob. Cit., p.31).

Esta mensagem contém dois avisos: Primeiro, que o governo da República envia uma força de 1500 homens para o Porto, forma medida de impedir qualquer tentativa de tomar esta cidade estratégica, pela facção favorável ao Peru; e, segundo, as tropas não vão para uma terra de ninguém, nem para um território disputado, eles vão para o sul da Colômbia, que substitui o Vice-Rei de Nova Granada, ao qual pertencia a Audiencia de Quito e a Província de Guayaquil, desde 1739.

Em 13 de maio de 1821, ele escreveu novamente ao General San Martín, para pedir os reforços necessários para uma campanha vitoriosa sobre Quito:

"A Junta Superior desta província me disse que um corpo dependente do exército de V.E. que se ergue em Piura, pode cooperar muito efetivamente na campanha em Quito, invadindo Cuenca por Loja, e penetrar até encontrar a divisão da Colômbia, que marcha a partir deste ponto." Ele imediatamente solicita o envio de um oficial para aquela cidade para emitir as disposições correspondentes e acaba assegurando que "... se a vitória acompanhar nossos esforços para terminá-la brevemente, contarei entre os favores da fortuna, a honra que eu poderia ter mais tarde prestando meus serviços a V.E. e aos libertadores do Peru. Os colombianos assistiriam com orgulho, marchavam entre as fileiras dos filhos de Maipó e estariam sob as ordens de V.E."

(Ibidem, p. 36)

Em 15 de maio, Sucre chegou à assinatura de um Tratado entre a República da Colômbia e a Junta Superior do Governo da Província de Guayaquil. No primeiro capítulo, o Conselho afirma que não tem o poder de declarar a incorporação na Colômbia, mas afirma que recomendará as vantagens de fazê-lo ao Conselho Eleitoral da Província. Na segunda, declara a Província de Guayaquil "sob os auspícios e proteção da República da Colômbia. Conseqüentemente, confere a todos os poderes ao Presidente libertador que prove sua defesa e apoio à sua independência e a compreenda-a em todas as negociações e tratados de aliança, paz e comércio que ele conclui com nações amigáveis, inimigas e neutras" (Ibid., p.37). Em troca, a Colômbia coloca a serviço da liberdade de Guayaquil e de todo o Departamento de Quito, suas tropas, armas, recursos e seus filhos.

SUCRE À FRENTE DO EXÉRCITO PATRIOTA

Após o sucesso alcançado em Yaguachi, veio a derrota da Divisão Auxiliar do Sul nas desastrosas planícies de Huachi. O fracasso não sobrecarregou a Junta Governante, que imediatamente iniciou a reorganização da Divisão Libertadora. José Joaquín de Olmedo demonstrou a grandeza de seu espírito e sua visão iluminada ao assegurar que a conquista da liberdade sem grandes sacrifícios é "um delírio negado em todas as páginas da História". Assim, Guayaquil, longe de se perder em lamentações, respondeu ao fracasso organizando imediatamente um contingente de 700 voluntários e fazendo extensas coletas de dinheiro para equipá-los.

O Batalhão Colombiano 'Paya', composto por 500 soldados, 150 deles veteranos, também chegou a Montecristi. Com este Batalhão veio o Coronel Diego Ibarra, ajudante de campo da Libertadora, com uma carta para San Martín. Também chegando com a flotilha de Cochrane estava uma escuna mercante, de Callao, com 1.500 rifles. Além disso, em 12 de dezembro, o contrato final foi assinado, para que 1.000 homens viessem do Peru, sob as ordens do coronel Santa Cruz, que estava previsto para vir a partir do final de dezembro.

Em 27 de novembro, o coronel venezuelano Tomás de Heres, comandante do Batalhão Numancia, chegou a Guayaquil, e em 28 de novembro apresentou-se a Sucre e deu-lhe um documento assinado por chefes e oficiais daquela unidade, solicitando veementemente seu desejo de se juntar à campanha de libertação de Quito. Sucre, ansioso para se fortalecer com um dos batalhões mais experientes, escreveu a San Martín solicitando o envio dessa força, mas decidiu enviar os batalhões Piura e Trujillo, além dos Grenadiers dos esquadrões Andes e Cazadores del Perú. Então, Sucre enviou o coronel Heres para Piura, para saber as condições em que essas unidades estavam. O Batalhão Trujillo tinha 600 soldados, 140 deles veteranos; Piura com 300, 50 veteranos; os Caçadores do Peru com 200, todos recrutas; e, o esquadrão Granadeiro com 200 veteranos.

Enquanto isso acontecia ao lado dos patriotas, o exército dos espanhóis recebeu um reforço de 800 homens, pertencentes aos Batalhões da Catalunha e Tiradores de Cádiz, que chegaram com o novo vice-rei de Santa Fé e capitão-geral da Presidência de Quito, Juan de la Cruz Mourgeón.

Como explicado anteriormente, como pano de fundo para todos os eventos que são recontados, está a disputa do Peru e da Colômbia por Guayaquil, peça fundamental nos projetos políticos das duas nações. Sucre ainda estava no Porto, quando uma embaixada chegou de San Martín, composta pelo general peruano Francisco Salazar, o general peruano, nascido em Cuenca, José de la Mar e o coronel argentino Manuel Rojas (secretário). Salazar trouxe uma carta a Sucre, enviada pelo General Juan Antonio Álvarez de Arenales, muito próxima do General San Martín, anunciando o envio de tropas de Piura e Trujillo, e um esquadrão argentino de Grenadiers. Sucre respondeu que seria uma honra para ele participar, a seu comando, na campanha pela libertação de Quito. Na mesma linha, ele escreveu a Bernardo Monteagudo:

"Eu tenho sido particularmente dito que o Sr. General Arenales virá para esta expedição; sendo ele mais graduado do que eu, ele assumirá o comando das tropas quando se reunir, e nos lisonjeará que este ilustre chefe leve nossas bandeiras à vitória."

(Rumazo A., Ob. Cit., p.749)

O governo de Guayaquil recebeu Salazar e La Mar com deferência especial, especialmente pelos laços deste último com as principais famílias da cidade. O General Sucre, acompanhado de sua equipe sênior, também fez uma saudação bem-vinda aos ilustres representantes do governo do Peru. José Joaquín de Olmedo organizou uma recepção em homenagem à legação peruana, em sua casa. Enquanto o ato social estava ocorrendo, houve a revolta do Batalhão de Infantaria vencedores que protegia a cidade, em favor da Colômbia. Os militares tomaram o parque e tentaram tomar posse dos quartéis da Artilharia, mas foram repelidos, então deixaram a cidade. Ao mesmo tempo, a Prefeitura de Portoviejo defendeu a Colômbia. Sucre, que estava em plena preparação para a campanha para libertar Quito, agiu com extrema prudência e habilidade para evitar que a situação se tornasse mais perigosa. A Junta governante, por outro lado, usou este pretexto para nomear La Mar como Comandante de Armas de Guayaquil. O governo do Peru concedeu ao General de Cuenca o posto de Grande Marechal.

Em 2 de janeiro de 1822, ainda determinado a libertar Cauca, Bolívar escreveu a Olmedo exigindo:

"... o reconhecimento imediato da República da Colômbia, porque a situação em Guayaquil é sem sentido. Minha entrada em tal estado seria um ultraje para mim e uma lesão aos direitos da Colômbia... Sabe, amigo, que uma cidade com um rio não pode formar uma nação... seria a sinalização de um campo de batalha para dois estados belicosos que o cercam... Tumbes é o limite do Peru e, portanto, a natureza nos deu Guayaquil..." (Ibid., p.753).

Enquanto Sucre administrava, de forma diligente e experiente, a preparação da campanha, em 12 de janeiro, San Martín confiou o comando ao Marquês Torre Tagle para viajar para Guayaquil. Ele assinou um Decreto no qual afirmou: "Encontrarei o libertador da Colômbia. Os interesses gerais do Peru e da Colômbia, o fim energético da guerra que sustentamos e a estabilidade do Destino, para o qual as Américas estão se aproximando rapidamente, tornam nossa entrevista necessária." Além disso, ele ordenou, ao Conselho de Governo, que entregasse o comando das tropas a La Mar, e informou Sucre no mesmo sentido que ele rejeitou indignadamente esta manobra. Olmedo fez o mesmo, com os seguintes argumentos:

"A nomeação de La Mar para o comando da Divisão pode talvez ter um efeito contrário ao que todos nós pretendemos ... Essas reflexões nos fizeram concordar em suspender o cumprimento de sua resolução até que, imposta a tudo isso e aos novos riscos que nos ameaçam, você tome uma grande, eficaz e poderosa medida"

(Rumazo A., Ob. Cit., p. 755).

VENTOS DE GUERRA

Em 20 de janeiro, Sucre havia deixado Guayaquil para Quito. A rota selecionada foi: Guayaquil, Naranjal, Puerto Bolívar, Machala, Pasaje, Yulug, Saraguro e Oña, onde estava prevista para chegar em 10 de fevereiro.

Em 27 de janeiro, San Martín embarcou para Guayaquil, chegou a Huanchaco, onde um navio chegou com uma carta de Olmedo, na qual ele o informou da carta de Bolívar, exigindo o reconhecimento da República da Colômbia e que ele chegaria em breve a Guayaquil com 2000 homens. Essa informação forçou seu retorno imediato a Lima, onde se reuniu com o Conselho de Governo, ao qual propôs declarar guerra à Colômbia. Os argentinos Monteagudo e Alvarado se opuseram a essa proposta impensada. Então, San Martín providenciou para que as tropas do General Santa Cruz fossem para Guayaquil ou retornassem a Piura. Monteagudo ordenou a La Mar: "Enviar para retirar a todo momento a divisão do General Santa Cruz ao ponto que os EUA consideram conveniente, para sustentar com energia a independência absoluta de Guayaquil ... empregar todas as forças que são colocadas ao seu comando em apoio à deliberação espontânea do povo" (Ibid., p. 756).

Bolívar, que estava ciente desses problemas, escreveu ao Santander:

"... Devo ter em mente que se no último resultado acreditamos que nos autorizamos a usar a força para conter o Peru em seus limites, para reentrar em Guayaquil na Colômbia, é também minha opinião que devemos usar essa força o mais rápido possível, precedendo antes das negociações mais indispensáveis e usando ao mesmo tempo a política mais delicada ...".¹⁰⁶ Mas ele expressou enfaticamente sua decisão de defender os direitos da Colômbia: "A conduta do Governo da Colômbia seguiu a mesma marcha que v.E., mas no final, não mais capaz de tolerar o espírito de facção, que retardou o sucesso da guerra e ameaça inundar todo o sul da Colômbia em desordem, tomou definitivamente a resolução de não permitir mais a existência de uma Junta que é o flagelo do povo de Guayaquil e não o órgão de sua vontade" (Ibid., p.772).

Em 5 de fevereiro, Sucre já estava em Yulug. No dia 6, ele escreveu a John Illingrot: "Ontem eu vim aqui e agradei a Deus que estamos fora da montanha amaldiçoada; algumas pessoas ficaram doentes, mas muito poucas..." (Ibid., p.227). Ele informa que ele avançou tropas montadas sob o comando do Coronel Ibarra para fazer contato com o inimigo para

assediar e forçá-lo a lutar; que considera que os espanhóis não sabem sobre seus movimentos e calcula suas forças em 1000 homens dos batalhões de Aragão e Constituição, além de alguns elementos montados. No dia 9 sucre chegou a Saraguro, onde parou de esperar pela Divisão Peruana, composta por patriotas peruanos, chilenos, argentinos e peruanos. O próprio Coronel Andrés de Santa Cruz nasceu no Alto Peru, atual Bolívia.

Em 10 de fevereiro, uma carta foi recebida do Coronel Santa Cruz, informando de sua chegada à Loja. Em 15 de fevereiro, Sucre informou o ministro da guerra sobre a situação: "No dia 9 às quatro horas da tarde eu ocupei este ponto e duas horas depois eles começaram a entrar que fizeram em seções até ontem e que com a nossa formam no dia uma força de 1.700 homens disponíveis ... Restam na Loja da divisão do Peru mais 300 homens" (Sucre J. J. Epistolario, volume I, p.229).

Ele se refere à manobra projetada pelo Libertador que avança em direção a Pasto e Quito "Uma combinação feita a tal distância e com tantas dificuldades, executada exatamente zombando de movimentos falsos as operações de um inimigo empenhado em obter sobre nós as vantagens que sua posição e todas as circunstâncias lhe apresentaram, poderia ser executada feliz pela grande reserva nas medidas juntamente com uma grande delicadeza e precisão na operação." O objetivo da manobra das forças comandadas por Sucre era: "Invocar-me uma grande força inimiga ou ocupar a capital do departamento se todos os que a têm forem carregados em direção a Pasto contra o Exército Libertador" (Ibid., p. 229).

De Saraguro ele continuou a marcha em direção a Cuenca. A cidade foi defendida por uma força de 950 soldados, comandados pelo coronel Tolrá, que decidiu não entrar em combate decisivo e iniciar uma retirada atrasando o maior tempo possível o avanço dos patriotas em direção a Quito. Por esta razão, quando Sucre chegou a Cuenca, em 21 de fevereiro de 1822, ele ocupou sem a necessidade de disparar um único tiro.

SUCRE EM CUENCA

Uma vez em Cuenca Sucre começou a organizar o governo da Região e fortalecer as unidades para continuar a campanha em direção a Quito. Ele nomeou o Coronel Heres governador de Azuay e imediatamente ordenou que ele fornecesse à Divisão cavalos, mulas, roupas, espadrilles e outros meios. Em seu relatório, o governador diz: "Consegui estabelecer o fornecimento, um domínio bastante arranjado no qual o armamento foi reabilitado. Aparadores e figurinos foram feitos para a Divisão; Eu fui capaz de dar seus bens aos Corpos... Apresentei ao Sr. General Sucre, em menos de um mês, quinhentos recrutas encomendados e 400 cavalos" (Macías E., 2009, p.58). Além disso, com recursos oriundos da Loja, organizou uma força de 500 lugares, com o nome de 'Batalhão do Sul', que ele colocou sob o comando de Francisco Eugenio Tamariz, para a defesa da cidade.

Durante sua estadia em Cuenca, Sucre emitiu um decreto de conteúdo verdadeiramente transformador: incorporou os índios como cidadãos da República da Colômbia, eliminou o imposto opróbrio que tinham que pagar ao Estado. Também organizou a função judicial e emitiu diversas disposições fiscais para uma melhor gestão da Fazenda Pública.

A dedicação ao cumprimento dessas responsabilidades fundamentais não o fez perder, em um único momento, a perspectiva política estratégica da missão que lhe foi confiada.

Sobre a questão de Guayaquil, ele alertou o ministro peruano Tomás Guido em 25 de fevereiro:

"... Penso que é do interesse dos governos vizinhos evitar as dissidências daquela província, que sendo o complemento natural do território da Colômbia, coloca o Governo no caso de nunca permitir que uma parte seja cortada do nosso seio para pretensões infundadas. Tal consentimento será um exemplo de dissolução social para a República, e para os países vizinhos, em que este exemplo fatal estava se espalhando no ano anterior, se o governo daquele Estado não tivesse tido a energia sábia para cortá-lo. Convencidos dos nobres sentimentos do governo do Peru, prometemos que usará sua poderosa influência para

nos ajudar a reconciliar as partes que agitam Guayaquil, concentrar opiniões e restaurar a ordem, que deseja a parte saudável da província..." (Volume Epistolar I, p.235)

Mais tarde, em 28 de fevereiro, ele escreveu ao Libertador Simón Bolívar:

"Meu general Estou observando uma conduta no governo do Peru que não é clara nem franca (...) o general San Martín, em 3 de janeiro, escreve-me que as tropas estão vindo à minha disposição e que o Coronel Santa Cruz não tem outras instruções a não ser fazer o que tenho na campanha de Quito. No dia 24, o Ministro da Guerra de Lima me disse que o General Arenales está chegando e há também um gabinete muito consultivo sobre Guayaquil que eu respondi com moderação, mas que ele saiba que eu não apresentei um escritório para pensar sobre nossos interesses. No dia 31, o General Arenales não pôde vir, disseram-me que o General La Mar está vindo. De qualquer forma eles têm uma bagunça que eu não gosto, e eu para terminar todas as pretensões que eu lhes disse que pelas ordens que recebi do governo minhas operações militares são obrigatórias, e que qualquer general ou graduado mais velho que venha para a divisão estará sujeito à direção que eu dou para a guerra, como exclusivamente encomendado por você (...) Também indiquei que a Colômbia não renunciará à exigência de incorporação de Guayaquil, e no final toquei um pouco sobre isso"

(Ibidem, p. 241).

Ele também anuncia que enviou provisões ao batalhão Numancia para que, se o Peru retirasse sua divisão, eles se mudariam para se colocar sob seu comando para continuar a campanha.

Em 28 de fevereiro, ele escreveu ao General Arenales, presidente do Departamento de Trujillo:

"As tropas do Peru e da Colômbia se comportam com uma união íntima e próxima. Irmãos e amigos se lisonjeiam com orgulho de terem juntado suas bandeiras. O Sr. Coronel Santa Cruz é incessante no trabalho e eu fiz o meu dever pedir ao governo da Colômbia uma memória do zelo com que este chefe tomou cuidado no serviço. Ao erguer nossos pavilhões nas torres de Quito Peru, seu governo, suas tropas e V. S. que tanto ajudou nossa empresa, merecerá nossa gratidão... (Ibid., p.243)

Em 15 de março, ele informou ao Santander que até o final de março ele terá pelo menos 2.200 infantarias e 400 cavalos e que encontrará essa força para se mover para o norte assim que Bolívar a tiver.

A CAMPANHA EM PERIGO

Neste ambiente complicado, as forças libertadoras estavam se preparando para iniciar a campanha de Quito, quando, no final de março, o coronel Santa Cruz anunciou a Sucre que havia recebido instruções de San Martín para se retirar com suas forças para Lima, argumentando que a capital do Peru estava em sério perigo.

Alarmado com a notícia, Sucre escreveu, em 30 de março, ao comandante das tropas peruanas:

Não só senti, como fiquei surpreso com a nota oficial de V.S. hoje. A retirada dos corpos do Peru desta divisão em circunstâncias em que tudo está pronto para nos mover em 1º de abril, em conformidade com a combinação ditada pela Libertadora em virtude da cooperação dessas tropas, além de arrastar infinitos males da campanha e de todas as províncias, compromete o maior exército da república que custou à Colômbia imenso sangue e imensos sacrifícios. O perigo que V.S. me

indica, que ameaça Lima, não deve ser grande, pois as cartas que vieram no último e-mail inspiram a mais completa confiança, mas assumindo que era um risco próximo que a divisão não poderia e não chegaria apenas 500 ou 600 homens por doenças, porque sendo a maioria de Piura, eles desertariam no território e, no final, por mil e mil razões."

Ele diz a ele que retirar as tropas bolivianas peruanas "seria preparar um desastre para o nosso exército; prolongaria a guerra na América por um longo tempo; seria um ataque direto à República; seria um mal sério de transcendência para o Peru (...) V.S. sempre seria o grande responsável para a grande família da América... Portanto, não sou apenas contra a retirada sob os protestos mais graves, mas também usar as faculdades dadas a mim pelo Exmo. Sr. Protetor do Peru sobre a divisão de V.S. colocando-o sob minhas ordens, sem qualquer restrição (como está registrado nas cópias que tenho a honra de acompanhá-lo), eu providenciei que o movimento que continuou o batalhão Trujillo seja realizado e que a marcha do esquadrão Granadeiro para reforçar os postos avançados para verificar com mais calma nossa aproximação a Riobamba para cumprir a combinação com o Libertador é executada amanhã, como foi prevenido (Ibid., p. 274-275).

Em resposta, Santa Cruz respondeu que era obrigado ao dever de obediência ao seu governo e não tinha outra alternativa a não ser, em conformidade com a disposição recebida, deixar Cuenca e se mudar para o Peru. Sucre novamente rejeitou a possibilidade de que isso pudesse acontecer e insistiu em seus argumentos. Em uma carta datada de 31 de março da manhã, ele diz:

Sr. Coronel,

V.S. que sempre manifestou seu espírito de amor pela causa geral da América, reduziu a existência de sua pátria à marcha destes Corpos para Lima, que repito terá muita pouca influência na defesa desse capital, se ela fosse ameaçada..." Ele afirma: "Neste caso, nos desvinculando de tantos direitos quanto poderíamos ter para exigir os serviços da divisão V.S., pelo menos é dever do Peru nos deixar para nossas perigosas tropas iguais em número e qualidade para aqueles que existem da Colômbia em Lima...". Na última parte da carta, ele adverte: "É hora de dizer a V.S. que os Grenadiers a Cavalos prontos para marchar hoje, foram presos por uma ordem particular de V.S. Este evento, e a reunião de guerra realizada na casa de V.S. sem meu consentimento e consentimento, me obriga a pedir-lhe a observância da ordem e subordinação e a responsabilizar V.S. se ele me colocar em caso de usar as medidas necessárias para fazer minhas ordens obedecerem em uma Divisão que eu comando, e em alguns Órgãos que estão sob minha direção para despachar as expressões de seu governo" (Ibid., p.276). Sucre não chegou a esta severa advertência sem antes ter expressado, com minuciosidade, as razões que o ajudaram a se recusar a permitir a marcha das tropas peruanas.

Nova recusa em aceitar os pedidos de Sucre, pelo Coronel Andrés de Santa Cruz e uma carta à noite, como um ultimato.

Coronel Andrés de Santa Cruz:

V.S. viu hoje as partes que foram recebidas de nossos chefes avançados, e das guerilhas que trabalham em Quito; eles não deixam dúvidas de que o Libertador, cumprindo a combinação que ele ditou, ocupa no norte no início de abril os pontos que ele indicou em suas ordens, e que nós do Sul devemos nos aproximar para onde ele nos enviou para não deixar a operação falhar. Essas considerações mais poderosas e tantas como V. S. podem me apresentar, fazer nossa marcha exigente. Portanto, ordenei que o batalhão Trujillo e o primeiro esquadrão de Caçadores continuem seu movimento, e que o resto dos Grenadiers vão se encontrar com aqueles que estão avançados. Estes são os órgãos que vou descartar como retribuição a Numancia, cujo direito ninguém pode me contestar porque se baseia na razão, na justiça, na utilidade recíproca na demanda da minha situação, na oportunidade de operações, e assim que puder nos constituir no caso de cobrir tudo para realizar esse

movimento... Enquanto a consulta vai e volta, talvez possamos terminar a campanha de Quito... Resolvi enviar um comissário a Lima para resolver a questão com esse governo (Ibid., p.277-278).

A atitude ao mesmo tempo amigável que a enérgica acabou alcançando o resultado que eu esperava. Em 1º de abril, o Coronel Santa Cruz informou-o que suas tropas continuariam a campanha e Sucre expressou sua gratidão.

Em 1º de abril, o general Cuman escreveu ao General San Martín:

"Você teve a bondade de me honrar extremamente em janeiro, quando colocou ao meu comando os corpos de Piura e Trujillo para a campanha de Quito; mas muito em breve você deixou Lima, e tudo parece ter mudado. Uma contradição de princípios nas duas administrações, me faz pensar que queríamos perder a franqueza e a confiança, e na dor que me causa uma consideração tão desagradável, eu tenho apenas o consolo de que nós sempre alguns de nós mesmos, inalteráveis em nossos comportamentos, não só deram razão, mas nenhuma suspeita de que deixamos de ser amigos de nossos amigos." Sobre a retirada das tropas, ele diz: "Eu acreditei, meu general, devo me opor a isso porque calculei isso absolutamente contrário aos nossos interesses recíprocos; pois, como eu disse ao Coronel Santa Cruz, todas as ordens têm sua aplicação pelas circunstâncias... Depois do interesse público, não posso ser indiferente, meu general, à falta de delicadeza em dar ordens diretas de movimento ao chefe de uma divisão que você colocou sob meu comando."

(Ibidem, p.280)

No mesmo dia, ele escreveu ao Ministro das Relações Internacionais do Peru, informando-o com absoluta franqueza dos acontecimentos provocados pela intenção de retirar as forças peruanas, assumindo total responsabilidade pela violação da ordem dada por seu governo e libertando o Coronel Santa Cruz de qualquer responsabilidade. Em uma parte da carta ele assegura:

Em 3 de abril, ele relata os eventos à Libertadores:

"Continuamos o tumulto em Guayaquil apesar do nosso desejo de reconciliá-los e inventado lá e fomentaram novas maquinações contra nossos interesses, já estamos autorizados a pensar mal, e com desconfiança tão fundado em eventos passados e na ordem prematura de agora que vem com outros para separar do comando dos corpos coronel Urdaneta (filho da Colômbia), ao Major Lavalle, um amigo próximo nosso, indicou o alívio do próprio Coronel Santa Cruz que se manifestou com nosso afeto e, finalmente, com outros incidentes extremamente alarmantes, enquanto também recebemos cartas de Lima assegurando a tranquilidade que desfrutam lá e a dissolução progressiva do inimigo".

Eu julguei que a retirada desta Divisão não tem outro propósito a não ser trazê-la para Paita; protestar lá que os perigos de Lima acabaram, e depois embarcou para Guayaquil. Parece que eles convocaram um conselho de deputados da província, no qual o governo intriga por uma declaração contra nós... Essa consideração me levou a dizer ao Coronel Santa Cruz que a divisão não estava saindo e estou determinado que ela nunca saia até que Numancia chegue nos termos previstos.

Por outro lado, ao receber as primeiras comunicações do Coronel Santa Cruz, liguei para os chefes dos corpos do Peru (exceto um) e todos protestaram para que eu obedecesse às minhas ordens, desde que as

cobrisse antes de seu governo; e, portanto, as ordens que dei aos comandantes de Grenadiers e Trujillo pesaram sobre mim toda a responsabilidade" (Ibid., p. 288-289).

Em 5 de abril, ele escreveu ao General Santander uma longa carta informando-o dos eventos que teve que superar e, entre outras questões, lamentou: "forçado a manter estes (as tropas peruanas) com salários excessivos e se eu tiver algum fundo para nada: forçados a fazer os povos sentirem a diferença no governo quando não sentem nada além do material bom e do momento, e eu tenho que espremer os restos desolados deixados pelos espanhóis para tirar a subsistência e o pagamento das tropas; precisando atrair sua opinião particular para a Colômbia para nos cobrir nesta província fronteiriça das intrigas de Guayaquil e das sugestões do Governo do Peru..." (Ibid., p.296).

INDO PARA PICHINCHA

Na mesma carta ao Presidente Santander, ele anuncia:

"Amanhã os corpos continuarão a marcha e eu os seguirei em três dias. No dia 19 teremos nos encontrado com o inimigo ou teremos ocupado Riobamba, cujo ponto, devido à sua posição no país, é muito importante. Minha estadia aqui, 45 dias tem sido muito útil. Eu fortaleci os corpos; Eu os vesti. eles descansaram e eu sempre perturbei o inimigo. Dos 2.000 bebês que tenho, os 1.400 são regulares e os outros são assim. De 400 cavaleiros, os 200 são muito bons cavaleiros e soldados, embora eu não tenha conseguido cavalos muito bons. Eu também tenho, em instrução, 500 recrutas que serão aumentados para 800 para substituí-los. De qualquer forma, a divisão está em boa forma, e se as Ordens tão ligadas pelo General para as minhas operações, eu poderia talvez estar muito perto de Quito..." (Ibid., p. 296).

Em 6 de abril, escreveu ao Ministro da Marinha e Guerra, coronel Pedro Briceño Méndez, desta vez sobre a situação de suas forças:

"O Comandante Cestari com 200 homens foi localizado na parte traseira do dispositivo espanhol, cortando suas comunicações com Quito. Nas proximidades de Riobamba, foi localizado o esquadrão Dragões com 100 soldados, reforçado por 100 Granadeiros a cavalo, sob o comando do Coronel Ibarra, além do Batalhão Yaguachi com 260 homens e do Batalhão Trujillo com 500 soldados. Em 7 de abril, o Batalhão Piura iniciaria a marcha com 400 homens "passáveis"; o 8º, o Paya com 600 lugares, o Albion com 200, o segundo esquadrão da Cavalaria, e quatro peças de Artilharia. Ele esperava chegar a Riobamba entre 15 e 16 de abril e estar em posição de lutar. Sua informação sobre as tropas monarquistas era que naquela cidade havia metade de um Batalhão de Aragão com 400 homens, a Constituição com 300, a Guarda Presidencial com 300 e quatro esquadrões de Cavalaria com um total de 500. Em suma, 1500 homens"

(Ibidem, p. 298).

O relatório do Coronel Antonio Morales, Chefe de Gabinete da Divisão Colombiana, destaca os méritos dos Esquadrões de Dragões e Granadeiros; a boa disposição dos batalhões Albión, Paya e Trujillo; descreve o Yaguachi como moderadamente disciplinado, mas sem experiência de combate; e aponta como o menos preparado, o Batalhão Piura e os Caçadores do Esquadrão Horseback, composto em grande parte por recrutas. A Artilharia só tinha 4 peças de campo de calibre dois e quatro, e quase não havia cavalos para as unidades dessa arma.

Também em Riobamba, as forças monarquistas evitaram o encontro e continuaram sua retirada em direção à cidade de Quito, deixando a proteção da retaguarda encarregada de sua cavalaria que foi derrotada pelos patriotas. Jorge Salvador Lara conta: "O confronto finalmente aconteceu no dia 21 de abril, nos vazamentos do Riobamba e terminou em um confronto feroz, na planície de Tapi, entre a cavalaria monarquista e patriota. Os esquadrões de ambos os lados fizeram

prodígios de coragem, mesmo em mais de uma ocasião o famoso "viravolta" que sempre originou encontros épicos foi ordenado em ambos os lados (Lara Salvador, 2010, p.92). O General Sucre, em seu relatório enviado de Riobamba ao governo nacional, destacou a atuação do Coronel Ibarra, pertencente aos Dragões da Colômbia, a coragem heroica do Coronel Lavalle e o comportamento distinto do Major Ruiz, capitão Sovervit e tenentes Latus e Olmos.

No dia 29, as forças patriotas deixaram Riobamba e chegaram a Ambato em 30 de abril. Lá eles foram recebidos com demonstrações entusiasmadas de gratidão. Eles então continuaram sua marcha para Latacunga, onde chegaram em 2 de maio de 1822. Enquanto as unidades descansavam e se reorganizavam, incorporando novos recrutas da área, em 12 de maio apareceram os coronéis José María Córdova e Hermógenes Maza, com duas empresas de Alto Magdalena, que chegaram a Cuenca em 8 de abril, em condições tão ruins, que demoraram muito tempo para se recuperarem e se tornarem operacionais.

Aymerich organizou suas forças no setor do nó de Tiopullo, tornando-se forte nas ravinas de Jalupana e Viudita. Sucre decidiu evitá-los e continuou ao longo da rota do rio Pita em direção a Los Chillos. No dia 17, as tropas descansaram na fazenda do Coronel Vicente Aguirre, perto de Sangolquí. Lá chegou o General José Mires, prisioneiro dos espanhóis desde a derrota de Huachi, que tinha conseguido escapar. Sucre, esquecendo velhos erros e queixas, nomeou-o comandante da Divisão Colombiana. No dia 20, a força patriota marchou em direção a Quito e atingiu uma área acampamento em Puengasí. No dia 21, desceu à planície de Turubamba e, no dia 22, localizou seu posto de comando na cidade de Chillogallo. Em 23 de maio, Sucre avançou em direção à cidade, com a ideia de provocar a batalha afinada, mas as forças espanholas permaneceram bem protegidas em suas posições fortes. Ele decidiu, então, realizar uma manobra de desvio para forçar o inimigo a dar a batalha ao norte da cidade, que não foi fortificada.

Estava amanhecendo em 24 de maio e o exército patriota estava no meio do caminho quando os combates começaram. Devido à natureza do terreno, Sucre teve que empregar suas unidades gradualmente. As operações foram realizadas entre barrancos profundos e matagals densos. A posição dominante dos patriotas favoreceu manobras táticas e eles alcançaram a vitória. A capitulação exigida de Aymerich era mais do que honrosa, típica do nobre coração de Sucre. As tropas espanholas deixaram o Panecillo com honras de guerra; os oficiais mantiveram suas espadas, cavalos e bagagem; Aymerich foi liberado para deixar Quito, junto com sua família e com todas as considerações; nomeou o Coronel Juan Illingworth para liderar o general derrotado e os outros prisioneiros através de Guayaquil, para o Panamá, onde o intendente cumpriu todos os compromissos acordados.

Em 25 de maio, Sucre escreveu ao Ministro de Estado e Relações Exteriores do Peru, coronel Bernardo Monteagudo:

"A vitória aguardava ontem a Divisão libertadora com os louros do triunfo nas encostas da Pichincha. O exército espanhol que oprimiu essas províncias foi completamente destruído em um combate feroz, sustentado por três horas. Consequentemente, esta capital e seus fortes estão em nossas mãos, depois de uma capitulação que tivemos a generosidade de conceder aos derrotados... Em vista das primeiras pessoas que proclamaram sua liberdade, a guerra da Colômbia terminou para uma famosa batalha, que deu à República o terceiro dia de Boyacá... Este glorioso dia, marcado pelo sangue de quinhentos cadáveres inimigos, e com trezentos de nossos ilustres soldados, produziu no campo mil e cem prisioneiros de tropas, cento e setenta chefes e oficiais, quatorze peças de artilharia, mil setecentos rifles, aparadores, cornetas, caixas de guerra, bandeiras e todos os elementos possuídos pelo Exército Espanhol"

(Romero E. (sin año) p.83).

Em 6 de julho, Sucre informou o General Santander sobre a saída da Divisão Peruana para seu país, depois de cobrir "suas imensas despesas".

Em Guayaquil, os membros da Junta Superior de Governo relataram a vitória, em 9 de junho, por meio de um boletim, com o seguinte texto:

"Caros cidadãos: as forças unidas do Peru, Colômbia e Guayaquil finalmente quebraram as correntes pesadas, que arrastaram nossos irmãos para a segunda capital dos Incas; e embora os tiranos os tivessem entrincheirado nas enormes montanhas e ravinas profundas daquele país, eles foram desfeitos na presença dos filhos da Liberdade.

As águas de Plata, Magdalena, Rímac e Guayaquil se encontraram; eles formaram uma torrente, que escalando o Pichincha afogou em sua saia para a tirania. Essas águas fizeram a árvore da Liberdade florescer, regando a bela Quito em 24 de maio, e confirmando que a Aurora de 9 de outubro, que arranhou nosso horizonte, foi o alvorecer do dia brilhante em que a liberdade, com arte majestosa, deveria caminhar nos orgulhosos picos dos Andes.

Guayaquileños: Quando nos propusemos a ser livres, não podíamos deixar as pessoas ao nosso redor gemerem de opressão; o empreendimento era grandioso, e os tiranos olhou para baixo em nossa ousadia nobre. Cruel! Eles acreditavam que seu sangue, que três vezes corria em Guachi e Tanisagua, enfraqueceria e extinguiria a chama de seu amor patriótico; mas tornou-se mais vivo; e enquanto seus filhos, irmãos e amigos corriam em armas, dobramos nossos esforços e todos os nossos recursos foram usados para levar os filhos da Colômbia imortal em nossa ajuda.

Os libertadores do Peru não podem ver com indiferença nosso destino, e coroados com os louros, que começaram em Lima, voam incansavelmente em nossa defesa: assim, de ambos os lados veio a Liberdade para vivificar suas cinzas no centro que viu o nascimento em 809, deixando a este Povo a satisfação de ter aberto o caminho onde o formidável Juanambú zombou. Guayaquileños:

Quito está agora livre: seus votos estão cumpridos; a província leva você pela mão ao templo da paz, para colher os frutos de sua confiança e seus sacrifícios.

Um povo tão digno de ser livre, será, sem dúvida; e descansando sob a sombra do opulento Peru e da heroica Colômbia, preencheremos a página que nos toca nos esplendores da história americana, e cumpriremos os grandes destinos aos quais somos chamados.

Para apressar este momento feliz, o Governo, vendo a independência desse povo assegurada e desejando garantir da mesma forma sua liberdade civil, através da representação geral, que é o mais precioso de todos os direitos de um povo livre; prepara a reunião do Colégio Eleitoral, para que dê uma forma estável às instituições que foram adotadas na época e a retornem o mais rápido possível e sem diminuir o grave depósito de autoridade, que nos confiou desde o início da transformação.

Cidadãos e amigos:

Só na sua felicidade está o prêmio da fadiga, que sofremos pela Pátria. Seja moderado e virtuoso; sempre viva cordialmente unidos e você sempre será livre e feliz. Sob os auspícios da Liberdade e com a proteção dos grandes Estados, que nos cercam, uma imensa raça se abre para a prosperidade deste belo e rico Povo, que será chamado por todas as nações da terra, a Estrela do Ocidente.

Guayaquil, 9 de junho de 1822. Olmedo, o que está fazendo? O Jimena. Roca" (Pino Roca, 1906, pp.39-40).

Em 16 de junho, a Libertadora chegou a Quito. Informado dos acontecimentos da Batalha de Pichincha, ele postumamente promoveu Calderón ao posto de Capitão e decretou que seu salário fosse dado a sua mãe. A Companhia do Batalhão Yaguachi, ao qual Calderón pertencia, não teria um Capitão novamente e, nas revistas de tropas, quando seu nome foi mencionado, a unidade teria que responder: "Ele morreu gloriosamente em Pichincha, mas ele vive em nossos corações."

A tradição é mantida até hoje no Exército equatoriano, como o Bolívar arranjou.

Em 11 de julho, Bolívar chegou a Guayaquil. Conforme consta na representação de Padres de Família, publicada no El Patriota de Guayaquil, a população do Porto aderiu entusiasticamente à incorporação na Colômbia. Três anos depois, Bolívar escreveu em Lima sobre a Batalha de Pichincha:

"A campanha que pôs fim à guerra no sul da Colômbia foi liderada e comandada pessoalmente pelo General Sucre; nele, ele mostrou seu talento e virtudes militares, superou dificuldades que pareciam invencíveis; natureza ofereceu-lhe obstáculos, privações e duras penalidades. Mas ele sabia como remediar seu gênio frutífero. A Batalha de Pichincha consuma o trabalho de seu zelo, sua sagacidade e sua coragem. Ele foi então nomeado, em concessão de seus serviços, major-general e intendente do departamento de Quito. Essas pessoas viram nele seu libertador, seu amigo; eles estavam mais satisfeitos com o chefe que foi designado para eles do que com a própria liberdade que eles receberam de suas mãos.

(Romero E. Ob. Cit., p.90).

Como pode ser deduzido a partir deste relato, a liderança política magistral e estratégica de um comandante astuto, delicado e enérgico, de acordo com as circunstâncias, tornou possível, no momento crucial que lhe correspondia enfrentar nos últimos dias de março e primeiro de abril de 1822, que essa vitória era possível. Bolívar exausto após a vitoriosa batalha de Bomboná, não poderia mais libertar Quito e toda a responsabilidade e glória do comando da Batalha de Pichincha permaneceu para Sucre e suas tropas, entre eles os mais de 500 soldados que foram recrutados nas províncias de Cuenca e Loja, além dos guayaquileños, Peruanos, bolivianos e argentinos que concederam a esse feito o título imortal da "Batalha das Nações".

COLOFÃO

- Em 29 de maio de 1822 Quito foi incorporada à Gran Colombia e, em 25 de junho de 1824, foi promulgada a Lei da Divisão Territorial. Imediatamente após a independência ser alcançada, as autoridades peruanas reivindicaram direitos sobre as regiões de Quijos e Mainas. Após negociações complexas, o Tratado de Mosquera-Monteagudo foi concluído em 6 de julho de 1822.**
- O problema parecia ter sido resolvido, quando o presidente do Departamento de Trujillo ordenou ao governador de Jaén, uma província de Quito há séculos, que convocasse a eleição dos deputados. Diante do protesto enérgico da Colômbia, as negociações voltaram e, em 18 de dezembro de 1823, foi assinado o acordo de Mosquera Galdeano, que Bolívar se recusou a assinar por considerá-lo vago e impreciso.**
- Nesse clima de discórdia, chegaram o ano de 1826 e novas reivindicações do Peru sobre Mainas e Jaén. A Colômbia foi forçada a emitir um ultimato. Em resposta, em 1828, o Peru tomou Guayaquil iniciando a guerra que culminou na vitória colombiana na Batalha de Tarqui em 27 de fevereiro de 1829. Apenas quatro anos após a vitória patriótica em Ayacucho, as fronteiras dos novos Estados começaram a ser delineadas, através de guerras fratricidas.**

BIBLIOGRAFIA

- Castellanos Ramón Rafael (1998), La dimensión internacional del gran Mariscal de Ayacucho, Italgráfica S.A. Caracas
- Lara Salvador Jorge (2010), Breve Historia Contemporánea del Ecuador, EFE, México
- Macías Edison (2007), Historia General del Ejército Ecuatoriano, El Ejército en las guerras de la Independencia, Tomo II, CDEHE, Quito
- Macías Edison (2009), Historia General del Ejército Ecuatoriano. Tomo I, CDEHE, Quito
- Romero Mendoza Eduardo (sin año), Sucre, Gran Mariscal de Ayacucho, Ministerio de Defensa, Venezuela
- Rumazo González Alfonso (2001), Ocho Grandes Biografías, Italgráfica, Venezuela
- Salcedo-Bastardo J. L. (1995), De mi propia mano Antonio José de Sucre, EFE, México
- Salvador Lara Jorge (2000), Breve Historia Contemporánea del Ecuador, Fondo de cultura Económica, 2000
- Trabuco Federico, tratados de Límites de la República del Ecuador, Ed. Pío XII, Ambato Ecuador, 1970

DOCUMENTOS

- Epistolario quitense del gran Mariscal Antonio José de Sucre (2004), Tomo I, DMQ, Archivo Metropolitano de Historia, Quito.

GRAE. (S.P.) PACO MONCAYO G.
EX-CHEFE DO COMANDO CONJUNTO DO FF. AA



REPÚBLICA
DO EQUADOR

INICIO



Crnl. (S.P) Mgtr. Jorge A. Ortiz Cifuentes
SÓCIO FUNDADOR ASOCID-EQUADOR

BATALHA DE IBARRA EM 17 DE JULHO DE 1823, E A INFLUÊNCIA NO TRIUNFO DE 24 DE MAIO DE 1822

HISTÓRICO

Obteve o triunfo de 24 de maio de 1822, com operações militares entre o Exército Patriota liderado pelo Marechal Antonio José de Sucre e os monarquistas liderados pelo Comandante Melchor Aymerich e Villajuana, cujas ações finais ocorreram nos sopés da Pichincha e na cidade de Quito, Sucre decidiu a seu favor a situação hesitante e delicada de Guayaquil. ; deu liberdade ao território que hoje compõe nossa República do Equador, e facilitou sua incorporação à Gran Colômbia. Lembre-se que o objetivo político de Bolívar era incorporar todas as províncias da Audiencia Real, incluindo Guayaquil, na Colômbia.

Entre o entusiasmo geral da população, a antiga província de Quito foi incorporada à República da Colômbia. Por sua vez, Guayaquil, que ainda não havia decidido seu futuro, com a presença de Simón Bolívar e do vitorioso exército grancolombiano em seu território, proclamou à força sob pressão a incorporação de Guayaquil na Gran Colômbia em 13 de julho de 1822. Com a Independência de várias cidades por Bolívar, do lado dos monarquistas permaneceu o desejo de voltar a dominar os territórios e cidades libertados, uma espécie de lealdade à Coroa Espanhola permaneceu; assim, os monarquistas estão concentrados em San Juan de Pasto, uma cidade que não reconheceu os triunfos libertários, que constituíam um grave problema para os planos futuros da Libertadora em termos de continuar com a campanha de libertação das tropas peruanas leais à Espanha sob o comando do Coronel Agustín Agualongo, planejam recuperar o controle do que foi perdido no ato heroico de 24 de maio de 1822.

RELATO HISTÓRICO DO BATALHA DE IBARRA

A Batalha de Ibarra foi uma campanha militar desenvolvida em 17 de julho de 1823 entre tropas da independência lideradas por Simón Bolívar e tropas monarquistas leais à Espanha, lideradas pelo coronel Agustín Agualongo, que reorganizou um Exército no que é hoje Pasto (Colômbia). Deve-se considerar que Agualongo sendo o comandante monarquista de Pasto, teria se revoltado aproveitando a ausência neste lugar de Simón Bolívar.

O rebelde Coronel Agustín Agualongo, depois de obter uma vitória em Pasto contra Juan José Flores, em demonstração de sua fidelidade e lealdade à Coroa Espanhola e acreditando que as defesas de Quito eram fracas, decide empreender sua aventura com um exército organizado em Pasto-Colômbia, muitos deles recrutados à força; como uma má apreciação da situação, ele considera que Simón Bolívar e seus generais estão indo para libertar o Peru. Simón Bolívar, por sua vez, estaria em atividades de repouso no que é hoje a província de Los Ríos, ao saber da revolta em Pasto, ele vai para o norte para pessoalmente acabar com a revolta. O coronel Agualongo, em sua avaliação, considera fraca a defesa de Quito, planeja avançar sobre ela e solicitar apoio de cidades que estão a caminho, como Otavalo; no fundo, a cautela é tomada com a captura de Ibarra, uma vez que a cidade era considerada um centro de patriotas que lutavam pela liberdade.

Esta batalha tem um significado histórico, pois é a única ação militar dirigida pessoalmente por Simón Bolívar em território equatoriano, e a última ação de armas de independência que foi realizada no que hoje é a república do Equador; a batalha de Ibarra estaria em um nível de importância das batalhas de Junín e Ayacucho, também lideradas por Bolívar mais tarde, em 1824, para a libertação definitiva da atual república do Peru.

Bolívar prepara um plano estratégico para enfrentar o coronel Agualongo, que seguia para o sul com a missão e a intenção de reconquistar para a Espanha o que foi perdido na Batalha de Pichincha em 24 de maio de 1822; para acabar com essa crise, a manobra de Bolívar consistia em: estabelecer contato por mar com o governador de Cauca para que este ataque de Juanumbú a Pasto, enquanto o exército principal avançou a partir do sul; ao mesmo tempo, o Libertador publicou uma proclamação em Quito encorajando os moradores a defender sua cidade, conseguiu que os milicianos se apresentassem voluntariamente e à população financiassem o esforço de guerra. Também foi ordenado trazer de Guayaquil 400 veteranos e 1600 a 1700 rifles para armar as milícias.

Por Coronel Agualongo, 12 de julho de 1823, avançou sobre Ibarra, ocupando-a sem resistência com uma força de camponeses indisciplinados e mal armados; durante sua marcha, Agualongo recrutou homens em Túquerres e Ipiales, ele teve os rifles levados de Flores para armá-los. O caudillo Pashtun permaneceu na cidade de Ibarra treinando seus

homens e coletando victuals; a história conta sobre o abuso de mulheres e presença em bares da cidade pelos homens que compõem o exército de Agualongo.

De Guayaquil veio o Coronel Diego Ibarra com uma coluna do batalhão Vargas da Guarda, o esquadrão Grenadiers da Colômbia, 100 veteranos de diferentes corpos dispensados de hospitais, rifles e munições. Em 27 de junho, Bolívar entrou em Quito e após dias de marchas forçadas chegou a San Pablo (província de Imbabura) em 16 de julho de 1823.

O exército republicano era composto por 350 veteranos agrupados nos batalhões de infantaria Rifles de Bomboná, Rehincha, Yaguachi, Vargas e o esquadrão de cavalaria Guias del Alto Apure. Simón Bolívar decidiu dividir seu exército em três colunas: a primeira com o esquadrão Guias e o batalhão Yaguachi sob as ordens do General Bartolomeu Salom; a segunda com o esquadrão Grenadiers e o batalhão Vargas e liderada pelo brigadeiro venezuelano José de Jesus Barreto; e a terceira com o batalhão de Quito, uma companhia de sappers e peças de artilharia sob as ordens do coronel Hermógenes Maza. Os veteranos Manuel Zambrano e Pedro Montúfar estavam no comando dos milicianos de Quito; conhecendo a habilidade dos pastusos com facas, formaram um corpo de 136 homens sob as ordens do Tenente Borrero, quase todos recrutados da guilda de talheres; além disso, eles possuíam de dois a quatro canhões.

A maioria dos historiadores estima que as forças republicanas somaram 1500 homens em suas fileiras; outros estimam em 1800; na preparação da campanha foi analisada e estimou que seriam necessários nada menos que 2.000 homens para alcançar a vitória. Estima-se que os monarquistas sejam 1.500 soldados de infantaria e 100 cavaleiros; alguns historiadores acreditam que havia 1200, dos quais 800 tinham rifles e alguns lutaram a cavalo; outros falam de 2.000 homens; de acordo com uma carta de Bolívar ao vice-presidente Francisco de Paula Santander, datada de 21 de julho de 1823 em Quito, os monarquistas seriam 3.000 combatentes.

Em 17 de julho, de madrugada, Bolívar deixou San Pablo e ao longo da estrada de Abra e Cochicaranqui, avançou com a intenção de surpreender os pastusos; as tropas monarquistas só tinham avanços protegendo a rota e seus sentinelas na fazenda Yacucalle são os primeiros a cair pelas tropas patrióticas de Bolívar. Infantaria patriota e artilharia marcham em ambos os lados da estrada e cavalaria no meio. O Libertador estava na vanguarda com seu ajudante de campo e

oito guardas do esquadrão Guias; pode ser visto no plano de Bolívar, o fator surpresa e a formidável força e mobilidade de sua cavalaria; não usa a estrada real que vem de Quito-Otavalo-Atuntaqui-Ibarra; em vez disso, avança pelo país através dos vilarejos de El Abra, Cochicaranqui, La Esperanza, atingindo Ibarra de forma surpreendente e inesperada para as tropas de Agualongo pelo que é hoje a Avenida El Retorno, bairro de Los Ceibos que é a parte sur-oriental da cidade de Ibarra.

Enquanto isso, os Pashtuns, mais preocupados em obter saques nas proximidades, quase não tinham vigias no setor Yacucalle e foram pegos de surpresa. No início eles acreditavam que era um avanço, mas quando perceberam que era a maior parte do exército inimigo decidiram enfrentá-lo, sentindo o ataque e várias baixas, as tropas de Agualongo recuaram para o corte do rio Tahuando, onde ocorre a batalha final e mais importante para a consolidação da liberdade da América.

Bolívar decidiu não atacar a cidade frontalmente ao inimigo, ele passa a cercá-lo; a Cavalaria liderou o envelopamento, sendo o principal ataque pela parte norte da cidade; no centro a Infantaria continuou. O exército inimigo tornou-se desordenado e muitos monarquistas foram mortos nas ruas de Ibarra. Desta forma, o Libertador estava encurralando-os nas ruas estreitas de Ibarra, graças à sua numerosa cavalaria e ao melhor armamento de sua infantaria; esta batalha é caracterizada por um combate próximo, incluindo o uso de armas com lâminas. Percebendo o ataque simultâneo da cavalaria e da infantaria, Agualongo ordenou que se retirasse para o outro lado do rio Tahuando, uma posição mais defensável por seu terreno íngreme e estreito; no entanto, Bolívar não permitiu e continuou com seus ataques, a história relata que o Libertador para liderar pessoalmente esta batalha subiu uma pedra chamada "La Chapetona" existe como evidência até hoje na margem esquerda do rio Tahuando na cidade de Ibarra. O exército monarquista se desfez três vezes, mas em cada uma conseguiu se refazer.

Finalmente, as tropas sobreviventes do Coronel Agualongo, retiram-se para o setor de Aloburo, onde são massacradas pelas lanças dos esquadrões Granadeiro e Guia, que se destacaram nesta batalha; os cavaleiros plainsman buscaram vingança após a humilhação de Bomboná e da cidade de Ibarra, eles perseguiram os insurgentes até o rio Chota, em frente a uma grande planície que era o terreno perfeito para eles; os Pashtuns tinha caído em uma armadilha quando se



Mural da Batalha de Ibarra, Parque da Cidade de Ibarra

estabelecer em que a localidade, e mesmo Bolívar, com sabre na mão, liderou o ataque ao último setor de resistência ocupado pelos monarquistas. A história relata que esta batalha foi um massacre para os monarquistas; os vencedores contam em suas baixas apenas 13 mortos e 8 feridos; por parte do exército de historiadores de Agualongo consideram entre 800 as perdas sofridas.

Após a vitória, Bolívar enviou a cavalaria do Brigadeiro Barreto para perseguir os monarquistas que tentassem fugir. Ele perseguiu-os por um longo caminho e muito poucos conseguiram escapar. Os poucos sobreviventes acompanharam Agualongo ao longo do caminho de Olivo e Aloburo até cruzar o rio Chota, estando a salvo da cavalaria republicana. Bolívar, furioso por os Pashtuns não terem respeitado a paz que lhes havia oferecido, ordenou que não tivesse piedade de nenhum inimigo capturado. Coronel Agualongo e alguns de seus homens, teriam conseguido escapar e chegariam derrotados até Pasto; neste lugar ele continuou com suas atividades de reconquistar a cidade de Pasto, então ele seria derrotado novamente, capturado e baleado em Popayán.

Desta forma, a história de nossa Pátria mantém em suas páginas de glória o triunfo de Bolívar sobre as tropas de um coronel rebelde Agualongo que pretendia recuperar Quito já libertado do jugo espanhol na batalha de Pichincha; triunfo que tinha como um cenário de campo de batalha a cidade de Ibarra, cujo nome esta batalha é nomeado depois; sendo de relevância histórica para a liderança direta da Libertadora e as repercussões ou consequências estratégicas de ratificar o triunfo de Pichincha e a libertação definitiva do Equador e posteriormente do Peru.

CONSEQUÊNCIAS ESTRATÉGICAS

A Batalha de Ibarra ocorreu em 17 de julho de 1823 e pessoalmente liderada pelo Libertador Simón Bolívar, que derrotou as tropas pastosas revoltadas e comandadas pelo coronel Agustín Agualongo, quando a revisão da história parece não ser considerada em sua magnitude que merece; ou seja, porque suas repercussões estratégicas, ao não permitir que o Coronel Agualongo consolide sua intenção de reconquistar e tomar Quito novamente em favor da Coroa Espanhola; o triunfo foi vital para garantir e confirmar a conquista da Batalha de Pichincha, um sucesso alcançado um ano antes; se as tropas monarquistas não tivessem sido derrotadas, o Coronel Agualongo estava definitivamente avançando para o sul, tornando-se forte, já havia concordado em apoiar sua passagem por Otavalo e teria chegado a Quito triunfante e motivado a cumprir sua missão de lealdade à Coroa da Espanha, recuperando Quito e ameaçada liberdade alcançada por nossos patriotas nos sopés da Pichincha.

A Batalha de 17 de Julho de 1823 permite a continuação do ato libertário no continente americano e consolida o ato libertário a um país que viveu nas mãos da Coroa Espanhola; Simón Bolívar com sua presença do início ao fim na batalha, deu um exemplo aos seus patriotas lutando pessoalmente na Batalha de Ibarra, que constitui uma referência que mantém os sonhos e as esperanças de um povo inteiro por liberdade e

dias melhores persistem.

O triunfo de Bolívar na batalha de Ibarra permite que o Libertador e a Gran Colômbia em geral consolidem sua liderança e continuem em campanhas libertárias ao sul, chegando anos depois para libertar o que hoje é a República do Peru; a batalha de Ibarra por sua liderança direta da Libertadora e suas repercussões estratégicas está no auge das batalhas de Junín e Ayacucho que foram desenvolvidos em 1824.

Crnl. (S.P) Mgtr. Jorge A. Ortiz C.



**Monumento aos heróis do
17 de julho de 1823
Parque Boyacá - Ibarra**

INICIO

OS RESTOS MORTAIS DE SUCRE*

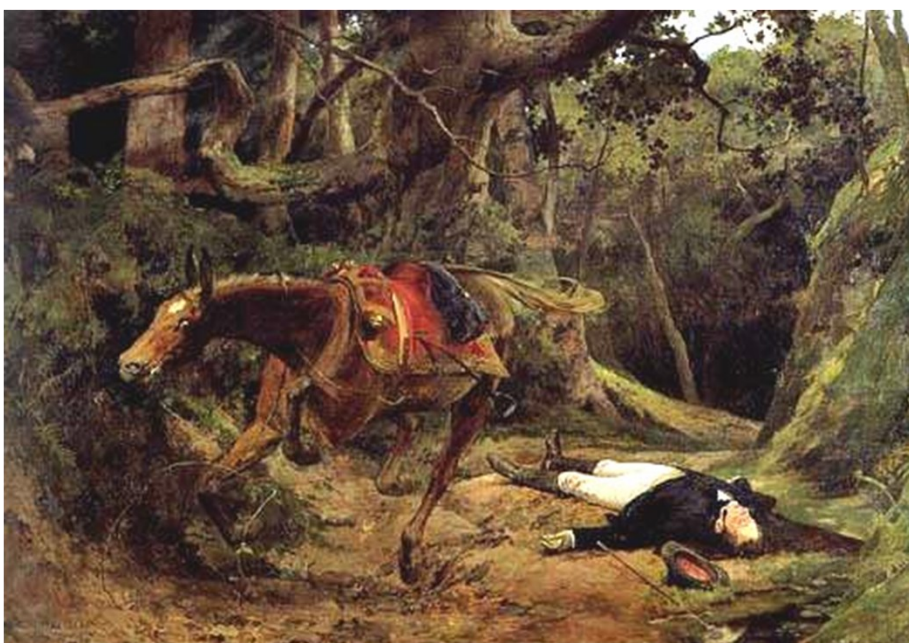
Antonio Nasceu em 3 de fevereiro de 1795 em Cumaná, uma cidade costeira no leste da Venezuela. O tenente mais bem sucedido de Simón Bolívar foi vitorioso em muitas batalhas da independência americana, e seu nome está ligado às vitórias de Pichincha, Ayacucho e Tarqui.

Sucre estava fortemente ligado ao Equador. Foi após o fim de sua primeira campanha de sucesso como general (a que ele coroou na Batalha de Pichincha, em maio de 1822), quando Sucre conheceu a Quito Mariana de Carcelén.

Com ela, ele formaria uma casa e teria sua única filha reconhecida. Mariana será um fator-chave na futura trama de seus restos mortais.

Após a independência, Sucre tomou a decisão de se retirar do comando militar. Mas Bolívar não podia se separar de seu homem de confiança. A pedido da Libertadora, Sucre foi forçado a ocupar cargos e comissões que muitas vezes o levaram de onde seu coração realmente estava: Quito e sua amada Mariana Carcelén.

Sua última comissão foi de natureza diplomática. Ele estava voltando para Quito de Bogotá na parte de trás de uma mula ao longo da estrada para Pasto (agora Nariño, Colômbia), quando foi interceptado na altura da floresta de Berruecos por um grupo de homens, que o mataram atirando na cabeça e no coração. Sucre morreu no local. Era 4 de junho de 1830.



Muerte de Antonio José de Sucre en Berruecos

AS ANDANÇAS DOS OSSOS DO MARECHAL

Os assassinos materiais foram identificados, mas a quem ou a quem estavam respondendo? O general Juan José Flores, o primeiro presidente do Equador, foi apontado por certos setores como o autor intelectual do primeiro crime político da nossa história republicana. Nada poderia ser provado

irrefutavelmente.

O corpo de Sucre permaneceu sem sobrecarga por 24 horas no mesmo lugar onde ele foi morto, enquanto a pequena comitiva que o acompanhava fugia com medo no momento do ataque. Seu assistente, sargento Caicedo, retornou no dia seguinte com vários moradores e foi enterrado em um lugar distante da estrada, mas dentro da mesma floresta.

Aquele enterro foi marcado com uma humilde cruz de madeira.

Dois dias após o crime, o corpo foi exumado por um cirurgião militar. Foi registrado que o corpo pertencia ao Marechal, e foi reenterrado.

Sua viúva em Quito tomou a iniciativa de recuperar o corpo. Ele mandou de volta para Berruecos o assistente Caicedo, um mordomo de sua confiança e vários peões. De acordo com o historiador equatoriano Alfonso Rumazo, a procissão fúnebre só viajava à noite. Caicedo e seus companheiros foram para a floresta sombria e recuperaram os restos mortais, levando-os furtivamente para Quito dentro de uma caixa polvilhada com cal virgem.

O terceiro enterro de Sucre foi a oratória da Fazenda El Deán, em Quito, de propriedade da viúva, Mariana Carcelén.

O MISTÉRIO DOS OSSOS

Logo se espalhou a notícia de que os restos mortais dos venezuelanos estavam em Quito. A viúva, determinada a preservar dentro da família a localização real dos restos mortais de seu marido, não negou a notícia, mas divulgou os dados da igreja de São Francisco como local de sepultamento. Durante anos, esse boato enganou investigadores e autoridades que, sem sucesso, procuraram o enterro de Sucre no local.

Depois de algum tempo, a morte do marechal deixou de ser notícia. A viúva aproveitou o momento para mudar novamente o local de sepultamento dos restos mortais de Sucre. O destino era o convento de Carmen Bajo, em Quito. Os ossos foram enterrados em frente ao altar da igreja com a permissão de seu superior. Desta vez, a discrição foi total. A viúva morreu e levou o segredo para o túmulo.

VENEZUELA REIVINDICA PELA PRIMEIRA VEZ OS RESTOS MORTAIS DO MARECHAL

Em 1876, com a maioria dos protagonistas desta trama de ocultação já falecida, o presidente da Venezuela Antonio Guzmán Blanco decidiu que os restos mortais de Sucre deveriam retornar à sua terra natal.

Um comissário de sua confiança foi enviado a Quito para recuperar os restos mortais, mas sua gestão se mostrou infrutífera. Dentro do suposto enterro na igreja de São Francisco havia apenas tijolos de adobe.

A repatriação dos restos mortais de Sucre significaria um enorme retorno político para um governante de estilo autocrático como Guzmán Blanco, numa época em que o culto de Bolívar e outros heróis estava sendo deliberadamente explorado - pela primeira vez - do poder político na Venezuela. O retorno de seu comissário de mãos vazias não deveria ter sido muito satisfatório para aquele presidente.

OS RESTOS DE SUCRE APARECEM

Foi outro governante - não um venezuelano, mas um equatoriano - que desfrutou do ganho político de localizar e enterrar com honra os restos mortais do grande Marechal de Ayacucho: estamos nos referindo ao general Eloy Alfaro.

A furtividade foi quebrada por uma senhora de Quito, que conhecia o segredo há vários anos, através da boca de uma pessoa muito próxima ao ambiente da viúva de Sucre.

A notícia sensacional veio através de emissários ao Presidente Alfaro. Em 24 de abril de 1900, em sua presença, os restos mortais enterrados em frente ao altar de Carmen Bajo foram trazidos à tona. Uma comissão médica confirmou que pertenciam ao Marechal Sucre.

Em 4 de junho daquele ano (dia comemorativo de sua morte), os restos mortais de Sucre, até então em paradeiro desconhecido por cerca de 70 anos, foram levados em procissão e enterrados na catedral de Quito, onde descansam até hoje.

A permanência dos restos mortais de Antonio José de Sucre no Equador deve-se não apenas aos esforços secretos de sua viúva, mas também ao desejo expresso do Marechal de Ayacucho, que em 12 de dezembro de 1825, em uma carta dirigida ao General Trinidad Morán, escreveu as seguintes palavras: "Acho que meus ossos estão enterrados no Equador, ou que eles são jogados dentro do vulcão Pichincha.

A urna onde seus restos mortais descansam é feita de rocha vulcânica (andesito) extraída do vulcão Pichincha. (I)

* Bibliografía consultada:

- Antonio José de Sucre, por Alfonso Rumazo González
- Vida ejemplar del Gran Mariscal de Ayacucho, por Ángel Grisanti
- Las tres muertes del Mariscal Sucre, por Manuel Caballero
- Diario El Universo



Túmulo de Antonio José de Sucre na Catedral Metropolitana de Quito - Equador

"Cúcuta a 5 de Abril de 1830.

"Mi Mariana querida:

"Te escribí el día 1° por el correo; y repito ahora por un extraordinario para saludarte, para decirte que te pienso cada vez con más ternura; para asegurarte que desespero por ir junto a ti; para pedirte que por recompensa de mis delirios, de mi adoración por ti, me quieras mucho, me pienses mucho.

"Por el correo que vino ayer de Venezuela, afirman, que en esta semana (hoy es domingo de ramos) estarán aquí los comisionados que vienen de Caracas; y como también esperamos en esta semana las instrucciones y órdenes del congreso, espero que antes del 20 de abril habré concluido mi comisión. Como marcharé volando, y me demoraré muy poco en Bogotá, estaré contigo muy breve. Este es todo mi deseo.

"Por el correo que vino ayer de Bogotá, me dicen que se insiste en que yo tome la presidencia o vicepresidencia. No sé lo que haya de exacto; pero si te repetiré, que no aceptaré nada, sean cuales fueren las circunstancias, las causas y las cosas. Todo, todo, todo lo pospondré a dos objetivos: primero el complacerte, y segundo a mi repugnancia por la carrera pública. Solo quiero vivir contigo en el retiro y en el sosiego. No habrá nada que me retraiga de este propósito-. Me alegraré si puedo con esto, darte pruebas incontestables de que mi corazón está enteramente consagrado a ti, y de que soy digno de que busques todos los medios de complacerme y de corresponderme.

"En mi carta anterior te dije que me escribas con el sobre a Popayán. Te lo repito ahora con mayor motivo, y con más seguros datos.

Abraxa a mamá, y a mis hermanas. Diles que a todas les escribí por el correo; y a mamá, que le hablé sobre todas las cosas, y que de nuevo se las encargo-. A Mariquita que me espere buena, sana y robusta. A ver si realizamos el matrimonio proyectado. A mi Rosita, que también me espere buena, ya para no darme cuidados, ya por si el vecino tratare también de matrimonio-. A mi Chepa que me piense mucho: a Rosa que se mantenga bella; y a todas que te cuiden y a mi Teresita. Memos a M. Rosalia, a Ign. a Mancheno, Andrade V-V-. Al marqués de San José y su señora y yerna, mil cariños, y a todas las amigas-. A Maria Antuca muchas cosas y que salude a Muñoz-

"Adiós Mariana mía: quíereme como te quiere

"Tu

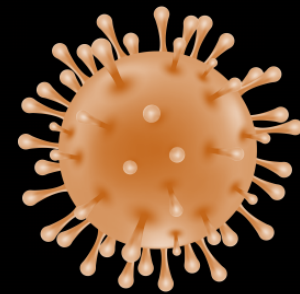
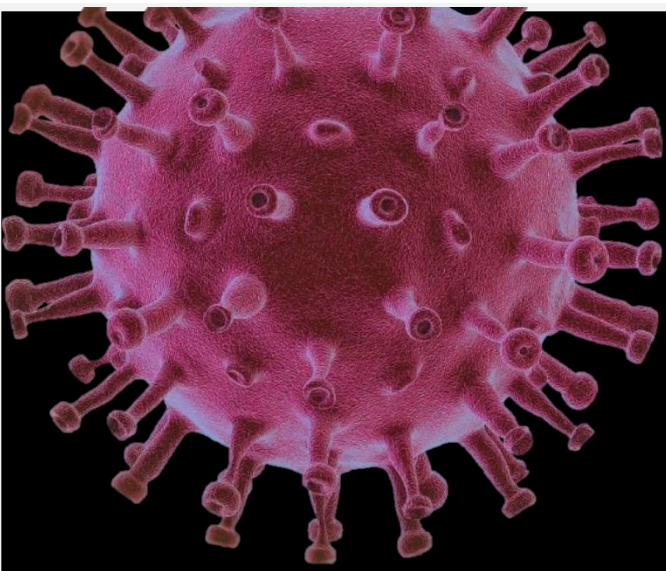
"Ant." A. J. de Sucre

VARIA

VARIADO

ADO

VARIADO



EQUADOR

824.469
TOTAL DE CASOS

35.421
FALECIDO

33.236.717
DOSES-VACINAS

AMÉRICA DO SUL: MORTES

660.269
BRASIL

212.328
PERU

56.750
CHILE

139.660
COLÔMBIA

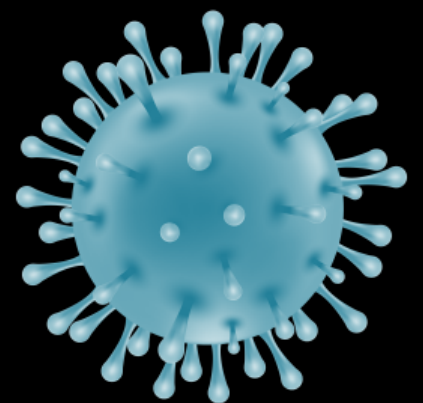
NO MUNDO

58.838.740
TOTAL DE CASOS

6.177.089
FALECIDO

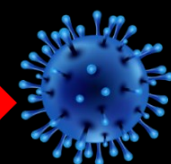
427.015.620
RECUPERADO

Assim
de
o
números



Atualizado para: 04-ABRIL-2022

Clique aqui



SEMÁFORO
Verde

INICIO

POEMA E CANÇÃO PARA SUCRE

POEMA A SUCRE

Con alma justa y piel de acero
va Antonio José de Sucre
cabalgando por la historia,
pule,
esculpe,
fecunda nuestras mentes.
Sucre es hermano mayor,
nos aventaja,
caminó en el filo,
desde Cumaná, allende los cerros,
fue de las sombras al sol.
Sucre trae el progreso,
enseña con el ejemplo,
grita con el corazón
y derrota con acero de honor.
Azote de tropas realistas,
hermano Sucre:
¡diste libertad al por mayor!
tus victorias en Pichincha y Ayacucho
fueron muestras de arrojo y valor.
En el pesimismo te olvidamos
¿Cuántos más han ido a la tumba borrados,
desperdiciados por la ignorancia o
arrinconados por la ignominia?
General en Jefe Sucre:
tu legión valiente cabalga contigo
al lado de águilas y cóndores
con trompetas marciales
siguen pugnando por una misma nación.
Hermano Sucre:
la traición en Berruecos no te mató,
porque abreamos de tus pasos
y encontramos vigor e inspiración.
Vives Sucre en los ríos,
en las elevaciones rocosas,
en el inocente niño y el ama de casa
¡No más divisiones en América del Sur!
¡Vida eterna al General Sucre!
¡Así sea!

Por: Abel Pérez Rojas

CANÇÃO PARA SUCRE

Não há dúvida de que há um grande número de temas no repertório venezuelano onde a figura de Sucre é a protagonista. Afinal, são as pessoas e seus simples menestréis, muitas vezes anônimos, que são o repositório de tanta história e ternura. Mas há três temas definitivamente retumbantes, que têm na figura do Grande Marechal de Ayacucho sua raison.

Também de Cumaná está a voz de Hernán Marín, um incomparável intérprete de refrões, que levou a música "Glorioso Antonio José" do grande compositor Enrique Hidalgo (de El Tigre, estado de Anzoátegui) para homenagear Sucre:

"Glorioso Antonio José de Sucre / toda bondade / alma que em liberdade colocou sua vida e sua fé / hoje que a história o vê como um soldado exemplar / Dedico minha canção em honra de sua memória / e sua trajetória limpa do bravo Marechal. Desde cedo ele defendeu nossa bandeira / também em outra fronteira ele lutou com integridade / mas o mal negro em Berruecos perseguiu-o / e lá sua vida terminou quando o gênio se destacou / quando ele se dedicou mais à América que amava / A Batalha de Ayacucho encheu você de fama e glória / foi uma vitória brilhante que deu a Bolívar muito / tudo de bom eu ouço fala de sua simpatia / de nobreza e galanteia / de sua grande inteligência / porque você era luz e essência / de nossa corajosa raça / Sucre era altamente estimado pelo nosso Libertador / por ser um lutador feroz e notório / sempre o tinha ao seu lado / amigo incondicional / porque em sua espada triunfal / ele colocou a maior confiança / nele brilhou a esperança de uma pátria liberal /".

GLORIOSO ANTONIO JOSÉ





ANIVERSÁRIO NRO. 80 CONSELHO INTERAMERICANO DE DEFESA (1942-2022)



ASOCID-ECUADOR
"GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE"

Miguel Oswaldo Moreno Valverde
PRESIDENTE EXECUTIVO DA ASOCID-EQUADOR

Cumprimenta o *Vice-Almirante Alexandre Rabello de Faria*, **PRESIDENTE DO CONSELHO DE DELEGADOS DA JID** e, em nome da Associação de Ex-Conselheiros e Graduados do Colégio Interamericano de Defesa, Capítulo-Ecuador, expressa os mais sinceros parabéns por estar celebrando o Oitavo Aniversário da criação do Conselho Interamericano de Defesa, uma organização internacional de prestígio a qual dirige e lidera com razão.

Oitenta anos de fortalecimento das relações de cooperação, segurança e defesa entre os países do Continente se passaram desde que, na manhã de segunda-feira, 30 de março de 1942, as bandeiras dos Estados Membros se uniram em fila no átrio do belo Salão das Américas da União Pan-Americana em Washington, D.C. para dar início ao ato solene da Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, em cuja resolução essa grande instituição foi criada, por unanimidade, com o objetivo de proporcionar à Organização dos Estados Americanos - OEA - e a seus Estados Membros - serviços de assessoria técnica, consultiva e educacional em assuntos relacionados com questões militares e de defesa no Hemisfério.

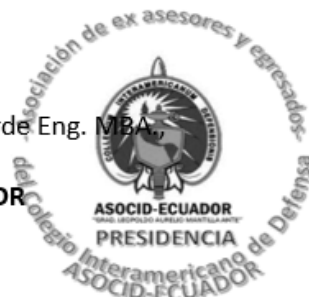
A ASOCID-Ecuador apresenta sua saudação afetuosa à JID, que, sem dúvida, consolidou-se como uma entidade moderna, eficiente e proativa que, nas últimas oito décadas, contribuiu decisivamente para o cumprimento da visão da OEA e tornou-se a entidade facilitadora entre essa Organização, os Estados-Membros e organizações internacionais de natureza semelhante.

Por gentileza, transmita nossas calorosas saudações ao Conselho de Delegados que preside, bem como à equipe gerencial e administrativa, e deseje-lhes o maior sucesso em suas delicadas tarefas.

Quito D.M., 30 de março de 2022

Saudações,

Dr. Miguel Oswaldo Moreno Valverde Eng. MBA
General de Brigada (S.P.)
**PRESIDENTE EXECUTIVO FUNDADOR
DO ASOCID-EQUADOR**



INICIO



ANIVERSÁRIO NRO. 60

COLÉGIO INTERAMERICANO DE DEFESA —CID— (1942-2022)



ASOCID-ECUADOR

"GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE"

Miguel Oswaldo Moreno Valverde

PRESIDENTE EJECUTIVO DE LA ASOCID-ECUADOR

Saluda atentamente al Sr. *Mayor General James E. Taylor,*

DIRECTOR DEL COLEGIO INTERAMERICANO DE DEFENSA, y a nombre de la Asociación de los exasesores y egresados del CID, Capítulo-Ecuador, le expresa la más sentida felicitación por estar celebrando el Sexagésimo Aniversario de la creación del COLEGIO INTERAMERICANO DE DEFENSA, prestigiosa organización internacional que usted, señor general, con marcado acierto la dirige y lidera.

Son sesenta años de fortalecer las relaciones académicas que fomentan la cooperación, seguridad y defensa entre los países del Continente desde que, en la mañana de un día martes 09 de octubre de 1962, el Consejo Permanente de los Estados Americanos aprobó en forma unánime la resolución en la que se crea nuestro querido colegio cuya misión fundamental ha sido la de "preparar a los oficiales militares, a la policía nacional y a los funcionarios de los gobiernos civiles de los Estados miembros de la OEA para que asuman puestos de alto nivel estratégico dentro de sus gobiernos, a través de programas académicos de posgrado y de nivel avanzado en defensa, seguridad y disciplinas relacionadas enfocadas al hemisferio."

La ASOCID-ECUADOR, presenta el saludo afectuoso al liderazgo del CID a la vez que, reconoce el fecundo y permanente trabajo que realizan: tanto, el personal de directivos, profesores y alumnos; como, el personal administrativo que han graduado a más de 3.126 estudiantes de 27 naciones diferentes durante estas últimas seis décadas, líderes que han entendido que la colaboración interinstitucional dentro de un Estado y el multilateralismo externo, son la clave para materializa la integración hemisférica.

Se les augura lo mejor en los años venideros y tengan la certeza que nuestra asociación seguirá reafirmando los ideales que persigue el CID, facilitando el proceso de retroalimentación del aprendizaje recibido de la Universidad que lidera el análisis crítico en los temas de seguridad y defensa hemisférica, porque simplemente es: *¡la mejor!*

Quito D.M., a 11 de abril de 2022

Atentamente,

Dr. Miguel Oswaldo Moreno Valverde Ing. MBA.,
General de Brigada (S.P.)
PRESIDENTE EJECUTIVO FUNDADOR
ASOCID-ECUADOR



Reconhecimentos alcançados





DIRECTOR
INTER-AMERICAN DEFENSE COLLEGE
FORT LESLEY J. MCNAIR, DC 20319

CID / 453-20
4 de agosto de 2020

Capítulo Ecuador (ASOCID),

Al conmemorarse el segundo aniversario de la creación jurídica de la asociación de exasesores y egresados del Colegio Interamericano de Defensa, Capítulo-Ecuador, les deseamos mucho éxito y agradecemos a la vez su invaluable apoyo. De los quince capítulos de ex alumnos del CID, la ASOCID-ECUADOR es la más activa en el hemisferio y es verdaderamente un ejemplo en el Continente.

La misión del Colegio Interamericano de Defensa es preparar a oficiales militares, policías nacionales y funcionarios del gobierno civil de los estados miembros de la Organización de los Estados Americanos —OEA— para que asuman altos cargos a nivel estratégico dentro de sus gobiernos, a través de programas académicos de posgrado y nivel avanzado en defensa, seguridad y disciplinas afines en el hemisferio. Nuestra visión es simple: ser reconocidos como la principal institución académica en defensa y seguridad en el hemisferio.

La ASOCID-ECUADOR, representa los principios contenidos en la declaración de nuestra misión.

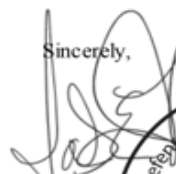
Los países de nuestro hemisferio enfrentan tremendas amenazas que son de tipo: multidominio y multimodal. Emplean múltiples capas de distanciamiento operativo. Funcionan por debajo del umbral del conflicto armado y aprovechan las grietas y brechas que existen entre las instituciones democráticas y los países. Estas amenazas son desafíos transnacionales y son complejos, van desde pandemias y crisis humanitarias hasta el crimen organizado, la inestabilidad y el oportunismo depredador económico radical que nos afecta a todos.


Las discusiones profesionales realizadas por la ASOCID-ECUADOR, confirman que ustedes son un recurso académico muy valioso para su nación. Sus debates agregan valor y las tertulias del Foro de Expertos son ricas en contenido estratégico y operativo. Los miembros activos de la asociación son aquellos que, después de su permanencia en este querido Colegio, siguen sirviendo en forma efectiva a su país.

El Capítulo de exasesores y egresados de Ecuador, representa también el éxito de la misión que el CID persigue: desarrollar pensadores estratégicos que resuelvan problemas complejos dentro de nuestro hemisferio. ¡Somos mejores gracias a la ASOCID- ECUADOR!

Aprovecho para expresarles mis sentimientos de aprecio y admiración. En el CID estamos agradecidos por el continuo apoyo de Ecuador y les deseamos muchos éxitos en sus continuos esfuerzos por promover el pensamiento estratégico, la resolución de problemas complejos y los principios de democracia, derechos humanos, seguridad y defensa.

Sincerely,


JAMES E. TAYLOR
Major General, US Army
Director







REDES SOCIAIS



INICIO



ASOCID-ECUADOR

"GRAD. LEOPOLDO AURELIO MANTILLA ANTE"

Av. Naciones Unidas e2-30 y Núñez de Vela. Edif. Metropolitan. Piso 4
Oficina 411. Celular: (593) 99 866 0726
Quito-Ecuador.

WEB: www.asocid-ecuador.com.ec

